

“Arrebatador...
Hipnótico...
Absolutamente irresistível.”

THE NEW YORK TIMES

TONY
&
AUSTIN

“Uma obra de arte.
Um romance inteligente,
repleto de emoções.”

CHICAGO SUN-TIMES

&

SUSAN
WRIGHT

“Um livro muito
inteligente, e também uma
narrativa sensacional sobre
leitura, casamento,
crises e vingança.”

THE TIMES

“Um romance sobre as
histórias que contamos para
os outros e as histórias que
contamos para nós mesmos.
Um livro surpreendente.”

THE GUARDIAN


intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



AUSTIN WRIGHT

Tony e Susan

TRADUÇÃO DE RUBENS FIGUEIREDO



Copyright © Austin Wright, 1993
Primeira publicação por Atlantic Books, Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
Tony and Susan

TRADUÇÃO
Rubens Figueiredo

PREPARAÇÃO
Leny Cordeiro
Juliana Romeiro

REVISÃO
Rodrigo Rosa de Azevedo
Tais Monteiro

DESIGN DE CAPA
Jon Gray

ADAPTAÇÃO DE PROJETO DE CAPA
Julio Moreira

REVISÃO DE EPUB
Camila Dias da Cruz

GERAÇÃO DE EPUB
Intrinseca

E-ISBN
978-85-8057-137-0

Edição digital: 2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias Sociais

Antes

A primeira sessão de leitura

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Primeiro interlúdio

Um

Dois

Três

Quatro

A segunda sessão de leitura

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Segundo interlúdio

Um

Dois

Três

Quatro

A terceira sessão de leitura

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Depois

Um

Dois

Sobre o autor

Titulos relacionados

Tudo começou com a carta que Edward, o primeiro marido de Susan Morrow, mandou para ela em setembro passado. Ele tinha escrito um livro, um romance, e perguntava se ela não gostaria de ler o manuscrito. Susan ficou espantada porque, exceto pelos cartões de Natal enviados pela segunda esposa dele, assinados com a palavra “Amor”, fazia vinte anos que não recebia notícias de Edward.

Então tentou trazê-lo de volta à memória. Lembrava-se de que ele queria escrever contos, poemas, crônicas, qualquer coisa que envolvesse palavras, lembrava-se disso muito bem. Foi a principal razão dos problemas entre os dois. Mas achava que Edward havia desistido de escrever quando entrou para o ramo dos seguros. Evidentemente não foi o que aconteceu.

Nos tempos irrealis do casamento deles, havia a questão de decidir se ela devia ou não ler o que ele escrevia. Ele era um iniciante e Susan, uma crítica mais severa do que pretendia ser. Era uma situação delicada, o constrangimento dela, a mágoa dele. Agora, em sua carta, ele dizia: dane-se! este livro é bom de verdade. Tinha aprendido muita coisa sobre a vida e sobre o ofício da escrita. Queria mostrar para ela, queria que ela lesse, visse e julgasse por si mesma. Susan era a melhor crítica que ele já tivera, disse Edward. Podia ajudá-lo também, pois, a despeito de todos os seus méritos, ele receava que ainda faltasse algo ao romance. Ela saberia, e poderia indicar a ele. Não tenha pressa, disse Edward, rabisque algumas palavras, qualquer coisa que vier à cabeça. Assinado: “Seu velho Edward, que ainda a tem na lembrança.”

A assinatura irritou Susan. Trazia muita coisa a sua memória e ameaçava a paz que ela havia selado com o próprio passado. Não gostava de lembrar nem de escorregar de volta para aquele desagradável estado mental. No entanto, respondeu-lhe que enviasse o livro. Sentiu-se envergonhada de suas desconfianças e objeções. Por que ele pediria aquilo a ela em vez de procurar algum conhecido mais recente? A imposição, como se escrever qualquer coisa que viesse à cabeça fosse mais fácil do que pensar a fundo nas questões. Todavia, ela não podia se negar, daria a impressão de que ainda vivia no passado. O embrulho chegou uma semana depois. Sua filha Dorothy o levou para a cozinha, onde todos estavam comendo sanduíches de manteiga de amendoim, Susan, Dorothy, Henry e Rosie. Estava lacrado com muitas fitas adesivas. Susan retirou o manuscrito do pacote e leu o título na primeira página:

ANIMAIS NOTURNOS

Romance de
Edward Sheffield

Bem datilografado, páginas limpas. Ela tentou imaginar o que o título significava. Apreciou o gesto de Edward, conciliador e lisonjeiro. Estava com uma sensação furtiva que a deixava em guarda, de modo que quando Arnold, seu marido de fato, chegou a casa naquela noite, Susan declarou sem temor: Hoje recebi notícias de Edward.

Que Edward?

Arnold...

Ah, Edward. Sei. O que aquele velho sacana tem a dizer sobre si mesmo?

* * *

Aquilo tinha ocorrido havia três meses. Na mente de Susan há uma preocupação que vai e vem, algo difícil de identificar com precisão. Quando não está preocupada, ela se preocupa em não se esquecer daquilo com que anda preocupada. E quando sabe com o que anda preocupada, como por exemplo, será que Arnold compreendeu o que ela quis dizer, ou o que será que ele quis dizer quando falou aquilo naquela manhã, mesmo nessas horas Susan tinha a sensação de que, na verdade, era alguma outra coisa, algo mais importante. Enquanto isso, ela cuida da casa, paga as contas, faz a limpeza e cozinha, toma conta dos filhos, dá aulas três vezes por semana na faculdade da comunidade, e o marido conserta corações no hospital. De noite, Susan lê; prefere isso a ver televisão. Lê a fim de afastar seus pensamentos de si mesma.

Susan está interessada no romance de Edward porque gosta de ler e está propensa a acreditar que ele pode se aprimorar, mas adiou a leitura durante três meses. Não foi intencional. Colocou o manuscrito no armário e esqueceu, e depois só lembrava nas horas erradas, quando estava fazendo compras ou levando Dorothy de carro para a aula de equitação ou corrigindo e avaliando trabalhos dos alunos do primeiro ano. Nas horas em que estava livre, ela esquecia.

Quando não esquecia, tentava limpar a mente a fim de ler o romance de Edward da forma como ele merecia. O problema eram as lembranças antigas, que voltavam como um velho vulcão, cheio de estrondos e tremores. Toda aquela intimidade abandonada, o conhecimento já antigo e superado que Edward tem a respeito dela, e que Susan tem a respeito dele. As lembranças de Susan da admiração que ele tinha por si mesmo, sua vaidade, e também seus temores — sua pequenez —, um conhecimento que ela precisava ignorar, se quisesse fazer uma leitura imparcial. Susan estava decidida a ser imparcial. Para isso, tinha de rejeitar suas lembranças e fazer de conta que ela mesma era uma estranha.

Não conseguia acreditar que ele queria apenas que ela lesse o livro. Devia haver algo de pessoal, alguma nova guinada no já morto caso de amor entre os dois. Tentou imaginar o que Edward achava que estava faltando no romance. A carta sugeria que ele não sabia, mas Susan imaginou se não haveria uma mensagem secreta: Susan e Edward, uma sutil canção de amor? Que diz: leia isto e, quando estiver procurando o que falta, encontre Susan.

Ou o ódio, o que parecia mais provável, embora eles tivessem se livrado daquilo havia séculos. Se ela fosse o vilão da história, o que faltava seria um veneno para lamber, como a maçã muito vermelha da Branca de Neve. Seria bom saber até que ponto, na verdade, a carta de Edward era irônica.

Mas, embora ela se preparasse, acabava sempre esquecendo, não lia e com o tempo passou a acreditar que sua falha era um fato consumado. Isso a tornava ao

mesmo tempo receosa e envergonhada, até que recebeu um cartão de Stephanie alguns dias antes do Natal, acompanhado por um bilhete de Edward. Ele estará em Chicago, dizia o bilhete, em 30 de dezembro, só por um dia, irá se hospedar no hotel Marriott e espera poder ver Susan. Ela ficou alarmada porque ele ia querer conversar a respeito do manuscrito que ela não tinha lido, e logo ficou aliviada ao se dar conta de que ainda havia tempo. Depois do Natal: Arnold, seu marido, estaria em um congresso de cirurgias cardíacas por três dias. Susan poderia ler o livro nesse tempo. Ia ocupar sua mente, uma boa distração para a viagem de Arnold, e afinal ela não tinha do que se sentir culpada.

Imaginando o encontro, ela se pergunta qual será a aparência de Edward agora. Lembra-se dele louro, com jeito de pássaro, olhos que miram por cima de seu nariz semelhante a um bico, incrivelmente magro, com braços ossudos e cotovelos pontudos, os órgãos genitais desproporcionalmente grandes no meio dos ossos. Sua voz tranquila, as palavras sucintas, impaciente como se achasse que a maior parte do que era obrigado a falar era tolo demais para se dizer.

Será que ele está com um aspecto mais grave ou mais pomposo? Provavelmente engordou e seu cabelo deve estar grisalho, a menos que tenha ficado careca. Ela se pergunta o que ele vai achar dela. Gostaria que ele percebesse como ela havia ficado mais tolerante, mais des preocupada e generosa, e quanto ela havia aprendido. Susan rejeita que ele fique chocado com a diferença entre 24 e 49 anos. Ela trocou de óculos, mas no tempo de Edward ela nem usava óculos. Está mais rechonchuda, os seios estão maiores, as faces, rosadas onde antes eram pálidas, convexas onde antes eram côncavas. O cabelo, que no tempo de Edward era comprido, liso e sedoso, agora é curto e bem cuidado e está ficando grisalho. Ela ficou saudável e bem-disposta, e Arnold diz que ela parece uma esquiadora escandinava.

Agora que vai de fato ler o livro, se pergunta que tipo de romance será. É como viajar sem saber para que país se está indo. O pior é se for muito mal-escrito, o que poderia vingá-la pelo passado, mas agora a deixaria numa situação embaraçosa. Mesmo se o livro não for muito mal-escrito, existem outros riscos: uma viagem profunda através de uma mente estranha, sendo obrigada a examinar símbolos mais significativos para outras pessoas do que para ela, confinada com estranhos que ela jamais escolheu, solicitada a participar de costumes alheios. Com Edward como guia, de cujo domínio, no passado, ela tanto lutou para fugir.

As possibilidades negativas são enormes: ficar entediada, ficar ofendida, inundada de sentimentalismo, aturdida pela depressão e pela tristeza. O que será que interessa Edward aos 49 anos? Ela tem certeza apenas daquilo que o romance não vai ser. A menos que Edward tenha mudado radicalmente, não será uma história de detetive, uma história de beisebol nem uma história de faroeste. Não vai ser uma história de sangue e vingança.

O que resta? Ela vai descobrir. Ela começa na segunda-feira à noite, um dia depois do Natal, após a partida de Arnold. E vai levar três noites para terminar de ler o livro.

A P R I M E I R A S E S S Ã O D E L E I T U R A

Naquela noite, assim que Susan Morrow se instala para ler o manuscrito de Edward, um medo a atinge como uma bala. Começa com um momento de intensa concentração, que desaparece depressa demais para ela lembrar, deixando um vestígio de temor inespecífico. Perigo, ameaça, desastre, ela não sabe o que é. Tenta recuperar o que estava em sua mente, pensa de novo na cozinha, nas panelas e nos utensílios culinários, no lava-louça. Depois respira fundo no sofá da sala, onde ela teve o pensamento perigoso. Dorothy, Henry e Mike, um amigo de Henry, estão jogando Banco Imobiliário no chão do escritório. Ela recusa o convite para jogar com eles.

Há uma árvore de Natal, cartões sobre o consolo da lareira, jogos e roupas com papel de seda sobre o sofá. Uma bagunça. O trânsito na O'Hare Street ressoa de leve dentro da casa, Arnold agora está em Nova York Incapaz de recordar o que a deixou assustada, Susan tenta ignorar aquilo, apoia as pernas na mesinha de centro, dá uma baforada nos óculos e limpa as lentes.

A preocupação em sua cabeça persiste, é maior do que ela consegue explicar. Teme a viagem de Arnold, se é que se trata disso, como se fosse o fim do mundo, mas não encontra razão lógica para tal sentimento. Acidente de avião, mas os aviões não caem assim. O congresso parece algo inofensivo. As pessoas vão reconhecê-lo ou ver seu crachá. Como de costume, ele vai ficar lisonjeado ao descobrir como é importante, o que o deixará no melhor estado de espírito possível. Se aquela entrevista para conseguir um cargo num instituto de pesquisas cardíacas não der em nada, não fará mal algum. Se por um acaso muito improvável a entrevista der certo, há toda uma nova vida à sua frente e a oportunidade de ir morar em Washington, se ela quiser. Ele está com colegas e profissionais experientes, pessoas em quem ela devia confiar. Na certa está apenas cansada.

No entanto, Susan adia a leitura de Edward. Lê coisas breves, o jornal, editoriais, palavras cruzadas. O manuscrito resiste, ou ela resiste, com medo de começar, receosa de que o livro a faça esquecer seu perigo, o que quer que seja ele. O manuscrito é tão pesado, tão comprido. Livros sempre resistem a Susan no início, porque tomam muito tempo. Podem sepultar o que ela estava pensando, às vezes para sempre. Ela poderia ser uma pessoa diferente em função de tudo aquilo que passou. Esse caso é pior que o habitual, porque a volta de Edward à vida traz novas distrações que nada têm a ver com os pensamentos de Susan. Ele é perigoso também, descarregando seu cérebro na frente dela, a bomba que há dentro dele. Deixe para lá. Se ela não conseguir lembrar seu problema, o livro irá toldá-lo. Depois Susan não vai querer mais parar. Abre o pacote, olha para o título — *Animais noturnos*. Ela vê, ao entrar na casa no zoológico, pelo túnel, tanques de vidro sob a luz púrpura embaçada com estranhas criaturazinhas agitadas, de orelhas enormes e olhos esbugalhados, pensando que o dia é a noite. Vamos lá, comecemos.

Havia um homem, Tony Hastings, sua esposa Laura e sua filha Helen, que viajavam para leste à noite na rodovia interestadual no norte da Pensilvânia. Estavam no início das férias, iam para o chalé de veraneio no Maine. Viajavam à noite porque começaram a viagem devagar e pouco depois se atrasaram, pois tiveram de trocar um pneu no meio do caminho. Foi ideia de Helen, quando eles entraram no carro depois do jantar, em algum lugar no leste de Ohio:

— Não vamos procurar um motel para passar a noite, vamos viajar a noite inteira.

— Está falando sério? — perguntou Tony Hastings.

— Claro, por que não?

A sugestão violava o sentido de ordem de Tony e perturbava seus hábitos. Era um professor universitário de matemática que se orgulhava da segurança e do bom senso. Tinha parado de fumar seis meses antes, mas às vezes ainda levava um cachimbo na boca pela segurança que isso transmitia. Sua primeira reação àquela sugestão foi dizer não seja idiota, mas suprimiu a frase, desejoso de ser um bom pai. Considerava-se um bom pai, um bom professor, um bom marido. Um bom homem. No entanto, também sentia uma afinidade com caubóis e jogadores de beisebol. Nunca tinha andado a cavalo e desde a infância não jogava beisebol, e não era muito grande nem forte, mas tinha um bigode preto e se considerava tranquilo. Em resposta à ideia de férias e à liberdade de uma rodovia à noite, à travessura repentina que aquilo implicava, ele se viu liberado por força da ausência da responsabilidade de ter de procurar um lugar para se hospedar, parar diante dos letreiros, chegar diante de balcões de recepção e perguntar se havia quartos disponíveis, se viu também estimulado pela ideia de dirigir noite adentro, deixando seus hábitos para trás.

— Está disposta a revezar a direção comigo às 3 da madrugada?

— A qualquer hora, pai, a qualquer hora.

— O que você acha, Laura?

— Não vai ficar cansado demais de manhã?

Ele sabia que a noite exótica seria seguida por um dia horroroso e que ia se sentir péssimo, tentando não pegar no sono de tarde e fazendo força para reconduzir a família para o horário normal de atividades, mas ele era um caubói de férias e aquela era uma boa hora para ser irresponsável.

— Está bem — disse ele. — Vamos lá.

Então lá foram eles, correndo pela rodovia interestadual naquela noite de junho que caía lentamente, passando por cidades industriais, inclinando-se de leve em alta velocidade nas curvas e nas ladeiras compridas, descendo e subindo pela zona rural, enquanto o sol afundava às suas costas e refletia nos vidros das casas de fazenda no meio dos pastos de capim alto à frente. A família de três pessoas estava em êxtase por causa da novidade, exclamavam uns para os outros elogios à beleza da zona rural na hora do pôr do sol, os raios de sol desaparecendo, com os campos amarelos, as matas verdes e todas as casas

matizadas e modificadas por um brilho ambíguo, e a pavimentação da estrada também ambígua, prateada no espelho e preta na frente.

Pararam para reabastecer no crepúsculo, e, quando voltaram à rodovia, o pai Tony viu um rapaz andrajoso pedindo carona parado no acostamento da ladeira que subia mais à frente. Ele começou a acelerar o carro. O caroneiro tinha uma tabuleta na mão: Bangor, Maine.

A filha Helen gritou no ouvido do pai:

— Ele vai para Bangor, pai. Vamos levá-lo.

Tony acelerou mais. O caroneiro estava de macacão e tinha os ombros nus, barba amarela e comprida e uma fita em volta do cabelo. Os olhos do homem se fixaram em Tony quando o carro passou.

— Ah, papai.

Ele olhou por cima do ombro para ver se tinha caminho livre para retomar a autoestrada.

— Ele ia para Bangor — disse ela.

— E você quer a companhia dele durante 12 horas?

— Você nunca para o carro para os caroneiros.

— Desconhecidos — disse ele, no intuito de advertir a filha a respeito dos perigos do mundo, mas soando apenas como um sujeito metido a besta.

— Certas pessoas não têm a mesma sorte que a gente — disse Helen. — Você não se sente culpado por ter deixado o homem para trás?

— Culpado? Eu não.

— A gente tem um carro. A gente tem espaço. A gente está indo na mesma direção.

— Ah, Helen — disse Laura. — Não seja infantil.

— Meus colegas pegam carona quando voltam do colégio para casa. O que eles iriam fazer se todo mundo fosse que nem vocês?

Um período de silêncio. Helen disse:

— Aquele cara não tinha nada de mais. A gente percebe logo, é só olhar para ele.

Tony ficou admirado ao lembrar-se do homem andrajoso.

— Aquele cara que queria vir com Bangor para cima de mim?

— Pai!

Ele se sentiu atrevido na noite que crescia, exploratório, o desconhecido.

— Ele tinha uma tabuleta na mão — disse Helen. — Foi uma gentileza dele, um jeito de mostrar boa educação. E tinha também um violão. Vocês não repararam no violão?

— Não era um violão, era uma metralhadora — disse Tony. — Todos os criminosos levam suas metralhadoras em caixas de instrumentos musicais para se fazerem passar por músicos.

Sentiu na nuca o toque da mão de Laura, sua esposa.

— Pai, ele parecia até Jesus Cristo. Não viu o rosto nobre que ele tinha?

Laura riu.

— Todo mundo com barba comprida parece Jesus Cristo — disse ela.

— É exatamente o que eu quero dizer — falou Helen. — Se tem barba comprida é porque ele é um cara legal.

A mão de Laura na nuca, e no meio estava Helen, debruçada para a frente no banco de trás, com a cabeça encostada no espaldar do banco dianteiro, entre o pai e a mãe.

— Pai?

— Sim?

— Foi uma piada indecente aquilo que você falou agora há pouco?

— Do que você está falando?

Nada. Seguiram em frente e em silêncio no escuro. Mais tarde a filha Helen cantou músicas de colônias de férias e a mãe Laura se uniu a ela na cantoria, e até o pai Tony, que jamais cantava, contribuiu fazendo uma voz de baixo, e assim eles levaram sua música ao longo da vasta e vazia estrada interestadual que entrava na Pensilvânia, enquanto a cor se adensava e se fechava na escuridão.

Logo a noite havia caído de todo e Tony Hastings dirigia o carro sozinho, nenhuma voz agora, só o rugido do vento que encobria o rugido do motor e dos pneus, enquanto a esposa Laura ficava em silêncio no escuro a seu lado e a filha Helen estava fora de vista no banco de trás. Não havia muito trânsito. Os faróis eventuais na pista de sentido contrário piscavam entre as árvores que separavam as duas pistas. Às vezes os faróis subiam ou baixavam, quando as pistas divergiam. Na faixa onde ele estava, às vezes ultrapassava as luzes vermelhas de alguém à sua frente e de vez em quando apareciam faróis no espelho retrovisor e um carro ou um caminhão alcançava o carro deles, mas durante longos trechos não havia absolutamente ninguém à vista a seu lado. Tampouco havia luzes no campo, que ele não podia ver, mas imaginava ser formado só por florestas. Estava satisfeito de ter o carro entre si e as matas e murmurava sua música entre os dentes pensando no café da manhã dali a uma hora, ao mesmo tempo que curtia seu bem-estar, bastante desperto, firme — na escura cabine de piloto de seu navio, enquanto os passageiros dormiam. Estava satisfeito de ter deixado o caroneiro para trás, satisfeito com o amor da esposa e o senso de humor da filha.

Era um motorista orgulhoso e com certa tendência a sentir-se superior. Tentava manter-se o mais próximo possível dos cem quilômetros por hora. Num morro alto ele alcançou dois pares de lanternas traseiras que, lado a lado, bloqueavam as duas faixas à frente. Um carro tentava ultrapassar o outro, mas não conseguia tomar a frente, e Tony teve de reduzir a velocidade. Ocupou a faixa da esquerda atrás do carro que tentava fazer a ultrapassagem.

— Vamos, vá em frente — resmungou, pois também podia ser um motorista impaciente.

Então lhe veio à cabeça que o carro da esquerda podia não estar tentando ultrapassar, mas sim que o motorista podia estar batendo papo com as pessoas do outro carro, e, de fato, os dois veículos estavam reduzindo ainda mais a velocidade.

Puxa vida, bloquear a estrada desse jeito. Era um de seus princípios virtuosos jamais tocar a buzina, mas daquela vez buzinou de leve, um toque bem ligeiro. O carro à sua frente disparou. Ele seguiu, ultrapassou o da direita e tomou a faixa da direita outra vez, sentindo-se um pouco envergonhado. O carro lento ficou para trás. O da frente, o que tinha avançado de repente, reduziu a velocidade outra vez. Ele achou que o motorista estava aguardando a chegada do outro carro

para retomar a conversa e tomou a faixa da esquerda a fim de fazer a ultrapassagem, mas o carro da frente deu uma guinada para a esquerda para bloquear seu caminho e ele teve de pisar fundo no freio. Sentiu um choque quando se deu conta de que o motorista do outro carro estava querendo fazer alguma brincadeira com ele. O carro reduziu ainda mais a velocidade. Ele notou os faróis do terceiro carro no espelho retrovisor lá atrás, ao longe. Evitou buzinar. Estavam andando a cinquenta quilômetros por hora. Resolveu ultrapassar pela faixa da direita, mas o outro carro deu outra guinada e ficou na frente dele outra vez.

— Opa — disse ele.

Laura se mexeu.

— Estamos numa encrenca — disse ele.

Agora o carro da frente tinha acelerado um pouco, mas continuava bem devagar. O terceiro carro continuava lá atrás. Ele buzinou.

— Não faça isso — disse Laura. — É o que ele quer.

Deu uma pancada no volante. Refletiu um momento e respirou fundo.

— Segure firme — disse ele, apertou fundo no acelerador e virou bruscamente à esquerda. Dessa vez ele passou. O outro carro buzinou e ele seguiu depressa.

— Crianças — disse Laura.

No banco de trás, Helen falou:

— Bando de idiotas.

Ele nem sabia que a filha estava acordada.

— A gente se livrou deles? — perguntou Tony. O outro carro vinha atrás, a uma pequena distância, e ele se sentiu aliviado.

— Helen! — disse Laura. — Não!

— O que foi? — perguntou Tony.

— Ela mostrou o dedo para ele.

O outro carro era um Buick grande e velho com o para-lama esquerdo amassado, escuro, azul ou preto. Tony não tinha olhado para ver quem estava dentro do carro. Estavam se aproximando dele. Tony acelerou, chegou a cento e trinta quilômetros por hora, mas os faróis continuavam próximos, colados à sua traseira, quase tocando em seu carro.

— Tony — disse Laura em tom calmo.

— Ah, meu Deus — disse Helen.

Ele tentou andar mais depressa ainda.

— Tony — disse Laura.

O outro carro continuou perto dele.

— E se você dirigisse em velocidade normal? — perguntou ela.

O terceiro carro tinha ficado muito para trás, os faróis sumiam nas curvas e reapareciam após um longo intervalo nos trechos retos.

— Mais cedo ou mais tarde eles vão ficar de saco cheio dessa história.

Tony reduziu a velocidade até os cem quilômetros por hora, enquanto o outro carro continuava tão perto que ele nem conseguia ver os faróis no espelho retrovisor, só a luminosidade. O carro começou a buzinar, em seguida desviou a fim de fazer a ultrapassagem.

— Deixe que passe — disse Laura.

O carro se pôs ao lado deles, andava mais depressa quando Tony acelerava e mais devagar quando ele reduzia a velocidade. Dentro do carro havia três sujeitos, ele não pôde enxergar muito bem como eram, só o cara na frente, no banco do passageiro, que usava barba e sorria para ele.

Então Tony resolveu dirigir em velocidade constante de cem quilômetros por hora. Não dar atenção a eles, se possível. Os caras deram uma fechada na frente dele e reduziram a velocidade, forçando-o a também reduzir. Quando tentou fazer a ultrapassagem, deram uma fechada para a esquerda a fim de impedi-lo. Tony deu uma guinada para a direita outra vez e eles o deixaram emparelhar o carro. Em seguida avançaram e ficaram andando em zigue-zague entre as duas faixas. Então foram para a faixa da direita como se o convidassem a fazer a ultrapassagem pela esquerda, mas, quando Tony tentou, eles o fecharam e bloquearam seu caminho de novo. Num ímpeto de raiva ele se recusou a desistir e houve uma ruidosa explosão metálica e um solavanco e ele soube que havia batido no carro deles.

— Ah, merda! — disse ele.

Como se tivesse se machucado, o outro carro recuou e o deixou passar. Bem feito, disse Tony, foram eles que pediram, mas ah, que merda, também falou, e reduziu a velocidade, perguntando-se o que fazer, enquanto o outro carro reduzia a velocidade atrás dele.

— O que você está fazendo? — perguntou Laura.

— Temos de parar.

— Pai — falou Helen. — A gente não pode parar!

— Batemos no carro deles, temos de parar.

— Eles vão nos matar!

— Estão parando?

Tony estava pensando em fugir do local de um acidente, imaginando se o acidente com o carro deles iria deixá-los sóbrios, se era seguro supor tal coisa.

Então obedeceu a Laura. Apesar do orgulho que tinha de suas virtudes, em geral ele confiava na esposa com relação a questões morais mais difíceis e ela estava dizendo:

— Tony, por favor, não pare.

A voz dela era vagarosa e calma e ele iria recordar-se daquilo por muito tempo.

Então continuaram em frente.

— Você pode pegar a próxima saída da estrada e dar parte do fato à polícia — disse a esposa.

— Anotei o número da placa deles — disse Helen.

Mas o outro carro estava atrás dele de novo, vieram rugindo para o lado dele pela esquerda, o cara com a barba estava esticando o braço para fora da janela e acenando ou brandindo o punho ou apontando, e estava gritando, e o carro foi para a frente dele e deu uma guinada, estreitou sua faixa e tentou forçá-lo a ir para o acostamento.

— Deus nos ajude — disse Laura.

— Bata no carro deles — gritou Helen. — Não deixe que façam isso, não

deixe!

Tony não pôde evitar mais um choque, leve, com um barulho de trituração de encontro ao lado esquerdo da frente de seu carro. Ele sentiu o estrago causado e ouviu algo chocalhando, sentiu algo sacudir seu volante, enquanto o outro carro o obrigava a reduzir a velocidade. O carro tremeu como se mortalmente ferido e ele desistiu, foi para o acostamento e preparou-se para parar. O outro carro parou na frente dele. O terceiro carro, o que tinha ficado bem para trás, surgiu de longe na estrada e se aproximou em alta velocidade.

Tony Hastings parou a fim de abrir a porta, mas Laura tocou em seu braço.

— Não saia — disse ela. — Fique no carro.

Assim termina o capítulo, e Susan Morrow faz uma pausa para refletir. Parece mais sério do que ela esperava, e fica aliviada, satisfeita ao ver a firmeza da escrita, como Edward havia aprendido bem seu ofício. Susan está sentindo alguma coisa grave e se preocupa com Tony e sua família naquela estrada solitária, cercados por tantas ameaças. Será que ele ficará a salvo se mantiver as portas trancadas? A questão, ela se dá conta, não é o que Tony pode fazer para mantê-los a salvo, mas que destino a história reservou para ele. Nesse caso, é Edward quem tem o poder: o que ele tem em mente.

Susan aprecia a ironia de Edward no tratamento de Tony, que sugere maturidade, capacidade de zombar de si mesmo. Ela está repleta de perguntas ilícitas, como se é a Stephanie dos cartões de Natal que toca a nuca de Tony de modo tão carinhoso, e se Helen tem origem na própria vida doméstica de Edward. Susan lembra que não deve confundir Tony com Edward, ficção é ficção, embora ao notar o sobrenome de Tony se pergunte se Edward o batizou assim de propósito, referindo-se à cidade onde eles foram criados.

Imagina se Stephanie gosta do Edward escritor. Recorda que, quando Edward lhe disse que queria largar a faculdade e escrever, ela se sentiu traída, mas teve vergonha de reconhecê-lo. Após o divórcio, Susan acompanhou a maneira como Edward abriu mão daquele sonho, por meio das informações transmitidas por sua mãe. Susan tirou suas próprias conclusões, a transformação por etapas do Edward poeta no Edward capitalista, achando que aquilo confirmava suas dúvidas. Da escrita de poesia para a escrita sobre esportes. Da escrita sobre esportes para o ensino de jornalismo. Do ensino de jornalismo para o ramo dos seguros. Ele era o que era e não era o que não era. O dinheiro compensaria os sonhos perdidos. Com Stephanie supostamente lhe dando apoio o tempo todo. Assim imaginava Susan, mas pelo visto estava enganada.

Faz uma pausa a fim de se situar, antes de prosseguir na leitura. Coloca o pacote a seu lado sobre o sofá, ergue os olhos para as duas pinturas, tenta vê-las como algo novo, a praia abstrata, a geometria marrom. A barganha de Banco Imobiliário segue no chão do escritório. Mike, o amigo de Henry, tem uma risada maldosa. Sobre o tapete cinzento, Jeffrey se encolhe dormindo. Martha se aproxima dele, fareja, pula sobre a mesinha de centro e ameaça a câmara de Dorothy. O quê?

Susan recorda o monstro ameaçador não identificado que estava em sua mente antes de começar a ler. Será que o livro tinha posto o monstro para dormir? Continue lendo e pronto. Parágrafos e capítulos numa estrada solitária à noite. Ela pensa em Tony, o rosto comprido e fino com o nariz em forma de bico de pássaro, os óculos, os olhos tristes com bolsas embaixo. Não, esse é o Edward. Tony tem bigode preto. Ela tem de lembrar-se do bigode preto.

A porta do motorista do velho Buick se abriu e um homem saiu. Tony Hastings sentiu a mão da esposa Laura em seu braço, para contê-lo ou lhe dar coragem. Ele esperou. Os outros homens no carro estavam olhando para ele de suas janelas. Tony não conseguia ver como eram.

O homem veio andando devagar. Vestia um agasalho de arremessador de beisebol, zíper aberto, mas preso embaixo, as mãos no bolso. Tinha testa alta, a parte da frente da cabeça careca. Deu uma olhada na dianteira do carro de Tony Hastings e veio até a janela.

— Boa noite — disse ele.

Tony Hastings sentiu a raiva subir por causa do que tinha acabado de passar, mas estava mais assustado do que irritado.

— Boa noite — disse ele.

— A gente tem de parar quando ocorre um acidente.

— Eu sei.

— Por que não parou?

Tony Hastings não sabia o que dizer. O motivo por que não parou era o medo que sentia, mas tinha medo de confessar aquilo.

O homem abaixou a cabeça e olhou dentro do carro, para Laura e para Helen, atrás.

— Ahn?

— O quê?

— Por que não parou?

De perto, o homem tinha dentes grandes numa boca pequena, com um queixo pequeno e meio para trás. Os olhos eram esbugalhados acima das bochechas pequenas e ele usava um topete que começava depois da careca na frente da cabeça. Seu maxilar movia-se, mas sua boca não fechava. A jaqueta tinha um Y elaborado bordado na frente, à esquerda. Tony Hastings era magro, não tinha músculos, só um bigode preto, o rosto delicado e brando. Ficou com a mão na chave na ignição. A janela estava aberta até a metade, a porta, trancada.

Laura falou, sua voz soou forte.

— Estávamos indo avisar à polícia.

— Polícia? Ninguém deve deixar o local de um acidente. É a lei. Isso é crime.

— Temos motivos para não confiar em vocês nesta estrada deserta — disse Laura. Sua voz estava mais alta do que o costume e com uma aspereza que Tony identificava quando ela falava coisas drásticas, revolucionárias ou assustadas.

— O que você falou?

— O comportamento de vocês na estrada...

O homem chamou:

— Ei, Turk!

As portas do lado direito do outro carro se abriram e dois homens saíram. Não tinham a menor pressa.

— Estou avisando você — disse Laura. — Se prepare — sussurrou para Tony.

O homem pôs as mãos na janela entreaberta, enfiou a cabeça dentro do carro e sorriu.

— O que você falou? Está me avisando?

— Fique longe de nós.

— Puxa vida. Minha senhora, a gente tem um acidente para informar.

Os outros dois homens tinham uma lanterna e examinavam a parte dianteira do carro de Tony; apoiaram as mãos no capô, se abaixaram e sumiram de vista.

— Tudo bem — disse Tony e pensou: muito bem, se você quer falar do protocolo de acidentes, vamos tratar do protocolo de acidentes. — Vamos trocar nossas informações.

— Você tem informações que queira trocar?

— Nomes, endereços, companhia de seguro.

Sentiu uma forte cutucada de Laura, que achou que dar seus nomes para aqueles criminosos era uma ideia ruim, mas protocolo é protocolo, ele não conhecia outra maneira.

— Companhia de seguro, é? — O homem riu.

— Você não tem seguro?

— Ha ha!

— Vou dar parte disso à polícia — disse Tony. Sentiu a fraqueza na própria voz.

— Certo, vamos dar parte disso aos canas, sim, está certo — disse o homem.

— Então vamos dar parte à polícia de uma vez. Vamos logo — disse Tony.

— Ótima ideia, cara. E o que vamos fazer, vamos juntos? E o que vamos fazer para você não fugir? A culpa foi sua, não foi, porra?

— Vamos ver de quem foi a culpa! — disse Laura.

— Ei, Ray — disse um dos homens na frente do carro. — Este cara está com um pneu vazio.

— Ah, essa não — disse Tony.

Ray deu a volta para ver. Os homens começaram a rir.

— Pois é, quem diria?

— Não há dúvida, olhe só.

Alguém deu um chute no pneu, eles puderam sentir o tranco dentro do carro.

— Não acredite nisso — disse Helen atrás.

Os três voltaram para junto da janela do motorista. Um deles tinha uma barba preta e parecia um bandoleiro de filme. O outro tinha uma cara redonda e usava óculos de aro de metal prateado.

— Sim, senhor — disse Ray. — Seu pneu dianteiro direito está vazio, pode crer.

— Arriadinho feito uma panqueca — falou o homem com barba de cinema.

— Está arriado mesmo — disse Ray. — Você deve ter arreventado com ele quando ficou empurrando nosso carro para fora da estrada. — Alguém soltou uma risada.

— Não foi assim, foi você que...

— Cale-se — sussurrou Laura.

— Não acredite neles, pai, não acredite neles, é mentira, é um truque.

— Como é que é? — falou Ray, mais alto do que antes. — Não está acreditando em mim? Acha que sou um mentiroso? Porra!

Acenou para os outros dois voltarem.

— Se o pneu não está vazio, ligue o carro e acelere. Ponha o carro para andar. Vamos lá, ligue só esse carro para você ver. Ninguém está impedindo você.

Tony hesitou. Compreendeu o que significavam a vibração e também o solavanco no volante quando se viu obrigado a parar depois da segunda colisão. Inclinou-se para trás em seu banco e resmungou:

— Droga!

— Vou dizer a você o que vamos fazer — falou Ray. — A gente vai dar um jeito nisso para você. — Olhou em volta. — Não é, pessoal?

— Claro, isso mesmo — respondeu um deles.

— Para mostrar que a gente é legal, a gente vai trocar o pneu para você, não precisa fazer nada. Aí a gente pode ir até a polícia juntos, você e eu, para comunicar o acidente.

Em voz baixa, Helen falou:

— Não acredite nele.

— O senhor tem ferramentas para trocar pneu? — perguntou o homem barbado.

— Não saia do carro — disse Laura.

— Não precisa — disse Ray. — Vamos usar as nossas. Vamos lá, mexam-se.

Os três homens foram até a mala de seu carro enquanto Tony, a esposa e a filha observavam de portas trancadas, e observaram enquanto os homens traziam as ferramentas, o macaco, a chave de roda.

— Você tem um estepe? — perguntou o sujeito de óculos. Os homens começaram a rir, menos Ray. — Não se pode trocar um pneu se não tem estepe. — Ray não estava rindo. Não estava sorrindo. Olhou para dentro pela janela e não falou nada. Então disse: — Quer me dar a chave do porta-malas?

— Não faça isso! — disse Helen.

O homem ficou olhando para ela por um bom tempo, fixamente.

— Quem você pensa que é, porra? — disse ele.

Tony Hastings suspirou e abriu a porta.

— Vou abrir para você — disse ele.

Ouviu Helen gemer no banco de trás:

— Pai.

E Laura falou em tom tranquilo:

— Está tudo bem, apenas fique calma.

Ele saiu, abriu o porta-malas, afastou as malas e caixas sob a luz da lanterna na mão do homem barbado, até conseguirem tirar o pneu sobressalente. Tony observou os dois homens levarem o estepe enquanto Ray ficou parado perto dele. Puseram o macaco embaixo do carro junto à roda da frente e o homem barbado falou:

— Tire as mulheres de dentro do carro.

— Vamos — disse Ray. — Tire as duas do carro.

— Não é necessário, não é? — disse Tony Hastings.

— Tire as mulheres do carro. A gente está trocando o pneu para você, portanto tire as duas do carro.

Tony olhou para a esposa e a filha dentro do carro.

— Está tudo bem — disse ele. — Eles querem que vocês saiam enquanto trocam o pneu.

Então elas saíram e ficaram perto de Tony, junto à porta do carro. Ele achava que, caso aqueles homens fossem perigosos, seria mais seguro manter-se perto do carro. Os homens começaram a erguer o carro com a ajuda do macaco e a desaparafusar a roda que tinha o pneu arriado.

— Ei, você — disse Ray. — Venha até aqui. — Como Tony não saiu do lugar, ele se aproximou. Falou: — Você se acha o maioral, não é?

— Do que está falando?

— *Do que está falando?* Elas acham que são o máximo, não é?

— Quem?

— Elas, as suas mulheres, as suas piranhas. Vocês duas. Vocês acham que são muito especiais, que podem bater num carro no meio da estrada e fugir para falar com os canas e violar a lei.

— Escute, vocês estavam fazendo alguma brincadeira maluca na estrada.

— Sei.

De vez em quando, enquanto trocavam o pneu, passava um carro ou um caminhão em alta velocidade. Tony Hastings torcia para que algum deles parasse, queria ter alguém civilizado entre ele e aqueles homens brutais que ele não sabia do que eram capazes. Em um momento, um carro reduziu a velocidade, Tony pensou que ia parar, deu um passo à frente, mas algo o segurou com força pelo braço e puxou-o para trás. Ray estava na sua frente, bloqueando sua visão, e o carro foi embora. Um pouco depois, Tony avistou as luzes azuis de um carro de polícia que se aproximava. Estão vindo nos salvar, pensou ele e correu na direção do carro à medida que ele se aproximava velozmente. O carro não reduziu a velocidade e de súbito Tony entendeu que ele não ia parar. Acenou mesmo assim e tentou gritar enquanto a viatura passava a toda. Ouviu as vozes das mulheres da família também gritando, mas o carro já estava cintilando ao longe na estrada a uns 160 quilômetros por hora e logo sumiu de vista.

— Lá se vão os seus canas — disse Ray. — Você devia ter feito a polícia parar.

— Eu tentei — disse Tony.

Sentiu-se derrotado, imaginando que outro problema tinha chamado a atenção dos policiais, enquanto o dele continuava sem ser notado, no escuro.

Os homens pareciam gostar do serviço. Estavam rindo e Tony percebeu que um deles já havia trabalhado numa oficina. Só Ray não estava rindo. Tony Hastings não gostou da expressão de expectativa no rosto contraído e sem queixo de Ray. O homem estava com raiva, Tony disse para si mesmo, ao passo que sua própria raiva havia se confundido sob o efeito da estranheza da situação. Pensou: eles estão tentando me mostrar que não são o que parecem. Estão tentando me mostrar que são seres humanos decentes, afinal de contas. Tony torcia para que fosse isso.

Susan Morrow baixa a folha de papel. A calma retorna, aqui onde ela mora, junto com o barulho da geladeira, os murmúrios e as risadas das crianças que jogam Banco Imobiliário no cômodo ao lado. Aqui, neste reduto cercado de mata, entre ruas residenciais sinuosas, tudo é calma, tudo está sossegado. Aqui é mais seguro. Ela arqueia o corpo, se espreguiça, um impulso de ir à cozinha para tomar mais café. Resista. Em vez disso, ponha na boca uma balinha de menta, que está na mesinha, embaixo do rabo de Martha.

Certa vez ela também viajou de carro a noite inteira, Susan, Arnold e os filhos, para Cape Cod. Arnold é mais esperto do que Tony Hastings, mas teria conseguido evitar os apuros de Tony? Ele é um homem distinto, poderia ter oferecido àqueles homens uma cirurgia de ponte de safena por terem trocado seu pneu vazio, mas será que isso o protegeria? Ele também é um menino risonho, de cabelo acinzentado, que faz piadas discutíveis e fica esperando a reação dos outros. Nesta noite, Arnold está num hotel, Susan quase se esqueceu de se preocupar com o Tony imaginário, numa sala de estar tropical de bambu, num subsolo, no escuro, tomando drinques com a turma de médicos. Não se preocupe.

Martha, a gata, fica olhando para Susan, silenciosamente intrigada. Toda noite Susan fica sentada desse jeito, espreitando a folha de papel branco sob a luz, como se enxergasse alguma coisa que Martha vê claramente que não está ali. Martha entende o que é ficar à espreita, mas o que se pode espreitar e caçar no próprio colo, e como Susan pode ficar à espreita se tem o rosto tão relaxado? Martha também fica à espreita durante horas em suas caçadas, só com o rabo se mexendo, mas quando ela fica à espreita sempre há alguma coisa, um camundongo ou um passarinho ou a ilusão de algum bicho.

Animais noturnos 3

O homem de rosto triangular cujo nome era Ray, de boca pequena demais para o queixo, a cabeça careca pela metade com o topete na parte de trás, estava parado, com a mão no bolso, e observava o trabalho dos outros. Batia com a ponta do pé no chão como se fosse uma dança. Não devo me esquecer de que esse é o homem que me jogou para fora da estrada, Tony Hastings dizia para si mesmo, não devo esquecer. O homem não parava de resmungar “Foda-se”, como se fosse uma cantiga. Batendo o pé no chão e resmungando “Foda-se”, olhando para a esposa e a filha de Tony, que estavam paradas junto à porta de trás do carro, como se falasse aquilo para as duas, e depois para Tony, olhando para Tony enquanto resmungava aquela palavra, como se fosse para ele. Num tom alto o suficiente para ser ouvido: “Foda-se, foda-se, foda-se.”

— O que você está olhando? — disse o homem.

— O que vocês estavam tentando fazer lá na estrada? — perguntou Tony.

Estava vindo um caminhão, o veículo passou, barulhento. Se o homem respondeu, Tony não ouviu. Um carro ou um caminhão passava a cada três ou quatro minutos, talvez mais. Enquanto os carros estiverem passando, estamos a salvo, pensou Tony, se perguntando de que perigo ele estaria salvo.

— Convencido — disse o homem.

— O quê?

— Motorista respeitador das leis.

— O quê?

— É só isso que você sabe dizer: O quê? O quê?

— Olhe aqui...

— Estou olhando.

Tony não conseguiu falar, pego de surpresa, sem ter nenhum discurso preparado para as suas emoções.

— O que vocês estavam tentando fazer lá na estrada? — perguntou o homem após um intervalo.

— Estávamos só tentando chegar ao lugar para onde estamos indo.

— E para onde estão indo?

Tony se conteve.

— Para onde estão indo?

— Estamos em viagem para o Maine. Estamos só tentando chegar ao Maine.

— O que tem lá no Maine?

Tony não queria responder.

— O que tem lá no Maine?

Sentiu-se como um menino tentando resistir a garotos brigões.

O homem deu um passo na direção dele.

— Perguntei o que tem lá no Maine.

O homem chegou perto o bastante para que Tony sentisse o cheiro de cebola misturado a algo doce e licoroso, sua cara na mesma altura do rosto de Tony, e, embora fosse magro, Tony sabia que o homem podia destruí-lo. Deu um passo para trás, mas o homem diminuiu o espaço entre os dois. É a diferença de idade, disse Tony para si mesmo, sem acrescentar que desde os tempos de garoto nunca mais tinha se metido numa briga e mesmo naquela época jamais havia ganhado uma briga. Vivo num mundo diferente, Tony quase falou para si mesmo.

Não queria dizer que tinha uma casa de veraneio no Maine.

O homem inclinou-se para a frente, obrigando Tony a curvar-se para trás. É melhor ele não tocar em mim, disse Tony para si mesmo. O homem agarrou o suéter de Tony e o empurrou um pouco.

— O que foi que você disse que tem lá no Maine? — perguntou.

Solte-me, Tony devia ter dito.

— Solte-me — disse ele. Ouviu sua voz frágil como a de um menino que está sendo torturado.

A voz dela ressoou com força no meio da noite:

— Deixe meu pai em paz!

— Vá se foder, minha filha — disse o homem. Soltou o suéter de Tony, riu e andou devagar na direção das mulheres.

Aterrorizado, trêmulo, tentando aquecer seu sangue acovardado até a

temperatura necessária, Tony foi atrás dele.

— O que tem lá no Maine? Seu pai não quer me dizer, então vocês vão me dizer, está certo? Para que vocês estão indo para o Maine?

— O que você tem a ver com isso? — disse ela.

— Ora, vamos lá, garota. Somos caras legais. A gente está trocando o pneu para vocês. Podem me dizer, o que tem lá no Maine afinal?

— Nossa casa de veraneio — disse ela. — Está bem? Está satisfeito?

— Seu pai acha que é melhor do que eu. O que você acha disso?

— Bem, ele é mesmo — disse ela.

— Seu pai está assustado comigo. Está com medo de que eu possa encher ele de porrada.

— Você é um bostinha que não presta para nada — disse ela. — É um verme, um zé-ninguém. — Sua voz estava aguda e furiosa, como um grito.

O homem deu um passo irritado na direção dela. Quando Laura se pôs entre os dois, ele a empurrou para o lado. Colocou as mãos nos ombros da garota, apertando-a contra o carro, e, no mesmo instante, Laura partiu na direção dele, dando chutes, unhas, puxando pelas costas, até que ele deu um safanão para trás e ela caiu no chão.

— Piranha! — resmungou.

De algum modo, Tony também deve ter chegado até lá, num ímpeto de energia, antes que o braço do homem girasse como um pé de cabra e o jogasse para trás com uma pancada. Teve a sensação de que seu nariz tinha sido atingido por um pé de cabra e doía. O homem encarou os três e rosnou:

— Prestem bem atenção, seus filhos da puta, vocês não têm nenhum direito de falar comigo desse jeito.

Os homens junto ao pneu tinham parado de trabalhar e olhavam para eles.

Quando Tony Hastings viu a esposa Laura cair, quando ouviu seu pequeno grito de choque e de dor na voz peculiar que ele conhecia muito bem e a viu com calças folgadas de viagem e o suéter escuro sentada no chão e viu como ela se virava com esforço a fim de se pôr de pé outra vez, Tony pensou, ruim, uma coisa ruim está acontecendo, como notícias do início de uma guerra. Como se em toda a sua vida de boa sorte ele nunca tivesse conhecido uma coisa ruim de fato. Lembrou-se de que, na hora em que seu sangue covarde explodiu dentro da cabeça e ele pulou para cima do homem e foi arremessado para trás pelo braço que parecia um pé de cabra, pensou: isto não é uma briga de crianças. Pessoas de verdade estão sendo agredidas e derrubadas no chão.

O homem o fitou com ar de queixa.

— Pelo amor de Deus, a gente está aqui trocando o pneu para vocês — disse ele. Andou na direção dos outros. Tinham quase terminado a tarefa, estavam apertando as porcas. — E, quando a gente terminar, vamos dar parte aos canas desse acidente que vocês provocaram.

— Temos de achar um telefone — disse Tony.

— Ah, é? E está vendo algum telefone por perto?

— Qual é a cidade mais próxima?

Os outros puseram a calota no lugar. Rolaram o pneu furado para o portamalas do carro de Tony e o guardaram lá dentro, junto com o macaco.

— E para que você quer uma cidade?

— Para avisar à polícia.

— Certo — disse o homem. — Então como você vai fazer isso?

— A gente vai de carro até a delegacia.

— E deixar o local do acidente?

— O que você quer fazer? Esperar até que passe outro carro de polícia? — Tony lembrou, você já deixou um passar.

— Papai — disse Helen —, tem telefones na beira da estrada. Telefones de emergência. Eu vi, no caminho.

Sim, Tony lembrou.

— Estão quebrados — disse o homem.

— Só servem para consertos e carros enguiçados — falou o homem de óculos. O homem de barba estava sorrindo.

— A gente tem de ir para Bailey, é o único jeito — disse Ray. — Não dá mesmo para chamar a polícia pelos telefones da estrada.

— Muito bem — disse Tony em tom decidido. — Vamos para Bailey e lá a gente dá parte do acidente.

— Mas como você sugere que a gente vá até lá? — perguntou o homem.

— Em nossos carros.

— Ah, é? Em que carro?

— Nos dois carros.

— Nada disso, chefe. Não tente bancar o espertinho comigo.

— Qual é o problema?

— Como eu sei que você não vai se mandar daqui e sumir, me deixando na mão?

— Você acha que a gente não quer ir à polícia?

— Como eu posso saber que você não vai dar no pé?

— Não se preocupe. Eu quero dar parte do acidente.

— Você nem sabe onde fica Bailey.

— Você mostra o caminho, nós vamos atrás.

— Ha! — riu o homem. Então pareceu refletir um pouco, olhando para a mata escura no meio da noite, como se tivesse lhe ocorrido uma ideia. Pensou mais um pouco e por um momento deu a impressão de haver esquecido todos eles, sonhando com alguma coisa só sua. Ele é maluco, pensou Tony, e as palavras pareceram trazer uma novidade. Então o homem voltou. — O que vai impedir você de sumir de vista e pegar um dos desvios para o outro lado da estrada?

— Você parece muito bom em andar colado em outros carros — disse Tony.

O homem riu de novo:

— Está legal, a gente vai na frente e você vem atrás. A gente não pode se afastar muito de você desse jeito.

Eles ficaram sorrindo então, como se estivessem achando graça, e até Tony sorriu um pouco.

— Foda-se — disse o homem. — Você vem no meu carro.

— O quê?

— Você vem com a gente.

— Sem chance.

— Lou pode dirigir seu carro. É um cidadão respeitador das leis. Vai cuidar bem dele.

Helen gemeu:

— Não.

— Não podemos fazer isso — disse Tony.

— Por que não?

— Para começar, não vou deixar meu carro nas mãos de vocês.

O homem fingiu ficar surpreso.

— Você não vai? Ora, você acha que a gente vai roubar seu carro? — Em seguida falou: — Está bem. Você vai no seu carro, a garota vem com a gente.

Um grito de medo de Helen. Ela foi para o carro, mas o homem bloqueou seu caminho.

— Não, você não vai — disse Tony.

— Claro que vai — disse o homem. — Você vai com a gente, não é, doçura?

— Ele pôs a mão sobre sua blusa xadrez na altura dos seios e os dois lutaram um pouco.

— Tony — disse Laura. Ela estava olhando para o marido e o homem estava olhando para os dois. Então ela gritou: — Deixe-a em paz!

— Pare com isso — disse Tony, lutando contra o tremor de sua voz.

— Ela gosta — falou o homem.

— Não gosto! — disse ela.

— É claro que gosta, meu bem, só que você não sabe.

— Tony — Laura falou de novo, em tom calmo. Ele contraiu os músculos, cerrou os punhos e deu um passo na direção do homem, mas o homem de barba o segurou pelo braço. Ele tentou se soltar. O homem chamado Ray percebeu e se virou para Tony, soltando a garota. Ela saiu correndo pela estrada.

— Helen! — gritou Tony.

— Quem é o chefe da família? — perguntou Ray.

Não é da sua conta, foi o que lhe veio à cabeça para responder, mas Tony não falou nada. Estava olhando para a filha, que corria pelo acostamento da rodovia.

— Helen, Helen.

O homem chamado Ray estava sorrindo para ele com os dentes de tamanho exagerado em sua boca pequena demais. A uns cinquenta metros dali, Helen sentou-se numa pedra, na beira do acostamento. Ele podia ver que ela estava chorando. Houve um momento de silêncio.

Com um meneio da cabeça, Ray fez um sinal para os outros, foram todos para o lado de seu carro e conversaram. Tony estava ciente da noite, do frio e da claridade das estrelas. Atrás dele, o solo descia na direção de matas negras, Tony não conseguia enxergar nada dentro da mata. As faixas da pista em sentido contrário estavam fora de vista na ladeira que subia pelo outro lado, oculta por árvores. Quando os carros passavam por eles, lançavam uma luz branca nas árvores, como um fantasma nos galhos. Os homens gesticulavam em sua conversa, agitados, riam, e Helen continuava sentada na pedra, mais abaixo na estrada, com a cabeça apoiada nas mãos.

Um carro se aproximava. Quando chegou mais perto, Helen foi para a beira da estrada e acenou freneticamente. O carro aumentou a velocidade e foi embora.

Então Laura falou para Tony:

— Vamos lá — disse ela. — Podemos ir pegá-la ali embaixo.

Entrou no carro. Mas quando Tony deu a volta para sentar no banco do motorista, viu Helen voltando e os três homens parados entre ela e o carro.

Helen trazia um pedaço de pau na mão.

Outro carro se aproximou. Helen tinha quase alcançado o carro dos três homens e, quando os faróis chegaram mais perto, ela correu para a pista da rodovia acenando com os dois braços e o pedaço de pau acima da cabeça. O carro reduziu a velocidade. Era uma caminhonete e parou bem perto dela. O motorista inclinou-se para o lado direito e olhou por fora da janela.

— O que está tentando fazer? Quer morrer? — disse ele.

Era um velho de boné de beisebol. Todos foram para perto, menos Laura, que estava dentro do carro.

— Esses caras... — disse Helen.

— Está tudo bem — disse Ray. — Ela está um pouco perturbada.

— Não está nada bem, pergunte ao meu pai.

— Hein? — perguntou o velho.

— Estamos precisando de ajuda — disse Tony.

— O que disse?

— Pneu furado — disse Ray. — A gente trocou para eles. — Ele estava acenando afirmativamente com a cabeça e sorria, seus dentes iguais aos de um roedor. — Está tudo sob controle.

— Hein? — perguntou o velho. — Ela está tentando se matar?

Ray gritou para ele:

— Está tudo bem! Está tudo sob controle!

Tony deu um passo para a frente:

— Com licença...

Tony ouviu Helen gritando:

— Socorro, por favor, nos ajude.

O velho olhou para Ray, que estava rindo e brandindo a chave de roda na mão.

— O que foi que disse? — Pôs a mão em concha junto à orelha.

— Tudo em ordem — disse Ray em voz bem alta.

— Não, não — tentou gritar Tony. Alguém o puxava com força para trás, pelo braço. O velho olhou para o grupo todo. Tinha o rosto perplexo e triste, mas talvez fosse sempre assim. Olhou para a chave de roda na mão de Ray, hesitante.

— Então está tudo em ordem — falou ele de repente. Tinha a voz irritada e desapareceu da janela, engrenou a caminhonete e foi embora.

Atrás dele, Tony ouviu Helen gritar:

— Pelo amor de Deus, senhor!

— Qual é o problema, meu bem? — disse Ray. — Não vai querer ficar com um cara velho e surdo feito ele, vai?

Houve um rebuliço e uma agitação, os homens ficaram espantados, Helen

correu na direção do carro, desviando-se deles, sentou no banco de trás e fechou a porta com força. Mais um momento de silêncio, enquanto Ray segurava Tony pelo cotovelo, sem muita força, e Laura esperava dentro do carro.

— Está certo — disse Ray. — Vamos nos dois carros.

O alívio de ver o pesadelo terminando afinal — aqueles homens fartos de sua brincadeira, que já tinha ido o mais longe que podia, deviam ter chegado à conclusão de que nada mais era possível. Tony sabia que eles não iriam à polícia, mas não se importava com isso, estava contente simplesmente por se ver livre deles.

A não ser pelo fato de Ray continuar segurando-o pelo cotovelo. Tony moveu-se na direção do carro e sentiu um aperto mais forte no braço, que o manteve no lugar.

— Você não — disse Ray.

— O quê?

Agora o medo de verdade, o choque do primeiro alerta nuclear na guerra.

— Vamos nos dividir — disse Ray. — Você vai no meu carro.

— Sem chance.

Viu o movimento em seu carro, o homem de óculos correndo para a porta do motorista, abrindo-a antes de Laura, que, do lado do carona, só tarde demais se deu conta do que estava acontecendo, conseguir alcançar o pino para trancar a porta, e Tony viu o homem reter a porta aberta com a mão, se postar ali e segurar a porta com o pé enfiado dentro do carro, enquanto Ray dizia:

— Você não tem escolha.

— Não vou deixar minha família.

— Já falei, patrão, você não tem escolha.

Então agora a coerção era declarada. Com os dois parceiros de Ray, um deles com o pé na porta do carro de Tony, olhando para Ray e esperando alguma decisão ou alguma ordem para executar. O homem pensou um instante. Soltou Tony e falou:

— Você vai com o Lou.

Quando Ray se aproximou do carro de Tony, Tony tentou segui-lo, mas o homem de barba o reteve.

— Melhor não — falou.

O homem tinha alguma coisa na mão, Tony não sabia dizer o que era. Tony se desvencilhou dele e foi atrás de Ray. Viu o homem com o pé na porta esticar o braço para dentro a fim de destrancar a porta de trás, o que Helen, sentada no banco traseiro, tentou impedir. Viu uma luta com Helen, que tentou morder a mão do homem de óculos, que abriu a porta e entrou. Tony correu atrás de Ray pensando vou dar um murro nas costas dele, vou jogá-lo no chão e entrar no carro, mas alguma coisa pesada bateu com força em suas canelas, ele mergulhou para a frente e caiu com as mãos e os joelhos se esfolando no asfalto, o queixo machucado, e ergueu os olhos e viu Ray entrando no carro, sentando no banco do motorista.

Com um rugido brutal, o carro deu partida, depois os pneus cantaram quando o motorista tomou a estrada e acelerou para longe. Tony viu de passagem os rostos apavorados da esposa e da filha olhando para ele, enquanto o carro saía

em disparada, e ouviu o som do motor em alta velocidade diminuindo aos poucos, enquanto avançava para longe pela estrada, as pequenas luzes vermelhas acesas se aproximando aos poucos uma da outra, até que afinal desapareceram.

Por alguns momentos houve apenas o silêncio das matas e algum rumor distante de um caminhão quase indistinguível do silêncio em redor, enquanto Tony fitava a estrada invisível, por onde tudo o que ele amava tinha desaparecido, tentando encontrar algum modo de negar aquilo que as palavras em sua mente diziam que havia ocorrido.

O homem de barba, cujo nome era Lou, estava olhando para ele de cima. Segurava na mão a chave de roda.

— Vamos — disse. — É melhor entrar no carro.

Susan estava chocada. Tinham sequestrado a família de Tony enquanto ele, impotente, acompanhava tudo. Ela resiste, ela devia ter evitado aquilo. Deviam ter entrado no carro quando Helen correu pela estrada, partido com o carro antes que os homens pudessem reagir, apanhado Helen no caminho e seguido em frente. Eles o derrubaram, deram-lhe uma rasteira. Bloquearam o caminho de Tony da mesma forma que Edward estava bloqueando o dela. Susan vê o carro de Tony desaparecer pela estrada com sua carga preciosa e compartilha com ele a vergonha e o terror.

Susan acorda na pequena sala de estar aquecida, a partida de Banco Imobiliário prossegue no cômodo ao lado, muito longe da mata inóspita daquele trecho escuro de rodovia. Ela sente uma lacuna, a falta de alguém. Não Arnold, Susan sabe onde ele está. É Rosie, minha pequena Rosie, onde ela está? A noite fria lança uma pontada de pânico gelado em seu coração: por que ela não está aqui? Mas Susan Morrow sabe onde Rosie está: foi passar a noite na casa de Carol. Portanto não é isso. E quanto a Arnold, está em seu lounge de bambu num subsolo. Relaxando (não com Marilyn Linwood) em companhia do doutor Velho Amigo, do doutor Famoso, do doutor Novato e do doutor Estudante de Medicina, depois de um dia de debates e palestras.

Susan gostaria de saber se essas coisas terríveis acontecem de fato. Ouve a resposta de Edward: a gente lê sobre isso no jornal todos os dias. O querido ex-marido dela tem planos para nós. Ela receia os planos de Edward, mas não sente medo.

Animais noturnos 4

— Você dirige — falou o homem chamado Lou.

— Eu?

— Isso mesmo, você.

A peculiaridade do carro de um estranho, o metal amassado da porta que rangia, o banco do motorista com o estofamento do encosto rasgado, os pedais no chão muito próximos uns dos outros. O homem lhe deu a chave. Tony Hastings estava tremendo, agitado em sua pressa, e apalpou o painel em busca da ignição.

— Para a direita — disse o homem.

O carro não queria pegar e quando Tony finalmente conseguiu dar partida e engrenar a primeira marcha, se deu conta de que fazia muito tempo que não dirigia um carro com câmbio manual, e o motor morreu.

Lou estava a seu lado, o homem de barba preta, e não falava nada. Quando Tony afinal conseguiu pôr o carro em movimento, andou o mais depressa que pôde, a toda velocidade, naquele carro que chacoalhava e guinchava no vento, mas ele sabia com desespero que só a velocidade não bastaria para alcançar as lanternas traseiras do outro carro, por causa da grande vantagem que eles

tinham.

A placa luminosa verde para um desvio. Ele reduziu. A segunda placa especificava Bear Valley e Grant Center.

— É essa a saída? — perguntou.

— Não sei, acho que é.

— É por aqui o caminho para Bailey? Por que a placa não indica Bailey?

— Para que você quer ir a Bailey?

— Não é para lá que estamos indo? Não é lá que vamos dar parte à polícia?

— Ah, é, isso mesmo — disse Lou.

— Bem, e então, o caminho é esse?

Tinham chegado ao início da rampa da saída da rodovia e ele tinha quase parado o carro.

— É sim, acho que é.

Uma placa de Pare.

— Esquerda ou direita?

Era uma estrada rural. Havia um posto de gasolina todo apagado e campos negros que se fundiam com a mata.

O homem levou um tempo para se decidir.

— Direita — falou.

— Pensei que Bailey fosse a cidade mais próxima — disse Tony. — Por que as placas falam de Bear Valley e Grant Center e não de Bailey?

— É esquisito mesmo, não é? — disse o homem.

A estrada era estreita, seguia sinuosamente entre campos e trechos de mata, subia e descia morros, passando a intervalos por casas de fazenda escuras. Tony dirigia o mais rápido que era capaz, pisava fundo no freio nas curvas mais fechadas, no encaicho de um carro que nem conseguia ver, enquanto a vastidão erma se estendia por quilômetros e mais quilômetros. Durante todo aquele tempo, Tony não viu nenhum outro carro. Chegaram a uma placa para reduzir velocidade e a outra placa, CASPAR, e a uma pequena aldeia toda escura, sem nada aberto.

— Ali tem uma cabine telefônica — disse Tony.

— É — respondeu Lou.

Diminuiu a velocidade.

— Escute — disse ele. — Onde fica Bailey, afinal?

— Siga em frente — falou o homem.

Um cruzamento, uma estrada um pouco maior, uma placa para WHITE CREEK, um aglomerado de oficinas de automóveis, restaurantes de beira de estrada e lojas, todos fechados.

— Esquerda — disse Lou, e deixaram para trás também aquele povoado.

Uma reta, depois uma bifurcação, uma estrada que descia, eles tomaram a outra, que subia de novo por morros e matas.

— Lá está a igreja — disse Lou.

— O quê?

Era uma igreja pequena numa clareira com uma torrezinha branca. A mata fechada de ambos os lados da estrada. Havia um carro de cor clara parado numa via lateral, numa curva. Parecia o carro de Tony, e depois ele teve certeza, meu

Deus.

— Aquele é o meu carro! — disse ele, e parou logo atrás.

— Não pare aqui na porra da curva.

— Mas esse é o meu carro.

Fosse ou não, o fato é que estava vazio. Havia um caminho que entrava pela mata e um trailer mais acima, entre as árvores, com uma luz fraca numa das janelas.

— Não é o seu carro — falou o homem.

Tony Hastings tentou recuar para ver o número da placa, mas teve dificuldade para engrenar a marcha a ré.

— Não dê marcha a ré na curva, pelo amor de Deus!

Tony pensou: não vi nenhum carro sequer em toda a estrada desde que deixamos a rodovia interestadual.

— Aquele não é o seu carro. Seu carro tem quatro portas.

Tony olhou.

— É aquele não tem?

— O que há com você afinal, será que não consegue enxergar?

Olhando, tentando ver o carro por trás do homem sentado à sua direita, o homem que lhe disse que o carro não tinha quatro portas e lhe pedia para olhar e ver por si mesmo — Tony reconheceu que o pânico estava distorcendo seu julgamento e talvez sua visão, e voltou a concentrar-se na direção.

Uma estrada sinuosa fazia uma subida vagarosa em meio à mata, depois descia para um cruzamento em T, sem placas; viraram à direita onde a estrada subia mais um pouco. O homem perguntou:

— O que o levou a pensar que era o seu carro?

— Era parecido.

— Não tinha ninguém dentro do carro. O que você pensou? Achou que eles tinham ido para alguma festa naquele trailer?

— Nem sei o que pensei.

— Está assustado, chefe?

— Gostaria de saber para onde estamos indo.

— Está com medo de que meus parceiros estejam fazendo algum jogo sujo?

— Queria saber onde fica Bailey.

— Bem, meu colega Ray, sabe, é melhor fazer a vontade dele, entende?

— O que você quer dizer?

— Aqui, reduza a velocidade.

A estrada era reta, com uma vala funda e mato dos dois lados.

— Preste atenção, tem de fazer uma curva aqui.

— Como assim? Não tem nada aqui.

— É aqui, vire aqui.

Uma estrada de terra sem placas, um caminho que entrava na mata à direita. Tony Hastings parou o carro.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Você entra aqui agora, faça o que eu disse.

— Ora, vá para o inferno, não vou pegar essa estradinha.

— Escute aqui, chefe. Ninguém odeia a violência mais do que eu.

O homem de barba preta estava recostado no banco do carona, com o braço por cima do espaldar, relaxado, olhando para Tony.

— Quer ver sua esposa e sua filha?

A estrada, o caminho, se estreitava rapidamente numa trilha apertada, com uma faixa de grama no meio. Avançava sinuosa entre árvores altas e rochas que afloravam do solo no meio da mata, enquanto o carro sacolejava e guinchava ao passar sobre pedras e buracos. Nunca estive numa situação parecida, disse Tony para si mesmo, nada nem de longe tão ruim quanto isto. Ele tinha uma vaga lembrança do que havia passado quando fora raptado por garotos mais velhos da vizinhança, uma lembrança que ele tinha de certo modo inventado a fim de provar que aquilo que acontecia agora era muito diferente e que nada em toda a sua vida civilizada tivera alguma coisa a ver com o que estava ocorrendo.

— O que vocês estão fazendo com a gente? — perguntou.

Os faróis iluminaram os troncos das árvores, passando depressa de uma para a outra enquanto o carro fazia a curva. O homem não disse nada.

Tony perguntou outra vez:

— O que vocês estão fazendo com a gente?

— Porra, chefe, eu sei lá. Pergunte ao Ray.

— Ray não está aqui.

— Claro que não está — riu o homem. — Bem, chefe, então vou contar para você. Na verdade, eu também não sei que porra a gente está fazendo. É como eu disse, é coisa do Ray.

— Foi o Ray que mandou você me trazer para esta estrada?

O homem não respondeu.

— Ray é um cara gozado — disse ele. — A gente tem de admirar o sujeito.

— Você o admira? Por quê?

— A coragem dele. Faz o que tem de fazer e pronto.

— Vou lhe dizer uma coisa — falou Tony. — Eu não o admiro. Não o admiro nem um pouco. — Imaginou se o homem de barba iria admirá-lo por sua coragem de dizer aquilo.

— Não se preocupe. Ele não espera mesmo isso de você.

— É melhor não esperar mesmo.

Viu uma raposa parada entre as folhas, pedras preciosas em seus olhos, apanhada de súbito pelo jato da luz dos faróis, antes de ela desviar e sumir.

— Acho que você não precisa se preocupar com sua esposa e sua filha.

— Como assim? — Havia ondas de choque em tudo naquela noite. — O que há para eu me preocupar?

— Não está com medo?

— Claro que estou com medo. Estou morto de medo.

— Pois é, imagino como deve estar.

— O que ele está fazendo com elas? O que ele quer com elas?

— Como é que vou saber? Ele gosta de ver o que é capaz de fazer. É o que eu já disse, você não precisa se preocupar.

— Quer dizer que tudo isso é um jogo. Uma brincadeira.

— Não é exatamente um jogo. Eu não chamaria assim.

— E o que é, então?

— Puxa vida, chefe, não venha me perguntar o que ele tem escondido debaixo da manga. Cada vez é uma coisa diferente. É sempre uma novidade.

— Então por que está dizendo que não preciso me preocupar?

— Ele nunca matou ninguém ainda, é isso que eu quero dizer. Ao menos até onde eu sei.

A natureza daquela afirmação causou mais um choque em Tony.

— Matou! Está falando de assassinato?

— Falei que ele não matou ninguém — disse Lou. Sua voz era muito calma.

— Se você prestasse mais atenção ao que eu falo, teria escutado o que estou dizendo.

Então veio uma clareira onde as marcas da estrada sumiam no meio da grama.

— Ora, ora — disse Lou. — Parece que a gente se perdeu da estrada.

Tony parou o carro.

— Eles não estão aqui — disse ele. — Vai ver cometi algum engano no caminho. Acho que é melhor você sair.

— Sair? Para quê?

— Está na hora de sair do carro. Está bem?

— Na certa você vai me dizer por quê.

— Olhe, a gente já tem problemas de mais. Faça o que estou dizendo e pronto, está legal?

No caso de um assalto, o sensato é não resistir, entregar a carteira, não se mostrar valente diante de armas apontadas. Tony Hastings ficou pensando na sensatez contrária, estava pensando em que momento a não resistência se torna um suicídio ou a aceitação prática da negligência. Em que altura dos acontecimentos recentes se encontrava o momento em que ele poderia ter tirado alguma vantagem da situação, ou será que ainda era possível que um momento assim ocorresse?

Dois homens nos bancos da frente de um carro: o da direita manda o que está no banco do motorista sair do carro, o outro resiste. O motorista tem quarenta e poucos anos, é professor universitário, sedentário, sua mente vê muitas coisas, mas não se meteu em nenhuma briga desde a infância e não consegue se lembrar de ter ganhado briga alguma, nunca. O outro homem tem uma barba preta, veste jeans e parece seguro de si. O homem sedentário não tem armas, exceto sua caneta-tinteiro e seus óculos de leitura. O homem de barba também não demonstrou estar armado, mas parece saber que tem os meios necessários para fazer cumprir sua vontade à força. Pergunta: como o homem sedentário pode evitar ser jogado para fora do carro?

— Estou dizendo para você o que tem de fazer, só isso, e assim a gente não precisa usar nenhuma violência.

— De que violência você está me ameaçando?

O homem de barba saiu do carro em plena noite. Deu a volta por trás até o lado do motorista. Durante os poucos momentos que o homem levou para executar aquele movimento, Tony Hastings ficou espantado com a certeza de Lou de que Tony não iria partir com o carro nem atropelá-lo. Engrene o carro e vá embora daqui — tinha a mão no volante, o motor estava ligado. Claro que ele

teria de fazer a manobra na clareira. Um estalido metálico, a porta aberta de supetão, Lou estava parado junto a seu cotovelo:

— Fora! — disse ele.

Tony ergueu o olhar:

— Não vou ser deixado aqui.

Ainda não era tarde demais, caso ele conseguisse se movimentar com a rapidez necessária. O homem o mantinha seguro pelo braço, numa pressão de mordida de buldogue. Tony segurou a alavanca de câmbio e tentou engrenar a primeira, mas o homem deu um puxão e Tony caiu para fora do carro, estirado no chão.

— Você vai acabar morrendo se não obedecer às nossas ordens — falou o homem.

Ele entrou no carro, bateu a porta com força, deu uma arrancada para a frente, fez duas ou três manobras rápidas, depois desceu de volta sacolejando pela estrada por onde tinham acabado de subir. De pé na grama, Tony ficou olhando o sacolejante jato de luz dos faróis que iluminou os galhos das árvores por muito tempo depois que o carro se foi, antes de ficar completamente sozinho, no meio daquele ermo e da escuridão natural da noite.

* * *

Susan baixa o manuscrito. Que situação horrível, e vai ficando cada vez pior. Incomodada com Tony Hastings, mas o que teria feito se tudo aquilo acontecesse com ela? Antes de tudo, era preciso não estar naquele lugar, naquela hora, diz Susan.

Quer levantar. Fazer alguma coisa antes do próximo capítulo angustiante. No entanto, é melhor que ela não se mova. Vá em frente e pronto, veja o que vai acontecer.

O que pode acontecer com um homem que acaba de ser abandonado no meio da mata enquanto bandidos fugiram em seu carro com sua esposa e sua filha? Impossível responder sem conhecer melhor os bandidos, saber o que eles pensam que estão fazendo. Mas isto é uma ficção, o que modifica a pergunta. É um caminho que leva a algum lugar, inventado por Edward, mais adiante. A questão para Susan é: quero continuar? Como ela pode não continuar? Foi apanhada de surpresa, como Tony.

No chão onde os garotos jogam Banco Imobiliário, alguém solta um pum. Mike, o amigo de Henry, dá uma risadinha de deboche, he he he, Susan olha, pensa. Vê de costas seu querido filho Henry, seu traseiro gordo e largo, gordo demais, pobre menino. Sua Dorothy, de cabelos dourados, um ano mais velha, dá um soquinho no seu braço.

Nada encaixa, tudo está fora de lugar. É melhor eu ir para o banheiro, diz Susan. Não importa o que ela achará do livro dali para a frente, já pode dizer para Edward que de qualquer forma o livro prendeu sua atenção.

Isto é uma interrupção proposital na leitura de Susan, pois, na verdade, ela não precisa ir ao banheiro. Ela desce a escada e sai da escuridão. A lâmpada do corredor do segundo andar está queimada, é preciso pegar a escada que está no porão. Não esta noite. Do outro lado do cômodo, Henry está deitado de costas, o suéter levantado, coçando a barriga, eliminado do jogo, enquanto Mike distribui as peças no tabuleiro com um riso maldoso. Henry cantarola baixinho:

— Eu não ligo. Eu não ligo.

— Não seja bobo — diz Dorothy.

Martha se colocou em cima do manuscrito, torna-se pesada quando Susan tenta afastá-la dali. Susan recorda um trecho bonito de uma rodovia no verão, a estrada que desce de um morro, numa curva, e vai dar num vale de fazendas para depois subir de novo numa curva comprida, que leva a uma serra coberta de mata. Susan adora regiões tomadas por florestas. Adora serras com matas fechadas, vales amplos e paradas reconfortantes para lanchar em pequenos restaurantes acolhedores à beira da estrada, sobretudo depois de um dia demorado e cansativo ao volante, viajando pelas regiões planas de Indiana e Ohio. Aquilo tranquiliza seu espírito. Susan recorda a cantoria no carro, Dorothy, Henry e Rosie no banco de trás, Jeffrey que passa do colo de um para o de outro e Martha escondida embaixo. Canções de colônias de férias.

Retirada à força, Martha se sacode, ofendida, depois corre para a cozinha. Susan recorda o lago, a luz da manhã que cintila nos fios das teias de aranha embaixo das árvores acima da água, enquanto Arnold e Henry caminham dentro da água até a balsa, Arnold com a água até a clavícula, seus ombros vermelhos e sardentos, rechonchudos e moles, segurando Henry rente à superfície, com as duas mãos embaixo da barriga, enquanto o menino empina o queixo para fora da água feito um marreco e Dorothy nada por baixo da água uns seis metros à frente deles.

Susan recorda o chalé que Edward tinha na mata na época em que queria ser escritor. Impressões leves. Poemas confessionais curtos com tudo o que não foi dito. Textos breves e nostálgicos, sobre perda e dor. Mortes de pais. Cenas de portos soturnos. Sexo melancólico em bosques. Não era fácil ler Edward naquele tempo.

Isto agora é diferente. Ela admite, Susan, isto prende a atenção e exerce um poder sobre ela, e Edward maneja esse poder, quer ela goste ou não. Enquanto acompanha Tony Hastings em sua trilha de terror, ela sabe que vê aquilo que Edward quer que ela veja, sente aquilo que ele quer que ela sinta, sem o menor vestígio das afrontas cometidas por Edward tal como Susan as recorda. Edward tenso e nervoso, presunçoso e irritadiço, ainda não apareceu naquela paisagem solitária da Pensilvânia, onde ela e Tony encaram, junto com ele, o horror sem ambiguidades do que aqueles homens malvados (criados por Edward) estão fazendo. Não existe base para discutir com ele ainda, e Susan está grata por isso.

Tony Hastings ficou parado por muito tempo, olhando para o lugar por onde o carro tinha ido embora, agora tudo escuro. A noite era densa, ele tentava enxergar, com uma vaga consciência das diferenças entre as sombras, mas não conseguia distinguir as coisas, sentia-se cego. Meu Deus, disse Tony, eles foram embora e me deixaram aqui. Que tipo de brincadeira é essa?

Agora as matas na noite estavam em silêncio, ele não ouvia nada. Após um tempo a escuridão começou a clarear, não muito, mas um pouco, pelo menos estava mais claro do que antes. Tony se encontrava numa pequena área aberta no meio das árvores, podia ver o céu no alto. Via algumas estrelas, não muitas, não eram brilhantes, não eram aquilo que deveriam ser as estrelas nas montanhas. Consequia distinguir o topo das árvores e o céu, mas dali para baixo tudo ainda permanecia num negror impenetrável, uma cortina em volta da arena.

Certamente eles não esperam que eu consiga sair daqui sem uma lanterna, disse Tony. Que brincadeira será essa?

O silêncio começou a diminuir. Tony distinguiu um processo distante, não um som, mas a cópia de um som, identificado como caminhões em movimento na rodovia interestadual a quilômetros de distância. Não sabia dizer se os débeis ruídos murmurantes eram insetos no mato ou se estavam perto de seu ouvido. Em redor da área circular, a cortina revelou algumas formas. Tony viu três troncos e espaços abertos entre as árvores. Pôde ver o vão negro por onde o carro tinha ido embora. Pôde ver a estrada.

O que você está esperando?, disse ele. Era burrice supor que eles iriam voltar. Na verdade Tony nunca havia imaginado aquilo. A situação estava bem clara, ele tinha sido largado no meio do nada numa espécie de brincadeira de mau gosto, como um trote que um estudante do segundo ano de faculdade pregaria em um calouro, e Tony teria de encontrar sozinho o caminho para sair dali. Quem mandou querer viajar para o Maine numa só noite?

A única questão era saber se era capaz de encontrar o caminho para sair dali à noite. Não, aquela não era a única questão. Como agora já conseguia enxergar, Tony entrou na mata onde ficava a estradinha. Dominou o impulso de correr, estava longe demais para fazer isso. Cadenciou o passo, caminhou.

A estrada atravessava um regato estreito sobre uma ponte de toras e depois seguia em frente, serpenteando entre as árvores, fazendo curvas para um lado e para outro, subindo e descendo morros, passando por locais de mata fechada e áreas mais abertas com pinheiros esparsos. Laura e Helen estavam esperando por ele numa delegacia de polícia em Bailey, onde quer que ficasse aquela cidade. Preocupadas com ele, abandonadas por ele. O pensamento o deixou transtornado, como poderia mandar uma mensagem para elas? Estou bem, já estou a caminho, estou no meio da mata, é melhor vocês dormirem porque vou levar um tempo para chegar. Mais cedo ou mais tarde, vão mandar alguém para procurar por ele, mas vão se passar horas antes que entendam que isso é

necessário, e ninguém se lembrará de procurar numa estradinha perdida no meio do mato como essa.

Nunca virão me buscar, disse ele. Estou indo, estou indo. Se ele sentasse para esperar, nunca mais sairia dali. Era como se sua vida dependesse daquela caminhada pela mata.

Andava a passos pesados, na cadência mais constante que podia. Não era fácil manter o ritmo, porque a estradinha era acidentada e estava oculta pela noite, Tony tropeçava em pedras, metia o pé em buracos fundos e irregularidades, às vezes as árvores ficavam tão fechadas que a estradinha chegava a desaparecer. Tony não se lembrava de nada do caminho por onde tinha vindo. Chegou a uma encruzilhada, andou sem rumo, percebia que havia perdido a Tony e Susan estradinha a julgar pelo capim mais alto e mais denso que tinha debaixo dos pés, reencontrava a estrada e se mantinha nela apenas pelo tato dos pés, enquanto andava cuidadosamente de um lado para outro, as mãos estendidas à frente a fim de se proteger dos galhos. Seria mais fácil dormir e esperar a luz do dia. Mas tinha de percorrer uma distância tão grande para sair daquela mata, e mesmo depois disso ainda restaria uma grande distância a ser coberta, enquanto Laura e Helen esperavam.

Ofendido e ridiculamente humilhado. A raiva concentrada nos punhos, ele se esforçava para manter os passos num ritmo constante, desafiava a cegueira dos pés, dos dedos, dos calcanhares. Catalogava as idiotices praticadas por punks e outros moleques, o tipo de gente que fazia brincadeiras perigosas com carros de verdade numa rodovia, raptavam um professor universitário e o largavam no meio do mato à noite. Gente que acha que esse tipo de coisa é muito engraçado. Coisa de macho. Durões.

Tony Hastings estava ofendido, mas se recusava a sentir-se humilhado. Meu nome é Tony Hastings, disse ele. Ensino matemática na universidade. Semana passada, dei conceito F a três alunos de meu curso. Dei uma grande alegria a outros 15 alunos com um conceito A. Tenho Ph.D. A lei terá algo a dizer para Ray, Lou e Turk Deus sabe que sou uma pessoa pacífica, não gosto de conflito, mas, se a lei não resolver, esses caras que brincam de pirata na estrada podem aprender comigo uma boa lição.

O ultraje endurecia seu ânimo contra o risco de chorar. Na infância, os meninos maiores jogavam seu boné no chão com um tapa, o empurravam no riacho e corriam enquanto ele se levantava cambaleante. Eles iam aprender uma lição.

A distância pesou em seus pés, que tropeçavam a cada passo no esforço de vencer os quilômetros que se estendiam entre ele e seu destino. O tempo o mantém trancafiado numa cela e toma emprestado de si mesmo horas ocultas do resto do mundo. E se Tony deixar que a manhã volte antes que ele saia dali, e se ele se deitar no chão e fechar os olhos?

E se elas resolverem que não podem mais esperar? E se pensarem que ele fugiu? Ele tem de mandar uma mensagem para elas, antes que resolvam ir embora.

Agente firme, homem. Fale com ele, acalme o sujeito. Não há nada que você possa fazer, a não ser aquilo que está fazendo. Elas vão esperar. Tomara que

estejam tendo a bênção de um bom sono enquanto você procura seu caminho de volta a duras penas.

De volta para onde? A questão é esta: qual é a delegacia? O cara falou que você não estava pensando com muita clareza no assunto. Sabia muito bem que eles não estavam à sua espera em delegacia nenhuma. Sabia o tempo todo, mas seu pensamento se extraviava para outras coisas. Agora as razões chegaram. Eles não vão levar Laura e Helen para uma delegacia pela mesma razão que o deixaram no meio da mata. Deixaram você no meio da mata porque não estavam levando Laura e Helen para a delegacia. O que Tony Hastings sabia o tempo todo, mas só agora compreendia, injetando mercúrio em suas veias, fazendo um frio gelado disparar por dentro dele, transformando a raiva em terror. Pois, se não estavam levando Laura e Helen para a delegacia, para onde as estavam levando?

Agente firme, homem, disse ele. Nada a fazer, senão aquilo que está fazendo.

Alguns instantes depois, viu raios de luz branca através da mata à frente que subiam e desapareciam como se alguém balançasse uma lanterna. Em seguida ouviu o barulho de um carro roncando nas elevações e nas curvas da estrada. Sim, o carro, eles estavam voltando. A brincadeira imbecil e prolongada tinha terminado, eles estavam voltando — como Tony sabia que iam fazer, era só ter um pouco de paciência —, e toda a raiva e o terror se dissolveram num alívio. Graças a Deus!, disse ele.

O jato branco se aproximava, criava sombras grotescas de varas e lanças altas no meio dos galhos, contraiu-se de súbito num olho feroz e branco, visível por um segundo antes de se ocultar outra vez, um segundo que iluminou toda a floresta à sua volta, troncos, moitas, pedras e o próprio Tony Hastings, como um relâmpago e, no mesmo instante, acendeu um aviso em sua mente: esconda-se!

Correu para a árvore que o relâmpago havia deixado à mostra, apressou-se para chegar lá antes que a luz dos faróis pudesse reaparecer, depois atravessou correndo mais um trecho até uma pedra grande mais adiante, enquanto o jato de luz sacolejava atrás de uns arbustos. Por um momento toda a mata ficou iluminada de novo, mas só por um momento, pois de súbito houve uma escuridão completa e Tony ouviu o carro parar, os faróis foram apagados. Eles me viram, pensou Tony.

Ficou parado atrás da pedra alta, o medo pulsando dentro dele. Eles me viram no primeiro clarão dos faróis e agora estão me esperando para me dar uma lição. Eu tinha razão em ter medo.

— Ei, chefe! — A voz estava perto, ressoava entre as árvores. — Sua esposa quer falar com você.

Ele ficou quieto. Pensou: será verdade? Talvez fosse, pois se ela não estava ali, onde estaria?

— Ei, chefe. Sua esposa quer falar com você.

A voz tinha a melodia de uma armadilha.

— Chefe?

— Ah, merda!

Os faróis se acenderam num estalo, o chão da floresta ficou iluminado como

o cenário de um filme, e ele estava escondido atrás da pedra, na sombra. O carro arrancou e depois de um instante subiu pela estradinha na direção do lugar de onde ele tinha acabado de vir.

Parecia o carro de Tony. Ficou olhando sua silhueta, antes que o jato de luz sumisse atrás da mata adiante. Olhou com atenção, fazendo força para enxergar: elas estão lá? Viu duas cabeças de homem, saliências contra a luz, os dois, só os dois, tinha certeza de que eram só os dois e mais ninguém.

Todavia, podia estar enganado, era difícil saber quantas pessoas havia no carro olhando contra a luz e ao mesmo tempo tentando não ser visto. Tony foi para a estradinha, ficou ouvindo o som que ia morrendo enquanto o silêncio e a claridade da escuridão gradualmente voltavam. Qual é o problema com você, afinal?, disse ele. Por que não vai ao encontro delas?

Amaldiçoou a si mesmo por sua covardia, depois ficou escutando o silêncio. Paralisado, se perguntando: e agora, para que lado?

O toque brutal do telefone invade sua leitura, violando Susan na mata. É Arnold ligando de seu hotel em Nova York para saber como andam as coisas e faz o coração de Susan dar pulos. Diz que a ama, como se achasse necessário dizer aquilo. Dois minutos de conversa meio desajeitada, com pausas nervosas, dois estranhos casados há 25 anos. A entrevista dele será amanhã. Escreva isto: Instituto de Pesquisa e Prática Cardíaca Cedar Hall, em Washington. Conhecido como Chickwash. Uma diretoria. Quando ela desliga, está abalada como se tivesse brigado, embora não haja nem sombra de briga. Devia ficar aliviada, não é?

Enquanto isso, Tony Hastings está sozinho numa estrada cheia de capim, no meio da mata, e bastou um simples telefonema para Susan esquecer tudo isso. Ela afunda no sofá, tenta entrar de novo na mata de Edward, mas ainda treme por causa do telefonema de Arnold. Lê um parágrafo e não assimila nada. Tenta de novo.

[Animais noturnos 5 (continuação)]

Pense, diz ele. Você não está pensando. Para que lado? Porque se aquele carro que eles estavam dirigindo fosse mesmo o seu. E se Laura e Helen foram vistas pela última vez indo embora dentro dele. E se Laura e Helen estivessem dentro dele agora. Chefe, sua esposa quer falar com você.

Pense. Por que os caras dentro de seu carro estariam indo para o mesmo lugar perdido no fim do mundo onde ele tinha sido abandonado? Estavam trazendo sua esposa e sua filha para encontrar com ele. Devia ter esperado por eles. Devia ter ficado na grama, lá onde fora deixado. Em vez disso está aqui, sua covardia escondida atrás de uma pedra, sua incapacidade para sair dali e encontrar-se com elas. Laura e Helen no carro esperando que ele chegue, e ele não chega. E então lá foram elas estrada acima, para dentro da mata mais fechada, com seus raptos, traídas, abandonadas. Vergonha, depois dor, como se ele as tivesse renegado e as perdido para sempre.

Vá atrás deles. Depressa. Tony olhou na direção por onde tinham sumido. E de onde ele tinha vindo. Era impossível, não conseguia se mexer. Sem palavras, como por instinto, como a luz que havia se acendido e dito: “Esconda-se.” Você está louco, disse ele.

Algumas palavras se seguiram, explicando por que não podia ir. Elas não estão lá, diziam as palavras. Se fizer isso, você estará apenas indo atrás de Ray e Turk, de volta para suas mãos sádicas. Vai ter de passar por tudo aquilo outra vez. Só havia duas cabeças dentro do carro, Ray e Turk.

Então ele deu meia-volta e continuou na mesma direção de antes. A estrada estava mais fácil agora, mais larga, com menos buracos e pedras, não estava tão atravancada por moitas e galhos. Mas ele arrastava uma pesada corrente de dor

que tentava puxá-lo para trás. Tony resistia a ela, discutia com ela. Dizia: se elas estivessem no carro, também teriam me chamado. Ela teria dito: “Tony?”

Agora estava andando mais depressa, falando. A prova da ameaça, disse ele, é a maneira como tentaram atrair você agora há pouco. Também prova de burrice: será que achavam que apagando os faróis e desligando o motor iriam enganar você e levá-lo a pensar que não estavam ali, depois do trovão e do relâmpago de sua aproximação pela estrada?

Tony sentia a presença deles atrás de si, em silêncio no escuro. Em seu encaicho. Aquilo o fez andar mais depressa. Levou Tony a pensar por que teriam ido para lá, como se aquela questão só agora tivesse passado por sua cabeça. Ficou surpreso. Sim, disse ele, por quê? O que existe naquele lugar cheio de mato que leve alguém a me deixar lá e depois a fazer os outros dois voltarem?

Um local de encontro? Um esconderijo? Ele procurava explicações, mas sua mente se opunha ao esforço. Voltaram para pegá-lo? Essa opção foi eliminada quando seguiram adiante depois que o avistaram na estrada. Outras perguntas se seguiram, que Tony sabia que exigiam resposta. A questão de que tipo de jogo era o deles afinal. Queriam roubar seu carro? Talvez houvesse um lugar na mata onde pretendiam esconder o carro por um tempo. Muito bem, é uma teoria, mas por que levaram você para lá?

Pura maldade, um impulso sádico, isso explica tudo, disse ele. A pura diversão diabólica de dividir uma família e largá-los no meio da mata fechada, o mais distante uns dos outros que a noite permitir. Vamos ver quanto tempo vão demorar a encontrarem uns aos outros. Alguma coisa assim. Havia possibilidades piores.

Havia. Ele sabia disso, sabia muito bem, era um hábito de sua mente conhecer a pior hipótese, o pior de tudo. Sua vida era um enredo de catástrofes que nunca aconteciam. Porque, se de fato apenas Ray e Turk estavam dentro daquele carro lá atrás, então onde estariam Laura e Helen?

A imagem tola da delegacia de polícia continuava em seu pensamento, a esposa e a filha sentadas diante de uma mesa, tomando café, à espera de notícias, mas não, era outra imagem, a imagem do trailer na curva da estrada cercada pela mata, com a luz fraca por trás da cortina na janela. Era difícil não chorar enquanto falava, e sua voz agora era uma espécie de súplica, como uma prece. Se for um estupro, rezou ele, se tiver de ser estupro, ah, meu Deus, que isso seja o pior, que não seja nada pior do que isso.

Eco para Deus: que eles sejam maldosos e cruéis, se tiver de ser assim, mas que tenham um vestígio de contenção, que não sejam loucos, que não sejam psicopatas.

Tony percebeu que as árvores estavam mais esparsas adiante, um espaço aberto, plano e descampado, se deu conta de que era uma estrada pavimentada, ele tinha conseguido sair. Num instante estava fora da mata. Pisou na pista da estrada e olhou ao redor. A estrada seguia reta em ambos os sentidos. Percebeu um portão quebrado na entrada de um caminho na mata, uma tábuia branca presa a um pilar na diagonal, e tentou gravar aquilo na mente, pensando: identifique este lugar, pode ser útil. Virou-se para a esquerda a fim de refazer seu percurso com Lou, embora soubesse que seria uma caminhada muito longa antes

de poder encontrar alguém. Então atrás dele, na mata, ouviu o barulho do carro. Viu a aproximação de longe, a luz dos faróis de novo entre as árvores. De novo o alerta do medo: esconde-se na vala na beira da estrada. Ele resistiu. Você tem de encará-los, tem de perguntar a eles, disse Tony. Não pode se sentir tão intimidado. Ficou parado na estrada e esperou. O carro saiu da mata e virou para a direita, para longe dele. Tony ficou frustrado e aliviado.

Em seguida o carro parou. Eles me viram, disse ele. O carro deu meia-volta e veio na direção de Tony. Ele esperou na estrada. Vou perguntar onde estão Laura e Helen, disse. Vou perguntar o que pretendem fazer com meu carro. O carro se aproximou devagar, então de repente não estava mais devagar, os pneus cantaram, veio em sua direção em alta velocidade, os faróis abertos como a mandíbula de uma fera. Tony pulou às cegas para dentro da vala e caiu sobre coisas cortantes, enquanto as rodas do carro cuspiam cascalho em cima dele.

O carro cantou pneu de novo e parou. Em volta de suas luzes vermelhas e brancas, uma nuvem de fumaça subiu e se dissipou. Uma porta se abriu. Um homem saiu, parou na beira do acostamento, olhou para trás, uma sombra indistinta. Tony Hastings não se mexeu. Não sabia se podia. Tinha se cortado, galhos, arame farpado. Espinhos arranhavam a pele em volta de seus olhos. O homem deu alguns passos em sua direção. Ele olhou, pareceu demorar muito tempo. Voltou para o carro.

— Foda-se ele — disse.

As palavras foram ditas ao longe e não muito alto, mas Tony ouviu com clareza.

Temia que, ao darem meia-volta com o carro, eles o localizassem com a luz dos faróis enquanto ele ainda se encontrava incapaz de se mexer. Mas o carro fez a volta para o outro lado e passou perto dele ganhando velocidade.

Tony imaginou se não estaria gravemente ferido. Tinha se arranhado na testa e perto dos olhos, e as palmas das mãos estavam cortadas. Alguma coisa tinha cortado sua canela através do pano da calça e algo semelhante a uma vara de cerca tinha batido em sua barriga.

Abriu o arame farpado que o mantinha preso, experimentou mexer as pernas, levantou-se. Depois de alguns momentos, começou a andar com dificuldade pelo cascalho. A estrada, a mata, o céu da noite nebuloso, com poucas estrelas, tudo estava em silêncio, apenas se ouvia o som quase imperceptível dos caminhões na rodovia interestadual.

Estavam tentando me matar, sussurrou Tony. O pensamento atravessou as camadas superficiais de seu cérebro e penetrou nos vãos mais profundos onde ele nunca soubera que um pensamento podia chegar. Repetiu: queriam mesmo me matar. E se estavam de fato tentando me matar, acrescentou. Não terminou a frase. Aqueles deviam ser os piores pensamentos que ele tivera em toda a vida, e a seu redor tudo o que via era um mundo adormecido, a estrada, a mata, o céu, a destruição.

A pausa entre um capítulo e outro. Susan não quer fazer interrupção alguma e ergue os olhos para ver onde está. No cômodo ao lado, Dorothy, com o cabelo dourado, está estirada de costas no chão, os braços erguidos, cotovelo sujo. Seios. Mike, o amigo de Henry, olha para Dorothy com olhos semicerrados. Ela gostaria de se mexer, fazer alguma coisa. A aspereza na voz de Mike parece a de Ray no livro. Dali a três anos, Dorothy vai para a faculdade. Em Nova York, Arnold está no lounge enfeitado com bambu com quem mesmo? O doutor Estudante de Medicina?

Animais noturnos 6

Ele caminhou depressa pelo asfalto porque sabia que, se não o fizesse, acabaria ficando para sempre naquela estrada. Vazia, escura e maldita, apesar da vegetação negra das árvores. A estrada fazia uma curva, descia, a mata ficou mais alta. Tony chegou a uma bifurcação, por onde não conseguia se lembrar de ter passado em sua viagem com Lou. Arriscando a sorte, tomou o caminho da direita, que descia o morro, não parecia familiar. Ouviu o barulho de um carro que subia a estrada com esforço. Viu o farol que se aproximava e recuou para a mata, ficou lá até o carro passar. Não era o carro de Lou, nem o seu, mas poderia ter sido, e Tony achou mais prudente não se arriscar outra vez. E afinal de contas ser prudente parecia a mesma coisa que nada naquele mundo enfurecido em que ele andava sem rumo, fugitivo, com medo dos carros e dos homens, como se tivesse sido banido de sua própria espécie.

No entanto, olhava à frente. Para onde está indo?, perguntou. Para a polícia. Que polícia? A polícia de Bailey. Como vai encontrar a polícia? Telefone, na primeira casa que aparecer. Gente. Qualquer lugar em que houver gente.

Imaginando a hora em que iria encontrar uma cabine telefônica, apalpou o bolso à cata de moedas. Muito bem. Por favor, queria falar com a delegacia de polícia de Bailey. Desculpe, meu nome é Tony Hastings, de Ohio, estou com um problema. Socorro! O que foi que disse? Socorro!

Mas que cabine telefônica? Não precisa de nenhuma cabine telefônica, qualquer casa de fazenda serve para telefonar. Desculpe, será que eu podia usar seu telefone? Puxa vida, moço, o senhor me deu um tremendo susto, não está vendo que estamos no meio da noite?

Meu nome é Tony Hastings, sou professor de matemática numa universidade de que você nunca ouviu falar. Solte os cachorros em cima dele, não quero saber de nenhum estranho metendo o bedelho na minha propriedade no meio da noite.

Enquanto caminhava, Tony Hastings tentava olhar para a frente, para além de seus problemas momentâneos. Se for necessário, alugue um carro para o restante da viagem. Um telefonema para Roger McAllen pedindo para esperar

um ou dois dias antes de abrir o chalé.

Me desculpe por favor polícia estou ligando para saber se minha esposa e minha filha estão aí. O que você disse?

Três caras, os nomes são Ray, Turk e Lou. Ray tem uma cara triangular horrorosa e sarcástica, queixo pequeno, dentes grandes demais para o tamanho da boca, meio careca, tratem de dar uma surra nele. Façam um levantamento das acusações que podem ser feitas contra ele. Sequestro, assédio. Roubo de carro? Estupro?

O que você falou, comece pelo princípio, pelo amor de Deus. Desculpe, sou Tony Hastings professor universitário de Ohio em viagem para o Maine, estava dirigindo meu carro de noite, topamos com esses caras na rodovia interestadual, levaram minha esposa e minha filha, não foi só uma batida na estrada.

Olhando para além daquele problema, o que precisaremos fazer quando chegarmos vai depender de quando chegarmos. Posso reconsiderar alugar o barco veleiro de Jake Malcolm. Ah, que esperança tola e cega. Desculpe, eu não queria assustar o senhor, mas é uma emergência. Será que posso usar o telefone?

Nenhum problema é temporário antes que tenha terminado. Todos os problemas são potencialmente permanentes.

A estrada descia íngreme e sinuosa, ele não se lembrava de ter subido por ali. Agora estava claro que havia perdido o caminho por onde viera, provavelmente na bifurcação. Não fazia nenhum sentido voltar, ele já tinha ido longe demais para isso, e também não podia lembrar as curvas que tinham feito — e mesmo que se lembrasse, para onde o caminho iria levá-lo? Nenhum povoado, e qualquer povoado servia, qualquer delegacia de polícia, se não conseguisse encontrar Bailey. Desculpe, se o senhor puder mandar um aviso para as outras delegacias pelo seu teletipo computador telefone. Porque, apesar de não termos combinado nada de específico, uma delegacia seria o lugar natural para resolver a situação, sobretudo porque era o lugar onde imaginamos que nos encontraríamos.

A estrada se nivelou e as árvores sumiram de ambos os lados. Campos negros. Plantações, um vale, Tony podia ver a sombra de uma serra na outra extremidade. Apareceu um carro, seus faróis se aproximaram vindo de muito longe. Tony Hastings pulou para dentro da vala e esperou que o carro passasse. Bangor, Maine. Anos antes, ele tinha passado por um caroneiro, ou foi naquela mesma noite, o erro de Helen, ela quis dar carona para o homem. Tony nunca imaginou que a filha ia ter uma lição como aquela. Um momento depois, mais um carro. Tony estava cansado de se esconder dos carros. Achava que todos os carros com faróis acesos eram inimigos, mas também lembrava que ainda era Tony Hastings. Estava parado perto de um caminho que entrava por uma abertura numa cerca, preparado para correr rumo ao campo cheio do que parecia ser pés de milho, tão altos quanto ele, caso o carro reduzisse a velocidade. O carro passou rápido, sem parar.

A grande caixa perto da estrada, mais à frente, estava tomando a forma de uma casa, mas seu alívio morreu porque não havia luzes, e Tony não se atrevia a ser um estranho que ia acordar uma família no meio da noite. A estrada terminava numa outra, um pouco mais larga. Tony viu luzes à esquerda, mais

abaixo. Quem sabe agora, disse ele, finalmente.

Caminhou mais depressa, revigorado pela visão de um destino. Era um refletor de vigilância no alto, no canto entre o celeiro e o silo, que iluminava o terreiro entre o celeiro e a casa. A casa propriamente dita estava tão escura quanto a outra.

Viu luzes vermelhas e azuis bem fracas num letreiro de anúncio de cerveja acesas numa janela do outro lado, mas a não ser por isso a janela estava escura. Imaginou se um homem às voltas com um problema desesperador seria perdoado por acordar um desconhecido caso o problema fosse de fato desesperador. Mas Tony sabia que pessoas em fazendas isoladas tinham rifles sempre prontos para receber estranhos à noite (podiam ser Turcou Ray ou Lou).

Havia agora mais casas, logo depois que passava por uma casa, avistava outra, toda escura, exceto o pátio, sempre iluminado por um holofote. Ouviu um cão latindo atrás de um chiqueiro iluminado. Viu formas escuras semelhantes a pedras num campo e se deu conta de que eram vacas. Percebeu que estava enxergando melhor. Num aglomerado de árvores um pássaro começou a cantar, um tordo, e percebeu que o céu negro estava clareando.

Aquele enfraquecimento da escuridão significava o raiar do dia, a noite estava terminando. Aquilo trazia desespero, a chegada da luz do dia captava seu pesadelo como um fotógrafo e o tornava real. Trazia alívio. A pacificação do bom senso.

Bom senso, disse ele. Pense só quantas vezes você teve medo de uma tragédia porque Helen demorou a chegar em casa ou porque Laura não telefonou na hora combinada. Lembre-se do furacão. Mesmo assim nenhum daqueles desastres tinha acontecido, seu pai e sua mãe continuavam a tocar suas vidas, a família ainda era formada por Tony, sua esposa Laura, sua filha Helen.

Bom senso, porém. Eles bateram no meu carro e me forçaram a encostar na beira da estrada. Separaram-me de minha família e foram embora com as duas. Abandonaram-me no meio da mata num lugar isolado. Tentaram me atropelar, se tivessem acertado teriam me matado na hora.

Tony escutou com atenção as notícias terríveis que eram ditas dentro de sua cabeça. Elas estão mortas, disse a voz. Você sabe que estão mortas. Repetiu: Laura e Helen estão mortas. Aqueles homens tinham matado as duas. O bom senso lhe diz isso. Você sabe, você sabia disso o tempo todo, soube disso na hora em que viu os homens levando as duas embora pela estrada. A única questão era saber se já tinham sido mortas ou se isso ainda estava para acontecer. Se tinha havido um atraso, se ainda havia uma chance de salvá-las.

De propósito, Tony se voltou para suas lembranças, Laura com suas calças folgadas de viagem e com seu suéter preto, parada junto ao carro, Helen com o lenço vermelho em volta da cabeça sentada numa pedra na beira da estrada, mais abaixo, os dois rostos olhando para ele através da janela enquanto o carro partia velozmente.

Embora o céu ainda estivesse escuro, agora já dava para enxergar nitidamente os campos, os trechos com árvores, as serras em volta do vale, as casas e os celeiros. Os tordos estavam cantando nas árvores. Tony viu um carro se aproximando. Luzes, gente acordada. Não precisava mais esconder-se dos

carros, agora aquilo parecia loucura. Desculpe, moço, onde fica o povoado mais próximo, a polícia. Havia um ritual para aquilo, os gestos adequados. Estendeu o polegar e o carro passou correndo.

Outro carro em outra direção, ele se adiantou e estendeu o polegar de novo. Nada. Em seguida mais carros. Pessoas a caminho de manhã bem cedo. O gesto ritual não deu resultado. Quando veio mais um veículo minutos depois, uma van, Tony sacudiu as mãos acima da cabeça: socorro, socorro. A van tocou a buzina.

Sua cabeça apitou, os ouvidos zuniram, a noite insone abria buracos em seu crânio. O pátio iluminado e frio era semelhante aos outros que tinha visto, mas naquela casa havia uma luz acesa no segundo andar e outra no primeiro, na parte dos fundos. Ele ficou ali parado, o coração palpitando.

Tony avançou até o pequeno alpendre na frente da casa. A porta tinha uma janelinha, dava para enxergar através da cortina um canto da cozinha iluminada nos fundos. Tony girou a maçaneta para tocar a campainha, que tilintou com força. Uma mulher magérrima, de avental, apareceu na cozinha, olhou com as pálpebras semicerradas. Ficou parada onde estava. Um homem de camisa xadrez surgiu ao lado dela, de cabelo branco. Aproximou-se. Puxou a cortina para trás e espiou para fora pela janelinha da porta. Falou algo do outro lado do vidro. Tony Hastings não conseguiu ouvir por causa dos latidos do cachorro.

Tony gritou as palavras que trazia na memória.

— Desculpe, senhor.

A esposa estava atrás do homem, ela se curvou e o cachorro parou de latir. O homem abriu a porta alguns centímetros.

— Desculpe, senhor. Será que eu podia usar seu telefone?

— Para quê?

— Sofri um acidente.

O homem estava observando seu rosto.

— Alguém se feriu?

— Não. Quer dizer, eu não sei. Preciso de ajuda.

— Tem alguém com você aí fora?

— Não, estou sozinho.

— Está bem, então entre.

Acenderam a luz do vestíbulo. O telefone estava na mesa pouco depois da porta da frente. O cachorro era preto e branco e farejava Tony, sacudia o rabo, enquanto o homem o segurava pela coleira.

— Você parece que ficou um bocado esfolado — disse o homem. — Onde foi esse acidente?

— Eu não sei — falou Tony.

— Não sabe?

— Andei metade da noite sem parar.

— Se perdeu, não é?

— Não sou daqui.

— Bem, descanse um pouco. Se acalme. O que foi que aconteceu, estava viajando sozinho, pegou no sono ao volante?

— Não, não, minha esposa e minha filha.

— Esposa e filha? — perguntou a mulher. — Elas estão machucadas?

— Ele deixou as duas no carro — disse o homem. — Você quer uma ambulância, não é isso?

— Não é isso — falou Tony Hastings. — Não é isso. — Procurava palavras verossímeis a fim de trazer aquele pesadelo para o mundo.

— Quem sabe você não gostaria de usar o banheiro para se lavar — falou a mulher.

— Talvez ele prefira dar o telefonema primeiro — disse o homem. — Elas estão esperando por ele no carro.

— É pior do que isso — falou Tony Hastings. — Não consigo explicar. Não foi um acidente. Não foi exatamente isso. Nós encontramos aqueles caras. Minha esposa e minha filha. — Vamos, senhor matemático. Explique-se melhor: — Eles levaram as duas. Quer dizer, eu as perdi.

O homem e a esposa ficaram olhando para ele.

— Perdeu o quê?

— Minha esposa e minha filha.

— O que quer dizer com perdeu sua esposa e sua filha?

— A gente bateu no carro daqueles caras na estrada. Assaltantes. Criminosos. Eles nos forçaram a encostar o carro na beira da estrada.

— Filhos da mãe, esses moleques desgraçados — falou o homem.

— É difícil explicar. Levaram minha esposa e minha filha. No meu carro. Levaram-me para o meio do mato. Estou andando sem parar, metade da noite. Não sei onde elas estão. — Sentiu as lágrimas chegando. — Não sei como encontrá-las.

— Rapaz — disse o homem. — Como foi que você deixou que eles fizessem uma coisa dessas com você?

Tony balançou a cabeça, se defendendo. O homem e a esposa se entreolharam.

— Para quem a gente deve telefonar? — perguntou o homem.

— Hamilton? — disse a esposa.

— Ainda não deve estar acordado.

— Vamos acordá-lo?

— Quer tirar Hamilton da cama por causa disso?

— Quem é Hamilton?

— O xerife.

— Deve ter alguém acordado em Grant Center — disse a esposa.

— Será? Nada funciona antes das 8 horas.

— A prisão — disse a esposa. — A prisão funciona a noite inteira.

— Só o guarda noturno. Ele não pode fazer nada.

— Então acorde o Hamilton. Para que serve um xerife que fica dormindo a noite toda?

— A polícia estadual — disse o homem. — Eles ficam acordados a noite toda.

— Puxa, é claro, isso mesmo — disse a esposa.

— A polícia estadual. Era quem eu chamaria se estivesse no seu lugar.

— Está bem — disse Tony Hastings. — Como entro em contato com eles?

— É só procurar em Pensilvânia — falou a esposa.

— A polícia estadual. Bons homens. Profissionais. Eles vão ajudar você. São

os melhores.

— Você faz a sua ligação e depois vai se lavar — disse a esposa. — Vou preparar alguma coisa para você comer. Deve estar esgotado.

— O xerife não faria nada mesmo. A polícia estadual; eles é que vão resolver. A elite. O melhor que há.

Não eram amigáveis, eram atentos e prestativos. Ela foi à cozinha. O homem continuava a encarar Tony.

— Quero escutar o que você vai contar para os guardas. Não consigo entender, você disse que eles puseram sua esposa e sua filha no carro e as levaram embora. O que eles estavam fazendo? Ameaçaram você com uma arma?

— Não havia arma — disse Tony.

— Puxa vida, eu não consigo entender mesmo como foi que você deixou que eles fossem embora desse jeito.

— Eu também não consigo entender.

No entanto ele compreendia perfeitamente, pois tinha acontecido com ele. O difícil seria fazer os outros entenderem.

Susan Morrow, acompanhando Tony Hastings pela estrada na zona rural naquela alvorada assassina, se pergunta se consegue suportar o que está para vir. Como Tony, ela avalia as possibilidades. Sabe que Tony não faz isso, sabe que existe outra compulsão naqueles acontecimentos, a mão de Edward que cria destinos. O que acontece com Laura e com Helen depende do tipo de história que está sendo contada. Assim, enquanto Tony luta para manter a esperança, a leitura de Susan imagina Edward, que prepara algo insuportável. Todavia, mesmo enquanto tem medo, Susan o incentiva, dizendo: bom trabalho, Edward, você está indo bem. Susan está tensa não só por causa de Tony, mas por causa de Edward, imaginando como ele poderá evitar o anticlimax sem uma catástrofe.

Animais noturnos 7

Tony Hastings dentro de uma casa. Sentou-se na cadeira bamba perto do telefone junto à porta enquanto o velho fazendeiro procurava o número do telefone da polícia estadual. Pensar no que ia dizer, ele já tinha pensado nisso metade da noite. Pensou: tenho de lembrar, Tony Hastings, matemático, professor universitário, dar aulas e deixar tudo bem claro e explicado. Agir como Tony Hastings. Medo de que a polícia não lhe dê atenção, se não entenderem, um maluco, um pirado, um bêbado.

Sem nome, repulsivo, um vestígio de outros tempos em que sobreviveu na mata e saiu de lá. No entanto estava melhor ali, abrigado numa casa, numa cadeira, o zunido da campainha do telefone em seu ouvido, o velho fazendeiro e a esposa olhando para ele com atenção.

A voz lúgubre disse:

— Polícia estadual, Morgan falando.

O choque por ter de falar, mesmo assim Tony Hastings estava voltando à vida, se organizando, quem onde quando o quê por quê.

— Desculpe, meu nome é Tony Hastings. Sou professor universitário em Ohio e estou em viagem. Estou tentando encontrar minha esposa e minha filha. A Sra. Hastings. Ela por acaso telefonou?

Silêncio do outro lado, Morgan tentando entender a situação, um mau início.

— Qual é o seu problema, professor?

Volte à civilização, Tony. Quem onde quando o quê por quê? Tente o quê.

— Nós tivemos um problema na rodovia interestadual. Acho que minha esposa e minha filha foram raptadas.

Mais um longo silêncio.

— Precisa de uma ambulância?

— Não, preciso de ajuda, preciso de ajuda.

O silêncio era ostensivo. Comece por aquilo que seu público conhece, a polícia estadual:

— Estávamos viajando pela rodovia interestadual...

— Espere um instante.

Ele afundou num silêncio, ainda não acolhido, mas perdoado para ter uma segunda chance. Tony, porém, se deu conta de que não era necessário dizer do que tinha medo. Veio outro homem.

— Aqui é o sargento Miles. Posso ajudar?

— Sim, meu nome é Tony Hastings.

— Sim, Tony. Qual é o problema?

— Nós tivemos um problema na rodovia interestadual. Acho que minha esposa e minha filha foram sequestradas.

De novo o silêncio, o bastante para Tony perceber.

— Tudo bem, Tony. Relaxe. Deixe-me anotar seu nome e seu endereço.

Em seguida:

— O nome de sua esposa. E de onde está telefonando?

Tony olhou para o velho fazendeiro.

— Estou na casa de Jack Combs, em Bear Valley.

— Muito bem, Tony, se acalme e me conte exatamente o que você acha que aconteceu.

Não ligue para os silêncios céticos, para o tratamento condescendente, para as formalidades de linguagem, afinal Tony Hastings estava a salvo, de volta ao mundo que conhecia, com a organização, a mecânica e os corações civilizados para cuidar dele e protegê-lo dos horrores. O velho fazendeiro curioso e sua esposa escutavam com atenção, já não se mostravam pouco gentis, a casa era acolhedora, a luz crescente lá fora já adicionava um verde-claro à vastidão do campo do outro lado da estrada.

Tony estava de volta ao mundo com uma história para contar, um ouvinte invisível a anotava e dois outros estavam de pé na saleta, porque não havia lugar para sentar.

Ele começou:

— Noite passada, um pouco depois das 23 horas. Viajando pela rodovia interestadual a caminho do Maine. Fomos atacados por outro carro e forçados a sair da estrada.

Contou tudo aquilo, levou alguns minutos. Relatou a batida dos carros e como foram forçados a parar. Como os caras trocaram o pneu e foram embora levando Laura e Helen em seu carro, deixando-o para que Lou o levasse no carro deles. Contou como Lou o levou por muitas estradinhas até chegar finalmente a uma trilha cheia de capim que entrava pela mata, onde ele foi tirado do carro e deixado. Contou como caminhou sozinho no escuro, como viu o outro carro chegando, mas se escondeu, contou que o carro voltou mais uma vez e que os dois homens tentaram atropelá-lo. Contou como havia caminhado muitos quilômetros até encontrar uma casa, a de Jack Combs, com a luz acesa.

Teve a impressão de que contar a história o deixava a salvo. A polícia já estava com as informações, o perigo fora dispersado, ele tinha voltado das regiões selvagens para cinco mil anos de progresso, numa casa aquecida, provida de telefone e computador, rádio e um especialista treinado. Nada de ruim podia acontecer agora. Na aquecida casa do fazendeiro, com o aroma do café da

manhã no ar, apesar do pensamento louco que não queria desaparecer e que dizia: você ainda não as encontrou.

O sargento Miles fez perguntas. Por que saída você deixou a rodovia interestadual? Tony não sabia dizer. Descreva os três homens. Fez isso com imprecisão. Descreva o carro deles. Aquilo era mais difícil. Número da placa? Lembra alguns pontos de referência durante o trajeto que fez com Lou? (Lembrou-se da igreja branca. Lembrou-se do trailer acima da curva na estradinha da montanha, com a luz acesa na janela.) Tem certeza de que eles queriam atropelar você? Você seria capaz de refazer o caminho até a mata, a partir do lugar em que está agora? Ah, como era bom ouvir perguntas, Tony nem imaginava quanta vida ele havia perdido até as perguntas devolverem aquilo para ele.

Por fim o sargento disse:

— Obrigado, Tony. Vamos investigar e depois telefonamos.

— Espere!

— O que foi?

— Não posso ficar aqui.

— Ah, espere um minuto.

O telefone ficou mudo.

Tony lançou um olhar para seus anfitriões, que desviaram os olhos. Estranhos nos arredores de um povoado no início da manhã, bons o bastante para permitir que ele desse um telefonema, não posso ficar aqui — mas onde é que ele poderia ficar, com a esposa e a filha desaparecidas, seu carro sumido e nada senão as roupas do corpo e a carteira?

O telefone deu um estalido e voltou à vida.

— Tony? Vou dizer o que você vai fazer. Vamos mandar um homem até aí para pegá-lo. Espere aí mesmo.

— Está bem.

— Daqui a meia hora ele vai chegar aí.

Então estavam vindo para buscá-lo, iriam cuidar dele, a boa polícia, consoladora e paternal. Tony queria demonstrar alegria, mas o fazendeiro e a esposa estavam olhando para ele.

— Vou lhe dar alguma coisinha para comer — disse a Sra. Combs.

Ela ofereceu-lhe bastante comida na mesa de cozinha coberta por uma toalha xadrez, sob a luz bruta da lâmpada pendurada num fio, enquanto o marido saía para fazer as tarefas matinais do celeiro, por isso havia acendido as luzes que Tony tinha visto mais cedo. A mulher tinha um ar cauteloso, não respondeu a suas palavras de agradecimento, e Tony comeu em silêncio.

— Eu nunca viajei — disse ela. — As pessoas são diferentes em regiões estranhas para a gente. Nunca se sabe o que essa gente pode fazer.

Tony fez que sim com a cabeça. Estava de boca cheia. Crítica disfarçada de solidariedade, sim, senhora, pensou ele, acontece que foi na sua região que encontrei essa gente estranha que a gente nunca sabe o que pode fazer. No entanto, estou grato pela boa polícia e pelos anfitriões gentis, embora cautelosos.

Quando chegou o carro da polícia para apanhá-lo, já era dia claro, embora o sol da manhã continuasse atrás de um morro. O carro tinha um escudo oficial na

porta e uma fileira de luzes no teto. As luzes estavam apagadas. O policial era um jovem grande, de bigode marrom pequeno e eriçado e testa larga. Parecia um estudante de comportamento infantil que, no ano anterior, ficava indo a seu gabinete toda hora para pedir ajuda, Tony não conseguia lembrar o nome dele.

O policial falou:

— Sou o policial Talbot. O sargento Miles me mandou dizer para o senhor que não há nenhuma notícia de sua esposa e de sua filha.

Que frustração. Tony se deu conta de que esperava receber a qualquer momento a notícia de que Laura e Helen tinham telefonado. Pensou: ainda não são 8 horas, a maioria das lojas e escritórios ainda não abriu.

O grande e jovem estudante em uniforme de policial deixou o motor do carro ligado e falou em seu microfone. O rádio estalava com vozes masculinas mecânicas e lúgubres. O guarda Talbot parecia sério, soturno. Falou:

— O senhor tem certeza de que não combinou nenhum lugar para vocês se encontrarem?

— Sim, combinamos um lugar, a delegacia de Bailey. Só que em vez disso eles me levaram para o mato e me largaram lá.

— O que é Bailey?

— Eles me disseram que era a cidade mais próxima. Era para a gente ir para a delegacia de Bailey.

— Nunca ouvi falar de nenhuma Bailey. Não existe nenhuma delegacia de Bailey, disso tenho certeza.

Mau, mau — embora a notícia não representasse nenhuma surpresa, na verdade.

— Era o que eu temia.

Partiram, o carro da polícia seguiu na direção oposta àquela por onde Tony tinha vindo. De forma inesperada, ele sentiu medo, como se estivesse deixando algo para trás. Imediatamente perdeu as referências de seu novo trajeto, não conseguia se lembrar das curvas nem dos frequentes povoados por onde passavam. Como se ao viajar naquele carro protegido e blindado tivesse deixado para trás o pesadelo, mas ao mesmo tempo tivesse destruído as marcas do caminho de volta até lá e, portanto, do caminho de volta até a vida. Lembrou que Miles tinha perguntado se ele conseguiria refazer seu caminho para o lugar de onde tinha vindo até chegar à casa dos Combs e Tony pensou: será que eu não devia pedir a Talbot que me ajude a refazer meus passos até lá? Mas ele não fez tal sugestão, com medo de que houvesse algo de vergonhoso naquilo.

A região estava amarela e verde, o ar fresco e oscilante na luz da manhã. As estradas rebrilhavam negras sob o sol. Seguiam ligeiro no alto das encostas dos morros que davam para vales amplos repletos de plantações e trechos de mata, desciam para bosques densos, subiam em curvas e galgavam montes em retas compridas, reduziam a velocidade ao passar por povoados, passavam por séries de casas de fazenda, telheiros, milharais e outras plantações e pastos com vacas, porcos e ovelhas nos aclives em frente à estrada e negros trechos de mata e árvores no topo dos morros. Tony pensou como seria bela aquela região se tivesse Laura consigo para dizer aquilo.

A delegacia de polícia era um prédio novo, de tijolos, de um só andar,

cercado por alambrado, na periferia de uma cidadezinha. Havia vacas do outro lado da cerca e um motel do outro lado da rua. Tony Hastings seguiu o policial Talbot ao longo de um corredor e de um quadro de avisos, e passou também por uma sala com um balcão até chegar a outra sala com duas escrivaninhas. O homem na escrivaninha no canto mais afastado da sala levantou-se.

— Sou o tenente Graves. O sargento Miles foi para casa.

O tenente Graves era um homem pequeno de bochechas redondas e queixo miúdo, feito um esquilo de desenho animado, e bigode preto que descaía abaixo da linha da boca de ambos os lados. Seus olhos ou o formato do rosto lhe davam um aspecto um pouco semelhante ao de Ray, de noite. É melhor eu não ficar olhando para ele, pensou Tony. Tinha medo de que o rosto do tenente apagasse sua lembrança do rosto de Ray. Enquanto Tony sentava na cadeira junto à escrivaninha, o tenente Graves leu o documento escrito à mão que estava sobre sua mesa. Era um leitor vagaroso e levou muito tempo para terminar a leitura. Então pediu que Tony repetisse sua história. Anotou-a num bloco de folhas de papel amarelo pautadas, embora Tony não conseguisse entender como ele era capaz de comprimir tanta coisa em tão poucas palavras trabalhosas. Quando terminou de contar a história, o tenente repetiu as perguntas que o sargento Miles tinha feito. Ficou parado muito tempo, com o queixo apoiado na mão.

— Bem — disse —, já expedimos um alerta para os dois carros. Isso deve trazer alguma informação. Não sei o que mais podemos fazer a não ser esperar. — Olhou para Tony. — Enquanto isso, o senhor está sem carro. Tem algum lugar para ficar?

— Não.

— Tem um motel do outro lado da rua. — Rabiscou algo num cartão. — Aqui está o telefone do táxi, se quiser chamar. E dinheiro?

— Tenho cartões de crédito. Meu talão de cheques ficou na mala, que está no carro. E todas as minhas roupas.

— Tem um banco na Hallicot Street. Abre às 9 horas.

— Obrigado.

— Ainda é cedo. É muito provável que tenham ido dormir em algum lugar.

— Onde? — perguntou Tony.

O tenente pensou. Fez que sim com a cabeça.

— Devo reconhecer que não parece ser um bom sinal o fato de ninguém ter telefonado até agora. Mas o senhor sabe o que estou pensando. Talvez tenham deixado as duas em algum lugar parecido com o lugar onde deixaram o senhor e elas vão levar um certo tempo para andar até algum local habitado. Querem ter um tempo para poder levar seu carro para bem longe.

— É o que eu estou imaginando também — disse Tony, querendo dizer que era aquilo que ele desejava, sem dizer o que ele estava de fato pensando.

O tenente batia de leve com o lápis na testa, como se também estivesse pensando outras coisas.

— O senhor quer ficar no motel?

— Acho que sim.

— Vamos ligar para o senhor se tivermos alguma novidade.

Tony Hastings atravessou a rua até o motel.

— Não tem carro? — perguntou a mulher gorda.

— Foi roubado.

— Puxa, não brinque! Então era isso que o senhor estava fazendo na po-lícia. O que pode me dar como garantia?

— Cartão de crédito.

O motel tinha cheiro de plástico e ar-condicionado, e as cortinas fechadas, grossas e marrons, criavam no quarto uma escuridão irreal. Tony deitou-se na cama com a roupa do corpo e imediatamente a noite estava de volta, com vento e um rodopio de nuvens galácticas. Ray sentado no capô do carro dizendo: não leve tudo isso tão a sério, cara, a gente estava só fazendo uma brincadeira. Mas aquilo era um sonho, pois agora ele estava acordado e atravessava o pátio da delegacia de polícia onde viu, lavado e reluzente sob o sol, seu carro, devolvido em perfeitas condições. Seu coração deu um pulo quando ele entrou na delegacia. Laura e Helen estavam num banco da recepção, estavam lá, e levantaram-se de um pulo e correram para ele, sorrindo de alívio, abraçando, beijando e dizendo:

— Estamos bem, eles só queriam que a gente conhecesse os amigos deles no trailer.

E Tony Hastings as segurou dizendo:

— Não é um sonho, é? Não pode ser um sonho, porque é real demais para ser um sonho.

O barulho horrível do telefone sobre a mesa perto de seu ouvido. Ele agarrou o fone para que parasse de tocar, o coração esmagado.

— Tony Hastings? Tenente Graves. Más notícias.

Viu uma teia larga aberta embaixo das árvores presa em alguns troncos a fim de apanhar qualquer coisa que pudesse cair dos galhos altos.

— Acharam seu carro no rio depois de Topping. Parece que estavam querendo se livrar dele.

Os fios da rede se uniam em nós brancos, pontos, sinais, pulsos, a largos intervalos por todo o campo.

— E quanto à minha esposa e à minha filha?

— Ainda nenhuma notícia.

Para apanhar frutas, corpos.

— Não estavam no carro?

— O carro estava vazio. Estão puxando para fora do rio.

Tony olhou o relógio de pulso. Tinha dormido meia hora, eram só 9h15. Será que aquilo era a ideia que o tenente Grave tinha do pior que podia existir em matéria de más notícias?

— O que o senhor conclui disso? — perguntou Tony.

— Não sei o que concluir disso.

Um silêncio enquanto puxavam a rede e enrolavam.

— Senhor, estamos passando o caso para o tenente Andes. Ele quer fazer

uma busca. Ele pode ir aí e pegar o senhor daqui a alguns minutos?

O corpo de Tony Hastings cheio de sacos de areia.

— Estou pronto agora mesmo — respondeu.

Se Susan quiser saber o que aconteceu, terá de continuar lendo. Ouviu a partida de Banco Imobiliário chegando ao fim. Mike de voz áspera puxa Dorothy de seios macios para que ela fique de pé, enquanto o gordo Henry se levanta sozinho e com esforço. Passam pela sala de estar até chegarem ao vestibulo.

— Boa noite, Sra. Morrow.

Ele tem um nariz pontudo e um queixo pontudo, cara branca e boca sorridente. No vestibulo, Dorothy toca com o cotovelo o ombro de Mike e sorri com ar insolente para ele. Susan Morrow tem uma tendência meio pudica e prefere que tudo aconteça fora do alcance de seus olhos, assim ela não precisa falar nada. Alguém dá um tapa nas costelas de alguém. Ufa! Seu escroto. Risadinhas e bufos no vestibulo, ei, o que é isso. Susan Morrow de fato tem uma tendência pudica: se seus amigos não sabem o quê, as pessoas não dizem onde.

Do outro lado da parede, voz nasalada e alta:

— Boa noite, Sra. Morrow, foi uma ótima noite.

Assovio, risos. Susan precisa de mais o capítulo, ainda vai demorar um tempo. Dizer para Edward: você sabe como prolongar as situações.

Animais noturnos 8

O carro de polícia na frente do motel, um homem em uniforme de policial ao volante, outro homem à direita, de terno marrom. O homem de terno falou:

— Tony Hastings?

Estava de chapéu e brandia a mão para fora da janela entreaberta, como se fosse para apertar a mão de Tony. Tony sentou no banco de trás.

— Prazer — disse o homem. — Sou Bobby Andes. Vou cuidar do caso.

— Vocês acharam meu carro?

— Foi encontrado — respondeu Andes.

— Dentro do rio?

— Escute, Tony. Você acha que consegue refazer o caminho que percorreu até o lugar onde estive na noite passada?

— Fiquei bastante confuso. Mas podia tentar.

— Deixe-me ver se entendi direito — falou Bobby Andes. Era um homem baixo e gordo no banco da frente do carro, mas seu chapéu era grande, bem como sua cabeça, e as bochechas redondas cobertas por pontos vermelhos e ásperos, causados pela lâmina com que tinha acabado de se barbear. Apresentado ao telefone como tenente Andes. — Dois daqueles caras foram embora no seu carro com sua esposa e sua filha. E você tinha combinado de encontrá-los na delegacia de polícia nesse lugar chamado Bailey, que não existe.

— Isso mesmo.

— E eles chamavam um ao outro de Ray e Turk?

— Sim.

— E você foi com o outro cara no outro carro... o tal que eles chamavam de Lou.

— Sim.

— Como foi que vocês foram separados desse jeito?

— Estou tentando entender isso desde a hora em que aconteceu.

— Eles entraram à força no seu carro?

— Na verdade, sim.

— Na verdade?

— Bem, sim, fizeram isso. Eu diria que entraram à força.

— Sua esposa e sua filha tentaram impedi-los?

— Eu diria que sim, tentaram impedi-los.

— E você tentou impedi-los?

— Não havia muita coisa que eu pudesse fazer.

— Eles estavam armados?

— Tinha alguma coisa, não sei o que era.

— Você viu?

— Eu senti.

— Muito bem — disse Bobby Andes. — Vou lhe dizer uma coisa. Se levamos você de volta para a casa de Jack Combs, você acha que conseguiria refazer seu caminho a partir de lá?

— Como eu disse, podia tentar.

— Então está certo, você tenta. Vamos.

O homem de uniforme dirigia muito depressa e Tony Hastings não conseguia acompanhar o caminho. Ninguém falava. Seguiram pela parte de trás de Grant Center, passaram por postos de gasolina e por um pátio com carros usados para vender e com depósitos de botijões de gás, e passaram por uma rua de mansões brancas e árvores arqueadas que faziam muita sombra. Saíram numa estrada aberta, num vale de campos planos, densas sombras verdes, o sol alto agora e um par de telhados de casa no morro do outro lado do vale, refletindo o sol como espelhos. O alto-falante no carro estava sem parar com vozes de policiais no rádio e Tony não fazia a menor ideia de onde estava.

Bobby Andes tirou o volume do rádio. Falou:

— Vamos esclarecer mais algumas coisas. Você disse que o tal de Lou levou você de carro para o meio do mato e deixou você lá, não foi?

— Ele me obrigou a dirigir o carro.

— Mas ele fez você ir para o tal lugar e largou você lá?

— Sim.

— E quando você saiu andando, viu os caras voltando, não foi?

— Sim.

— Tem certeza de que eram eles?

— Plena certeza.

— Qual era o carro?

— Acho que era o meu carro.

— Com Ray e Turk?

— Acho que eram.

— Como você sabe?

- O jeito, a voz, não sei.
- Dava para enxergar no escuro?
- Não muito bem. Eles apagaram os faróis, pararam e chamaram por mim.
- O que disseram?
- Disseram: chefe, sua esposa quer falar com você.
- Por que não foi com eles?

Embora Tony estivesse satisfeito com o esforço para explicar as coisas, não estava gostando da maneira como as perguntas do tenente Andes o obrigavam a conduzir tudo para um rumo convencional. Tony tentou pensar num jeito de dizer por que não tinha atendido o chamado dos homens.

- Eu estava com medo.
- Você acha que estavam com elas?
- Com quem?
- Sua esposa e sua filha?

A recordação fez Tony tremer. Havia um cartaz com a figura de um caubói, reluzente sob a luz do sol, na periferia de um povoado. Tony falou:

- Não sei. Na hora achei que não.
- Onde você achou que elas estavam?
- Achei que se elas estivessem lá teriam falado comigo.
- Mas você não tinha nenhuma teoria para o lugar onde elas estavam?

Tony Hastings tentou se recordar do que tinha passado por sua cabeça naquela hora. Pensou que elas estavam na delegacia de polícia de Bailey. Que elas estavam no trailer junto à curva atrás da cortina na janela com uma luz acesa. Que tinham sido abandonadas em outro local cercado pelo mato, como ele mesmo tinha sido. Ou algo pior. Ele disse:

- Não lembro o que pensei.
- Muito bem. E aí um pouco depois o carro apareceu de novo. O que aconteceu dessa vez?
- Resolvi me aproximar deles, mas tentaram me atropelar.
- Onde foi isso?
- Na estrada principal, onde a estradinha de terra sai da mata.
- Bobby Andes tinha um caderno, anotou algo nele.
- Então o tal cara levou você para aquele lugar e largou você. E os outros foram até lá depois, entraram e saíram de novo.
- Parece que foi isso que aconteceu.
- O que você conclui disso?
- Não sei o que concluir.
- Bem, eu acho melhor a gente encontrar essa estrada na mata. Não acha?

O que esperavam encontrar lá? De repente, não, nem tão de repente assim, ele tinha visto aquilo o tempo todo, mas era ao mesmo tempo uma nova descoberta. Tony Hastings notou a caverna onde sua esperança costumava ficar, fria, vazia, despojada, um vácuo de futuro, como se aqueles homens o estivessem ajudando a procurar algo que já não existia. Foi o ato de refazer seus passos vazios que fez Tony sentir aquilo, passos vazios rumo a estradas vazias, matas vazias, carros vazios. Uma simulação de busca, de modo que ele pudesse dizer que havia procurado, tinha tentado. Como não havia mais nada que pudesse

pensar em fazer. Aquilo o levava a se dar conta de que não havia mais nada que ele pudesse pensar em fazer.

Perguntou-se por que haviam parado na frente daquela casa — pequena, de tijolos, com janela de esquadria branca, um pátio sujo entre a casa e o celeiro.

— Muito bem — falou Bobby Andes. — Consegue refazer o caminho a partir daqui?

Tony pensou: se ele havia demorado tanto a reconhecer a casa dos Combs à luz clara da manhã, como conseguiria reconhecer seu caminho se o havia percorrido durante a noite escura? Embora estivesse gravado a fundo nos sonhos que ele ainda não tivera tempo de sonhar.

— Vim por aquele caminho — disse ele.

Fazer o caminho inverso. O pânico reiterado e pungente — “Vá devagar” —, porque nada era familiar, nem mesmo o aspecto geral do vale que ele havia criado em sua imaginação, com base nas vagas sombras da noite. Aquele vale agora se mostrava menor e esburacado, a estrada fazia curvas para um lado e para o outro, mais vezes do que Tony havia imaginado, as fazendas eram pequenas e iam ficando cada vez menores, a estrada ia de encontro à mata, cortava fatias da mata, e, no entanto, a intervalos seu pânico latejava diante da visão de algo que ele reconhecia, em geral quando estava passando ou quando já havia passado pelo lugar e olhava para trás, da direção de onde ele tinha visto aquilo em seu caminho durante a noite — caixa de correio, cerca quebrada, casa com alpendre e barracão de ferramentas, ponte estreita sobre o riacho.

A estrada subia ao deixar o vale para trás e entrar na mata, e ele recordou a pressão dos pés na descida. As árvores estavam esfarrapadas, ele não sabia disso, e depois se adensavam e ficavam mais altas, uma floresta alta nos lados de um morro interminável, que ele também não havia percebido. Chegaram a outra estrada plana que avançava pela encosta do morro, um cruzamento, o que deveria ser um ponto de referência em sua memória, mas que ele não conseguia identificar. Assim, tomaram a estrada plana e pararam, e então Tony se lembrou da curva que tinha feito para baixo e deduziu a curva para a esquerda que agora deviam fazer.

Vinha uma estrada da direita, mais de cima, a bifurcação de que ele se lembrava em seus pesadelos acordado como o provável ponto de desvio da rota original com Lou, a rota onde estavam a igreja perdida, a curva na montanha e o trailer mal iluminado. Agora não parecia muito uma bifurcação, a estrada que vinha de cima era mais estreita e fazia uma curva muito abrupta, não admira que ele não tivesse notado.

Durante todo o tempo, Laura e Helen estavam em sua cabeça e perguntavam: para onde você está indo? Tony tentou tirá-las do passado e do futuro, onde elas distraidamente ocupavam seus lugares de costume, batendo papo e fazendo brincadeiras, e tentou colocá-las no presente concreto, pois a questão era apenas onde vocês estão e o que estão fazendo neste exato momento? Parou e prestou atenção, tentando escutar ou ver algo, e no silêncio ouviu o silêncio delas bater com estrondo naquela quietude, como um raio, e viu seus rostos parados, congelados num bloco de mármore. Tony tentou trazê-las de volta à vida — afinal, elas deviam estar vivas em algum lugar, depois de sabe-se lá

que espécie de experiência traumática, como a que ele mesmo tivera — e as postulava continuamente logo após cada nova curva da estrada: agora elas estão lá! Andando pelo meio da estrada, mãe e filha, jeans lenço calça folgada de viagem suéter escuro. Por que não estão aqui? A gente nunca encontra aquilo que está procurando na hora em que está procurando, ou se encontra chama isso de milagre. Outro motivo para o terror, como se a mera busca da esposa e da filha naquelas estradas vazias onde elas obviamente não estavam fosse a maneira mais segura de garantir que elas nunca estariam lá.

— Lá! — falou Tony Hastings.

Antes, muito antes do que ele esperava: o portão quebrado, a tábua branca na diagonal, memorizada para identificar a entrada da estrada na mata da montanha, que agora parecia ainda menos uma estrada, um caminho, uma senda, duas trilhas paralelas.

Pararam. O tenente anotou em seu caderno.

— Então foi por aqui que eles o levaram?

Tony Hastings viu a vala na beira da estrada, o arame farpado, os arbustos do outro lado da vala, mais rasa, mais próxima da estrada do que aquela em que ele havia pulado em seu pesadelo.

— Quer seguir? — perguntou o motorista.

Bobby Andes olhou para Tony.

— Adianta alguma coisa fazer isso? — perguntou.

Tony Hastings gelado, paralisado, desanimado, com medo.

— O que vamos procurar?

Bobby Andes olhou para ele de novo. Tinha cabelos nas narinas e pequenos pontos rosados flutuavam úmidos no canto dos olhos gordurosos.

— Muito bem — disse ele. — Vamos dar uma conferida nos outros locais de seu percurso.

— Não havia muita coisa para ver — disse Tony.

Deram meia-volta e pela segunda vez Tony Hastings deixou para trás o caminho da montanha, com uma segunda pontada de agonia por separar-se de seu amor, que lá estava prisioneira e que ele abandonava de forma covarde. Suplicando para que ela compreendesse a razão.

Pararam no ponto onde a estrada que vinha de cima se unia à outra.

— Perdi meu caminho em algum lugar quando saí da mata — Tony lembrou aos policiais —, mas acho que deve ter sido aqui.

— Faz alguma diferença — disse Andes. — Essa estrada atravessa o topo da serra, vindo do vale que fica do outro lado.

— Se ele veio por essa direção na certa tomou a saída no Bear Valley — disse o motorista.

— Vamos lá ver.

A estrada subia sinuosa e dali a pouco estava descendo. Passaram por uma curva com um velho trailer branco no meio das árvores mais acima.

— Lá está o trailer! — disse Tony.

Nenhum carro estacionado.

— Vá em frente, passe direto, não reduza a velocidade — disse Andes. Estavam indo depressa e o trailer logo ficou fora de vista.

O trailer devia estar parado ali havia anos, com árvores jovens que cresciam a toda volta e bloqueavam seu caminho.

— Tem certeza? — perguntou Andes.

Em seguida a igreja branca.

— Foi essa a igreja que eu vi, tenho certeza disso. Não sei se adianta alguma coisa.

— O que aconteceu? O cara parou lá?

— Não, achei que eu tinha visto meu carro parado ali. Ele disse que não era o meu carro e eu podia muito bem estar enganado.

— Vamos verificar isso.

Desceram num povoado com uma estufa de plantas que Tony Hastings reconheceu.

— Saída de Bear Valley, cada vez mais óbvio — disse o motorista.

Havia placas para a rodovia interestadual, depois a rampa da entrada e o viaduto da rodovia que cruzava por cima. Pararam o carro de novo.

— Acha que consegue localizar o ponto onde parou?

— Na rodovia interestadual? Vai ser difícil.

— Bem, também ia ser uma tentativa com pouca chance de sucesso.

— Tentativa de quê?

— Podem ter deixado alguma pista, quem eram eles, marcas, pegadas, esse tipo de coisa.

— Foi no acostamento asfaltado.

— Sei.

Ficaram parados na estrada rural junto à entrada para a rodovia interestadual. Bobby Andes estava pensando. Falou:

— Eles tomaram a estrada e, quando viram você, apagaram os faróis e o chamaram, não foi? Por que será que apagaram os faróis?

— Quem dera eu soubesse a razão. Vai ver acharam que podiam se aproximar de mim sem serem vistos.

Andes riu, sem alegria.

— E eles foram lá em cima, voltaram de novo e tentaram atropelar você?

— Sim.

Andes estava batendo com o dedo em seu caderno.

— Detesto dizer isso, mas acho que é melhor a gente ir dar uma boa olhada naquela estradinha da montanha.

Tony Hastings ficou tenso, como se tivessem acabado de falar algo fatal.

— Vá pelo caminho de McCorke — disse Bobby Andes para o motorista. Ele se virou para trás e explicou para Tony: — Vamos passar pelo outro lado, de modo que a gente não precise passar pelo trailer. Para o caso de haver alguém lá e ver o carro de polícia passar duas vezes.

Foram depressa, uma subida acentuada pela encosta da serra. Tony levou muito tempo antes de conseguir perguntar:

— O que esperam encontrar naquela estrada?

— Vamos descobrir quando descobirmos — respondeu Bobby Andes. — Nada, eu espero.

Segundo andar, água caindo, Dorothy tomando banho. Susan Morrow folheia o livro mais à frente, tentando não ver as palavras, encontra Parte Dois não muitas páginas adiante. Que triste, pensa ela. Tristeza nas notícias que estão por vir, que ninguém menciona, mas que todos aguardam. Ela procura em sua mente os detalhes da história em busca da brecha que Edward talvez tenha deixado, mas não encontra nada. Enquanto isso, apesar da tristeza, Susan sente aquela energia e não sabe se é sua própria química ou se vem do livro, de Edward num estado de empolgação, desfrutando sua própria obra. Susan gosta de ver Edward desfrutando sua obra, aquilo a entusiasma. Ela espera a descoberta horrível que seu espírito deplora, ela a espera com avidez.

Animais noturnos 9

O motivo por que Tony Hastings temia voltar para aquele caminho na montanha. Não havia nenhum motivo e portanto nenhum temor. Um resíduo irracional da noite. Nenhum motivo para ter medo agora, ele estava seguro no banco de trás do confortável carro de polícia, com dois policiais (representantes da civilização, que o haviam resgatado e trazido de volta) cujos esforços eram todos voltados para ele, para ajudá-lo a recuperar o que havia perdido.

Uma rodovia recém-construída, carros que subiam com ímpeto para a serra coberta de florestas. No topo ficava uma lojinha de curiosidades, flâmulas e corujas esculpidas em madeira. O motivo por que ele estava com tanto medo. Nenhum motivo. Estavam apenas verificando algumas possibilidades. Motivo para ter esperança, na verdade. Se Laura e Helen estavam naquele carro que subiu pela estrada, se elas foram deixadas na mata como havia acontecido com ele, se a intenção era que os três se encontrassem lá. Nesse caso, porém, elas já teriam descido e aparecido em algum lugar. Esse era o problema com aquela ideia. A menos que elas tivessem resolvido dormir e esperar o dia clarear. Mas, mesmo nesse caso, a essa hora, quase meio-dia, depois de fazer todo aquele longo percurso pela zona rural, elas já deveriam ter saído dali.

Enquanto o carro prosseguia, Bobby Andes fazia perguntas sobre a vida de Tony, em tom amistoso. Seu trabalho. Sua casa de veraneio no Maine. A felicidade de seu casamento. Sua filha única. O filho único de Bobby Andes. Por que razão Bobby Andes teve um filho só, não foi de propósito. Quer dizer, a gente não tentou evitar outro filho. Você fez isso?

O carro parou numa reta onde a pista ficava um pouco acima da mata de ambos os lados da estrada, a não ser exatamente ali. Tony não havia reconhecido o local porque eles tinham vindo da direção oposta. Não sabia como tinham dado a volta pelo outro lado. Seria aquela a direção por onde os homens conduziram o carro depois que tentaram atropelá-lo.

O motivo por que Tony Hastings estava com medo de entrar na mata

engasgou seu coração quando o carro fez a curva, passou com um solavanco por cima da vala junto ao portão quebrado e seguiu para dentro da mata. O motivo era que já estava tarde demais, o sol se aproximava do meio-dia, tinham andado de carro quase a manhã inteira, tarde demais para encontrar Laura e Helen andando por aquele caminho para sair da mata.

Como já era tarde demais, não havia nenhum motivo para ir até lá.

— Eu só queria ver o que eles têm lá — disse Bobby Andes.

— Não vi nada, a não ser matos.

— Isso foi de noite.

— Você acha que eles têm um esconderijo lá em cima? — perguntou o motorista.

Andes riu.

— Quem sabe eles têm uma casa?

— Eles me levaram até o fim da estrada, eu acho. Não creio que exista nada.

Tony Hastings não achava que houvesse uma casa, nem acreditava que Bobby Andes esperasse encontrar uma casa. A trilha era estreita, fazia curvas fechadas para se desviar de pedras salientes e de árvores, o carro sacolejava e fazia barulho.

— Meu Deus! — exclamou Bobby Andes.

A mata era leve e arejada, emaranhada com muitas moitas baixas e galhos caídos. Árvores cresciam em torno de pedregulhos e de afloramentos rochosos. Tony Hastings não conseguia associar o que via com nada que era capaz de lembrar, tanto do trajeto em que havia dirigido o carro enquanto os faróis acesos iluminavam as árvores ao passar quanto em seu percurso de volta, a pé, no escuro, guiado pela força de seus olhos dilatados para distinguir algo entre as sombras. Tony procurou a pedra atrás da qual se escondera quando Ray e Turk passaram de carro. Viu algumas pedras que podiam ter servido, mas nenhuma parecia aquela de que se lembrava.

O motivo por que Tony Hastings tinha medo de entrar na mata era a credibilidade que atribuía às coisas que imaginava. Era algo que o tenente Bobby Andes achava que devia ser feito. Devia ser verificado, eliminado. O ato de subir de carro por aquela estrada de agonia, a tensão de cada minuto duplicada pelo minuto adicional que levaria para descer no caminho de volta — aquilo tornava realidade o que, de outro modo, teria sido um mero sonho espectral. Transformava o sonho espectral em fato real.

Enquanto avançava pela estradinha, Tony sentiu de novo a dor que na noite anterior lhe causara vontade de chorar. Aquilo o açoitava por sua omissão na hora em que os homens o chamaram no escuro, pois agora tinha certeza de que a intenção deles era uni-lo a Laura e Helen. Morto ou vivo. E se ele havia julgado sensato evitar que fosse assassinado, como aquela sensatez lhe parecia idiota, no caso de elas terem sido assassinadas. E se elas não tinham sido assassinadas e estavam no carro naquela hora, quando ainda havia alguma chance, era pior ainda.

Tony viu a ponte de toras de madeira e se deu conta de que o espaço com menos árvores à frente era uma clareira. Sentiu um aperto no peito. Todavia, quando desceram pela estrada rumo à ponte e subiram a ladeirinha íngreme,

sentiu o alívio puro e profundo de já ter visto o bastante para saber que não havia nada ali. A clareira se abriu, na verdade era um capinzal vazio, com marcas recentes de carro, que indicavam uma manobra para dar meia-volta.

— Ah, não — disse o motorista.

— Ah, cacete, que merda! — exclamou Bobby Andes.

Tony Hastings não sabia qual era o problema, estava tão aliviado e decepcionado por não ver nada na clareira, nada daquilo que ele ao mesmo tempo queria e temia ver, ou nada daquilo que esperava. Viu que alguém tinha estado ali, o lenço vermelho e o suéter escuro e um par de jeans pendurados no arbusto depois do capinzal. Quando Bobby Andes moveu a cabeça, viu os amantes nus embaixo do arbusto, adormecidos.

— Calma, cara — disse Bobby Andes.

Tony se perguntou por que eles estariam tão preocupados com ele. Ele já estava fora do carro e andava depressa na direção de onde os amantes estavam deitados, e Bobby Andes e o outro policial foram atrás dele, correndo, alguém tentando segurar seu braço, como se ele precisasse ser contido. O problema não era esse. Ele queria apenas eliminar de uma vez por todas a suposição grotesca que seus colegas policiais estavam fazendo, e mesmo que estivessem nus, aqueles amantes, um rapaz e uma moça, ele podia ver, era só uma questão de acordá-los para que pudessem contar para aqueles homens quem eles não eram. Rapaz e moça, embora ele não tivesse certeza de qual era o rapaz e qual era a moça, um deitado de costas e o outro bem perto, de bruços. Era possível, ele se deu conta à medida que se aproximava, que estivessem mortos, e não adormecidos, que tivessem sido mortos por alguém. Nesse caso, era um assunto para aqueles policiais, não para ele.

Não eram Laura e Helen porque os dois estavam nus e pareciam crianças que dormiam esparramadas, ou desacordadas, golpeadas na cabeça, em estado de coma, ou talvez mortas. Ele andava depressa, para longe de Bobby Andes, que tentava segurá-lo e puxá-lo para trás, pois queria ter certeza de que não eram Laura e Helen. Não estava correndo, porque sabia que obviamente não eram elas.

Só que eram. Por isso ele tinha saído do carro antes mesmo de o veículo parar, soube no mesmo instante em que viu de longe, crianças nuas adormecidas entre os arbustos, eram Laura e Helen, aquele era o sentido de o carro ter voltado para lá na noite anterior e a lição de Ray, Turk e Lou, ele soube disso antes mesmo de vê-las, antes de ver o lenço na moita, antes de ouvir as exclamações de indignação dos dois homens no banco da frente, ele soube.

O lenço de Helen, o suéter e a calça de Laura. Ele estava correndo porque ainda não podia ver seus rostos. Pareciam pequenas demais, meras crianças, tampouco era capaz de saber seu sexo ainda, qual era a moça, qual era o rapaz.

Estavam embaixo do arbusto com galhos esmagados como se tivessem desabado e caído ali e ele não conseguia ver seus rostos, a garota nua e graciosa deitada de costas com a cabeça virada para o lado, a pessoa maior deitada bem perto, de cara virada para baixo, a cabeça oculta pelos ombros, de modo que ele não podia ver seu cabelo, e sua visão ainda estava bloqueada pelos galhos.

— Calma, cara — disse segurando-o pelo braço.

— Deixe-me ver, deixe-me ver.

O policial o segurava enquanto Bobby Andes dava golpes nos galhos com uma faca, abria caminho até a garota, onde se abaixou e ergueu sua cabeça, ele viu seu rosto de lado, na diagonal, ainda incerto. Enquanto isso Bobby Andes a largou e avançou ligeiro por cima dela na direção da outra, empurrou-a pelo ombro, tentou forçá-la a virar, o cabelo escuro, um cabelo preto e denso parecido com o de Laura, e ergueu seu rosto.

Ele viu a boca de Laura meio aberta como num grito, suas faces e seus olhos contorcidos de dor, ele reconheceu o grito, as faces e os olhos, reconheceu a dor, a inteligência enregelada, a inteligência, os anos. Lá estava Bobby Andes, também contorcido, lançando um olhar para ele, enquanto amparava a cabeça dela para que ele a visse. Bobby Andes, um desconhecido do mundo.

Ele se atirou para a frente a fim de olhar, ver se ainda existia alguma chance, se não era tarde demais, as trepadeiras se agarravam em torno de seus pés, ele caiu para a frente, tombou em cheio sobre as ramagens.

— É sua esposa?

— Ela está bem?

O rosto estava pálido, os olhos fixos. Bobby Andes não respondeu.

Susan Morrow fez uma pausa, chocada. Você as matou, Edward, diz ela, você levou isso até o fim e matou as duas. O que ela achava que não conseguiria suportar. Susan se sente atordoada com Tony, como se não tivesse pressentido aquilo. Um crime terrível e triste, embora ela acredite que, se as duas não tivessem morrido depois de chegar àquela altura da história, ela mesma teria ficado decepcionada. Pobre Tony: a que ponto o prazer de Susan depende do infortúnio dele. Ela tem uma noção de que a dor que a cena descortina, encarnada em Tony, é de fato dela mesma, o que é alarmante. Sua própria dor à mostra, velha ou nova, passada ou futura, ela não sabe dizer qual. É obscuro porque ela sabe que, à diferença da dor de Tony, sua dor não está aqui, mas sim em outra parte, e sua ausência, tornada tão evidente, é aquilo que torna o momento emocionante. Insegura quanto ao que isso quer dizer, ela recorre à apreciação crítica. Avalie a narrativa, detalhes de descoberta, irracionalidade em toda parte, negação do óbvio, avalie isso. Mais tarde você pode criticar, caso se oponha à vitimização das mulheres, por exemplo — mas não ainda, primeiro analise, avalie, por mais horrível que seja a ideia.

Próxima página: Parte Dois numa folha de papel em branco. Então foi a Parte Um que ela terminou de ler, moldando o formato de Tony, como uma garrafa. Para onde vamos agora? Seja o que for, será diferente, o que constitui um risco para Edward, algo como recomeçar do zero. Por isso ela lhe deseja boa sorte.

Susan Morrow tem intenção de parar aqui, mas é impossível. Além do mais, alguém ainda está tomando banho. Ela tem de dar uma olhada na Parte Dois.

Animais noturnos 10

A palavra na mente de Tony Hastings era não!, a negativa batia forte de encontro ao fato bruto para o qual sua mente o havia preparado. Levaram-no de volta para o carro de polícia, seguraram-no pelo braço como se fosse um velho. Sentou-se no banco traseiro com a porta aberta, olhando para trás. Ouviu o rádio do carro de polícia, vozes altas e o guarda falando ao microfone, fazendo um relatório que ele não conseguia compreender. Olhou para os arbustos com as roupas penduradas nos galhos. Olhou para o que estava embaixo dos arbustos, que não mudava, toda hora que olhava era a mesma coisa, assim como as árvores. Os gafanhotos chirriavam no capim alto e um papa-moscas, com um assvio suave, disparou de um galho e voou no ar parado. Ele desviou o olhar, voltou-se para o policial que estava reclinado no banco da frente para falar ao microfone, olhou para o cume das árvores na orla da clareira, onde avistou o ninho de um gavião, e olhou de novo para os arbustos e as viu outra vez, no mesmo local, estabelecidas, uma fotografia.

Só havia não! não!, sua recusa de seguir o movimento do tempo para além daquela encruzilhada. Fim do futuro. Momento separado de momento, tempo que se afasta para longe, sem a participação dele. Nenhum pensamento, exceto não. Desculpe, disse alguém, não podemos tocar nelas, não podemos mexer em nada até que os outros cheguem aqui. Esperando, sem se perguntar o que estavam esperando, e sem perceber quanto tempo passava, ele apenas olhava de vez em quando para a cena nos arbustos, a mesma cena toda vez que olhava. Bobby Andes e o policial andaram ao redor da clareira, para um lado e para outro, olhando para o chão, empurrando os arbustos com delicadeza, voltaram para o carro e saíram outra vez. Ele não conseguia lembrar, mais tarde, se também havia saído e dado uma volta em torno da clareira.

Os carros chegaram como se não tivesse havido nenhum tempo de espera, voltaram o fecho de seus faróis para os arbustos em pleno meio-dia e homens saltaram e caminharam lentamente pela clareira, medindo e fotografando. Eles se alinharam, e suas costas bloqueavam a visão de Tony, tagarelavam entre si como pardais, e ele recorda que pensou: elas são minhas. Minha Laura, minha Helen. Viu-os trabalhando desajeitadamente com uma lona cinzenta e, quando a visão clareou, as roupas já não estavam lá, tampouco elas.

Viu um casulo enrolado em pano ser removido dos arbustos quebrados em cima de uma maca. Depois viu o outro. Imaginou qual seria uma e qual seria a outra, deitadas lado a lado. Achou que sabia, e então se deu conta de que não sabia e de que não havia como saber, a não ser perguntando a alguém, que podia se enganar. Achando que deveria saber, pois eram sua própria Laura, sua própria Helen, e o pensamento golpeou algo solto em sua garganta, que escorreu pelas bochechas, como se ele fosse uma criança.

Um policial jovem falou:

— Vamos, vou levá-lo de volta.

— Para onde?

Olhou para Bobby Andes, o inspetor, uma pessoa que ele conhecia.

— Vou levar o senhor para o motel.

— O que vou fazer lá?

Bobby Andes estava gravando enquanto lia em voz alta seu caderno. Percebeu o olhar de Tony Hastings. Falou:

— O senhor pode ir com o George. De tarde vou conversar com o senhor a respeito de tudo isso.

Tony Hastings reuniu os pedaços do mundo. Falou:

— Meu carro estará em condições de uso?

— Amanhã. Quero examiná-lo primeiro.

— Posso pegar minha mala?

— George vai buscá-la. — Bobby Andes falou para George: — Diga ao Max que ele precisa de seus pertences pessoais.

O homem que Bobby Andes chamou de George dirigiu o carro que o conduziu de volta, a longa viagem para fora da terrível trilha na mata, como um talho aberto em sua mente, e seguiu ligeiro pela estrada rural até seu motel, em frente à delegacia de polícia. Mais tarde, Tony Hastings se lembraria dele apenas de modo vago, como um jovem estudante louro, jogador de futebol americano, num uniforme de polícia. Os dois não conversaram. Tony Hastings fitava as matas repetidas, duas vezes em cada sentido, cenário para pensamentos atordoados. Mais tarde se recordou da disposição de seu pensamento em meio aos troncos grandes e desfolhados, galhos caídos, afloramentos de rocha, ao som das vozes no rádio da polícia. A palavra Não. Ele não sabia o que estava pensando, a não ser que aquilo que tinha ocorrido era o pior e que o mundo estava acabado. Nem sabia o que estava sentindo, se é que estava sentindo alguma coisa. Cansaço e letargia. Pensava no que iria fazer. Perguntou-se se ainda fazia algum sentido ir para o Maine. Claro que não fazia mais sentido, o que ele estava pensando? O que ele ia fazer com o mês de agosto e com o resto do verão? O que ia fazer com seu carro? O que ia fazer quando o policial o deixasse no motel? Ele se perguntava se as emoções exigiam que ficasse sem almoçar, mas estava com fome, a despeito de suas emoções, que ele nem sequer conhecia. Ele se perguntava onde poderia almoçar e o que iria comer. Ele se perguntava o que poderia fazer de tarde e aguardava com ansiedade sua conversa com Bobby Andes, o que pelo menos já seria algo para fazer. Depois viria o jantar, mais uma coisa para pensar. Depois do jantar, a noite.

Sabia que sua perda era pesada, mesmo que não sentisse seu peso, e pensou em contar para alguém. Claro que tinha de fazer aquilo, era sua obrigação, como alguém que tinha perdido parentes. Enlutado. Pensou em seus amigos e se perguntou a qual deles devia contar, pessoas íntimas que se reuniriam em torno dele em sua hora de necessidade. Não conseguia pensar em ninguém que pudesse querer ficar perto dele, no entanto, alguém tinha de ser avisado. Quem? Provavelmente sua irmã e seu irmão. Claro que sua irmã e seu irmão. Ficou contente de ter se lembrado da irmã. Não tinha muita certeza quanto ao irmão. Mas na hora em que pensou no que ia dizer para ela, não quis dar a notícia, não quis ter de enfrentar o choque da irmã, não quis ouvir aquilo.

Pensar na dor o fez lembrar os casulos embrulhados, qual era uma e qual era a outra, e a recordação desatou suas lágrimas pela segunda vez.

Ele disse:

— Será que alguém podia telefonar para minha irmã e contar para ela? E passar o número do motel para ela me ligar depois.

A expressão no rosto de George indicava que ele não conseguia entender por que Tony não podia ligar ele mesmo para a irmã, se queria que ela lhe telefonasse depois. Mas foi só a expressão e George respondeu:

— Acho que sim, é claro, não tem problema.

Pegou o número que Tony havia anotado num pedacinho de papel arrancado de seu caderno.

Começou a se perguntar se não teria cometido um erro. A possibilidade de que, atormentado como estava e esperando o pior, não houvesse tomado os devidos cuidados na identificação delas, de que pudesse ter tirado suas conclusões depressa demais. Ele se deu conta de que havia olhado só uma vez. Tempo suficiente apenas para ver aquilo que já esperava ver. A possibilidade de um erro jorrou para o alto como um chafariz. Veja o que George acha.

— Receio que eu não esteja absolutamente seguro da identificação que fiz.

George levou um momento para entender.

— Ah, é?

Confuso. Tony ficou sem graça.

— De todo jeito, o senhor vai ter de olhar de novo no necrotério — disse George.

No motel, antes de ir embora, George falou:

— Quer cancelar o telefonema para sua irmã?

— Por quê?

— Até o senhor ter certeza.

Embora soubesse que se tratava de uma esperança vã, a mais ínfima possibilidade de que houvesse cometido um engano, de que sua irmã pudesse receber notícias falsas que mais tarde ele teria de corrigir, deixou-o paralisado. Ele não sabia o que dizer. O policial esperou.

— Não. Sim. Não.

— O quê?

Esperou, depois se rendeu.

— Pode avisá-la.

— Tem certeza?

— Sim.

* * *

De tarde Tony pegou no sono na cama do motel com as roupas do corpo. Depois um homem da delegacia de polícia o levou ao necrotério para identificar os corpos de novo. Corpos. Estavam numa sala refrigerada com paredes cobertas de azulejos brancos. Cada uma numa mesa separada. O homem puxou um lençol para trás a fim de descobrir a cabeça. Ou eram bustos de cera, cinzentos e verdes, ou eram as suas queridas, Laura retratada com um sorriso irônico e Helen com um beicinho que poderia ter sido jocoso, mas não era. Não havia a menor dúvida disso.

Levaram-no de volta para a delegacia, onde conversou com Bobby Andes.

— Notícias — disse ele. — Informação do pessoal de Topping. Outra pessoa foi atacada na rodovia interestadual na noite passada, como você.

— Os mesmos caras, provavelmente.

— Temos o número da placa de um carro. — Tony Hastings olhou para ele.

— Infelizmente é uma placa roubada de um carro abandonado num ferro-velho.

De súbito Tony Hastings se deu conta de que Bobby Andes queria prender os três caras. Para ele, seria logicamente o próximo passo.

Adotou um ar de quem pede desculpa.

— Por gentileza, precisamos também de suas impressões digitais — disse ele.

— As minhas?

— Não se ofenda. Encontramos algumas impressões digitais no porta-malas do seu carro, a parte que estava fora da água.

Bobby Andes ficou satisfeito com aquilo. Pediu que Tony recontasse toda a sua história mais uma vez. A abordagem na rodovia, a parada e o pneu furado, a separação da família, o trajeto para a mata, a caminhada de volta, tudo outra vez. Bobby Andes mostrou-se solidário, a todo momento balançava a cabeça, e sua solidariedade se tornou enfurecida à medida que a conversa avançava.

— Sacanas desgraçados — disse ele. — Nojentos, filhos da mãe.

Jogou a caneta na mesa e recostou-se no espaldar na cadeira.

— Sua família inteira. Dá para imaginar uma coisa dessas?

Tony Hastings não precisava imaginar nada. Sentia-se agradecido pela solidariedade de Bobby Andes, no entanto aquilo o deixou surpreso e não sabia como reagir à raiva do outro.

— Monstros — disse Bobby Andes. Falou: — Eu tinha esposa e um filho pequeno, ela se divorciou de mim. Isso não faz nenhuma diferença — estendeu as mãos e fez no ar um gesto de torcer um pescoço. Seu rosto tinha manchas vermelhas. — Vamos pegar esses caras — disse ele. — Pode contar comigo. — Suas mãos se soltaram com um estalo.

Sou muito grato por seu interesse, pensou Tony, mas de que vai adiantar?

Bobby Andes mostrou-se ansioso para entrar em ação.

— Eu gostaria que o senhor ficasse aqui até amanhã de tarde — disse ele. — Tenho um mandado de busca para investigar o trailer e vamos examinar seu carro em busca de pistas. Podemos precisar do senhor.

— Está bem.

— Vamos pôr um anúncio na tevê solicitando informações. Talvez aquele seu velho surdo da caminhonete apareça.

— O que ele poderia fazer?

— Testemunhar. Quem sabe o que ele viu, se não estava assustado demais? Você está em condições de aguentar esta noite?

— Acho que sim.

— Tem um lugar para comer?

— No motel, provavelmente.

— Gosta de comida italiana? Experimente o Julio's.

— Obrigado.

— Ah, sim. Hawk quer saber que providências o senhor vai tomar. O traslado. O enterro. O senhor sabe.

O senhor sabe. Tony Hastings não sabia. Enterro.

— Tenho de tratar disso?

— Não tem pressa, fique à vontade.

— Não conheço agências funerárias.

— O senhor pode cuidar de tudo aqui mesmo e depois mandar os corpos para

outro lugar. Posso indicar uma empresa.

Mandar os corpos para outro lugar.

Ele tomou um táxi para o restaurante Julio's e jantou comida italiana sozinho, precedida de uma bebida. A bebida o fez lembrar-se da solidão, e o jantar estava gostoso, o que piorou ainda mais a situação. Comprou revistas para passar as horas da noite e voltou para o motel.

Recebeu um telefonema de Paula, sua irmã. Estava abalada.

— Ah, Tony. Que horrível.

Quando ouviu a irmã dizer que horrível, por força de um velho hábito teve a impulso de responder: “Não é tão ruim assim.” Conteve-se e não falou nada. Ela lhe propôs ir logo para Cape e ficar por lá. Tony respondeu que tinha de tomar providências para o enterro. Providências. Ela disse que viria para o enterro. Depois disso Tony deveria voltar com ela para Cape. Enterro. Ele se sentiu agradecido. Ela perguntou como ele pretendia ir para casa. Tony respondeu que ia no seu carro, assim que o devolvessem. Enterro.

— Vai dirigir numa situação como essa? Acha que é seguro?

Ele se fez a mesma pergunta. Respondeu:

— Estou bem. Não precisa se preocupar comigo.

A irmã preferia que ele não dirigisse e não viajasse sozinho num percurso tão longo. Ela teve uma ideia. Mandaria Merton, mandaria Merton no dia seguinte a fim de lhe fazer companhia em sua viagem de volta. Iria ela mesma, se não fosse por sabe-se lá que motivo.

Não, ele não queria Merton. Não queria ninguém. Ele estava bem, podia perfeitamente dirigir e viajar sozinho. Ela não precisava se preocupar.

Bem, se você tem mesmo certeza, disse ela. A irmã o encontraria no enterro. Pegaria o avião até lá e depois os dois podiam voltar juntos para Cape. Enterro. Ela prometeu telefonar para o irmão Alex, em Chicago, bem como para alguém que morava em Cincinnati, e pediria para avisar às pessoas que tinham de ser informadas. Então vejo você na quinta-feira, disse ela. Informadas. Tony passou o resto da noite no motel lendo revistas e, quando chegou a hora de dormir, dormiu.

* * *

Tony Hastings pegou seu carro na delegacia de polícia na tarde seguinte. Tinham secado e limpado o carro. Estava cheio de recordações, mas aquilo não interessava. Bobby Andes tinha mais novidades.

— Temos a causa da morte.

Tony sentou-se, esperou. Andes não olhou para ele.

— Sua esposa teve uma fratura no crânio. Parece que foi golpeada, um martelo ou um taco de beisebol. Só uma vez ou duas. Com sua filha foi mais difícil. Foi estrangulada. Sufocada.

Ele esperou que Tony pensasse no assunto, que tivesse algo a dizer.

— Além disso, o braço foi quebrado.

— Quer dizer que houve uma luta?

— É o que parece.

Estava olhando para Tony.

— E uma outra coisa — disse ele. Tony esperou. — Elas foram estupradas.

Ele fez com que soasse como a pior notícia possível, embora não fosse algo que devesse surpreender Tony. No entanto, mesmo assim, ele ficou surpreso.

Bobby Andes agitou-se.

— Vou lhe dizer uma coisa. Parece que você tinha razão a respeito do tal trailer.

— Como assim?

— Seus amigos levaram sua família até lá, como você disse.

— Como sabe disso?

Martelo.

— Descobrimos impressões digitais de sua esposa na coluna da cama.

Como se aquilo fosse uma boa notícia.

— Ah, meu Deus. E quanto a Helen?

— Dela não achamos, só de sua esposa.

— Bem, e de quem é o trailer?

Estupro.

— Ah, pois é — disse Bobby Andes, experiente em seu ofício. — Ele é inocente. Mora em Poleville, usa o trailer na temporada de caça. O lugar foi arrombado. Tinha alguém morando lá.

As notícias eram frias e sombrias, Laura e Helen no trailer.

— Droga — resmungou Tony.

Luta.

— Muito bem. Também temos outras impressões digitais.

— Onde?

— O trailer tem algumas. E tem mais uma coisa. As impressões digitais no seu carro não são suas.

— Bom — disse Tony Hastings. Bom. Por que ele falou aquilo? — Vocês compararam com as impressões que havia no trailer? — Tony Hastings, detetive. De que adiantaria tudo aquilo?

— É cedo demais. Leva tempo, cara. Temos de comparar as impressões digitais do trailer com as do proprietário, temos de ver se conseguimos separá-las. Mas estou esperançoso. O proprietário não vai lá desde o outono. Parece promissor.

— Acho que sim. — Tony Hastings, educado e relutante em admitir que havia algo de promissor. Era tarde demais para aquilo.

— Já mandamos as impressões digitais para que sejam investigadas. Você receberá notícias minhas em breve.

Bobby Andes estava satisfeito. Para Tony Hastings era tarde demais para qualquer coisa. Demorou muito tempo para se dar conta de que ele mesmo teria de ser inocentado na cabeça dos policiais por meio da comparação com as impressões digitais de desconhecidos encontradas em seu carro.

Escuro, Edward, pesado. Com um último parágrafo que podia estragar o livro inteiro. Não há dúvida: Edward está correndo um risco, está numa encruzilhada, para que lado seguir. Ou perseguir os malfeitores e transformar o romance num livro policial, ou perseguir a alma de Tony e ser outra coisa. Susan gosta do problema naquele capítulo: o que fazer com o resto do dia quando você recebe notícias ruins? O que ela faria se perdesse Dorothy, Henry, Rosie? É uma pergunta tabu em que ela não ousa sequer pensar, exceto ao imaginar a situação de Tony. Ela não tem a menor ideia.

Antevê uma possível objeção que pode vir a fazer mais tarde (ainda não) pelo fato de Edward ter promovido o estupro daquelas mulheres antes de serem assassinadas. Crimes contra mulheres, um clichê que Susan detesta. Depende do que se espera dela, se você não pedir para Susan desfrutar o seu sadismo, que para ela seria apenas masoquismo. Susan sempre soube que Edward gostava de violência, apesar de seus lábios contraídos. A violência de sua contenção, sua gentileza intencional, seu pacifismo secretamente raivosos.

Ela se lembra de dar conselhos a Edward sobre como se deve escrever. Como aquilo lhe parece audacioso agora. Ela dizia: você tem de parar de escrever sobre si mesmo, ninguém está interessado em saber como seus sentimentos são sutis. E Edward respondia: ninguém escreve sobre outra coisa senão sobre si mesmo. Ela dizia: você tem de conhecer literatura, tem de escrever com a literatura e o mundo em sua cabeça. Durante anos Susan teve medo de haver matado algo dentro de Edward e torcia para que sua guinada para o ramo dos seguros indicasse que ele não se importava com aquilo. Mas esse livro agora parece um tipo de resposta diferente. Susan se pergunta quanta ironia e quanto desprezo subjazem à escolha do tema, e espera que Edward esteja sendo sincero.

Uma outra lembrança emerge vinda do nada: garoto e garota, como irmão e irmã, muito tempo antes, numa canoa a remo na praia, enquanto a casa assoma no alto entre as pedras, ela não consegue lembrar. Ele joga um cigarro aceso que chia na água, e depois fala alguma coisa.

Banheiro livre agora, dizem eles, na certa tem água por todo o chão. Mais um capítulo esta noite.

Animais noturnos II

Tony Hastings, civilizado, foi criado entre pessoas tranquilas, intelectuais e cultas, cordiais e gentis, seu pai foi diretor de faculdade, sua mãe foi poetisa. Foi criado numa casa de tijolos, com um irmão, uma irmã e animais domésticos. Eles davam comida para os passarinhos e iam passar o verão em Cape. Aprendeu a odiar o preconceito e a crueldade. Quando jovem, era educado e respeitoso com as mulheres. Casou-se por amor. Tornou-se professor universitário, comprou uma

casa, teve uma filha e comprou sua própria casa de veraneio no Maine. Lia livros, escutava música, tocava piano e tinha pinturas da esposa nas paredes de casa, que era cercada por um gramado com um carvalho. Escrevia um diário. Às vezes desconfiava que ser civilizado escondia uma grande fraqueza, mas como não conseguia conceber uma saída, se aferrava à situação e se orgulhava do que tinha.

Antes de acontecer aquilo, seu grande temor era de que a civilização desmoronasse e o atirasse no meio dos escombros. Guerra nuclear, anarquia, terrorismo. Como seria horrível para a humanidade se todo o trabalho de séculos fosse destruído. Sua leitura da noite fornecia catástrofes alternativas: dióxido de carbono transformando tudo em zona tropical e em deserto, o sol cobrindo nossa pele de bolhas ao atravessar a camada de ozônio em dissolução. E sempre a possibilidade mais próxima de ser devorado pelas engrenagens, como quando os carros se chocam numa rodovia.

Agora, ele pensou: eu vi. Sei o que existe lá fora, além dos muros de Troia. No choque de sua perda, Tony Hastings compreendeu a importância de continuar civilizado, com a bomba armada logo atrás de seus olhos, que iria explodir se ele não tomasse cuidado. O jeito era desarmar a bomba com delicadas operações rituais. A importância de recordar quem ele era, Tony Hastings, professor universitário, residente em, filho de, pai de. Repetindo seu nome enquanto caminhava pela rua no escuro. Organizando as palavras, formando o pensamento. Raspando a barba com todo o cuidado nas beiradas de seu bigode. Preparando-se para aquilo que estava reservado para ele sentir.

Leu revistas no motel porque era importante manter a mente ativa. Resistia às lágrimas porque era importante manter o controle de seu rosto. Não aceitou a proposta de que Merton viesse acompanhá-lo na viagem até a casa porque aquilo era importante. Era importante reconhecer a importância das coisas, pois agora ele sabia que tudo o que era importante era mesmo importante, nada era mais importante do que a importância.

De manhã, antes de seu carro ficar pronto, telefonou para a agência funerária Frazer e Stover, que Bobby Andes tinha recomendado. Falou:

— Aqui é Tony Hastings. Não sei se a polícia já falou com o senhor a meu respeito.

O homem não fora avisado. Tinha voz de cantor, gentil e sem demonstrar surpresa. Respondeu:

— Quer dizer que o senhor não deseja a cremação?

— Não pensei sobre isso. — Não era verdade. Tony lembrou-se de que um ou dois anos antes Laura tinha dito: “Imagino que todos nós seremos crema-dos quando partirmos.” E Helen havia replicado: “Pelo amor de Deus, não cremem meu corpo.” Então ele disse ao agente funerário: — Minha filha tinha medo da cremação.

— Compreendo — disse o homem. — Vamos preparar os corpos e enviá-los para Cincinnati para que tratem das cerimônias. Para quem o senhor quer que enviemos?

Tony não tinha a menor ideia. Também não sabia onde realizar o enterro.

Eles não frequentavam a igreja e Tony não sabia o que fazer.

— Não se preocupe — disse o homem. — Vamos cuidar de tudo para o senhor, uma coisa de cada vez. No final tudo vai dar certo.

Depois da agência funerária, Tony Hastings deu um telefonema interurbano para Jack Harriman, que tinha feito o testamento de Laura. Era idêntico ao seu, cada um deixava seus bens para o outro. Não havia muito que interessasse a um advogado, vestidos e sapatos, painéis e talheres, pinturas, telas, cavaletes. Tony desvencilhou-se das manifestações de condolência de Harriman.

— Eu só queria saber o que devo fazer. Se temos de interditar a casa.

Todo o conteúdo de sua mala estava molhado e ele espalhou as roupas sobre a segunda cama do quarto do motel para que secassem. No dia seguinte tomou o café da manhã bem cedo e pagou a conta. Sentiu-se estranho ao sair sem falar com ninguém, então telefonou para a polícia e se despediu de Bobby Andes.

O carro estava funcionando bem e ele não havia esquecido como dirigir. Tomou o rumo da rodovia interestadual, ciente de que estava sozinho no carro. Com as bolsas encharcadas de Laura e de Helen no porta-malas, como corpos. Uma pontada de dor por deixá-las para trás, deserção. Nem tanto assim, elas viriam depois — de avião ou num caminhão, ele não sabia. O dia prometia ser quente, o céu branco, as serras cobertas de mata e os campos no outro lado dos vales esmaecidos, incorpóreos, pálidos e diáfanos. Dirigia depressa, mas com atenção. Dizia para si mesmo: estou sob um estresse fora do comum. Portanto devo prestar atenção à minha atenção e dirigir com cuidado, e dirigir com cuidado.

A maléfica rodovia interestadual tinha recuperado sua inocência. Agora era uma pista branca e larga, repleta de caminhões e carros em alta velocidade que tentavam ultrapassar uns aos outros. Ele não tentou localizar o ponto da estrada na outra pista onde haviam sido abordados, e em pouco tempo o local tinha ficado para trás. Olhava para os motoristas dos outros carros. Famílias, casais, homens sozinhos, vendedores. Pensou: não fiquei com nenhum trauma de dirigir na rodovia. O que me aconteceu foi algo excepcional, um caso em um milhão. Em sua maioria, os motoristas são pessoas comuns, e, se eu tivesse de parar e esperar socorro, estaria perfeitamente seguro. Não tenho medo dos carros que passam por mim, pois sei que estão apenas andando mais depressa do que eu, assim como estou andando mais depressa do que alguns outros.

Ele se empenhava para evitar que os ímpetos do pensamento abalado interferissem em sua atenção. O vazio do carro nos locais por onde tinham passado três dias antes. Desceu das montanhas cobertas de mata para a região rural de Ohio, o céu continuava branco e os campos distantes no ar espesso. Fazia paradas regulares para tomar café, reabastecer, comer, tomando cuidado para não parar nos locais onde haviam parado antes.

Sua mente estava ocupada. Contra o fundo formado pelo desfile das torres de fios de alta-tensão que atravessavam o campo até o horizonte enevoado, ele via estampada a curva de uma estrada à noite com o homem de barba chamado Lou, e via seu carro estacionado no desvio, enquanto Lou lhe dizia para ir em frente, para não parar o carro, que aquele não era o seu carro, o seu carro tinha quatro portas, e ele sabia pelas impressões digitais de Laura deixadas na coluna

da cama que ela e Helen estavam lá naquele momento, dentro do trailer no meio das árvores, com a luz fraca acesa na janela, na presença dos dois homens chamados Ray e Turk.

Ele repassou tudo aquilo mais uma vez, enquanto inconscientemente ultrapassava caminhões e ia além da velocidade máxima permitida. Eles deviam ter acabado de chegar lá. Na certa estavam paradas na porta enquanto Ray agarrava Laura pelo braço e Helen olhava em volta, em busca de um modo de escapar, e Laura disse: “Deixe-nos ir embora, vocês não podem fazer isso conosco.” Naquele momento, elas talvez tenham ouvido o outro carro passando e talvez tenham sentido um sopro de esperança, que logo morreu quando o carro foi embora, e, na janela, a cortina desbotada e amarrotada, com botões de rosa e folhas estampadas, pendurada pela esposa do caçador, escondia da noite aquela cena.

Então ele se obrigou a imaginar o momento seguinte, perguntou-se o que teria acontecido, se Ray teria encostado uma faca no pescoço de Helen para obrigar a mãe dela a se despir, ou se teria torcido o braço de Helen até quebrá-lo a fim de forçar a mãe a ceder, ou se havia uma arma, embora Tony não tivesse visto uma. “Elas foram estupradas”, disse Bobby Andes, com uma cama para ele imaginar logo atrás da cortina florida, e uma coluna de cama para os dedos de Laura segurarem, tentando se levantar com toda a sua força contra quem quer que a empurrava para baixo. Gritos e luta. Homens violentos — seus dedos enterrados como garras nos ombros macios de sua esposa, de sua filha, obrigando-as a deitar aterrorizadas sobre um colchão sem lençol, com safanões violentos, enchendo de ódio o amor cálido da esposa, que Tony conhecia, e o desconhecido futuro da filha.

Enquanto dirigia seu carro no esplendor quente do sol mal delineado da tarde, Tony Hastings não queria saber como elas tinham morrido, seria mais fácil deixar aquilo em branco, assim como todos os outros pontos em branco que existem na história do mundo. Mas ele sabia. Aquelas não eram vítimas anônimas do mundo, mas Laura e Helen, uma pancada no crânio, estrangulamento. O que tornava impossível não recapitular, Ray e Turk (e Lou também, provavelmente, de volta para o trailer depois que deixou Tony na mata) batendo com o martelo e apertando contra a parede o pequeno corpo que se debatia, droga, já mandei calar a boca.

Ele chegou a casa no início da noite. Parou quando viu a casa, tão imóvel como se fosse um retrato de vida. O carvalho no gramado da frente, a ladeira do lado com os arbustos de lilases e a casa do Sr. Husserl mais acima. Respirou fundo quando abriu a porta, entrou e encontrou a casa vazia. A cozinha, limpa como eles a haviam deixado, na sala de luz apagada, as duas pinturas de Laura na parede, na penumbra do crepúsculo. Você sabia que ia ser difícil, disse ele, era o que já se esperava. Trouxe para dentro de casa as bolsas e as malas encharcadas, levou-as para cima, para o quarto de Helen, jogou-as no chão. Após alguns instantes, acendeu as luzes.

O telefone tocou.

— Está em casa?

— Estou.

- Vi a notícia no jornal.
- Viu? Quem está falando?
- Chegou bem em casa?
- Sim. Quem está falando?

Nenhuma resposta. Ele olhou dentro da geladeira. Ia precisar de leite, suco e pão para o café da manhã. Não queria sair de casa naquela noite. Não queria que ninguém o visse. Dane-se.

O telefone tocou de novo. Lisa McGregor, do *Tribune*, queria uma entrevista. Ele baixou as persianas. Sentou-se na sala de estar, de frente para a poltrona vazia de Laura, sem saber o que fazer. Subiu ao segundo andar e despejou suas roupas, ainda molhadas, dentro de um saco de lavanderia. Despiu-se, foi ao banheiro e, no escuro, achou seu caminho até a cama. Parecia caminhar numa trilha estreita e, para qualquer lugar que fosse, via-se cercado por uma ausência tangível.

No dia seguinte procurou formas de se manter ocupado. Foi tomar o café da manhã na Jake's Coffee Shop, na esperança de que ninguém o reconhecesse. Ligou para Bill Furman e teve uma longa conversa, que o fez sentir-se mais civilizado, e deixou que Bill assumisse a responsabilidade de organizar o enterro e avisar aos conhecidos. Quando estava conversando, percebeu uma van colorida estacionada na frente da casa, na sombra do carvalho. Era de uma emissora de tevê local. Uma mulher jovem e vestida num terninho elegante subia pela calçada da entrada, seguida por dois homens que levavam equipamento de filmagem. Queria uma declaração. Ela disse:

- O senhor é a favor da pena de morte?

Ele respondeu:

- Não quero responder a nenhuma pergunta neste momento.

Mais tarde ele foi para o cemitério Lot Hill. O Sr. Camel lhe mostrou uma área de terra numa encosta voltada para a cerca dos fundos e para uma série de quintais. Ele passou na empresa de monumentos fúnebres, pedras tumulares, mármore e granito. Somou os valores com indiferença. Em casa de novo, varreu o andar de baixo e enfiou suas roupas na lavadora e na secadora. Toalhas e lençóis limpos para seu irmão no quarto de hóspedes e para sua irmã no quarto de Helen, pensando: isto é civilizado. Estou fazendo coisas que nunca fiz antes, o que é bom para mim. No aeroporto, encontrou-se com Paula, que o abraçou e chorou, e os dois esperaram juntos a chegada do avião de Alex. Na casa, naquela noite, eles eram os três filhos de seus pais reunidos outra vez, embora separados pela vida de adultos por um tempo tão longo que se sentiam estranhos. No entanto, gente em casa, conversas na cozinha, aquilo fez diferença. O futuro era como uma fera selvagem recém-nascida, que a conversa deles domesticava. Que tipo de vida Tony viveria dali em diante, devia continuar morando na casa, até que ponto seria capaz de cuidar de si mesmo? Paula fez planos, comprou mantimentos, conversou com a Sra. Fleischer. Houve bebidas e depois o jantar, que Paula preparou, e houve muitas recordações e nostalgia. Concordaram que após a visita de Tony à casa de Paula, em Cape, ela devia voltar em setembro para ajudá-lo a se desfazer das coisas. Tony iria para a casa de Alex, em Chicago, para passar o feriado de Ação de Graças, e iria para a casa de Paula de

novo, em Westchester, para passar o Natal.

Na primeira fila dos bancos da igreja unitarista, Tony estava ilhado entre Paula e Alex, enquanto a luz do sol se derramava através das janelas. Um lago no qual a lembrança violenta afundava e o impulso violento cessava. Luz do sol, música e vozes baixas. Na frente, dois estranhos retângulos, dispostos lado a lado, cobertos por um pano branco. Tony Hastings vagamente consciente de que a igreja estava repleta de gente, gente que se esticava para dar uma olhada nele. Colegas, amigos de Laura, ele não tinha certeza. Estudantes da faculdade, amigos de Helen. Os apertos de mãos, depois. Pessoas que ele conhecia e que não conhecia, chorando e abraçando. A onda o envolveu e ele também chorou.

Na manhã seguinte ele e Paula fecharam a casa e viajaram de avião para Cape. Depois de decolar, o avião sobrevoou a cidade. O ar estava limpo, as ruas e os quarteirões surgiram bem marcados e nítidos. Ele procurou a pequena área de terra verde do cemitério Lot Hill, mas ele estava subindo, se afastando, numa cápsula, e talvez aquele não fosse o Lot Hill. O solo saía do lugar e ele não sabia dizer se era ou não era. Depois vieram nuvens brancas de algodão e o mundo todo em forma de mar.

Ray disse para Lou: seu babaca filho da puta você deixou ele escapar, agora ele vai contar, e Lou respondeu: como é que eu ia saber, e Ray disse: ei, chefe, sua esposa quer falar com você, e Paula disse:

— Vamos passar uns dias bem gostosos na praia, não é?

* * *

A economia do escritor, usando aquilo que sabemos: Tony mora em Cincinnati, como Edward. Isso produz em Susan a sensação estranha de saber algo que não devia saber. Não importa. Já chega por esta noite, Edward, meu velho amigo. O que há para dizer? O livro prende a atenção de Susan, ela pode dizer isso com segurança. O longo e vagaroso mergulho na noite do mal e Tony tentando aguentar sendo civilizado. A ideia de que ser civilizado oculta uma grande fraqueza. Com essa tensão ou ironia, uma superfície tensa e fria, Susan não é capaz de dizer se o que se reflete ali é uma tristeza que a imaginação dela mesma ajudou a formar, ou se, ao contrário, emite uma tristeza própria. A ironia a leva a pensar em Edward, o que influencia a tristeza, pois a ironia de Edward de fato sempre a deixou incomodada.

Susan coloca o manuscrito dentro da caixa e até isso lhe parece uma violência, como pôr os caixões debaixo da terra: imagens do livro escapam e entram na casa. Medo e remorso. O medo é um espelho do medo com que ela começou. Depois Susan teve medo de entrar no mundo do romance, que poderia fazer com que ela esquecesse a realidade. Agora, ao deixá-lo, ela tem medo de não conseguir voltar. O livro se entrelaça em sua cadeira como uma teia. Ela tem de abrir um buraco para conseguir sair. A teia danificada, o buraco vai crescer, e quando ela voltar a teia estará desfeita.

Depois de largar o romance, da sala para a cozinha, geladeira, luzes, ir para o segundo andar, Tony se acomoda em suas páginas. Ela recorda como se fosse algo de muitos anos antes, décadas, o vago terror que sentiu por Arnold estar longe de casa, mas agora isso lhe parece remoto, assim como o próprio Arnold. É Edward em sua mente. Coisas de infância renascem. Quando nós dois ficávamos sentados na varanda olhando para o outro lado do rio, para Palisades, enquanto as crianças menores brincavam de esconde-esconde e nós conversávamos sobre coisas importantes, como irmão e irmã. E depois?

Ele foi para outra escola. E a encontrou de novo, anos mais tarde, na faculdade. Puxa, vocês foram namoradinhos a infância inteira, exclamou sua mãe, que não sabia de nada.

Então, o que deu errado? Sua mãe sempre perguntava, sem pronunciar a pergunta. Terá sido porque Arnold apareceu, só isso? Mas deve ter havido algo de errado com Edward, porque ninguém pode acreditar que Susan Morrow fosse capaz de apenas trocá-lo por um modelo melhor. Que mal fez Edward?

A explicação oficial registrada. Só havia uma, e apenas uma, coisa errada com Edward. Sua personalidade. Após todas as antigas reclamações terem desbotado com o tempo, sua personalidade continuava a mesma. Só as pessoas mais íntimas sabiam, porque, socialmente, ele era um bom sujeito: responsável, respeitoso, confiável. Tímido. Recatado. Gentil. Era preciso viver com ele dia e noite. Só assim se descobria como ele deixava qualquer um maluco.

Edward era presunçoso. Era afetado. Era detalhista e tinha mania de limpeza. Contraía os lábios. Batia com os pés no chão. Falava para o guarda de trânsito: mas afinal qual vem a ser o problema, senhor guarda? Recusava-se a ver televisão no final da noite. Quando tinham 15 anos, na canoa a remo, com a grande casa no Maine na beira da praia, eles estavam flutuando sem rumo, indo para lugar nenhum, ele pedia a Susan que não pusesse a mão dentro da água. Ninguém estava remando e mesmo assim ele pedia para ela não deixar a mão na água. Ele era assim desde o início e na certa já tinha nascido assim. Não é verdade, Stephanie?

Susan preferia não ter pensado aquilo. Não queria pensar nos lábios contraídos de Edward enquanto tentava fazer justiça ao livro dele.

PRIMEIRO INTERLÚDIO

Toda noite, antes de afundar em sua mente, Susan Morrow cumpre rituais. Passear com o cachorro, cuidar do gato, trancar as portas. Três filhos a salvo, com uma luz acesa na escada. Dentes e cabelo, luz de cabeceira na cama, fazer amor às vezes. Rolar para a direita, soltando-se de Arnold, ajeitar o travesseiro, esperar.

Esta noite é diferente, não tem Arnold. Liberdade, a possibilidade de algo louco. Ela reprime o impulso louco e torna esta noite igual às outras, mas em vez de virar-se para a direita, de costas para Arnold, ela se espalha no lado esquerdo da cama, desfruta a ausência do marido, naquele lugar sem marido. Um pensamento horrível lhe ocorre a respeito de Arnold em Nova York, mas ela o reprime também.

Então, como em todas as noites, ela espera a própria mente, que ronca por baixo da porta no chão. Susan afunda a cabeça no travesseiro e espera. Ruídos biológicos a distraem, a aceleração do coração se altera dentro de seu ouvido. A respiração a perturba. Por vezes, o laboratório do estômago faz serão, prepara uma carga destinada a perturbar seu sono. Falas do dia liquefazem a dura superfície de sua mente como ondas numa tempestade de vento. Hora de fechar a tampa, empacotar seus planos e suas discussões. Ela guarda *Animais noturnos* por esta noite.

A tempestade que espera começa quando as palavras dentro de sua cabeça se põem a falar sozinhas. Sobem pelo alçapão, pessoas falando sem ela. A mente de Susan está lá embaixo e ela escuta as vozes nos quartos através das frágeis divisórias. Esse momento é assustador porque o perigo é desconhecido. Sua mente se ergue com ímpeto e a devora, em seguida se expande num mundo e, embora a terra seja familiar, ela é uma visitante. Toda noite ela revisita locais em que esteve no passado e encontra pessoas, que mudaram desde sua última visita. Susan se envergonha de sua memória falha, ciente de que aquilo que não consegue lembrar é mais importante do que aquilo que consegue lembrar. Com suas instruções num envelope lacrado que ela perdeu, Susan vagueia, descalça, pernas paralisadas, perde o equilíbrio e flutua no ar, ou luta para subir o morro e chegar à aula já com meia hora de atraso, ou vê seu bondoso pai já falecido e pergunta se ele se incomoda de estar morto, ou deixa um aluno silencioso sentar-se na carteira escolar e aproximar a mão de sua virilha, que ele jamais vai alcançar — enquanto ela tenta evitar o quarto da morte.

A manhã branca a ataca com um momento de claridade absoluta. Susan se vê expelida para o dia vazio. Quando reconhece as cortinas azuis floridas na janela e os galhos de um pé de bordo com uma linha fina de neve, a porta da frente bateu e fechou. Se Susan retiver um fragmento do sonho, ele vai se dissipar, a menos que Susan consiga fazer uma cronologia dele e colocá-lo em palavras. No entanto, cronologia e palavras matam o sonho. A história que perdura não é um sonho e o sonho continua sem ser captado, contíguo a outros sonhos embaixo da porta, constituindo um grande sonho sem rupturas, de uma vida inteira, ao longo de todo o dia absorto, para que continue na próxima visita

de Susan ao subsolo.

Enquanto isso, na luz fria e vazia da manhã, sem sonhos, Susan Morrow, que a princípio nem sabe o próprio nome, aos poucos constrói o novo dia. Terça-feira. Oito. Arnold fora de casa, no congresso em Nova York. Acordar para isso, de súbito, a vida real como um despertador. A memória incisiva do telefonema tranquilizador de Arnold na noite anterior e o que aquilo significa de fato. Significa que, em Nova York, Marilyn Linwood, recepcionista, está ou não está tendo um caso com Arnold. Organizando os papéis no quarto de hotel de Arnold, Marilyn Linwood espera que Susan acorde: aquela mulher jovem e elegante de trinta e poucos anos, sóbria, terninho de *tweed*, óculos, cabelo puxado para trás, rosto pequeno e bem-cuidado. Discreta, a telefonista perfeita. Alguns de seus segredos vieram à tona no piquenique da equipe: biquíni amarelo, cabelo cor de bronze solto e escorrido, coxas brancas um pouco finas demais. Quem é aquela?, perguntou o Dr. Gaspar. Pedante. É a nossa Srta. Linwood?

As coisas mudaram desde que Susan desistiu de ter ciúme. Ela acorda de novo, lembrando. Libertada por uma decisão de não pensar, aceitando o desconhecido em troca de paz e não tendo de saber, se for isso o necessário para ser aceita. Fazendo sacrifícios para o bem do casamento, estável e firme após 16 anos de dúvida.

Volte para o dia, levante-se, Susan. Deixe que os filhos durmam, porque estão nas férias do Natal. O que tenho para fazer hoje? Você tem de lavar as roupas, levar Jeffrey ao veterinário. Tirar a neve com a pá? Dê uma olhada pela janela para ver. Na hora em que sai da cama vestida com o roupão a fim de olhar a neve (sobre a terra, só uma camada fina que logo irá desaparecer), Susan Morrow se recompõe sem nenhuma falha. O novo dia se emenda na ferida da noite como se a vida consciente de Susan fosse um contínuo.

Ela executa as ações seguintes durante o dia, junto com outras coisas. Toma banho, se veste, acorda os filhos, faz o café da manhã, vai de carro até a casa dos Burridge para buscar Rosie. Junta as roupas sujas da semana e põe na máquina de lavar no porão, arruma as camas, vai ao supermercado comprar margarina, carne para o almoço e leite. Almoço para três crianças e para ela. Vai à biblioteca para devolver alguns livros, depois arruma a sala de estar, leva os presentes de Rosie para o segundo andar, e também os de Henry e de Dorothy, o que eles mesmos deveriam ter feito. Uma pausa ao piano. Invenções de Bach. De volta ao porão para trocar as roupas de máquina. Pernil no forno, ligar a lava-louça, pôr a mesa. Sua mente diurna, que nada sabe de sua outra mente, está repleta do que não está ali, mas sabe onde tudo está: Rosie está no segundo andar com Carol, Dorothy está lá fora, Henry está com Mike, Arnold está em Nova York.

E Edward. Uma conexão que vem do passado, que a segura pela mente. Ela fica pensando o dia inteiro: por que estou pensando em Edward? A lembrança dele reverbera de dentro de um torpor como se fosse um sonho, irrompe a intervalos como pássaros que voam ligeiros de uma árvore para outra. Vem muito rápido e voa para longe muito depressa. Para reter aquilo, Susan precisa fazer uma cronologia, da mesma forma que faz com seus sonhos. Isso também mata aquela lembrança. Sua memória morta de Edward ficou guardada em

volumes encadernados anos antes, enquanto o Edward novo e vivo voa solto pelo ar, sem que nada o prenda.

Quando Edward e Susan tinham 15 anos, o pai dele morreu após sofrer um infarto e o pai e a mãe dela o criaram durante um ano. A mãe verdadeira de Edward estava num hospício, e sua madrasta, que tinha acabado de se divorciar do pai de Edward, não queria saber do filho dele. Edward tinha primos em Ohio, com quem depois foi morar, mas os pais de Susan cuidaram dele primeiro para que o jovem não tivesse de largar o colégio de Hastings no meio do ano letivo. Houve negociações e telefonemas interurbanos, e compensações financeiras, mas Susan sempre achou que foi uma grande bondade de seus pais.

Não havia nenhum motivo especial para que ele ficasse em sua casa. Eram vizinhos. O pai de Edward pegava o trem junto com o pai de Susan para ir ao trabalho em Nova York. Ele vinha jantar na casa deles de vez em quando. Era um homem amável e divertido, que tocava violino nas horas vagas.

Moravam na Edgar Lane, uma rua com casas de subúrbio confortáveis, à sombra de árvores. A casa de Edward ficava no alto de um lance de escada em curva, onde a rua descia sob os galhos salientes das árvores. A rua era histórica, tinha havido uma batalha na Edgar Lane nos tempos da Revolução.

Susan mal o conhecia antes da morte de seu pai, ou se o conhecia não lembrava. Iam a pé para o colégio pelo Aqueduto, um terreno plano e coberto de grama que passava entre os fundos das casas, separado delas por uma cerca e por uma larga faixa de grama. O Aqueduto se mantinha plano em aterros ao longo das depressões naturais do terreno e, toda vez que cruzava uma rua, as pessoas que caminhavam por ele tinham de atravessar portões de madeira remanescentes dos tempos antigos em que se usavam cavalos.

O pai de Edward morreu num dia de sol, em maio. Na tarde daquele dia, Susan estava no Aqueduto com Marjorie Gabel, o capim alto de ambos os lados, a trilha ainda molhada, mas não lamacenta. Edward estava cem metros à frente, relaxado com sua mochila de livros, mascando talos do capim do Aqueduto. Atrás dela, a irmã mais nova e o irmão mais novo de Susan, que se demoravam de propósito para evitá-la. Naquela época, Edward era um rapaz magricela, de cabelo amarelo, pescoço fino e olhar oblíquo, como uma ave aquática de pernas compridas, e era tímido demais para ser apreciado, embora Susan não se desse conta de que era timidez e achasse que se tratava de uma maturidade inata, comparada à qual ela não passava de uma criança. Eles subiram a Edgar Lane sob as árvores. Edward subiu a escada e entrou em casa. Marjorie virou à esquerda na esquina e Susan foi para casa, com Paul e Penny atrás, mantendo-se a certa distância.

Alguns minutos depois ele estava na porta da casa dela, a boca se mexendo, tentando falar: chame sua mãe. Em seguida ela foi com a mãe e com Edward correndo pela rua, até sua mãe corria. Subiram correndo a escada ao lado do jardim de pedras para dentro da casa, de alvenaria e madeira, a mãe de Susan parou a fim de tomar fôlego, e Susan a alcançou e perguntou qual era o problema. Ficou do lado de fora, enquanto a mãe e Edward entraram na casa. Com medo porque nunca tinha visto um cadáver, ela esperou junto à balastrada

de pedra na porta da frente, com os canteiros de amores-perfeitos e a vista para a rua do alto. Após um tempo, pessoas chegaram, entraram na casa passando por ela. Um homem gordo subiu a escada ofegante e perguntou para Susan: é aqui? Sua mãe desceu e lhe disse para ir para casa. Por ter ido para casa, Susan deixou de ver o corpo coberto ser removido numa maca, e só mais tarde lamentou não ter visto aquilo.

Naquela noite, Edward veio jantar em sua casa e Susan recorda as perguntas. Você sabe onde sua madrastra mora? Não tem avós? Não tem tios ou tias? Sabe alguma coisa sobre a situação financeira de seu pai?

Instalaram Edward no quarto do andar de cima, de onde ele tinha uma vista por cima dos telhados para um trecho de Palisades do outro lado do rio e para um trecho menor do próprio rio entre as árvores, onde às vezes, no verão, quando tinha sorte, ele conseguia avistar de relance os barcos passando de dia.

Ninguém nem sonhava que algo pudesse acontecer entre Edward e Susan. Ele disse: vamos combinar uma coisa. Você não me quer na sua casa, nem eu quero ficar aqui, mas o que a gente pode fazer, então é melhor deixar isso para lá. Você fica longe do meu quarto e eu fico longe do seu.

Ele disse: assim não vai haver confusão depois, só por eu ser homem e você mulher isso não quer dizer nada, concorda? Você não espera que eu chame você para sair comigo e namorar nem eu espero nada de você. Por acaso aconteceu de a gente estar junto na mesma casa, só isso.

Menos generosa do que seus pais, ela não queria ele ali, porque tirava a privacidade da família. Quando ele fez aqueles comentários pela primeira vez, ela ficou satisfeita, achando que esclarecia a situação. Mais tarde, quando ele se repetiu, ela ficou incomodada. Como ele continuou a dizer a mesma coisa, ela se sentiu de fato irritada, mas, a essa altura, ela já ficava zangada com ele por qualquer coisa, portanto não confiava em seu próprio julgamento.

Edward morou com eles durante um ano. Como ninguém a tirou para dançar no baile da primavera, ele educadamente a convidou para dançar. Os dois estudavam juntos e eram bons alunos. Edward foi com eles para o Maine no verão. Houve momentos de paz que ela quase nem percebia. Ele nunca falava em ser escritor.

Depois daquele ano, Susan não viu Edward de novo até ir para Chicago, oito anos mais tarde. Ela ia entrar na faculdade. Ele já estudava na universidade, cursava direito. A mãe disse para Susan procurar por ele, mas ela não queria.

Susan sentia-se solitária e triste naquela universidade para onde ela foi sem amigos, sem conhecer ninguém. Estava deixando para trás um namorado chamado Jake, que ficou magoado por ela ir para longe e jurou que ia ser infiel. Susan morava num dormitório feminino e tinha aulas num prédio pesado em estilo gótico, de paredes grossas e janelas estreitas com caixilhos de chumbo, um prédio cuja entrada era um arco alto igual ao de um aqueduto, através do qual o vento assoviava. Ela escutava a mensagem da arquitetura nas paredes de pedra, os sussurros dos professores que obrigavam todos a falar em voz baixa, o jeito desconfiado dos colegas, que mantinham certa distância dela. Com inteligência, Susan tentava diferenciar a tristeza sazonal do outono (os prédios cinzentos ligeiramente mais brancos à medida que as folhas caíam) de sua tristeza pessoal (Jake, ou a infância, ou Susan, a livre), e diferenciar as duas coisas da tristeza intelectual enclausurada, cercada pelo gueto incendiário que diziam ser um local perigoso.

Em algum local daquele mosteiro atarefado estava Edward. O antagonismo de Susan havia se dissolvido em nostalgia, mas ela não fez o menor esforço para encontrá-lo. Em vez disso, foi ele quem a encontrou, por acaso. Susan estava na rua 57, a caminho de uma livraria, quando ouviu alguém dizer atrás dela: Susan, espere! Como ele estava bonito, diferente, equilibrado, alto e impressionante, Edward com a mão estendida para ela: eu soube que você estava aqui. Em traje completo, paletó e gravata, óculos reluzentes, ele a segurou pelo cotovelo, conduziu-a para dentro da Steinway's. Venha tomar uma Coca-Cola comigo.

Duas ex-crianças que se encontram após o fim da infância, seu principal esforço é mostrar que não são mais crianças. Isso as torna amigáveis e cordiais, supereducadas. Perguntas sobre mãe e pai, irmão e irmã. Demonstrações afetadas de uma nova sofisticação, acrescidas de explanações ensaiadas para explicar nossas decisões de vida. Nenhuma lembrança de como as coisas eram horríveis no passado. Edward estudava direito, Susan, inglês. Ele morava num apartamento, ela, no dormitório. A gratidão dele: nunca deixei de ter um grande apreço pela bondade de seus pais.

Ele lhe mostrou a cidade, encontrava-a para almoçar no refeitório da faculdade, experimentava com ela os outros restaurantes da comunidade: Ida Noyes, International House. Mostrou onde ficavam os sebos, levou-a ao Instituto Oriental e ao Museu de Ciência e Indústria. Ensinou a ela como ir ao centro da cidade de trem e mostrou-lhe o Instituto de Arte e o Aquário.

Susan ficou espantada com a mudança dele, que poderia ser fruto de um novo revestimento ou de uma descamação. Ele falou: não sou mais o pirralho chato de antigamente. Mostrava-se cordial, educado, cavalheiresco. Isso foi antes de o cavalheirismo se tornar obsoleto, e o dele era tão cauteloso que chegava a dar nos nervos: caminhar na calçada do lado mais próximo da rua, abrir a porta

para ela, segurar a cadeira para ela sentar, as banalidades surradas. No entanto, ela achava aquilo maravilhoso. A culpa foi do antigo antagonismo. Susan tinha uma lembrança tão forte dos modos antigos de Edward que, quando sua rudeza foi substituída por cortesia, a cortesia tomou a dimensão de um fascínio.

A mudança mais interessante era o novo espanto de Edward diante de tudo. Um contraste marcante com seus 15 anos de idade, quando ele já sabia tudo e se mostrava ostensivamente entediado com qualquer coisa extraordinária ou qualquer afronta que vissem. Agora ele era só admiração e indignação. Estava encantado com a cidade, a universidade, o trânsito, o azul do lago, a neblina que vinha das usinas siderúrgicas, os perigos do gueto, o saber e o conhecimento dos professores, a complexidade do direito, as glórias da literatura. Por um tempo, aquilo deixou Susan intrigada, pois parecia inverter a ordem normal, em que a admiração inocente precede o fastio entediado. Sem dúvida aos 15 anos ele havia preferido ocultar sua admiração porque assim parecia mais adulto. Agora, aos 23, a diretriz era se mostrar ainda mais surpreso do que estava de verdade. No conjunto, Susan gostava daquilo, embora mais tarde tenha ficado enjoada também, à medida que percebia como era algo estudado.

A despeito das refinadas maneiras exteriores de Edward, Susan logo descobriu que ele havia sofrido uma séria mágoa: tinha o coração partido. Tinha namorado uma garota chamada Maria que o havia abandonado e casado com outro homem. Abandonado: uma expressão boa e antiquada. Edward não parecia alguém inconsolável. Parecia cheio de vigor e de entusiasmo a respeito do futuro. Mas inconsolável era um estado secreto, que ela podia compartilhar. Ocorreu que ela também estava de coração partido, por causa de Jake, que estava se vingando da escolha de carreira feita por Susan por meio de um programa de viagem ao redor do mundo e de namoros com outras garotas. Ela e Edward podiam ficar de coração partido juntos. Aquilo lhes fornecia um assunto para conversar e os protegia um do outro, como irmão e irmã: nenhuma necessidade de se preocupar com corações, pois seus corações estavam partidos.

Casta e platônica, essa foi a situação enganosa que levou Edward a seduzir Susan, ou Susan a seduzir Edward, tanto faz, cujo resultado final foi o casamento que tornou necessário o divórcio. Ter o coração partido significa ter uma história, e a história de ambos os uniu, quando contavam suas histórias, as repetiam, as amplificavam, Edward mais do que Susan, pois ela não tinha grande coisa para falar sobre o Jake Cretino. Ele falava e ela escutava, com indagações e conselhos, ambos sabendo muito bem que não era a história que importava, nem Maria, mas o ato de contar e escutar. Aquilo se estendeu durante o inverno. Ela preparou um jantar para Edward no apartamento dele, uma coisa que uma irmã faria, e conversaram sobre as mágoas dele até as 3 horas. Um compromisso para casar. Uma garota volúvel, jovem demais para se amarrar. Ele concordava com tudo o que Susan dizia.

Olhando da perspectiva do presente superior, Susan vê que o coração partido de Edward era apenas a manifestação local de momento de sua condição normal, tal como ele estimulava Susan a ver. A ideia de que ele sempre fora e sempre seria alguém sutilmente ferido pela vida e que estava sempre tentando com galhardia tornar-se forte. Por que ele seria alguém mais ferido do que

qualquer outra pessoa era algo que Susan jamais punha em questão na época. Havia especificidades de sobra para que aquilo parecesse razoável. A morte do pai. A perda de sua casa sem mais ninguém para cuidar dele, a não ser o pai e a mãe de Susan. Abandonado era uma expressão que caía bem nele.

Susan identificou um ponto falho na história dele, a questão do sexo, que Edward evitava como se fosse irrelevante, até que suas evasivas acabaram tornando aquilo uma questão relevante. Ela perguntou de forma direta: você fez sexo com ela, Edward?

Ele ficou chocado com a pergunta, mas deu a resposta: não tinha feito sexo com Maria porque ele não tinha feito sexo com ninguém. Tinha 23 anos, o competente e paternal Edward, depois de tirar o paletó e a gravata, admitia aquela experiência estranha. De fato, não parecia tão estranha na época quanto pareceria 25 anos depois, após as revoluções. (Eles nem sequer usavam as palavras fazer sexo. Diziam fazer amor ou dormir juntos, mesmo quando não havia nenhum sono envolvido: a pergunta de Susan na verdade foi: você dormiu com ela?)

Havia diversas explicações possíveis para a situação de Edward. Cortesia e respeito, seus genes antigos do século XIX, refinados e sensíveis. A menos que fosse apenas uma criança em trajes de cavaleiro, com receio de se tornar adulto. Ou alguma diferença na bússola interior, uma questão daquilo que um jargão posterior chamaria de Orientação Sexual.

A virgindade de Edward estimulava a curiosidade de Susan e a fazia falar. Se os segredos deles tinham sido revelados, ela não tinha nenhum direito de manter os seus. Susan tagarelou. Edward ficou chocado de novo, tão perturbado como se ela fosse a heroína de um romance do século XIX, e sua melancolia quando disse vou ter de me acostumar com isso deixou Susan irritadíssima. Ou melhor, irrita Susan, que se recorda daquilo tudo e não consegue lembrar se na hora ficou irritada ou não. Sentiu-se temporariamente inspirada pelo preceito, não propriamente digno de uma cruzada, mas o suficiente para deixá-la motivada, de que Sexo é Natural. Resultado talvez de seus recentes embates com Jake. O que ela via em Edward era a convicção contrária, Sexo Não é Natural. Sexo é Natural era o feminismo pré-feminista dela: levava Susan a voltar-se contra os seios grandes, cervejas e cigarros pornográficos, o duplo critério moral para homens e mulheres, a equiparação de romance e volúpia, e a ideia de Jake de que existia uma diferença entre mulheres boas (morenas) e más (louras). (Para Susan, a crença de Jake significava que, ao mesmo tempo que o amor romântico impunha que ela se rendesse a ele, o fato de ela fazer aquilo constituía uma falha no caráter de Susan, o que o liberava de qualquer compromisso.) Ele não conseguia acreditar que pessoas reais faziam aquilo que escreviam e que a imaginação dele enfeitava.

Então ela resolveu educar Edward. A ideia irrompeu em sua mente numa tarde de garoa na escada do museu. Ela falou sem pensar: Edward, arranje alguém para lhe ensinar as coisas da vida adulta que acontecem entre um homem e uma mulher.

Eu já sei isso.

A ideia se fixou na mente de Susan e teve graves consequências, porque o

resultado, que seguramente a teria dissuadido se soubesse antes, foi que Edward se casou com ela. Na ocasião, Susan achou que seria educativo e saudável para ambos. Sexo é Natural, Edward. Não quer dizer nada. Até você e eu podemos fazer isso, e ninguém precisa saber. Era o início da primavera, quando o campus estava molhado e os raros jovens cintilavam com um resto de chuva, e os prédios cinzentos pareciam recém-lavados sob o céu opaco. Posso ir discretamente ao seu apartamento e ninguém vai reparar, e quando eu voltar para o dormitório nem minha mãe nem meu pai nem Jake nem Maria nem seus professores vão saber de nada.

Que ideia louca. Deve ter sido uma outra Susan, porque a Susan verdadeira se lembra de ficar abalada com tais pensamentos. Lembra-se de tentar analisar a existência de seu fascínio por aquilo em que Edward tinha se transformado: a combinação de sua vivacidade infantil adquirida com seu enfasiado formalismo inato. Susan se lembra de tentar escarnecer até a morte sua curiosidade perniciosamente para ver como se comportaria aquele correto e meticuloso Edward sob o poder de algo incontrolavelmente forte e físico dentro dele mesmo.

O resumo da trama da memória de Susan diz que ela enfiou na cabeça a ideia de seduzir Edward e em seguida passou para a prática e executou sua ideia. O texto mais detalhado diz algo diferente. Ela lhe fez insinuações, sem a menor ideia do que significavam aquelas insinuações. Impulsos afetuosos. Na rua sob a chuva, toques de mão e de punho. Coisas pequenas que sugerem flerte. Ela deu um soquinho de leve no peito dele quando Edward saiu da biblioteca. Na cantina da universidade, ela veio por trás dele e cobriu seus olhos com a mão. No jantar no restaurante da faculdade, depois de um dia difícil e antes de uma noite de trabalho com uma dissertação para escrever, quando os dois comiam em silêncio, o olhar de Susan se deteve no cabelo claro de Edward, ligeiramente despenteado, os olhos cansados dele miravam de forma vaga, e ela sentiu um afeto surpreendentemente antigo por aquele jovem estranho e estranhamente caro a ela, alguém de quem ela gostaria de cuidar. Susan não sabia que queria seduzi-lo.

Será que ele estava interessado? Ela pensava apenas que olhava para ele à procura de sinais, se ele se sentia atraído ou repellido. Na cantina da universidade onde tinham tomado uma cerveja, ela disse: me deixe ir morar com você, Edward. Ele riu, resistindo, transformando aquilo numa brincadeira, e ela riu também, achando que ela mesma queria fazer uma brincadeira.

Susan puxava conversa a respeito de censura e pornografia, psicanálise e os três estágios do desenvolvimento — oral, anal e genital. Discutia a homossexualidade em Platão e os atletas nus nas Olimpíadas. Mostrou para ele a análise que estava escrevendo sobre o poema “À amada esquiva”, de Marvell. No meio daquilo, ela parou e disse: eu vivo esquecendo que você é virgem, e Edward ficou vermelho e pigarreou.

Ela não tinha intenção de nada sério, pensava ela, estava só tentando sacudi-lo para afastar sua apatia. Num dia calmo de primavera, foram à Reserva Florestal para ver os pássaros migratórios. Tiveram uma conversa agradável e nostálgica sobre a vida em família, sobre a vida em Hastings e o futuro dele. Como advogado, ele pretendia cuidar de casos de direitos civis que ninguém mais

quisesse encarar e fornecer ajuda jurídica gratuita para os pobres. Susan pensou que homem bom era ele, o que a deixou orgulhosa, como se ela tivesse feito dele um homem bom. Depois, já tarde e escuro, voltaram à universidade, onde ele a convidou para ir ao seu apartamento tomar um café antes de levá-la para casa. Quando subiram a escada escura, ele abriu a fechadura da porta, os dois entraram no quarto e ele acendeu a luz, ela experimentou a excitação insuportável do tempo presente, da ofuscante imanência do agora, repleta da presença dela, de Edward e de toda a vida concentrada, o que lhe deu uma vontade de gritar ou de cantar. Edward esquentou o café, serviu biscoitos e foi até a estante pegar seu livro sobre pássaros, e os dois ficaram sentados juntos, ombro cotovelo braço e coxa, enquanto ele procurava no livro o rouxinol americano e outros passarinhos canoros que tinham visto na floresta. E enquanto isso sem parar o tempo presente zunia sua presença, até que Susan não conseguiu mais aguentar e ouviu uma voz que disse vá em frente, agora está tudo bem, e então sua própria voz, a voz real, sussurrou uma sugestão no ouvido de Edward.

Então foi a hora do pulsar do coração para os dois, a hora de tremer e sacudir, os olhos grandes de Edward fitavam de muito perto para que ficassem em foco, a voz dele soou rouca: você está falando sério? A adiada cautela e a sensatez da resposta de Susan: só se você quiser. E a profunda satisfação dele: ah, graças a Deus.

Havia uma só luz na mesinha de cabeceira da cama, que lançava sua claridade para baixo e se diluía pelo quarto. Susan estava com um suéter verde claro, macio, blusa xadrez com pregas, meias brancas. Por baixo, um sutiã branco e calcinha branca. Ao sair daquelas peças de roupa, ela surgiu fina e magricela, tinha as faces pálidas, sem óculos naquele tempo, e seu cabelo pendia leve pelas costas. Não estava preocupada com o tamanho pequeno de seus seios, até ver o espanto nos olhos de Edward. Ele era ainda mais magro que ela. Suas costelas se mostravam visíveis no peito, tinha as coxas finas, seu sexo era mais volumoso do que qualquer outra parte do corpo. O quarto estava frio e os dois tremeram e continuaram tremendo.

Na cama, ele ofegava, grunhia, bufava e rugia. Seja franca, Susan, ela também tinha gostado, muito mais do que viria a gostar em algumas repetições posteriores. Ele deitou sobre ela, balançou e berrou em altos brados. Como você é maravilhosa, nem consigo acreditar como você é maravilhosa. Mais tarde, ele agradeceu a Susan por sua generosidade.

Seguiu-se uma longa conversa dos dois nus, enquanto se apalpavam com dedos preguiçosos. Ele lhe contou um segredo que não havia contado para ninguém. Havia começado a escrever, lhe disse Edward. Tinha feito poemas, contos e histórias curtas, e tinha dois cadernos cheios de escritos.

Edward e Susan: que maravilha, disse a mãe dela, é como se casar na própria família. Isso foi em 1965, num frio mês de março, nenhuma mudança de planos: eles mantiveram seus gabinetes de estudo individuais, só que Susan agora morava no apartamento de Edward. Acharam que aquilo era a felicidade.

Quando tenta, Susan consegue se lembrar um pouco daquela felicidade. Durante 25 anos, ela não tentou, preferiu considerar aquilo uma ilusão, e dessa forma protegia Arnold e seus filhos. Susan não tinha nenhum desejo de demolir sua desilusão.

O que recorda agora não é tanto a felicidade, mas sim os lugares onde a felicidade ocorreu. A felicidade era intangível, o lugar a tornava visível. Houve lugares no verão, e lá estava Chicago. Da felicidade de Edward, ela recorda apenas os verões, e, dos dois verões, só recorda o primeiro, que eles dividiram entre a velha casa dos pais de Susan no Maine e o chalé emprestado pelos primos de Edward no norte do estado de Nova York. A casa no Maine, que remonta à infância, dava para uma enseada fria, com pinheiros. A casa tinha frontões e janelas teladas e uma varanda toda envidraçada, e se erguia no alto de uma íngreme ladeira gramada, que descia até as pedras. Susan se lembra de Edward na canoa a remo, pois os dois iam passear na canoa quando tinham 15 anos e foram passear de novo quando já estavam casados. Susan confunde um pouco as duas recordações. Recorda Edward menino na canoa a remo experimentando um cigarro e depois jogando-o dentro da água. Susan se lembra de Edward falando a respeito da madrasta, que se divorciou do pai antes do fatal ataque do coração, e se lembra de que sentiu vergonha por ver um menino chorar.

A outra casa, o chalé dos primos de Edward no norte do estado de Nova York, era mais rústica. Ficava na sombra cerrada das árvores, à beira de um riacho na mata. Tinha porta telada e um cômodo principal com paredes inacabadas, com vigas de madeira à mostra, e dois quartinhos de fundos. Susan se lembra de Edward datilografando em sua máquina de escrever sob a luz da luminária de mesa, enquanto ela tentava ler à luz da mesma lâmpada, na cadeira reclinável, e Susan não tem certeza se aquilo era ou não a felicidade. Os dois iam nadar, corriam sem roupas e mergulhavam no rio. Transavam muito. Desfrutavam o contraste com seu passado hostil, fingiam que ainda tinham 15 anos e que estavam na casa em Hastings, violando as regras. Depois voltavam às obrigações do presente: terminado o sexo, escreviam uma carta para a mãe e para o pai dela, assinada Susie e Edward. Namoradinhos de infância, dizia a mãe de Susan, como irmão e irmã.

As lembranças de felicidade em Chicago são mais difíceis de localizar. O apartamento de Edward, onde viviam tão atarefados. Ensaios e provas a fim de demonstrar como suas mentes se haviam profissionalizado, como tinham sido depuradas e reconstruídas. Estudantes de áreas diferentes, os dois respeitavam as necessidades um do outro e se mostravam gentis. Terminaram o primeiro ano de estudos com a ajuda do pai dela. Mais tarde, como Edward não queria depender dos pais de Susan, ela foi dar aulas de inglês para o primeiro ano de uma

faculdade. A partir daí, com apenas uma ou duas interrupções, ela manteve sempre aquele emprego. Quando Edward perdeu a bolsa de estudos em março, o emprego de Susan foi a única fonte de renda dos dois.

Edward perdeu a bolsa de estudos porque largou a faculdade. Poderia ter esperado até o verão, quando a bolsa expirava, mas, como havia parado de estudar, achou mais honesto interromper também a bolsa.

Desistiu do estudo do direito para tornar-se escritor. Aquilo a surpreendeu, porque Susan achava que ele devia primeiro descobrir se era capaz de escrever. Mas Edward estava seguro. Em demoradas conversas, explicou sua decisão e deixou claro como seria o futuro para eles e qual seria o papel de Susan. O pai dela veio a Chicago para conversar com Edward e dissuadi-lo da ideia. Mas Edward falou que a força de seu impulso para escrever o impedia de estudar para as provas e que aquilo comprovava que a faculdade de direito tinha sido um erro. Eram os outros que queriam que eu estudasse direito, disse Edward. Era eu que queria ser escritor.

Quando Susan soube que ele tinha escrito o tempo todo, perguntou-se por que Edward nunca havia mostrado para ela nenhum de seus textos. Ele explicou que não estava pronto, porque ainda eram coisas infantis. Pediu o apoio dela, e Susan ficou do seu lado. Era o tempo do idealismo. O temor secreto de Susan era egoísta e burguês (ela jamais se importara de ser burguesa). Sua expectativa de uma casa confortável, filhos, tudo aquilo, e de fazer uma carreira universitária, com Ph.D.: aquilo era burguês. Escritores ganham dinheiro?, perguntava ela com aflição, pois sempre ouvia dizer que poetas e escritores se sustentavam com outros trabalhos. Quem precisa de dinheiro?, dizia Edward. Com seu emprego, que proporciona um salário, a gente consegue ir levando. Susan ia dar aulas, ele ia escrever. Ele ia dedicar seus livros a ela, sem a qual nada daquilo et cetera.

O pai de Susan, em sua visita, perguntou delicadamente: você está mesmo disposta a abrir mão de tanta coisa? Mas do que estou abrindo mão, papai?, retrucou Susan. Corajosa, determinada. Para o que mais eu sirvo? Mas quanto a seus planos, seus dois anos de graduação? Estou usando isso, disse ela. Eu não ia conseguir meu emprego se não tivesse essa formação.

No segundo verão de seu casamento, eles ficaram em Chicago e assim Susan pôde ganhar mais dinheiro dando aulas em cursos de verão. Agora ela lia o que ele escrevia, pelo menos uma parte. Edward pedia-lhe que fosse absolutamente sincera, mas Susan percebeu que era melhor não fazer aquilo. Os poemas eram curtos e circunstanciais, evocações nostálgicas, memórias de lugares ou de estados de espírito, que podiam ser resumidos em uma ou duas palavras. E também alguns poemas sensuais sobre como era formidável transar com ela, a expectativa, o desempenho e a recuperação. Edward tinha certas expressões para ela, sobretudo para seus seios delicados e pequenos, que deixavam Susan incomodada. Desconfiava de que seria capaz de escrever tão bem quanto ele, se quisesse. Mais tarde, alimentou aquela ideia porque permitia que encarasse Edward como um impostor, o que ajudava a situá-lo abaixo dela, mas naquela época tal coisa seria uma heresia contra a fé de que ela mesma precisava.

Poemas e contos curtos. Ele parou de mostrar seus escritos para Susan. Ela torcia para que o motivo não fosse alguma coisa que tinha dito para ele. Edward

falava de projetos maiores. Andara trabalhando num romance, mas não o havia mencionado porque estava muito longe de ser acabado. Era um romance bastante longo. Susan deduziu que era autobiográfico, 1.200 páginas até então, e cobria a vida do pequeno Eddie até a idade de 12 anos.

Durante o segundo outono de seu casamento, Edward ficou muito irritado. As coisas não estavam indo bem. Ele trabalhava num projeto que demandava uma concentração especial. Que projeto era esse?, perguntou Susan. Um romance novo, um poema longo? Ele não queria responder porque trabalhava melhor quando não tinha ninguém espiando por cima de seu ombro. Era um erro mostrar uma obra inacabada. Eu preciso achar meu caminho sozinho, disse ele.

Sem mim? Ele tinha de ir para o chalé na beira do rio, onde podia escrever sem ser incomodado. E o que eu vou fazer?, perguntou Susan. Você tem de dar aula, disse ele. Você tem um contrato para cumprir.

É difícil para Susan lembrar o estado de ânimo de sua submissão e mais difícil ainda superar o desdém que sentiu depois. Como foi capaz de ceder de forma tão dócil? No entanto, como Edward não era sexualmente infiel, ela aceitou ficar em segundo plano. Ele partiu e telefonava para ela de duas em duas noites. Susan escrevia cartas para os pais pintando a situação da melhor forma possível, vangloriando-se do desprezo que ela e Edward demonstravam pelas convenções, Edward pelejando no meio da mata, e que vida esplêndida. Infelizmente ele voltou de lá mais melancólico do que nunca. Não deu certo, disse. Precisaria começar tudo de novo. Começar o quê? Mas era algo muito particular para exprimir em palavras. Só bem mais tarde ela registrou seu veredicto final: Edward, o impostor; ela mesma, a tola crédula. A única coisa boa naquele mês de outubro, diria Susan então, foi permitir que ela conhecesse Arnold. Ele era médico residente no hospital e morava num apartamento num andar mais alto. A esposa dele havia sofrido um colapso nervoso e teve de ser hospitalizada. No fim, todo mundo diria mais tarde, exceto Selena, o episódio inteiro foi uma bênção para todos eles.

Mas vinte anos de casamento (e não de um idílio, está claro) permitem que Susan se pergunte, com o espírito aberto, como teria sido a vida se tivesse ficado com Edward. Se tivesse ficado com ele, agora ela seria Stephanie. Com os devidos descontos de Rosie, Dorothy e Henry, Susan não tem mais medo de se perguntar se a vida como Stephanie teria sido necessariamente menos maravilhosa do que foi a vida como Susan.

Certa vez ela perguntou a Edward por que ele queria escrever. Não porque ele queria ser escritor, mas por que queria escrever. Suas respostas diferiam de um dia para outro. É minha comida, minha bebida, disse ele. A gente escreve porque todo o resto morre, é para preservar aquilo que morre. A gente escreve porque o mundo é uma confusão desconexa, que não se consegue entender, a menos que se faça um mapa com as palavras. Nossos olhos estão turvos e a gente escreve para colocar os óculos. Não, a gente escreve porque lê, escreve a fim de refazer para uso próprio as histórias de nossa vida. A gente escreve porque nossa mente é uma tagarelice sem sentido, a gente escava em busca de um caminho nessa tagarelice, um caminho que nos leve de volta a nós mesmos. Não, a gente escreve porque está enclausurado dentro do próprio crânio. A gente envia

nossas sondas para dentro do crânio de outras pessoas e espera alguma resposta. A única maneira de mostrar para você por que eu escrevo, disse Edward, é mostrar para você o que estou escrevendo, mas não estou pronto para fazer isso.

Susan achava que aquilo fazia perfeito sentido. Ele dava a entender que escrever era uma necessidade da vida. Porém ela temia que aquilo que ele estava de fato escrevendo não lhe desse os nutrientes indispensáveis. Quando soube que ele havia desistido de ser escritor para se tornar corretor de seguros, torceu para que ele encontrasse um meio de tornar a corretagem de seguros algo que o alimentasse da mesma forma.

Uma coisa no credo de Edward incomodava Susan. Se escrever era uma necessidade da vida, o que fariam seus alunos de inglês do primeiro ano? Ou ela mesma? A não ser pelas cartas que escrevia, por alguma anotação eventual num diário, algumas recordações num caderno, Susan nada tinha de escritora. Como ela sobrevivia?

Bem, ela era uma leitora. Se Edward não podia viver sem escrever, ela não podia viver sem ler. E sem mim, Edward, dizia ela, você não teria nenhum motivo para existir. Ele era um transmissor, consumia seus recursos, ela era uma receptora, que tanto mais enriquecia quanto mais recebia. A maneira de Susan lidar com o caos em sua mente consistia em cultivá-lo mediante as articulações de outros, pelo que ela entendia a leitura de toda uma vida, com ajuda da qual Susan criava a interessante arquitetura e geografia de si mesma. Ao longo dos anos, ela havia construído um país rico e civilizado, repleto de história e de cultura, com ideias e paisagens que ela nunca sonhara no tempo em que Edward queria tornar conhecidas suas fantasias. Como aquelas fantasias pareciam ralas em comparação com as terras que Susan tinha visto. Generosamente, nos anos que se seguiram desde então, ela desejou para ele uma boa educação. Agora aparece *Animais noturnos*. Se aquilo mostra uma educação é algo que não se sabe, mas pelo menos é uma fantasia e Edward a está tornando conhecida, e Susan está contente por ele.

* * *

Durante o dia inteiro, enquanto faz seus trabalhos domésticos, Susan aguarda com ansiedade a leitura da noite. Pôs de lado seu desdém pela leviandade de Edward, que não era menor do que a dela mesma. Trate seu livro com franqueza e fique contente com ele. Se o Edward que o escreveu parece mais inteligente e melhor do que o Edward que ela conheceu, não há motivo para ficar surpresa. Ela aguarda com ansiedade o encontro com o novo Edward na sexta-feira, acrescido de 25 anos de maturidade. Mas esteja preparada para que ele não pareça brilhante. Embora certos escritores, como pessoas, pareçam mais simpáticos do que seus livros (a gente gosta deles, mas não do que escrevem), outros não são tão simpáticos, são egoístas e rabugentos, embora seus livros sejam atraentes, inteligentes e cheios de luz.

No entanto, para dizer a verdade (a verdade de Susan), o Edward desse livro ainda está encoberto. Escondido pela veemência do caso de Tony, como um policial fica invisível atrás do holofote. Aquilo não ia durar. Quando Tony, depois de chegar às causas de sua desgraça e encontrar sua esposa e sua filha assassinadas, se desvia do terreno comum de seu infortúnio e penetra naquilo que tem de específico enquanto Tony, aí então Edward vai aparecer? Susan pensa no que dizer até lá. Por enquanto, só isto: você começa muito bem. Se não consegue manter o mesmo nível, pelo menos já tem isso. O que é um alívio, Edward, você nem imagina que alívio.

A S E G U N D A S E S S Ã O D E L E I T U R A

Só bem tarde Susan Morrow volta a seu livro. Senta-se no sofá, com as duas últimas horas zunindo dentro de sua cabeça, com Dorothy correndo escada abaixo ao lado de Arthur rumo ao carro dele, Rosie à procura de seus cavalinhos de Natal, Henry no segundo andar com Wagner a todo volume — não rock para Henry, mas Wagner, o que leva Susan a mandar que feche a porta do quarto e baixe o volume. Ela encontra o manuscrito sobre a mesinha de centro, embaixo do tabuleiro do Banco Imobiliário que alguém largou ali, junto com milhares de dólares, casas verdes e hotéis espalhados por todo lado. Susan relaxa, fecha os olhos. Num instante vai conseguir desencavar o livro daquela fortuna abandonada. Num instante ela vai ler.

Sua mente demora a ganhar foco. E se o jovem Arthur, de faces rosadas, for mesmo o rapazinho simpático que finge ser, tímido, que não olha nos olhos da gente, uma loucura incipiente, um jovem louco assassino? Enquanto Martha se instala sobre o tabuleiro do Banco Imobiliário, com dinheiro e tudo, hotéis cutucando sua barriga, e todo aquele mundo do Tony embaixo dela. Quando Susan enfia a mão por baixo, Martha escorrega para o chão, levando consigo a civilização moderna. Sua chata, diz Martha.

Susan coloca o manuscrito que ainda não leu dentro da caixa sobre o sofá, põe as páginas lidas numa pilha ao lado. Procura a página em que estava, marcada por um pedaço de papel de presente natalino vermelho e verde. Susan pensa. Tenta lembrar-se de Tony, que perdeu a família na mata. Ainda não está pronta. O estado de espírito não está certo. Ela sonha um pouco, pensa em si mesma com Tony. Sonha, compara seu caso com o caso dela, que tipo de romance os problemas de Susan poderiam gerar? Muito mais terrível é o caso dele, a não ser pelo fato de o caso de Susan ser real e o dele, imaginário, inventado por alguém — por Edward. O dele é mais simples também, questões brutas sobre vida e morte, em contraste com as dela, que são comuns, confusas e menores, complicadas pela incerteza quanto ao direito de serem sequer classificadas como problemas. Problemas são as pessoas que não têm onde morar, pessoas devastadas pela pobreza, pela guerra, pelo crime, pela doença. Será que Marilyn Linwood é um problema? Marilyn Linwood, cujo caso com Arnold terminou três anos antes, mas talvez continue a acontecer. Susan não sabe se é esse o caso, honestamente, não sabe. E não vai perguntar. Não depois de todas as conversas que já tiveram e do entendimento a que chegaram, segundo o qual Linwood não tem a menor relevância, uma vez que este casamento, diz Arnold, é forte o bastante para superar todas as atrações rivais. Não é nada que dê motivo para incomodar um conselheiro conjugal.

Sonhar traz à tona a Sra. Givens e, por meio dela, a Sra. Macomber, esposa do professor que processou Arnold por negligência médica, porque o marido dela teve um ataque do coração depois de uma cirurgia. A raiva e o azedume daquela mulher (compreensíveis em termos humanos) deixaram Susan atemorizada, pois ela, na condição de esposa, também era responsável pela perícia da mão de Arnold com o bisturi, com as pinças e as precauções numa sala de cirurgia, que

ela nunca tinha visto. A esposa de um médico se equipara ao médico, o que Arnold aceita como algo natural, uma vez que ele confia na avaliação que faz de si mesmo. Um cirurgião tão bom, brilhante, habilidoso, cuidadoso, confiável. Sem ter de perguntar a ninguém, Susan sabia que a acusação da pobre Sra. Macomber era fruto da ignorância, se não da frivolidade ou da malícia, e foi isso que ela disse para a nariguda Sra. Givens. Se a esposa não acredita que o marido está certo, quem além do próprio marido vai acreditar? A verdade é que Susan não sabe até que ponto seu marido é um bom médico. Algumas pessoas o admiram: os pacientes o elogiam, alguns colegas também, algumas enfermeiras, mas o que ela sabe? Ele trabalha muito, leva a sério seu trabalho, estuda. Nunca pareceu especialmente brilhante aos olhos de Susan, mas sua reputação deve ser boa, do contrário não poderia ter sido candidato para trabalhar no Instituto Cedar Hall (Chickwash). Os pacientes morrem. Ele diz que é impossível evitar e aceita isso com estoicismo. Às vezes, quando Arnold fala de pacientes que morrem, Susan tem vontade de chorar, embora não passem de estranhos para ela, pois se deve chorar também pelas pessoas por quem não temos um interesse especial. Mas Susan não chora para não dar a impressão de estar fazendo uma crítica que ela não tem o direito de fazer.

Chega. Ela está perdendo tempo à toa, e de forma nociva. Um cheiro de autopiedade, como um odor corporal. O livro vai recuperar suas forças, é para isso que serve. Susan olha para o topo da página. Dá uma baforada na lente dos óculos para limpá-las, tenta lembrar-se. Tony Hastings, o crime, a clareira com os dois manequins. E mais: a volta para casa e o enterro. Por fim Susan recorda, ele viaja de avião para Cape com Paula, sua irmã. Susan se pergunta o que irá acontecer com Tony Hastings, agora que sua família morreu, naquelas páginas já escritas mas ainda não lidas.

Animais noturnos 12

Tony Hastings não queria se recuperar. Mantinha a energia baixa a fim de evitar o perigo. Viajou para Cape para não ter de discutir com a irmã sobre a ideia de viajar para Cape. Merton foi buscá-los numa caminhonete, tocou o braço de Tony, a cara comprida com sua barba exprimindo o inexprimível. Tony viu a intenção e se deu conta de que não gostava de Merton. Nunca havia gostado dele, o que era uma surpresa, pois sempre havia gostado de Merton. Também não gostou das crianças. Elas estavam sentadas no banco de trás, com ar sério, como que para não levarem uma bronca e terem de ouvir a ordem de ficar caladas.

O carro passou por uma vegetação rala e cor de areia. Na vasta região plana de Cape, dava para ver que o mar estava perto, por causa da névoa opaca no céu. Paula e Merton conversavam. Tony viu Peter e Jenny tentando olhar sem serem notados.

A casa ficava na mata, a uns oitocentos metros da baía. Uma estradinha de terra com capim no meio saía da estrada e subia até a casa. Deram para ele o

mesmo quarto que tinha ocupado com Laura. Da janela, por cima do topo das árvores, via-se a baía num brilho ofuscante ao sol da tarde, para além da faixa das dunas. O quarto cheirava a pinheiro, o soalho estava áspero de areia.

Foram à praia, e estava naquele fim de tarde. Uma brisa cortante varria a baía vinda do oeste e estava bem fria. Em seus trajés de banho, Peter e Jenny vestiram seus suéteres.

— Vocês não vão nadar? — perguntou Tony Hastings com esforço.

— Está frio demais! — disse Jenny.

Peter tinha um frisbee e ele e Jenny ficaram jogando o disco de um para o outro, para não terem de falar com o tio. Não sabiam o que dizer porque temiam perguntar sobre o assunto importante que sabiam a respeito dele. O vento recortou a espuma arrepiada na crista de uma onda. A praia tinha à mostra os restos deixados pela multidão que estivera ali mais cedo, a grande lata de lixo enferrujada estava cheia até a boca, com papéis e embalagens plásticas de comida. Uma gaivota grande caminhava na areia, desengonçada, com pernas alaranjadas, olho sinistro, bico malévolo. Uma outra desceu do céu e pairou no mesmo lugar, no vento, um metro acima da areia, com as grandes asas imóveis, observando tudo abaixo. Restos de um sanduíche. Uma caixa de ovos vazia. O suéter de alguém meio enterrado na areia.

— Estou tremendo de frio, vamos para casa — disse Peter.

Naquela noite, a conversa no jantar foi muito animada. Tony Hastings sabia que devia tomar parte da conversa, se conseguisse acompanhar o que estava sendo dito. Mais tarde pensou: pareço um morto-vivo, tenho de tentar com mais força, não posso esquecer quem eu sou.

De manhã ele raspou o bigode, o que o desagradou. A praia estava luminosa. O ar era fresco, a baía verde e calma, a água quente, e as crianças nadaram muito. Tony nadou com elas por um tempo e se perguntou se aquilo estaria lhe fazendo algum bem. Percebeu um ar interrogativo na fisionomia de Jenny quando ela saiu da água, bolhas em seu rosto e no cabelo encharcado, olhando para ele e depois mergulhando de novo. Sabia o que ela estava pensando. Jenny estava se lembrando de tia Laura, que nadava debaixo da água e ficava rondando que nem um submarino entre as aves marinhas, que davam bicadas na água e mergulhavam a cabeça. Ou estava se lembrando das brincadeiras de cavalinho dentro da água, com o tio Tony e a tia Laura. Ele pensou: se pedirem, vou brincar de cavalinho, mas ninguém pediu.

Como sentia pouco prazer na água ou na terra, logo saiu e sentou-se numa toalha. Quando as crianças voltaram, fez um esforço.

— Gostariam de andar até a enseada? — perguntou.

Era difícil fazer perguntas como aquela, pois as palavras pesavam em seu peito como chumbo.

Caminharam na direção da enseada. Agora (ele sabia) as crianças estavam pensando na caminhada do ano anterior, tia Laura procurando conchinhas e pedras, tio Tony identificando alguns pássaros na praia, Helen escavando buracos na areia molhada, perguntando o que era aquilo que estava lá embaixo, um marisco, um caranguejo? Em silêncio, Tony resguardou sua dor, recusou-se a dar atenção a pedras bonitas ou a elaboradas cascas de siri, indiferente a

bolachas-da-praia. Não queria distinguir gaivotas de andorinhas. A areia parecia pesada em torno dos pés. As crianças caminhavam em silêncio. Então Peter sussurrou algo para Jenny. Ela saiu correndo na frente e Peter jogou o disco na direção dela. Eles se afastaram de Tony, ficaram rodando com seu disco durante o restante do caminho, enquanto ele caminhava sem parar.

Tony passou duas semanas em Cape, tentando ficar deprimido sem parecer desagradável. Paula falou:

— Tony, você tem todo direito de ficar deprimido.

Sugeriu que ele procurasse um psiquiatra quando voltasse para casa.

* * *

Quando voltou para casa, duas semanas depois, e chegou à casa vazia sozinho de tarde, aquela casa absolutamente sua e só sua dali em diante, topou com uma carta que tinha vindo de Grant Center.

Achei que o senhor gostaria de saber que uma impressão digital encontrada em seu carro é igual a uma outra encontrada no trailer. E mais: uma outra impressão encontrada em seu carro foi identificada como pertencente a Steve Adams, que tempos atrás morava em Los Angeles. Ele tem um registro de passagem pela polícia na Califórnia, um carro roubado, com uma absolvição da acusação de estupro. Em anexo segue uma foto, de frente e de perfil, do mencionado Adams, e eu gostaria de saber se o senhor pode identificá-lo como uma das pessoas que atacaram o senhor e sua esposa. Foi lançado um alerta geral contra ele.

Ninguém atendeu nossos apelos em busca de testemunhas.

Espero receber notícias do senhor em pouco tempo, avisarei logo que tiver mais alguma novidade.

Robert G. Andes

A foto tremeu. Foto de arquivo de polícia, de frente e de perfil, um homem esquelético de cabelo preto comprido, barba preta cerrada, como um profeta. Tony Hastings olhou fixamente, tentou enxergar dentro dele. Quem? Nariz em gancho, olhos tristes. Não é Ray, nem Turk. Tentou lembrar-se, rechaçando a profunda frustração: a barba de Lou, o cabelo de Lou? A barba de Lou não era tão comprida, seu cabelo era diferente, se bem que Tony não era capaz de lembrar qual era a diferença, e os olhos da foto não cintilavam nem um pouco. Era uma foto de alguém que ele nunca tinha visto. Tentou imaginar Ray com uma barba, mas a foto tornava difícil recordar qual a aparência de Ray sem barba nenhuma.

A carta desencadeou uma agitação dentro dele, um desejo de castigar. Pensou: que diferença faz que peguem os caras ou não? Mesmo assim, à noite, ele tinha pensamentos homicidas. Aqueles pensamentos o faziam morder os lábios e esmurrar o travesseiro. Mas se esqueceu de responder à carta e, após alguns dias, recebeu um telefonema de Bobby Andes. Ouviu a voz muito fraca, uma ligação ruim.

— Recebeu minha carta?

— Sim.

— E então?

— O quê?

— Reconhece o rosto?

— Não.

— Não o quê?

— Não reconheço.

— Ah, que merda, cara.

— Desculpe.

— Puxa vida, cara. São desse sujeito as impressões digitais encontradas no seu carro. O que você quer dizer? Não reconhece o homem?

— Desculpe. Não reconheço.

— Ah, que inferno.

* * *

Por mais deprimido que estivesse, Tony Hastings fazia o que era necessário para continuar vivo. Preparava o café da manhã e fazia sanduíches para o almoço. Ia a restaurantes baratos para jantar. Às vezes, quando se sentia menos abalado do que o habitual, cozinhava ele mesmo seu jantar. Ia ao escritório, mas era difícil manter a mente concentrada no trabalho e voltava cedo para casa. De noite tentava ler, mas não conseguia se concentrar e passava a maior parte do tempo vendo televisão. Não conseguia se concentrar na televisão também e em geral nem sabia o que estava vendo. Uma vez por semana, a Sra. Fleischer vinha fazer a limpeza e lavar as roupas. No intervalo, a casa ficava uma bagunça, jornais, livros e louça suja. Ele aguardava com impaciência que o verão terminasse para que pudesse recomeçar a dar aulas, embora não tivesse nenhuma ansiedade para lecionar.

Certa noite, tendo resolvido que estava na hora de preparar suas aulas de outono, foi para o escritório e tentou pensar por onde começar. Mas seu pensamento seguiu em outras direções. Queria fazer uma cerimônia, mas não conseguia pensar em nada que servisse. Foi até a janela, mas tudo o que podia ver era o próprio reflexo no vidro. Uma pessoa do lado de fora podia enxergar lá dentro melhor do que ele podia enxergar o lado de fora. Apagou todas as luzes, de modo que a casa ficou totalmente escura. Por que estou fazendo isso?, perguntou. A iluminação fraca do lado de fora, das luzes dos postes e das casas

vizinhas e o brilho do céu da noite entravam através das janelas e lançavam faixas e sombras nas paredes. Foi até a janela lateral que dava para a casa do Sr. Husserl, toda acesa, e dava para outras janelas em volta, e para a noite negra acima dos arbustos e dos jardins apertados. Andou pela casa escura, de um cômodo para outro, olhando para a noite lá fora e para os desenhos que a luz formava no lado de dentro.

Então ele saiu. Subiu pela rua na direção das lojas. Olhou nas janelas para as pessoas nos restaurantes, as lojas abertas, Walgreen's, Stu's Deli, as vitrines iluminadas das lojas fechadas, a loja de ferragens, a livraria. Entrou no parque e desceu uma ladeira embaixo de árvores enormes, estava tão escuro que precisou estender a mão na frente do rosto para se proteger. Por que vim aqui?, perguntou.

Eles deviam ter pensado naquilo na hora em que estavam trocando o pneu. Quando foram até o carro de Ray e conversaram entre si. Vamos levá-las para o trailer, fazer uma festa. E quanto a ele? Que merda, vamos ter de nos livrar do cara. Está legal, olhem aqui o que vamos fazer. *Separar* todo mundo. Ele num carro, as mulheres no outro. Você leva o sujeito, Lou. É perigoso, cara. Que merda, cara, tudo é perigoso.

Tony Hastings tentou lembrar, a ferramenta de ferro que usaram para trocar o pneu. Ela estava no chão quando terminaram? Ele poderia ter apanhado aquela barra de ferro. Com a ferramenta na mão, poderia ter impedido Ray e Turk de entrar em seu carro. Poderia ter erguido a barra de ferro na frente dele com as duas mãos. Se fosse obrigado, poderia ter golpeado com a barra de ferro e acertado Ray na cabeça.

No parque, ele perdeu o caminho. Viu uma luz através do rendilhado das árvores e a usou para guiar-se de volta à calçada. A luz era o letreiro de uma loja de cosméticos, fechada para a noite. Ele estava tremendo e seu rosto estava arranhado.

* * *

Dentro da casa escura, ficou sentado olhando para fora. Me leve de volta, disse ele. Recomeçar, *desfazer* tudo isso. Altere um momento, é só o que peço, depois deixe a história seguir seu curso. Faça-me parar no trailer onde não parei. Ponha-me de pé junto à porta para brigar com Turk e Ray, me dê isso, nada mais, só um elo na cadeia lógica original. Dê carona para o cara que queria ir para Bangor, dê ouvidos à gentileza de minha filha com o homem de barba ondulante, seu pai idiota.

A casa era um tanque vazio, cheio de mágoa. Seus fantasmas vazios flutuavam por todo canto em que não estavam. Não na caixa de joias deixada aberta na cômoda. Nem nas gavetas nem nos armários onde os vestidos delas estavam pendurados, onde ele sentia nos dedos a textura das roupas. Tony enrolou o suéter grosso dela em volta de sua cabeça. Sentimental e piedoso, regou as plantas penduradas que ela havia deixado no vestibulo. Pegou a louça

azul e branca. Não usa as cadeiras de madeira entalhada, nem o abridor de latas elétrico na cozinha. Não datilografa cartas na escrivania dela, de tempo de correr, que fica no cômodo que ela não chama de quarto de costura pois não faz nenhum trabalho de costura ali. Nem usa seu cavalete, sua paleta maluca, telas sem moldura encostadas na parede do estúdio.

Como se destacam as duas pinturas dela na parede da sala, uma toda em azul-claro, como a paisagem marinha de uma manhã enevoada bem cedinho, a outra com matizes de cor-de-rosa e laranja, serena e constante, ignorante da futura força bruta, estupro, martelo. O tolo urso panda de pelúcia de Helen, símbolo de sentimentalidade, com olhos de vidro grandes bem calculados e com a cabeça de proporção exagerada, faz com Tony Hastings aquilo que tem de fazer, sentado sobre a cama, no quarto cheio da casinha que Jack construiu.

De manhã, ele esperava ouvir o barulho de água no banheiro. Esperava ouvir a porta de tela e os passos na calçada rumo à escola. Queria dizer até logo quando saía de casa, mas ela devia ter subido ao segundo andar. Quando voltava para casa de tarde, ela devia estar pintando em seu estúdio, ele ficava parado no pé da escada, tentando escutar algum barulho. A tarde avançava, ele esperava ouvir a outra entrando de supetão pela porta telada. Depois do jantar, esperava por ela, para que pudessem dar uma volta.

Ele assinalava num gráfico aquelas redescobertas de ausência, de modo que chegassem como palpitações de surpresa, a fim de manter constante o fluxo de dor. Elas o capacitavam a compreender aquilo de novo, mais uma vez, e novamente. De propósito, esquecia, para depois voltar a compor a ordem em que tudo havia ocorrido. As estranhas caixas retangulares cobertas com um pano branco na igreja vinham depois dos casulos de lona carregados para fora da mata, que vinham depois dos manequins no meio dos arbustos. Esses por sua vez vinham depois de elas serem levadas embora no carro, de noite, o que veio depois de tudo o que havia acontecido dentro daquela casa. Nada do que havia ocorrido na casa era mais recente do que aquilo que havia ocorrido na estrada, nada era mais novo e mais recente do que a morte delas. A última coisa que você viu das duas, dizia Tony Hastings para si mesmo com assombro, foi e vai ser para sempre seus rostos apavorados dentro do carro que seguia pela estrada.

Ele discutia em minúcias aquele assunto com ela. Dizia: o pior momento foi quando Ray e Turk entraram à força no carro onde vocês estavam. Aquilo foi muito ruim, concordava ela. Não, ele se corrigia, o pior foi quando vi pela primeira vez algo nos arbustos e me dei conta de que eram vocês. Ela sorriu. Ele disse: eu gostaria que você pudesse me contar sua parte da história. Eu também gostaria, dizia ela.

A outra descia a escada aos trambolhões à noite, dois degraus de cada vez, pulava e batia os pés com estrondo no chão e deixava a porta de tela bater com força ao sair. Ele perguntava: o que devo fazer com as coisas dela, os bichinhos de pelúcia, os cavalinhos de louça, preciso de seu conselho. Eu sei, dizia ela.

No segundo andar, o pobre, velho e gordo Henry toca *A marcha fúnebre de Siegfried* alto demais, como se fosse rock. Abaixo esse volume, grita Susan Morrow, em seguida ouve o telefone tocar, e é Arnold que liga de Nova York outra vez. Susan volta ao manuscrito depois do telefonema, repleta do som do entusiasmo de Arnold. Aquilo atrapalha sua leitura e apaga Tony Hastings, o faz sumir. A novidade é Chickwash, e o entusiasmo de Arnold causa apreensão em Susan, embora ele não saiba disso. Será que eles vão ter de deixar aquela casa para que Arnold possa ascender em sua carreira? A pergunta aguça seus olhos, leva Susan a enxergar sua própria vida daquele ponto de vista, no sofá onde está. Papel de parede, consolo de lareira, quadros, escada, balaustrada, acabamentos de madeira. Do lado de fora, um gramado, um pé de bordo, esquina, luz do poste. Ela tem amigas aqui: Maria, Norma. Tirar seus filhos da escola para o marido ir trabalhar em Chickwash. Eles vão ficar chateados, podem chorar desesperadamente, namorados, namoradas, amigos perdidos para sempre. E também Susan, que não falou de nada disso com Arnold ao telefone, para que não fosse acusada de egoísmo e de apego a frivolidades domésticas. Ela já estava cheia de discutir sobre seus direitos para depois sentir-se mal por causa disso. Não tinha a menor vontade de discutir com Arnold.

Ele supõe que Susan vá apoiar sua decisão. Arnold pode até pensar que os dois chegaram juntos àquela decisão. Vão conversar a respeito do assunto. Ela fará as perguntas que ele espera que ela faça, para ajudá-la a decidir aquilo que já decidiu, lhe dirá aquilo que ele já tem em mente, recordará Arnold de seus interesses. Susan vai pôr na balança de um lado o amor que Arnold tem pela arte do cirurgião e por seu cuidado com os pacientes e do outro lado o prestígio e o poder de fazer algo de bom em escala nacional. Se ela não gostar daquilo, não vai dizer nada, a fim de não parecer uma tentativa de influenciar Arnold em prejuízo de seus melhores interesses. Susan vai falar dos filhos e dos interesses deles, mas, se Arnold disser que os filhos podem se adaptar e ressaltar as vantagens que há para eles no ambiente de Washington e por terem um pai bem-sucedido, Susan lhe dará apoio, é claro.

A voz de Arnold soa igual à de um rapaz no ensino médio. Praticamente me prometeu o emprego, disse ele. Não é maravilhoso? É formidável, querido, disse ela. Precisamos conversar sobre isso com mais detalhes, disse ele, temos de avaliar o que é melhor para todos nós, para você e para nossos filhos também. Não vou aceitar nada sem consultar você. Todos os aspectos. E fez sugestões de como avaliar aqueles ângulos.

Houve mais do que isso ao telefone. Um momento ruim, uma pergunta que ela fez que não exprimia uma reação adequada à empolgação do marido, algo de que ela só se deu conta tarde demais. Aquilo passou, um erro, que deixou um travo de preocupação depois que a ligação terminou. A sensação de um desastre evitado no último segundo, embora ainda persista o perigo de atolar nos próprios pensamentos. Pare, Susan, diz Susan para Susan, deixe isso para lá. Podia ser pior. A noite é para ler, e para continuar a ler ela tem de suprimir a si mesma da

própria mente.

Em vez disso, Tony Hastings. Ele se aflige, apático, obcecado, e ela se pergunta o que fará com Tony depois que ele apagar as luzes e olhar para o lado de fora. Ele se transformou num personagem, complicado por aquele toque de ironia de Edward alinhavado ao longo de seu estilo. Ela se pergunta se irá perder contato com ele, se sua desgraça não vai resvalar para a autopiedade. Susan espera que o romance não prolongue sua depressão, pois quem quer ler a respeito de um protagonista deprimido? Ela tende a ficar impaciente com pessoas deprimidas, até mais do que Edward, talvez. Recorda a depressão do próprio Edward quando ele fazia suas tentativas de escrever, antes de o casamento deles fracassar.

Na canoa a remo, na praia de cascalhos, junto com o chiado do cigarro de Edward, ela recorda (até antes) a recusa de Edward em perdoar sua mãe há tanto tempo internada. Quando Susan a defendia, ele tentava espirrar água em cima dela com os remos. Enquanto isso, agora, como vinha sendo de 25 anos para cá, todos os meses Arnold enviava um polpudo cheque a fim de sustentar Selena, que espumava em sua cela de luxo em Gray Crest. Susan se lembra de como Arnold dizia para ela, com uma alegria espantada: Graças a Deus que você é uma pessoa mentalmente sã. Depois de todos aqueles anos, Arnold se acostumou com Susan e não fala mais isso.

Animais noturnos 13

Em setembro, Paula veio fazer uma visita. Ela veio dar um destino aos pertences delas e jogar coisas fora. Vasculhou os armários de Laura e o quarto de Helen, reuniu as roupas e as joias, juntou as cartas, pinturas, fotografias, brinquedos e bichinhos de pelúcia. Depois ela foi embora e o semestre letivo começou. Os colegas e os estudantes voltaram. Aquilo foi bom, embora perguntas que nada tinham a ver com matemática ainda se intrometessem na conversa. Chefe, sua esposa quer falar com você. Lampejos cortavam seu pensamento enquanto estava dando aula ou conversando com os alunos. E aquele novo hábito de apagar as luzes e olhar para fora de casa através das janelas de noite. Ficava olhando para os galhos escuros e para as caixas de luz das casas e para a luminosidade mortíça do céu e sentia a ampla escuridão dentro de casa como uma caverna, especialmente estimulante quando passava alguém, sem saber que estava sendo observado.

Ele supunha que estava se recuperando. Foi a uma festa oferecida por Kevin Malk, diretor do departamento de Tony. Nas festas na casa de Malk, havia jogos. Charadas: Tony participou, propôs títulos para serem expressos por meio de mímica: “O lado ensolarado da rua” e “O declínio do Ocidente”. Ele próprio expressiu por meio de mímica o título “Casa de animais noturnos” e ficou surpreso com o vigor dos aplausos.

Levou Francesca Hooton para casa. Ela estava sozinha porque o marido, um

advogado, tinha ido para Nova Orleans. Tony sempre gostara de Francesca. Ela ensinava francês, era alta e bonita, tinha um belo rosto de traços finos e um toque de dourado no cabelo. Nos velhos tempos, às vezes se perguntava o que poderia acontecer se ambos fossem livres. Agora se sentia constrangido, porque era um acompanhante e também por causa da possibilidade de aquilo ser uma oportunidade que ele não desejava ter, no meio da confusão causada por estar muito abalado e de luto. Ela sentou a seu lado no carro, com um vestido leve e elegante de cor bege.

— Eles descobriram alguma pista? — perguntou.

— A polícia? Não que eu saiba.

— Você não está revoltado?

— Com quem? Com a polícia?

— Com aqueles homens. Não quer que sejam presos e castigados?

— De que adianta? Isso não vai trazer Laura e Helen de volta.

Na mesma hora se deu conta de que aquilo era mera bravata, enquanto Francesca dizia:

— Bem, se você não está revoltado, eu estou. Estou revoltada por você. Quero que eles sejam mortos. Você não quer?

— Estou bastante revoltado — sussurrou.

Na entrada do prédio de apartamentos de dois andares onde Francesca morava, ela disse:

— Imagino que você não queira entrar.

Ele sentiu um impulso desvairado dentro de si e falou:

— É melhor eu ir para casa.

Em sua casa escurecida, ele descreveu sua noite para Laura. Brincamos de mímica, disse Tony. Fui a atração da festa. Depois levei Francesca Hooton para casa. Ela quer que eu fique revoltado e deseje vingança, mas não quero que nada me distraia de você. Também espera que eu tenha um caso com ela, mas recusei. Ele apagou as luzes e percorreu a casa de novo, olhando da escuridão de dentro para a escuridão de fora, e disse: não vou esquecer. Nada pode me fazer esquecer.

Com o corpo duro, andava de uma sala de aula para outra, como um homem que anda apoiado numa bengala. Uma aluna de pós-graduação chamada Louise Germane, que tinha cabelo cor de trigo, veio ao seu gabinete e disse:

— Eu soube o que aconteceu, Sr. Hastings. Quero que saiba que lamento muito.

Ele contraiu um sorriso e agradeceu. Quando ela saiu, ele disse: devo esperar uma vida solitária, meu cabelo vai ficar branco. Ele resolveu escrever uma história de seu casamento. Achou que escrever o faria lembrar. Tinha medo de perder a sensação da presença, o sentimento vital de que o passado ainda era parte do presente.

Reunia memórias específicas para provar certas coisas: a noite de Tolstói para provar a inteligência dela, a viagem à praia para demonstrar a vitalidade dela, as piadas e os trocadilhos que ele tinha tanta dificuldade de guardar na memória para confirmar o senso de humor aguçado dela, as discussões na cozinha a respeito dos Malk para mostrar seu discernimento, a célebre noite em

que caminharam até Peterson Street para reiterar a generosidade dela e seu bom coração. A memória de Tony Hastings mostrou-se recalcitrante, não gostava de ser forçada. Ele tentou libertar Laura da moldura sobre a mesa, os olhos congelados pelo fotógrafo num sorriso, o cabelo numa onda fixa por cima de um lado da testa. Ele desviou o olhar e esperou que a memória o apanhasse de surpresa. A memória o apanhava de surpresa muitas vezes, mas não quando ele queria. A fim de se expor para ser apanhado de surpresa, Tony recapitulou hábitos antigos: ela o levou de carro para a universidade uma centena de vezes, em seu trajeto para a galeria, o que fez materializar um momento agradável que aconteceu na galeria, quando ela pediu um conselho a Tony. Certa vez ela o pegou de surpresa com uma visão de seus passos descendo a rua, rumo à casa, tão real como a própria vida, balançando os braços ao lado do corpo. Como ela balançava os braços — mas toda memória que o apanhava de surpresa se tornava fixa. Ele criou um arquivo de imagens, à medida que a memória o apanhava de surpresa com uma frequência cada vez menor.

Então ele melhorou. Passou três horas numa reunião na faculdade argumentando com ardor em favor de dois candidatos à promoção e à efetivação em seus cargos. Só quando saiu do prédio com Bill Furman, na neve que começava a cair, Tony Hastings lembrou que estava de luto. Tinha esquecido aquilo por três horas. Aquela lembrança que retornava, despertada pela casa vazia e pela neve, tampouco trouxe o choque de costume. Isso aconteceu muitas vezes. Na sala de aula ou lendo, ele se dava conta de que estava trabalhando havia horas sem lembrar que sua vida não era normal. A vida continua, dizia ele. Não posso ficar trincando os dentes o tempo todo.

Aquela foi a primeira neve do inverno. Tony dirigia na neve ao lado de Bill Furman, os flocos grossos de neve rodopiavam em torno do carro num vento forte, as ruas estavam escorregadias e perigosas. Ele esperava que a neve fizesse renascer sua mágoa, porque estava soterrando o lugar onde elas haviam morrido. Ele podia ouvir a neve caindo na mata: um inverno que elas nunca verão. A neve estava tranquila, porém. Mais tarde, observou a neve de dentro de casa. Mais uma vez percorreu os cômodos e apagou as luzes. Observou o fluxo dos flocos de neve sob a luz do poste de iluminação. Pensou na neve sobre a trilha na mata, na montanha. E na clareira, cobrindo a área toda. Tirou os sapatos e andou só de meias. A luz dos postes de iluminação e do céu da cidade refletida na neve entrava pelas janelas da casa espaçosa e iluminava os cômodos vazios. Ele pensava em como estava livre e sozinho dentro daquela casa, sua propriedade solitária no escuro, iluminada pelo brilho espectral que vinha de fora. Como fizera nas noites anteriores, só que agora se sentindo bastante são, ele passou de uma janela para outra, olhando para o alto do morro, na direção da casa do Sr. Husserl, para o gramado, os galhos de carvalho cobertos de neve, para as garagens e os carros estacionados e riscados de neve, com um sentimento de êxtase.

Quando perguntou a Laura sobre aquilo, ela disse: sinta-se alegre por estar vivo. Vendo a neve que recobria o gramado e a rua na frente de casa, ele se tornou consciente do próprio corpo, que desde o início havia ignorado a dor. A única constante, sua necessidade de dormir e fazer a barba, de escovar os dentes,

de comer e beber e expelir suas dejeções. Controlar seus hábitos alimentares de modo a não se sentir gordo, cheio de gases ou sem forças. Vestir roupas limpas, roupas de baixo, camisas, sapatos, e as roupas sujas para a Sra. Fleischer lavar. E agora, com a neve, usar um sobretudo, um cachecol, um gorro e luvas, e, se sair para caminhar amanhã, bater com os pés no chão para ativar a circulação. Reparou no seu pau, aprisionado, perturbado pelo sentimento noturno, que o fez mexer-se um pouco, como um bailarino que numa dança encena a alvorada. Era aquela a única parte de seu corpo com uma dor própria, só sua, acobrinhada dentro da calça. Mas, se alguma vez ele tentava desabrochar, bastava que Tony lembrasse e, como se estivesse repreendendo um cachorro, ele logo se encolhia e se retraía.

No entanto, seu pau sempre tivera ideias independentes. Mesmo nos bons e velhos tempos de seu casamento, sempre havia existido aquela parte canina de Tony que reparava nas coisas, na Francesca Hooton e na aluna Louise Germane, nas garotas de biquíni de oncinha que via na praia. Sempre aquela abafada esperança anárquica que Tony repelia, como se não tivesse nada a ver com ele.

Agora, porém, pensava de propósito em mulheres que havia conhecido. Francesca Hooton. Eleanor Arthur. Louise Germane. Sexo, não amor. Amor estava fora de questão, a ideia de outro casamento era inconcebível, mas sexo ele conseguia imaginar. Porém havia um problema em todos os casos. Francesca era casada, e, embora o marido advogado viajasse bastante, Tony não queria saber de confusão. E ele também não sentia confiança nos sinais que ela enviava. Os sinais de Eleanor Arthur eram mais claros, e Tony achava que seu marido queria que ela fosse tão livre quanto ele mesmo, no entanto as instabilidades nervosas de Eleanor deixavam Tony nervoso, e ele não conseguia tirar da cabeça que ela era bem mais velha do que ele. Com Louise Germane ele se sentia solto e à vontade, mas era uma aluna de pós-graduação e não era bom envolver-se com alunas. Como ninguém conveniente estava disponível, Tony se conformava sem maiores dificuldades.

Poucos dias depois, Francesca Hooton, com seu belo penteado, levou-o à livraria para ajudá-lo a escolher presentes para os filhos de Paula. Ele gostou do sorriso reservado de Francesca e de seus olhos envolventes. Mais tarde, ele aceitou um convite de George e Eleanor Arthur para jantar, um bufê, um grupo grande. Sentou-se na ponta do sofá com Roxanne Furman, conversaram sobre o departamento, a alegre Eleanor estava ocupada demais como anfitriã para dar atenção a ele. Pouco antes do Natal, Tony recebeu um cartão de Louise Germane, um bilhete cauteloso, numa caligrafia elegante. O cartão o fez lembrar-se de sua suspeita, meramente acadêmica enquanto Laura estava viva, de que Louise tinha uma queda por ele.

* * *

Tony Hastings foi jantar com seu irmão Alex e sua família, em Chicago, no Dia de Ação de Graças, e conseguiu não criar um clima tristonho à mesa. No Natal,

passou dez dias na casa de subúrbio de Paula, a trinta quilômetros de Nova York. Agora ele gostava de Merton e não conseguia lembrar por que havia deixado de gostar dele. Saía para caminhar com as crianças pelas ruas de subúrbio cobertas de neve, calçava patins de gelo com as crianças e observava como elas experimentavam seus novos patins na rampa que ficava acima da cidade. Em seu quarto na casa de Paula, no canto noroeste da residência, não muito maior do que a cama, com uma estante cheia de livros de Paula, ele teve a sensação de que estava começando uma vida nova. O quarto tinha um papel de parede novo, cor azul de montanha, tinha cheiro de lençol limpo, a janela dava para uma ladeira com árvores sem folhas. Tony fez um plano.

Partiu na quinta-feira depois do ano-novo, seguiu para Nova York de trem, não quis que Merton o levasse de carro até o aeroporto. Agora estava com a ideia de resolver a questão do sexo antes de ir para casa. Uma vez sozinho, seus nervos ficaram tensos como uma corrente elétrica que soltasse faíscas em seu peito. Teve essa sensação no trem ao longo da beira do rio. Sua respiração estava acelerada quando assinou a ficha de registro do hotel. Era um hotel decadente, perto do centro da cidade. Disse para si mesmo: meu nome é Tony Hastings, professor de matemática. Moro longe daqui. Passei por uma experiência muito ruim.

Vou jantar num restaurante caro. Achou um restaurante num hotel chique, mas não teve nem apetite nem paciência para as longas esperas entre um prato e outro. Depois do jantar saiu para a rua e andou timidamente no meio da multidão, olhando de relance para as vitrines malcuidadas, como um caçador que tenta passar despercebido. Pensou: Ray, Lou e Turk estão aqui, escondidos no meio da multidão, eles vão me ver. Lojas de discos, lanchonetes precárias, lojas de penhor, galerias comerciais. Ele disse: sou uma criatura sexual como qualquer pessoa, mas sua mente estava cheia de assaltos e pessoas cobertas. Uma contorção de câimbra em sua mente. Entrou num bar e se surpreendeu (embora fosse exatamente aquilo que havia planejado fazer) sentando ao lado de uma mulher, num tamborete junto ao balcão. A mulher tinha trinta e poucos anos, usava um vestido preto com flores brancas e um laço branco, tinha um rosto redondo e parecia assustada.

— Oi — disse ela.

— Oi.

— Você tem um nome?

— Tony. E o seu?

— Sharon.

Ela deixou que Tony a levasse para casa num táxi. Ele ficou nervosamente espantado com seu sucesso, pois tinha um profundo temor de desconhecidas e nunca antes havia saído com uma mulher que conhecera num local público. Ainda estava com medo e se perguntava se não estaria indo na direção da própria morte, mas a ansiedade dela aliviou em parte o seu medo. No caminho ela disse:

— Para o caso de você estar pensando, eu não sou uma prostituta.

Ele se perguntou se aquilo significava que ela iria mandá-lo embora na porta

de casa. Sharon disse:

— Sou uma garota que tem um emprego, trabalho numa loja de departamentos. Sou solteira.

Na escada ela disse que gostava de conhecer pessoas novas, mas a maioria dos homens que conhecia era horrível. Tony esperava que ele não fosse horrível. Sharon também esperava isso. Ela fazia força para conversar. Ele notou que ela estava tremendo.

— Você está com frio? — perguntou.

— Na verdade, não.

O apartamento ficava no terceiro andar. Quando ela chegou à porta, respirou fundo na tentativa de parar de tremer. Olhou para ele com ar de quem pede desculpas.

— Eu fico nervosa — disse.

Ele tentou colocar a mão em seu ombro. Ela se esquivou, depois pegou a mão dele e apontou para a aliança em seu dedo.

— Traíndo sua esposa, estou vendo.

— Minha esposa morreu.

Ela pegou a chave dentro da bolsa e deixou-o entrar. Disse para ele não fazer barulho. Sua colega de apartamento estava dormindo no outro quarto.

O quarto dela era pequeno. Tinha cartões-postais presos num quadro de cortiça acima da cama. Tinha um guarda-roupa aberto com vestidos pendurados.

— Do que foi que ela morreu?

— Foi assassinada.

Sentou-se na cama e contou para Sharon o que havia acontecido. Ela ficou sentada, imóvel, numa cadeira, olhando para ele, com o rosto sem expressão. Tony contou a história primeiro de forma resumida, os fatos principais. Depois, embora não fosse sua intenção, entrou nos detalhes. Voltou ao princípio e descreveu tudo passo a passo. Ela ficou olhando para ele, escutando, com o rosto vazio.

— Puxa vida — disse ela. — Você me dá arrepios.

Ele estava descrevendo os manequins no meio dos arbustos e de repente reconheceu a expressão nos olhos dela, que o fitavam enquanto ele falava. Terror. Era uma estranha, mas ele também era um estranho.

Tony parou, chocado consigo mesmo. Não eram as visões evocadas de Ray, Turke Lou que a deixavam aterrorizada.

— Desculpe — disse ele. — Acabei me deixando levar.

Ela olhava para o quarto à sua volta, como se medisse as distâncias.

Após um momento ele disse:

— Quer que eu vá embora?

— Quero — disse ela. — Acho que é melhor. — Estava tremendo de novo.

Uma vez que ele estava no corredor dos elevadores, ela se mostrou aliviada. Encostou-se na porta, pronta a fechá-la depressa, caso ele mudasse de ideia.

— Assustei você? — perguntou Tony. — Não era minha intenção.

— Merda — disse ela. — Escute, lamento muito, de verdade, por sua mulher e sua filha, está legal?

Ele desceu a escada, também aliviado.

No caminho de volta para o hotel, Ray, Turk e Lou estavam na rua, nas sombras das portas, no metrô, olhando para ele, enquanto os olhos grandes de Sharon absorviam Laura e Helen dentro de si. Sharon estava matando as memórias de Tony, profanando suas memórias.

Então ele as trouxe de volta. No trailer, Ray mandou que elas tirassem a roupa. Turk segurou sua faca na garganta de Helen enquanto Ray forçava Laura a deitar na cama. Depois foi a vez de Helen. Quando Laura gritou e atacou, Ray a golpeou na cabeça. Mãe!, gritou Helen. Gritos e choro, sua mãe destrocada no chão, enquanto Ray torcia seu braço até quebrar.

Alguma coisa assim. Que eles queimem no inferno, disse Tony Hastings.

Susan baixa o manuscrito. O que está me incomodando?, diz ela. Enquanto vê Tony Hastings andar às cegas pela cidade sórdida atrás de sexo, quer saber se aquilo continuará a ser uma história para ela. Quando Tony estava na mata, o horror transcendia o gênero. Mas a luta para recuperar a virilidade é algo diferente. Tony em busca de um objeto sexual: isso não a estimula nem um pouco.

O que a está incomodando é outra coisa. A leitura a impele para a frente, como um nadador no mar. As criaturas da mente diurna de Susan, animais feitos de terra e de ar, afundam na leitura, transformadas em golfinhos, submarinos, peixes. Alguma coisa a morde enquanto ela está nadando, um pequeno tubarão de dentes afiados. Ela precisa puxá-la para fora, para o ar, onde pode vê-la. Enquanto Tony Hastings sofre, o bicho morde.

Quando o mar recua, ela volta para Arnold ao telefone. Susan recorda uma repreensão. Preferia que você não tivesse perguntado isso, disse ele.

O que ela perguntou?

A certa altura da conversa, Arnold sugeriu que ela continuasse morando em Chicago e ele moraria em Washington, onde teria seu emprego. Que ela ficasse em Chicago com os filhos, e ele viesse para casa todos os fins de semana. Susan recorda — por um processo de associação: aquilo significaria duas casas para ele, o que por sua vez significaria...

Não importa qual foi a pergunta por que Arnold a repreendeu. Ele perguntou por que ela queria saber e ela disse alguma coisa. Isso não o deixou satisfeito, ele insistiu, Susan resistiu, e Arnold disse: você está perguntando a respeito de Linwood.

Não falei sobre isso, disse ela.

Susan ouviu a inspiração impaciente do marido. Perguntou sim. Pois bem, vou lhe dizer. Não está decidido. É uma oportunidade, e ela tem uma irmã em Washington. Pensei que você compreenderia. Eu preferia que você não tivesse feito essa pergunta.

Ele preferia que ela não tivesse feito aquela pergunta.

Não há mais nada a fazer, senão deixar assim para ver como é que fica. De volta para Tony, que dá calafrios na pobre mulher solitária. Susan se pergunta se Edward inventou a dor de Tony imaginando como ele se sentiria se algo acontecesse com Stephanie, se foi assim que ele escreveu o livro.

Animais noturnos 14

Quando Tony Hastings voltou para casa de tarde, havia um bilhete da polícia local em sua caixa de correio: por favor, telefone.

— Por favor, telefone? — disse a mulher. — Deixe eu ver aqui, Hastings, é o nome do senhor? Andes, Pensilvânia, telefone imediatamente. Seria isso?

Podia ser.

— Eu não sei para quem o senhor teria de telefonar em Andes — disse ela.

— Andes é uma pessoa.

Ela discou um número e entrou em contato com alguém chamado Muskacs, que disse:

— Andes não está.

Tony deixou um recado e foi depressa para a pizzaria a fim de poder estar de volta às 20 horas. O telefone tocou logo depois.

— Hastings? Faz três dias que estou tentando entrar em contato com você.

— Fui a Nova York passar o Natal. Fui visitar minha irmã.

— Uma viagem, hein? E agora vai ter de fazer outra viagem.

— O quê?

— Quero que vá amanhã para Albany, em Nova York, e me encontre lá.

— Para quê?

— Boas notícias.

— Amanhã?

— Nós vamos pagar a viagem. Tem um avião e você pode me encontrar no aeroporto ao meio-dia.

— Amanhã tenho de dar aula.

— Cancele.

— Do que se trata?

— Quero que você olhe para alguns caras.

— Para identificar?

— Essa é a ideia.

— Essa é a boa notícia?

— Pode ser.

— Você acha que são eles?

— Não acho nada, Tony, você é que tem de me dizer o que tenho de achar.

— Como eles foram presos?

— Não posso dizer a você. Depois eu digo.

Tony sentiu uma emoção crescente: Ray, Lou e Turk, cara a cara.

— Tenho de dar aula amanhã, é importante.

— Mais importante do que isso, cara?

— Vou ver se alguém pode dar aula em meu lugar.

— Assim é que se fala. Anote isto. Quero que ligue para a empresa U.S. Air, confirme seu lugar no avião. Já fizemos sua reserva. Você vai de manhã e volta de noite, amanhã mesmo, tudo no mesmo dia. Vou estar de carro lá e encontro você quando chegar ao aeroporto. Pelo menos disso você não vai poder reclamar, não é?

* * *

Tony Hastings pegou o avião para Albany. Sentiu um temor crescente enquanto olhava pela janela, para o céu leitoso e sem forma. A comissária de bordo lhe

deu um refrigerante e um saquinho plástico de amendoins. Ele mastigou devagar, enquanto recapitulava a ideia de vingança e recordava a si mesmo do que se tratava, afinal. Justiça, desforra, cumprir a pena até o fim. O que Bobby Andes esperava que ele sentisse? A alegria de fitar os homens nos olhos, com as mãos algemadas, e dizer: agora é a sua vez.

Eles o fitariam nos olhos em resposta. Era disso que ele tinha medo? Tente lembrar. A cena fora repetida tantas vezes, reexibida tantas vezes, a imagem estava desgastada, a cor desbotada, o tato e o gosto já embotados. Mas Tony voltaria àquilo, ao momento exato. Tente, você precisa lembrar.

O homem na poltrona do outro lado do corredor do avião tinha barba preta. Também estava de paletó e gravata, com uma prancheta no colo. Parecia Lou, a não ser pelas roupas. Havia um homem de óculos e com uma pasta que parecia Turk. O homem de macacão e fones nos ouvidos na pista de decolagem de Pittsburgh tinha um rosto triangular, dentes maiores do que a boca, como Ray.

Eles vão olhar para você, mas por que deveria ter medo disso? Não estar presos, sob vigilância. Bobby Andes vai tomar conta de você.

Enquanto andava pelo túnel atapetado na saída do avião, Tony Hastings se perguntava se reconheceria Bobby Andes.

* * *

Recordava Bobby Andes como um homem baixo, gordo, de cabeça grande e faces lisas e brilhantes, com algumas pintinhas. Soube que o homem que vinha se aproximando era Andes não porque o havia reconhecido, mas porque Andes devia recebê-lo no aeroporto. Um estranho se considerasse a região ao redor dos olhos, um estranho que rapidamente deixou de ser um estranho. Tony recordou aqueles olhos e os lábios grossos, e era o retrato simplificado que recordara em sua mente que estava errado. Noutro momento, quando caminhavam lado a lado pelos corredores compridos rumo à saída, o retrato simplificado sumiu, a estranheza foi apagada.

— Vamos para Ajax — disse Andes. — Fica a 30 quilômetros daqui. A reunião é às 14 horas. Vai levar só cinco minutos. Depois você pode ir embora.

— Quer que eu os identifique?

— É só dizer se reconhece alguém. Se reconhecer, pode assinar uma declaração.

— Vocês pegaram os três?

— Não interessa o que a gente pegou ou não pegou. É só você nos dizer quem você conhece.

— Como foi que os apanhou? Pelas impressões digitais?

— Não interessa, já falei. Depois, tudo bem? Antes, nada feito.

No carro, saíram da cidade, passaram por campos numa estrada de duas pistas, de alta velocidade. Ajax era uma cidade industrial na beira de um rio. Foram a um antigo prédio de tijolos com colunas de concreto. Subiram uma

escada antiga embaixo de uma janela de vidro sujo. Numa sala, um homem branco, alto e cabeludo, com um rosto gasto. Bobby Andes fez as apresentações.

— Capitão Vanesco, Tony Hastings.

O capitão Vanesco era educado. Sentaram-se a uma escrivadinha.

— O tenente Andes me contou o seu caso — disse ele. — Você se sente intimidado por essas pessoas? Existe algum motivo que o faça hesitar em denunciar algum deles?

Na verdade... Mas Tony Hastings sentiu vergonha e respondeu:

— Não.

— As pessoas que nos interessam estão detidas. Não serão liberadas se você identificá-las — Vanesco disse.

Bobby Andes falou:

— Escute, Tony, seu testemunho é da maior importância. Você entende isso?

— Entendo.

— Na verdade a gente não tem mais nada. Entende isso?

Vanesco falou:

— Nem todas as pessoas que você vai ver são suspeitos. Fazemos isso para dar aos suspeitos uma chance justa. Se você for capaz de identificá-los no meio de outros, isso reforça a identificação.

Tony estava se sentindo pouco à vontade. Falou:

— Já passou muito tempo.

— Eu compreendo.

— Tudo aquilo aconteceu de noite.

Vanesco falou:

— Está querendo dizer que não pôde enxergar bem os rostos deles?

— Acho que vi bem, mas estava escuro.

— Entendo. Ouça o meu conselho. Se estiver inseguro, deixe passar. Porque quando a gente reconhece alguém, acontece como um estalo, *gestalt*, conhece a palavra? Só não deixe de lado uma suspeita muito depressa. Às vezes o estalo demora um pouco para vir. A pessoa pode parecer um estranho durante alguns momentos, antes que a imagem entre em foco, e aí vem o estalo. Portanto, se ficar em dúvida, espere um estalo.

Saíram e desceram a escada até um cômodo semelhante a uma sala de aula. Sentaram-se na primeira fila.

Vanesco disse:

— Vamos mostrar quatro homens. Não vou dizer quantos são os suspeitos. Quero que olhe bem e, se reconhecer algum, de qualquer lugar ou de qualquer época, me avise.

— Quando eu aviso?

— Assim que tiver certeza.

— Antes que saiam?

— Não se preocupe — disse Andes. — Ninguém vai matar você aqui.

Tony Hastings recostou-se na cadeira de sala de aula, tentando relaxar, como se quisesse respirar fundo. Recordou-se do tremor de Sharon ao subir a escada rumo a seu apartamento, no Village. Uma porta se abriu e um policial entrou, seguido de quatro homens. Ficaram parados diante de uma luz brilhante em

frente ao quadro-negro. Tony Hastings olhou para eles com ar perplexo.

O primeiro homem era grande. Vestia uma camiseta vermelha toda esticada em torno do peito e tinha uma cara redonda e encurvada para baixo, com o cabelo emaranhado e louro e um bigodinho. O segundo, não tão grande, vestia uma camisa de flanela xadrez e tinha o rosto ossudo, olhos calígrafos, um topete louro que descia pela testa. O terceiro, mais ou menos do tamanho do segundo, estava de óculos de armação preta e grande, tinha cabelo escuro e ralo e um basto bigode preto. Vestia macacão e tinha o rosto balofo. O quarto era baixo e magricelo. Vestia um paletó surrado sem gravata e tinha óculos de aro prateado. Tony Hastings não reconheceu nenhum deles.

Ficou sentado observando todos por um bom tempo, tentando lembrar. Os homens, com as mãos nas costas, se mostravam inquietos, passavam o peso do corpo de um pé para o outro. Os dois de óculos contemplavam alguma visão mística acima da cabeça de Tony, no fundo da sala. O homem louro de cara ossuda o fitava como se tentasse entender quem *ele* era, ao passo que o grandalhão de cara curvada para baixo lançava olhares furtivos em redor da sala. Culpado — mas não era ninguém que Tony tivesse visto antes.

Em face daqueles quatro homens desconhecidos, Tony não conseguia mais lembrar-se de Ray, Turk ou Lou, embora a imagem deles tivesse ardido em seus pensamentos vivos durante seis meses. Tentou trazê-los de volta. Será que Ray podia ser tão grande quanto o grandalhão louro? Não importa o bigode, mas será que ele poderia ganhar tanto peso assim em seis meses? Ou o homem de cara ossuda? Aos poucos, Tony trouxe de volta à mente um Ray rudimentar, recuperou a fronte calva, restaurou o rosto triangular, os dentes grandes na boca pequena. E os olhos grandes e intimidadores. Portanto, pelo menos o Ray não estava ali. E quanto ao Lou, que o havia levado de carro pela estrada no meio da mata e o obrigara a sair do carro no lugar onde os corpos de sua esposa e de sua filha seriam largados pouco depois? Que aspecto teria Lou se sua barba preta tivesse sido raspada? Risque o Lou. E quanto ao Turk? Lembrava-se dos óculos de Turk, mas não tinham armação escura como aqueles. E se Turk tivesse deixado crescer o bigode? Tony Hastings estava começando a suar. Não havia prestado atenção bastante em Turk, obscurecido pelos companheiros mais nítidos.

Pensou: o homem de óculos de armação escura podia ser Turk. Começou a ver alguma familiaridade nele, como se o tivesse conhecido um dia. Muito tempo antes. Mas não de forma definitiva, não com o estalo de que Vanesco precisava. Embora Tony Hastings pensasse que conhecia aquele homem, não conseguia recordar-se de Turk. Tudo o que restara de Turk era uma imagem genérica, homem de óculos de armação de metal.

Ouviu Bobby Andes respirar fundo a seu lado. Um dos homens na frente deles resmungou:

— Meu Deus!

O homem de cara ossuda falou:

— Se você leva tanto tempo assim para decidir, não adianta.

Agora Tony teve certeza de que o homem de óculos de armação escura era Turk. Por outro lado, não conseguia lembrar-se de Turk, portanto não podia ter certeza. Como fazer uma identificação falsa era pior do que não fazer

identificação alguma, ele suspirou e disse:

— Desculpe.

Bobby Andes bufou.

— Leve todos eles daqui — disse Vanesco.

Bobby Andes jogou sua prancheta no chão:

— Pelo amor de Deus! — exclamou.

— Desculpe.

Vanesco foi gentil:

— Está tudo bem. Se não consegue ter certeza, é melhor deixar de lado.

— Lá se vai toda a porra do nosso caso — disse Andes. Para Vanesco: — Isso quer dizer que não posso ficar com ele preso, não é?

— Depende de você. É só conseguir uma prova.

Bobby Andes falou:

— Merda!

Tony disse:

— Há uma pequena possibilidade...

— O quê?

— Há um dos homens que talvez pudesse ser, não tenho certeza.

— Quer que traga o sujeito, vamos, tragam o sujeito de volta!

— Espere — disse Vanesco.

— Não tenho certeza, o problema é esse.

— Um deles? Traga os caras de volta para cá!

— Espere! — disse Vanesco. — Qual deles, Tony?

— O terceiro, de óculos e bigode. Se ele tiver trocado de óculos e deixado crescer o bigode.

Bobby Andes e o capitão Vanesco se entreolharam por um bom tempo.

— Qual deles seria? Ray? Lou?

— Não estou dizendo que seja. Estou muito inseguro. Se for um deles, é aquele que chamavam de Turk.

— Turk.

— E os outros?

— Os outros não.

Vanesco perguntou:

— Está disposto a fazer uma identificação positiva desse Turk?

— Estou dizendo que não posso. Não consigo ter certeza. A única coisa que me leva a pensar que ele seja o Turk é o fato de vocês terem me trazido até aqui para identificar os homens. Vocês têm algum motivo para associá-los com o caso.

Vanesco e Bobby se entreolharam. Vanesco balançou a cabeça e disse:

— Não é o suficiente.

Ao andar para a porta, ele colocou a mão no ombro de Bobby e a outra mão no ombro de Tony, como se fosse um pai.

— Encarem o caso desta forma. É o início. É preciso encontrar mais provas.

— Para Tony, falou: — Não se sinta mal. É difícil formar uma imagem no escuro.

Bobby Andes levou Tony Hastings de carro de volta ao aeroporto de Albany. Estava zangado.

— Você me deixa mesmo desanimado, cara — disse ele.

Viajaram por quilômetros ao longo do vale sem dizer nada.

— Não consegui ter certeza — disse Tony.

— Sei.

Bobby Andes disse:

— O cara que você disse que *talvez* fosse Turk Gostaria de saber quem é ele?

— Sim.

— É Steve Adams, rapaz. O cara cujas impressões digitais foram encontradas na mala do seu carro. É o fato circunstancial, ele pôs a porra das mãos no seu carro, e você nunca o viu antes na vida.

Steve Adams, o homem da foto: cabelo grande até os ombros, barba comprida de profeta. Como isso muda a pessoa. O Turk original era tão pouco distinto que Tony só conseguia lembrar-se de uns óculos genéricos e era muito mais comum do que os dois Steve Adams.

Talvez as impressões digitais de Steve Adams tivessem sido deixadas na mala do seu carro em alguma outra hora, por um frentista num posto de gasolina.

— Quer saber o resto? — Um escárnio na voz de Bobby.

— Sim, é claro.

— Eram três caras que tentavam surrupiar um carro de uma loja de carros de segunda mão. Um fugiu. As impressões digitais indicaram esse Steve Adams, de quem eu andava atrás. Se você o tivesse identificado, teria sido mandado para minhas mãos.

Mais tarde Bobby Andes rompeu o silêncio de novo.

— Como é que se podem encontrar mais provas quando as testemunhas não cooperam?

— Eu quero cooperar.

Chegaram ao setor de embarque.

— Duvido que a gente volte a se encontrar — disse Andes. — Não estou vendo muito futuro neste caso.

Tony Hastings curvou-se na janela do carro com a intenção de apertar a mão dele, mas Bobby Andes partiu muito rapidamente. No avião, Tony teve certeza: o homem de óculos de armação escura era Turk.

Banheiro. Susan Morrow baixa o manuscrito, sobe ao segundo andar. A música esbraveja na casa. Através da porta fechada do escritório, o comércio americano, uma voz masculina chorosa tenta vender para sua filha caçula as delícias de carros e cervejas. No segundo andar, *Parsifal*, solene, exótica, música com perfume.

— Rosie, vá para a cama!

Uma caçada aos assassinos, um novo rumo na história de Tony Hastings, uma complicação. Susan fica contente com isso. Ela se solidariza com a dificuldade que ele sentiu para identificar Turç, e a cena a deixa constrangida, como se a culpa fosse sua. Fica espantada com a maneira como as pessoas conseguem reconhecer umas às outras. Ela confundiu seu vizinho Gelling com o homem que vendia reforços para proteger as janelas durante tempestades, todavia reconheceu Elaine no aeroporto, embora tivesse voltado transformada numa esfera. De volta à sala, Susan dá um empurrão e tira Martha de cima do manuscrito outra vez. Há outro substrato incômodo em sua leitura, o resíduo de um pensamento reprimido, ou então ainda é o mesmo de antes. Ela quer que aquilo desapareça de uma vez.

Animais noturnos 15

O estado de Tony Hastings era ruim. Tentava entender o telefonema que recebera às 3 da madrugada, na noite anterior. A voz disse:

— É Tony Hastings, não é?

— Quem fala?

— Ninguém. Eu só queria ouvir sua voz.

As pessoas o evitavam. Ele ouvia por acaso, aqui e ali. Jack Appleby no escritório:

— Já está demorando demais.

Na cafeteria, Myra Lopez:

— Ele acha que merece uma atenção especial.

Seus amigos descobriram como sua aceitação em suas casas dependia da graça e do charme da esposa. Tony sabia o que eles estavam pensando. Sem ela, Tony era uma ausência escura. Os alunos zombavam dele pelas costas. As garotas evitavam seu olhar e vigiavam seus movimentos, prontas para abrir um processo judicial contra ele. Parecia um pária: pertencente a uma casta inferior na Índia, com um turbante, acorrentado perto da cabra no jardim, ou com os demais proscritos em farrapos na praia.

Estavam pondo a culpa nele, mas não diziam aquilo na cara. Com que facilidade ele havia se recuperado. Aquela festa com a brincadeira de mímica na casa dos Malk. A maneira como vai levando a vida, emburrado e melancólico, como se tivesse sido escolhido por Deus. Vocês não acham que tem alguma coisa

estranha na história dele? Afinal, por que ele não resistiu?

Aquela altura já era março. Ele gritou para o aluno em seu gabinete:

— Avisei para você no início do trimestre. Se quiser apresentar queixa contra mim, vá em frente.

O aluno era um atleta. Estava com uma camiseta com o número 24 estampado. Tinha olhos grandes e revoltados e era careca, exceto dos lados. Tinha queixo pequeno. Saiu do gabinete batendo com força os pés no chão e disse:

— O senhor vai ter notícias minhas.

E Louise Germane veio entregar os trabalhos que tinha avaliado para ele. Deve ter ouvido algo da conversa, ou quem sabe não tinha ouvido nada. Falou:

— Sr. Hastings, o senhor está bem?

Ele falou qualquer coisa e ela disse:

— Sei o que o senhor está passando. Está recebendo algum tipo de ajuda?

— Você se refere a um psiquiatra? Ninguém sabe o que estou passando e não preciso que uma aluna de pós-graduação venha me dar conselhos.

Ah, ela pediu desculpas, mas Tony Hastings, menos irritado do que sua voz parecia indicar, mandou-a sair. Depois ficou envergonhado. Um ator. Pobre Louise Germane, provavelmente a única aluna que ainda gostava dele. Tony reparou que tinha cometido um erro, mas tudo bem. Logo correu para falar com ela.

Encontrou-a na cafeteria.

— Eu queria pedir desculpas — disse. — Foi estupidez minha.

— Está tudo bem, Sr. Hastings. — A garota alta, cabelo cor de trigo, solto e escorrido, o sorriso aliviado. Ela disse: — Quero que o senhor saiba que se eu puder fazer alguma coisa é só avisar. Estamos torcendo pelo senhor.

Os olhos dela, que fitavam, azuis da cor do mar, ansiosos para serem interpretados. Ele aceitou uma longa conversa descontraída diante de um café. Permitiu-se falar sobre Laura. Reparou no olhar vidrado que surgiu no rosto dela, mas continuou a falar. Ela disse:

— Obrigado por me contar. Sou muito grata por sua consideração.

Ele disse:

— Fale sobre você.

Ela falou de seus irmãos e irmãs, ele não prestou atenção, sua concentração não estava muito boa. Perguntou por que ela estava fazendo pós-graduação. Ela respondeu.

Ocorreu a Tony Hastings que os planos dela eram ingênuos e tolos e falou:

— O que você vai fazer quando o mundo explodir?

Ela o fitou com assombro.

— O senhor está falando da bomba?

— A bomba. *Aquilo*. A chuva. O fogo.

Ela ficou desconcertada.

— Talvez o mundo não acabe.

Ah! Tony Hastings balançou a cabeça, estalou os lábios, recostou-se no espaldar da cadeira e explicou. Falou dos misseis brancos pacificadores, com o futuro do mundo em suas peles, ogivas apontadas cada uma para uma cidade

diferente, e a retaliação programada para depois que as pessoas estiverem mortas. Falou dos ventos solares que atravessam a pele humana como um crivo. Falou: *ataque preventivo e tempo de execução*. Explicou que depois da explosão vem o fogo e depois a debandada daqueles que ficaram para além do fogo, e depois as pesadas nuvens que vão escurecer tudo, e falou do *inverno nuclear* e das *cinzas enegrecidas*.

— Você acha que não vai acontecer?

Ela respondeu:

— A Guerra Fria acabou.

Ele sentiu uma raiva fria e superior:

— Você acha, não é? Mas o resto do mundo está vindo por aí. Árabes, paquistaneses. Terceiro Mundo. Todo mundo vai ter a bomba. Você acha que eles não têm rancor?

Ela disse:

— Estou mais preocupada com o efeito estufa.

Mas ela não estava preocupada o bastante. Tony apontou para ela:

— O mundo está morrendo. As doenças estão avançando, os espasmos da morte já começaram.

Ela disse:

— Qualquer pessoa pode morrer num acidente amanhã.

Ele retrucou:

— O conhecimento tradicional de que as outras pessoas vão continuar a viver depois que nós morrermos não é igual a saber que a humanidade está morrendo e que tudo aquilo pelo que vivemos está sendo suprimido do mundo.

O manso e civilizado Tony Hastings: excêntrico, extravagante, rabugento. Que perde a cabeça à toa. Às vezes passa o dia inteiro transtornado. O jornal da manhã na hora do desjejum repleto de insultos, editoriais, cartas, burrices, preconceito. Em uma manhã de abril específica, viu um menino da vizinhança atravessando seu quintal para fazer um atalho pelos fundos da casa do Sr. Husserl. Tony Hastings saiu correndo atrás do menino.

— Ei, você aí!

O garoto parou.

— Achei que a gente podia passar.

— Acontece que você tem de pedir permissão. Peça permissão.

— O senhor me dá permissão?

Acenou para ele ir em frente. O jardim estava marrom, folhas verdes novas brotavam entre as hastes. As ervas daninhas estavam a caminho. Já estavam em marcha e em breve a Sra. Hapgood também estaria a caminho, telefonemas e reclamações. Alguém se esqueceu de botar o convite para a reunião na faculdade em sua caixa de correio. Para a secretária, com calma: Eu só gostaria de saber quem foi o responsável. Foi a Ruth quem distribuiu os convites. Será que me esqueci do senhor?, disse ela. Tem certeza de que não ficou misturado com o resto de sua correspondência? Controle-se e volte para o escritório.

A bolinha de beisebol bateu no para-brisa. Os pneus cantaram com a freada. Ele abriu a porta, correu para fora, agarrou a bola que estava na sarjeta antes que os meninos tivessem tempo de pegá-la.

— Que horror, vocês podem acabar matando uma pessoa.

— O senhor pode devolver a bola, por favor?

Ele bateu a porta do carro com força e trancou-a, ele se lembrou. Cinco meninos se juntaram em redor do carro, tentaram violentamente fazê-lo prisioneiro, impediram a passagem do carro, ao mesmo tempo que batiam no capô, pedindo a bola de volta e fazendo baderna.

— A bola é nossa, moço.

Ele ligou o motor do carro, tentou andar em frente. O que o impedia? Se era uma questão de violência, seu carro podia passar por cima deles. A violência dos meninos contava com o pacifismo dele. Tony moveu o carro um pouquinho para a frente, empurrou-os para trás. Que direito tinham de supor que ele era um respeitador das leis ou de tirar vantagem daquilo? Os meninos foram para os lados, todos menos um, de cara branca, que empurrou as mãos contra a dianteira do carro e dava um passo para trás toda vez que o carro o forçava a recuar. Seu rosto estava tão furioso quanto Tony se sentia, os lábios contraídos e bem juntos, os olhos em chamas. Então aquele menino também desistiu, berrou:

— Seu filho da puta — e bateu na janela enquanto Tony passou com o motor roncando.

Avançando em velocidade para o quarteirão seguinte, Tony Hastings olhou no espelho retrovisor. A bola deles. Pode esperar mais telefonemas hoje de noite. Abriu a janela e jogou a bola para fora. Os meninos, no espelho, foram correndo pegar a bola no meio dos carros estacionados.

Acalme-se, Tony, esfrie a cabeça. A casa era uma igreja onde ele rezava para que seus fantasmas recuperassem sua alma. Cerimônia de culto. Colocava os livros sobre a mesa e ia para a estante na sala, onde guardava o álbum de retratos. O livro de orações. Recostava-se na cadeira e fechava os olhos. Um quadro. Ela senta no sofá, ele na cadeira, Helen no chão encostada na mesinha de centro, e diz:

— Fez isso mesmo? Não está brincando?

Aula de Bíblia.

— Então comecei a me perguntar por que todo dia eu me via conversando com ele quando saíamos da aula e de repente me dei conta de que ele estava à minha espera e fiquei emocionada.

Helen achou graça:

— Vocês parecem até duas crianças.

— Mas nós éramos duas crianças.

Tradição.

— Seu pai é o homem mais estável que existe. Isso tem grande valor, a longo prazo.

Elogio ao pai.

História. O espírito questionador, as risadinhas.

— Sabem o que eu quero dizer, não sabem? É impossível imaginar vocês dois como amantes.

— Seu pai é muito amoroso à sua maneira.

Mistério. A pergunta que Helen queria fazer mas não queria que fosse respondida, a pergunta que ela nunca fez porque não responder já era uma

resposta mais do que suficiente.

Ritual. Abril, um ano antes, em bicicletas depois do jantar. Sinais do futuro, botões de flores, pássaros novos. A filha na frente, mudam de rota toda noite, voltas diferentes em quarteirões diferentes. Papai vai por último, vigiando as outras pelas ruas tranquilas, alerta quando vem um carro, tenso quando eles pegam a rua principal, entre os carros estacionados e o trânsito. Quando chegam a casa, já anoiteceu de todo. Hora dos deveres de casa, nada de televisão esta noite, pessoal. Agora paz, todos os perigos foram deixados para trás.

O homem mais estável que existe, amoroso à sua maneira, tomando café na lanchonete, acenou para Louise Germane, que estava numa cabine telefônica com um estudante chamado Frank Hawthorne. Tony não gostava daquele Hawthorne, não gostou de ver Louise com ele, pensava num jeito de dizer isso para ela. Frank Hawthorne tinha a cara gordurosa e a barba suja, cabelo emaranhado e cheio, os olhos pareciam de um bicho na mata, lábios proeminentes por entre a barba, como órgãos internos que soltavam secreções pela abertura de uma ferida. Recordou o caso de fraude de Hawthorne, encoberto a fim de poder aprimorar seu caráter. Também o caso do pombo: dois caras estavam com uma bola de beisebol na ladeira abaixo do gabinete de Tony, e Hawthorne perto deles.

— Me dê isso aí — diz Hawthorne, depois atira a bola com toda a força na direção de um bando de pombos, o que poderia ter matado ou mutilado um deles, se tivesse acertado.

Uma garota reclama:

— Não faça isso, eu gosto deles.

— São mais sujos do que ratazanas — diz Hawthorne, o assassino virtuoso.

Na lanchonete, Tony Hastings ficou pensando como faria para prevenir Louise.

Então perguntou para Francesca, na vez seguinte em que a viu. Ela sorriu para ele.

— Por que se preocupar? Se ele é um cafajeste, ela vai descobrir.

— Você quer dizer que não é da minha conta.

— A menos que haja mais alguma coisa que você não esteja mencionando.

Isso foi na hora do almoço. Ele falou:

— Ando muito irritado ultimamente.

— Percebi. Faça-me um favor — disse ela. — Não se envolva com uma aluna de pós-graduação. Você não precisa disso.

— Do que eu preciso?

Houve um momento durante o qual ela ficou olhando para ele. O olhar se prolongou, significava alguma coisa. Sêrio, sem sorriso, olhos azuis que falavam. O momento passou e ela voltou a sorrir da maneira habitual, com um envolvimento parcial, uma cumplicidade equilibrada. Tony pensou: perdi alguma coisa. Algo me foi dito e agora é tarde demais.

Mas almoçava com ela constantemente no Clube da Universidade. O olhar dela, gentil e evocativo. Pensou: ela é minha única amiga. Lembrava-se de Tony como ele era antes. Ela sabia que ele não queria ser daquele jeito. Tony olhava para ela e pensava, adorável, linda.

Então ele disse:

— Hoje é quinta-feira.

— E o que tem?

— Você tem a tarde livre.

— E daí?

Espagete enrolado no garfo, ela evitava o olhar dele. Salto.

— Posso levar você em meu carro para algum lugar?

Boca virada para cima, recebendo o espagete, ela enxugou o molho de tomate da boca graciosa.

— Para onde?

— Qualquer lugar.

— Tudo bem.

Isso é tudo. Vão de carro até um mirante de onde se avista o rio de cima e de onde podem ouvir o barulho dos caminhões abaixo do barranco. Ficaram olhando para a paisagem, perto de outro carro com um casal que olhava para a paisagem, e ele sentiu um ímpeto sexual que gerava uma energia diferente de tudo o que havia sentido naqueles nove meses, diferente até daquele que sentira em sua noite em Nova York.

Falou sobre o escudo de dióxido de carbono, o aquecimento global, o vindouro deserto sob o sol cancerígeno. Viu como sua eloquência o arrebatava. Viu que ela estava entediada. Tony pensou: não sou mais uma pessoa agradável, e seu sentimento sexual morreu.

Levou-a para casa, se perguntando se ela o convidaria para entrar, mas não convidou. Francesca agradeceu pela tarde e ele não viu nenhum traço de magia em seus olhos rotineiros. Ela subiu para casa e uma garotinha veio cumprimentá-la.

Tony arrancou com o carro de forma abrupta o bastante para fazer os pneus cantarem. Freou bruscamente no sinal fechado, os pneus guincharam, em seguida o carro disparou para dobrar no cruzamento. Sentia alguma coisa, não sabia o que era. Tomou a via expressa, ultrapassou o carro na sua frente e fechou-o, ia para um lado e para outro, mudando de faixa constantemente. Buzinou para um carro que estava no meio, pressionou até que conseguiu ultrapassá-lo.

Quando aquela turbulência cessou, tomou a direção de casa e deitou-se na sala. O que era aquilo: era Laura que se recusava a ir embora? Parecia outra coisa. Como se fosse preciso uma cerimônia para que Tony pudesse voltar para Tony. Imaginou um deus primitivo, macho e selvagem.

A imagem o fez rir, mas a risada não tinha sentimento algum, e logo depois lhe veio a convicção avassaladora de que nenhum pensamento seu tinha qualquer sentimento. Viu todo o seu comportamento recente numa tela, com uma luz que vinha de trás e atravessava o pano, revelando o vazio. A maneira desvairada como havia dirigido o carro na via expressa uma hora antes, uma exibição para esconder alguma coisa que ele não tinha. A revelação se desdobrava, se aprofundava no passado, remontava a muito tempo antes, até a catástrofe, e tudo o que descobria era impostura ou falsidade. Sentimentos falsos encenados. Ficou assustado, não com o abismo, mas com o que aconteceria caso alguém

descobrisse, e pensou: isto é uma coisa que ninguém deve saber. Um segredo. No final da tarde, dentro de casa, procurou em sua alma e tudo o que via era indiferença branca por baixo das calculadas exibições de dor e, como aquilo se tornava cansativo, a irritabilidade e a raiva. Tony reconhecia os privilégios que a dor lhe havia concedido. O que ninguém sabia era como ele havia enganado a todos. Era um homem artificial, fabricado com gestos.

Caminhou pela casa a passos lentos, completamente livre. Uma ira difusa o levou para a escrivaninha, onde datilografou o seguinte bilhete para Bobby Andes:

É só para dizer que agora tenho certeza de que o homem que não consegui identificar era Turk. Espero que você não tenha esmorecido sua busca daqueles homens. Prometo cooperar de todas as maneiras possíveis, pois estou mais determinado do que nunca a levá-los a prestar contas com a justiça.

A página seguinte tinha um aviso: Parte Três. Bom. Uma mudança — Susan Morrow já estava meio cansada daquilo. Ela se pergunta se Edward espera um elogio pelos órgãos internos que soltam uma secreção por entre a barba. Talvez o pária com o turbante e a cabra proscrita sejam coisas que ele se esqueceu de revisar.

Até que ponto ela vai conseguir ler nesta noite? Pensa na hora e tenta calcular. Agora estamos na metade do caminho, é melhor terminar amanhã. Faça uma pausa.

— Rosie, para a cama!

Uma vizinha no segundo andar:

— Já estou na cama, mãe.

Jeffrey quer sair. Ela abre a porta, deixa o cachorro sair. Não devia, mas é tarde, ninguém vai saber. Não se meta em confusão, meu caro. Ela vai à cozinha. Belisca alguma coisa, uma Coca-Cola? A cozinha está fria, a temperatura lá fora está caindo. No escritório, ouve vozes de uma série de televisão, ninguém está vendo, alguém deixou o aparelho ligado desde o início da noite.

Ela se sente ferida pela leitura e pela vida também. Pensa se sempre resistiu aos livros antes de se render a eles. Oscila entre irritação e compaixão por Tony. Se pelo menos não tivesse de conversar com Edward depois da leitura. Se for mesmo o caso de Tony ficar maluco — ou virar um canalha —, é preciso ter certeza de que Tony na verdade não é Edward.

Agora ele é Tony, o homem artificial. Susan se pergunta o que será isso. Em geral ela desconfia de palavras como oco e superficial. Será que *ela* é oca ou cheia? Quem vai saber, mas Susan não quer que ninguém decida a questão por ela. Se Edward está condenando Tony por meio da voz do próprio Tony, aí está o velho intolerante Edward de novo, sempre pronto para julgar os outros. Quando ele julga, ela resiste. Mas Susan também tem a noção de uma segunda leitura mais imparcial, que virá mais tarde, quando a amargura tiver cessado e tudo tiver passado.

Em todo caso, PARTE TRÊS. Alguma coisa terminou. Será que é três de três partes ou três de quatro partes? Se forem três partes, é uma sonata: A B A. O que isso pode significar? De volta para a mata? Se forem quatro partes, uma sinfonia? Declaração, marcha fúnebre, *scherzo*, *finale*. Temos um crime, uma vítima, uma reação e uma busca dos assassinos, até então infrutífera. Susan pensa, pensa: Tony Hastings será destruído ou redimido? Um final feliz ruim estragaria tudo, mas é difícil imaginar como poderia ser um final feliz bom.

Animais noturnos 16

Como Bobby Andes não respondeu a sua carta, ele mandou outra.

Repito: espero que você esteja se empenhando ativamente na caça daqueles homens, e não apenas à espera de que algo caia por acaso em seu colo. Espero que tenha insistido com Ajax para pressionar Adams a revelar o nome de seus cúmplices. O caso justifica a atenção da polícia de todo o país e espero que você tenha dado os passos necessários para obter essa atenção. É uma questão da máxima importância para mim. Espero que não encare a questão como algo rotineiro ou insolúvel.

Em seu carro, a caminho de casa no final de um florido dia de maio, Tony fazia preleções para si mesmo. Os outros motoristas achavam que ele estava praguejando por causa do trânsito. Ele dizia: não é o congestionamento da hora do rush nem os motoristas que andam colados na minha traseira. Não são os jogadores que jogam bolas de beisebol no para-brisa dos carros. Não são os editoriais sinistros dos jornais da manhã, nem os alunos sôfregos que tentam de todo jeito escapar de uma nota baixa no fim do período, nem é o repulsivo Frank Hawthorne. Nem mesmo é o efeito estufa ou a guerra nuclear. Só existe um crime, um mal, um desgosto. Foram vocês que fizeram isso comigo, não criminosos nem demônios, mas vocês. Tudo o mais é distração.

Pensou: se Bobby Andes achar a carta provocadora, não importa, tudo bem. Se ficar chateado, tanto melhor. Passaram-se duas semanas e ele se deu conta outra vez de que não haveria resposta. Tony Hastings aflito, à espera da resposta de um detetive na Pensilvânia que tinha a guarda de sua saúde e a esperança de salvação no mês de maio. O gramado de seu jardim estava radiante e repleto de amarelo, as ervas verdes invadiram o velho marrom. Fazia dias de céu radiante, gramados aparados, jardins com a terra trabalhada, mas nada disso era para Tony Hastings, que persistia preso às questões do último verão. Ele preferia a noite, quando não podia ser visto olhando para fora através das janelas escurecidas.

Como sabia o que queria, podia esperar. Seja menos desagradável com as pessoas inocentes. Assinalou aquilo no almoço com Francesca Hooton.

- Tenho culpado as pessoas erradas, já chega. Agora sei de quem é a culpa.
- Decidiu se revoltar, afinal?

Sozinho em sua casa grande, ele continuava a falar, aprimorando a raiva. Dizia: você acha que é fácil se tornar Tony Hastings? Leva quarenta anos. São necessários uma mãe carinhosa e um pai intelectual, uma casa de veraneio, aulas na varanda dos fundos. Irmão e irmã para conter o destemperado e criar sensibilidade em face dos desgostos dos outros. Anos de leitura e de estudo, esposa e filha para obrigar a dor a ser um hábito e fazer disso tudo um homem.

Mas é mais difícil ainda tornar-se Laura Hastings. Composta dia a dia numa longa acumulação, primeiro como Laura Turner, na Meyer Street, e o Dr. Handelman, com Donna e Jean, o lago na neblina e a morte de Bobo e o estúdio, Laura Hastings não está completa, apenas começada em seus 40 anos de vida. Laura Hastings é (era) não a vida que vivia, mas os quarenta anos que ainda tinha

para viver, como prometido.

Monstros, vocês acham que é fácil substituir Helen Hastings? O tempo de vida dela era o mais longo de todos, cinquenta ou sessenta anos que mal haviam começado e foram subtraídos à força da criança crescida pelo mundo em expansão, do germe original Laura-Tony para a cantiga de ninar na hora de dormir e para o Pequeno Livro Dourado, mamãe, papai e cachorrinho de estimação, amor com poemas anotados no caderno, disso tudo para o contrato impossível de romper de uma adulta Helen-no-mundo.

Nada, monstros, é mais difícil de construir ou mais impossível de substituir do que os anos que não foram vividos dessas três pessoas. Não seus carros, seus pênis, suas namoradas vadias, nem suas minúsculas almas de rato. Tony Hastings imaginou aqueles carros, pênis, namoradas e almas. Vivia no meio daquilo, em busca de palavras que tornassem seu ódio avassalador. Uma história, um relato bem degradante. De homens adultos e idiotas que, de tanto verem filmes no cinema ou na televisão e de tanto verem brigões de escola, acabaram ficando com aquela ideia de que para ser homem é preciso agredir as pessoas. Vamos lá na estrada dar um tremendo susto em uns otários. Chega de levar esporro das professoras, vamos pegar as garotas metidinhas a besta e as professoras caretas e vamos dar uma boa lição nelas. Se tiver alguma crença, é só acabar com elas de uma vez. Tony Hastings procurava as palavras adequadas para sua raiva. Vis, infames, covardes. Miseráveis, repulsivos, asquerosos. Maus, não: a palavra lhes conferia uma dignidade excessiva. As palavras que ele procurava eram mais rasteiras e piores do que maus. Com essa retórica, tentava substituir a alma que achava ter perdido.

* * *

O telefone de tarde: na hora em que foi atender, já sabia o que era. Ouviu a voz distante e áspera materializando seu pensamento.

— Queria falar com Tony Hastings, é ele que está falando?

Tinha razão, os dois tinham razão.

— Aqui fala Andes.

Ele escutou:

— Quer identificar outra pessoa?

— Quem é?

— Não posso dizer. Estou perguntando se você quer contar para *mim* quem ele é.

— Quando? Onde?

— Assim que você puder vir. Aqui mesmo. Dessa vez é em Grant Center.

Então ele se preparou para outra viagem. Dessa vez não ia falhar. Dessa vez vou olhar e saber quem é, Ray, Lou ou Turk de novo. Ia viajar à noite, fez a mala transtornado pela ansiedade, pegou um avião e passou para outro, pequeno, desembarcou num aeroporto pequeno, num vale. Bobby Andes estava esperando por trás de uma cerca. Ele entrou no carro e os dois viajaram por campos e

matas, ao pé dos morros. De volta à terra do terror.

— Você mandou umas cartas muito insistentes — disse Andes. — Você quer pegar os caras mesmo?

— O que aconteceu?

— Primeiro você me responde. Não vai me fazer de bobo como fez da outra vez?

— Falei sério nas minhas cartas para você.

— O que mudou?

— Nada mudou. Quero que peguem os caras.

— Você não quer me dar identificações falsas, entende? Vou contar para você o que temos. Temos uma tentativa de assalto a um supermercado no centro comercial de Bear Valley, na hora em que o supermercado ia fechar. Pegamos um dos caras e o outro foi morto. Temos um cara foragido, igual à outra vez

— Como aconteceu?

— Vou contar para você. Três caras, uns babacas, dois na loja, um no carro do lado de fora. Não veem o gerente nos fundos. A moça no caixa levanta os braços como eles tinham mandado, o gerente desce do escritório com uma arma e berra: largue essa arma! O idiota se vira e atira sem olhar, acerta nas caixas de cereais, voa cereal para todo lado. O gerente responde atirando. O gerente tem boa pontaria. Acerta no peito do cara, que cai no chão, fora de combate. Foi operado no hospital. Doze horas depois, morreu.

Tony Hastings calado, imaginando qual deles teria morrido, não sabe se são boas ou más notícias.

— E os outros?

— Espere. O outro cara está na loja, sai correndo. O gerente corre atrás. Tenta entrar no carro, mas um guarda vem correndo da esquina. O gerente chama, o guarda grita avisando, o sujeito que está no carro dá partida no motor, o outro não consegue entrar. O guarda atira no pneu, o motorista do carro se entrega, mas o outro cara que está correndo foge.

— Como ele conseguiu?

— Desapareceu. Saiu correndo na hora em que o guarda começou a atirar, enfiou-se atrás de um carro em algum canto, sei lá. Não havia condições de ir atrás dele, não tinha pessoal de apoio, e ninguém sabia para que lado tinha ido.

Tony perguntou:

— O que você quer que eu faça?

— Veja se reconhece o cara que pegamos.

— Você pode me dizer por que talvez eu o reconheça?

— Mais tarde, mais tarde.

Estavam voltando para o lugar onde tudo havia começado, os campos e as encostas da serra, o mesmo verde recente que se infiltrava no inverno marrom e cinzento que tinha chegado naquele intervalo. Tony não reconheceu nada até chegarem ao estacionamento da delegacia de polícia, com o motel do outro lado da rua.

— Você também podia dar uma olhada no cadáver, embora não seja estritamente necessário — disse Andes. — Sabemos quem é ele.

— Quem é?

- Steve Adams. Aquele que você chamou de Turk.
- Turk? Morto?
- Identificado pelas impressões digitais.
- Pensei que estava na prisão em Ajax.
- Saiu sob fiança. Foi o que me contaram.

Tony Hastings estava tentando imaginar a diferença que havia na aparência de Bobby Andes. Era a perda de peso, vincos ao lado da boca e do nariz e embaixo dos olhos, onde antes a pele era gordurosa e lisa.

* * *

Tony Hastings hospedou-se no outro lado da rua. Quando voltou, Andes disse:

- Acho que você vai querer que fiquem numa fila, como da outra vez.
- Achei que era para isso que eu estava aqui.
- Eu podia levar você para vê-lo e perguntar direto para você quem é o cara, mas acho que você prefere a fila, é mais de acordo com as regras.
- Como você quiser.
- Vá tomar um café. Se vamos formar uma fila, vou ter de arranjar alguns caras.

Havia algo não completamente sério na fila, quando eles afinal se apresentaram. Estavam no escritório, com as escrivadinhas. Puseram Tony numa das escrivadinhas. Entraram seis pessoas pela porta lateral e ficaram paradas, em fila, na frente do balcão. Passou um momento antes que Tony entendesse que aquilo era a fila de suspeitos. O primeiro dos seis era uma mulher de marrom que, minutos antes, estava sentada na escrivadinha onde Tony estava sentado agora. Ela estava prendendo o riso. O segundo era um guarda de uniforme, tentando não sorrir. Pareceu familiar e Tony se perguntou se não estavam tentando enganá-lo, pondo uma fantasia no suspeito. Mais tarde se deu conta de que era o policial chamado George, que o trouxera de volta da cena do crime, na mata, naquele dia. O terceiro e o quarto estavam algemados um ao outro. Um era um homem pesado, de cabelo amarelo, vestido como um mecânico de automóveis, o outro era um velho com uma camisa suja de colarinho aberto. O quinto e o sexto também estavam algemados. Os dois tinham barba e camisa xadrez. A barba de um era cheia e castanha. Ele parecia independente e inteligente. A barba do outro era preta e mal aparada. Os olhos dele andavam às cegas pela sala, com ar confuso, e Tony Hastings observou espantado enquanto o rosto desconhecido parecia fundir imagens binoculares até formar um rosto que ele conhecia.

Reconheceu pelos olhos, que haviam olhado para ele de modo diferente naquela noite, e pela boca dentro da barba, também diferente naquela ocasião. Observou o homem contemplando a sala em redor, sem entender por que estava ali, o homem que ainda não tinha localizado Tony na escrivadinha e cujos olhos passaram por Tony sem reconhecê-lo, sem perceber a intensidade com que Tony o fitava, tentando ter certeza. Agora Tony testava a imagem daquele

- Não sei do que você está falando.
- O que sabe a respeito da esposa e da filha desse homem aqui?
- Nunca vi esse homem na vida.
- O que sabe sobre Ray e Turk?
- Nunca ouvi falar.

Para Tony:

- Agora, só mais uma coisa. Tem certeza de que esse é o homem?
 - Absoluta.
 - Juraria isso num tribunal sob pena de cometer crime de perjúrio?
- Tony respirou fundo.
- Sim.

Levaram-no ao necrotério, onde descobriram diante dele um rosto cinzento, com aspecto de cera, de barba por fazer. Olhos fechados, sem óculos, o nariz igual a um bico, boca recurvada numa careta, podia ser qualquer pessoa. Tony não conseguia imaginar aquele homem acordado. Não tinha lembrança de Turk para comparar com aquilo. Não conseguia sequer recordar os rostos de Turk que ele não havia conseguido identificar em Ajax e na foto da polícia.

- É difícil — disse ele. — Acho que é Turk.
- Tem certeza?
- Tenho — disse.

* * *

Bobby Andes o levou para jantar. Estava eufórico.

— Beleza, cara — disse. — Agora nós pegamos o sacana — entusiasmado. Tossiu e tossiu. — Vamos processá-lo por assassinato.

— Vocês têm provas suficientes?

— Temos você, e temos as impressões digitais. Vamos comparar amostras de cabelo.

Resumiu o caso.

— Esse é o Lou, as impressões digitais no carro e no trailer são dele mesmo. Era por isso que eu queria que você olhasse para ele.

— Então na verdade ele voltou para o trailer depois que me deixou lá no mato.

— É o que parece. Na certa ele voltou e contou para os outros onde tinha deixado você, e foi por isso que eles voltaram com os corpos.

— Para me pegar.

— Estou apostando que seu amigo Ray era o terceiro na tentativa de assalto ao supermercado.

— O cara que fugiu correndo?

— A descrição bate.

— O que vai acontecer agora?

— Vamos apresentar uma acusação contra Lou. Você vai ter de voltar, está preparado para isso? Nesse meio-tempo, vou atrás de Ray.

Tony Hastings voltou para casa na manhã seguinte com uma alegria agitada, o rosto de Lou, no qual ele achava que tinha vontade de cuspir, olhava para ele com os olhos apavorados.

Parece que vamos partir numa caçada de bandidos, diz Susan, e a Parte Três marca a mudança. Matamos Turk, prendemos Lou e estamos no encalço de Ray. Muito bem. O crime paira acima dessa história como uma nuvem tóxica. Ela precisa ser dissipada, o que não se pode fazer, acredita Susan, sem ir atrás dos malfeitores. O embaraço de Lou apenas torna mais clara a necessidade de ir atrás de Ray.

No entanto, algo estranho está acontecendo. Aquela fila de suspeitos meio avacalhada na delegacia de polícia. A identificação de Turk no necrotério. O que Edward está fazendo ao deixar esses indícios de desleixo? Complicando a divisão simples entre o Ray mau e o Tony inocente? Isso deixa Susan confusa, pensa se terá condições de suportar o que virá dali para a frente.

Também está incomodada com o pequeno tributo que Tony prestou à esposa e à filha, mais afetado do que era de se esperar, com suas expressões comprimidas e os detalhes esparsos escolhidos de forma estranha. O incômodo de Susan resvala para Arnold. Ela se pergunta que detalhes estranhos ele iria destacar se a elogiasse daquele modo. Quanto a Edward, ela recorda a canoa a remo na enseada, quando ele estava deprimido. Ele disse: vou afundar no esquecimento. Ninguém vai saber o que vi e o que pensei. Ela disse: *eu* estou no esquecimento agora. Ninguém sabe as visões e os pensamentos que tenho, também. Ele disse: você não é uma escritora. Isso não significa grande coisa para você.

Animais noturnos 17

No almoço, Tony Hastings falou para Francesca Hooton:

- Pegamos dois deles. Identifiquei um e o outro eles mataram.
- Você está contente?
- Demais.
- Mataram um. Você está contente com isso?
- Estou.
- O que você quer que façam com o outro, o que eles prenderam?
- Lou? Quero que a justiça seja feita.
- Nesse caso, o que seria?

Tony Hastings não estava preparado para a pergunta.

- Morte? Ele deve ser condenado à morte?

Ocorreu a Tony que se tratava de uma pergunta política. Tinha sempre evitado discussões políticas com Francesca por causa da tendência direitista meio alucinada que ela manifestava. Falou:

- Lou não é o criminoso principal. O pior deles continua solto.
- E *ele* deve pegar a pena de morte?

Se Francesca conhecesse sua mente, poderia pensar que eles haviam matado

dentro dele o princípio que o levava a se opor à pena de morte. Tony admitiu:

— Não sei que punição eu quero.

Ela disse:

— Quer que eles sofram, não quer?

A ideia o fez morder o lábio da maneira como fazia quando era menino.

Disse:

— Gostaria que passassem por aquilo que me fizeram passar.

— Que as esposas e as filhas deles fossem assassinadas.

— Não, não quero isso.

— Que eles mesmos sejam mortos.

— Acho que sim.

— Como aconteceu com Turk. Você está satisfeito agora que Turk foi morto?

— Turk não era importante. Ele foi na onda de Ray.

— Você não está respondendo a minha pergunta.

— Não sei. Ele foi morto numa tentativa de assalto.

— Ele teve o que merecia e você está satisfeito.

— Talvez não. Não foi um castigo. Ele não sabia por que estava sendo punido.

— Você gostaria que ele soubesse?

— Gostaria que eles soubessem o que fizeram. Gostaria que mostrassem para eles exatamente o que foi que fizeram.

— Eles sabem o que fizeram, Tony.

— Não sabem o que significa.

— Talvez saibam. Só que não se importam.

— Eu gostaria que fizessem alguma coisa para que se importassem.

— Arrependimento? Dizerem que lamentam muito?

— Eu gostaria que eles soubessem exatamente como é terrível o que fizeram.

— Tony, será que isso é possível?

— Acho que não.

— Será que é mesmo isso que você quer? Digamos que Ray aprenda isso. Ele passaria a ser uma pessoa diferente. E então ele deveria ficar livre?

— Ele não deve ficar livre.

— Ele sabe que feriu você, Tony. Tenha certeza disso, ele sabe.

— Eu queria que ele sofresse.

— Que ele sofresse. Mas matá-lo não?

— Matar também. As duas coisas.

— As duas coisas? Não basta para ele apenas sofrer?

— Eu gostaria que ele sofresse a agonia de morrer.

— Ah. Tortura?

— Eu gostaria que ele soubesse que está morrendo e eu gostaria que soubesse por quê. É isso que eu entendo por agonia.

— Gostaria de matar Ray você mesmo?

— Eu gostaria que ele soubesse que está morrendo por minha causa.

— Ah-ha! — ela bateu o punho cerrado na outra mão. — Você *não* quer que ele entenda como foi malvado. Você não liga a mínima para isso. Você quer que ele saiba que não pode fazer o que fez com você e sair impune. Por causa da pessoa que você é.

— Ele não pode fazer o que fez e sair impune.

— Assim é que se fala.

O cabelo de pontas louras de Francesca desceu por um lado de seu rosto quando ela se inclinou sobre a mão, os olhos lindos e ávidos em favor dele.

— Recordo como Helen uma vez quis mostrar para mim e para Laura que a vingança é uma emoção primitiva. Fizemos uma distinção sutil entre vingança e justiça e lembro como achamos que éramos muito civilizados.

— Você é civilizado. Ray é que não é.

— Isso me traz uma responsabilidade.

— Isso lhe trará uma responsabilidade se você achar que traz.

* * *

O último telefonema foi para seu gabinete. Louise Germane estava lá na hora, tinha acabado de entrar, Tony se perguntou o que ela poderia querer. Tony reconheceu a voz:

— Aqui fala o Andes, pode nos fazer outra visita?

Tony nunca chegou a saber o que Louise queria.

Era junho e Tony Hastings estava livre para viajar, sua terceira viagem de volta àquele lugar. Foi em seu carro, viajou o dia inteiro. No dia seguinte estava sentado ao lado de Bobby Andes na fila de cima das arquibancadas no lado da primeira base do estádio de beisebol amador na tarde de domingo. Os uniformes brancos do time local tinham estampado na camisa a palavra CHEVROLET, os visitantes estavam de cinza e tinham o nome Poleville, uma cidade situada a 24 quilômetros vale acima. O campo de jogo se estendia até uma fileira de casas depois de uma cerca de arame. Acima delas havia um barranco, com árvores, e o vale se estendia numa vasta planície para ambos os lados. Carros na rodovia acompanhavam o jogo com atenção no lado da terceira base, e quando alguém fazia um ponto tocavam as buzinas.

De chapéu e óculos escuros, Bobby Andes jogava cigarros no capim morto, pelo vão entre as tábuas da arquibancada, enquanto o sol rebrilhava em seu rosto exaurido. O vento soprava. Uma nuvem de chuva escura, com a parte de baixo negra, espregueava por cima dos dois morros redondos do outro lado do vale. O sol brilhava por baixo da nuvem preta.

Os dois olhavam para o jogador com a camisa 19 do time local, que estava sentado no banco logo abaixo deles, sem jogar. Tony só podia ver as costas do uniforme, de vez em quando, entre as cabeças dos torcedores na primeira fileira. O número 19 estava se remexendo, inquieto. Dava berros na direção do campo. Uma vez ele se virou e sorriu para o alto, na direção das arquibancadas. Não estava perto o bastante para que desse para reconhecer seu rosto bronzeado no sol, com olhinhos brancos e desconfiados. Seu nome era Ray Marcus e alguém o apontara como amigo próximo de Lou Bates e Steve Adams. O tenente estava seguro de que se tratava do Ray de Tony, por causa da descrição. A possibilidade dava calafrios em Tony, mesmo sob o sol.

Sem ninguém por perto, Bobby Andes contou tudo para Tony enquanto a partida se arrastava. Como tinha conseguido a dica com os caras que ficam no Herman's, depois de interrogar Lou e não conseguir nada. O Herman's era um bar em Topping, 50 quilômetros vale acima, depois de Grant Center. Aquele Lou é que nem um animal teimoso, só tem uma estratégia: ficar de boca fechada. Um trabalho investigativo de primeira revelou que Lou veio da Califórnia com Steve Adams, mas não havia no mundo algum meio de fazer Lou contar quem era o outro sujeito no assalto ao supermercado em Bear Valley. Quanto a seu caso, disse que não podia ter sido ele, porque estava na Califórnia.

Bobby Andes falou da esposa de Lou, na Califórnia, que, com muito prazer, não via o marido havia um ano e meio. Isso também foi fruto de um excelente trabalho de investigação, encontrar a mulher, embora não tenha resultado em nenhuma informação útil. Nesse meio-tempo, Lou ficou morando em Topping com Patricia Cutler, quase tão burra e teimosa quanto ele próprio; quase, mas nem tanto assim. Sua inteligência ligeiramente superior a levou a revelar algumas coisas que a burrice de pedra de Lou mantinha escondidas, como a proveitosa confissão de que eles *não* estavam na Califórnia no ano passado. E quando Bobby Andes lhe disse que ela não era a esposa e, portanto, não estava impedida de prestar testemunho, ela se lembrou de um babaca com quem eles andaram se metendo, um cara ruim de verdade, mas não soube dizer seu nome nem sua aparência, pois ele nunca apareceu lá de fato e ela nunca o viu. O que até podia ser verdade, pois ele parece ter levado uma vida à parte, separada da dos outros dois.

Segundo Andes, aquilo não tinha importância, porque ele tinha o que precisava. Um bom detetive conhece sua gente. Lou e Turk eram conhecidos na cidadezinha, embora ninguém se desse o trabalho de conhecê-los muito bem. Lembravam-se deles no Herman's, com umas fofocas, inclusive um boato sobre um lugar na mata para levar mulheres, algo de que Patricia Cutler nunca tinha ouvido falar. E que o detetive Bobby Andes imaginou ser provavelmente o trailer dos assassinatos, antes de ficar conhecido.

Quanto ao tal de Ray, primeiro houve uma fonte no Herman's que se lembrou de ver um terceiro sujeito com eles, e depois outros se lembraram também. Com a cooperação do pessoal do Herman's (porque as pessoas por aqui são gente pacífica, que respeita a polícia e encara esses sujeitos como forasteiros que trazem encrenca e maldade de fora para cá), acabou aparecendo alguém que conhecia o sujeito, Ray Marcus, de Hacksport, e aqui estamos nós. O que, para o tenente Andes, representava o desfecho da busca, antes mesmo de pôr os olhos nele. Até a porra do nome encaixa. Falou que andara bisbilhotando em Hacksport, onde Ray Marcus era bem conhecido. Trabalha de biscateiro, agora está na fábrica de ferramentas, mas antes, e com mais frequência, trabalhou de auxiliar de várias coisas, às vezes de eletricista, outras vezes de bombeiro hidráulico, e tem uma ficha breve na polícia por delitos menores. Arrombamento, roubo, briga num bar. Uma acusação de estupro, que a mulher acabou retirando. E ninguém quer admitir que é amigo dele.

Bobby Andes contou como deu uma boa espiada em Ray na fábrica. Não casa mal com a sua descrição nem com a do cara que fugiu na tentativa de

assalto ao supermercado. Não temos impressões digitais, mas a gente já sabia disso antes.

— Eu queria entender por que não havia impressão digital — disse Tony.

— Provavelmente as mãos dele estavam na sua esposa. Caramba, cara, a gente tem até muita sorte de ter as impressões digitais que conseguimos. —

Perguntou: — Ele parece familiar a você?

— Preciso dar uma olhada melhor.

— Temos muito tempo.

Bobby Andes cheio de detalhes. Disse:

— Suponho que esse Ray não teve nada a ver com o caso do carro usado. O Lou, talvez.

— Que caso do carro usado?

— Ajax. Quando você não conseguiu reconhecer o Turk Embora você o tenha reconhecido já morto com muita facilidade.

— Eu estava nervoso. Ele parecia diferente.

— Sei, sei. Estou pensando que o seu Lou pode muito bem ser o cara que fugiu em Ajax. A barba preta. Estou achando que Lou e Turk decidiram viajar um pouco e acabaram se metendo nisso. Outras más companhias. Você imagina algum motivo para eles terem voltado para cá? Foi por causa de Patricia ou por causa de Ray? Para mim parece que Ray esteve aqui o tempo todo.

Tony fez as contas. Aquele local ficava a 50 quilômetros do escritório de Bobby Andes. Ficava a 25 quilômetros do local na mata onde elas foram deixadas. Predadores percorrem distâncias maiores à noite.

Subiu uma lufada de vento, soprando poeira da parte central do campo de beisebol, através do montinho do arremessador, até os bancos, provocando uma interrupção do jogo para que os jogadores pudessem tirar a poeira dos olhos. A chuva nos dois morros arredondados sumiu por trás da serra. No alto, o céu claro e brilhante, e mais nuvens escuras sobre a outra serra.

No sétimo turno de ataque da partida, Ray Marcus, o número 19, entrou no jogo, no lado direito do campo. Alguém gritou para ele, que sorriu de volta e deu um passo de dança. Moveu os quadris à maneira de uma dança havaiana, seu rosto escuro e pequeno embaixo da pala do boné.

Uma bola veio em sua direção, ele a pegou displicentemente, e o batedor alcançou a segunda base. Alguém vaiou. Ele levantou o dedo médio num gesto obsceno, as vaias soaram mais altas. Ele pegou uma bola fácil, alguém exagerou um aplauso. No fundo da nona base, ele ficou esperando sua vez no círculo do batedor.

— Vamos lá embaixo no alambrado para ver mais de perto — disse Bobby Andes.

Abriam caminho na pequena multidão até um local atrás do alambrado. Ficaram observando o número 19 enquanto ele balançava as pernas, escavava e chutava a terra, girava o bastão e o apontava na direção do arremessador. Seus dentes e seus olhos, pontinhos brancos no rosto rubro. O tipo certo, podia-se dizer isso. Acertou uma bola e fez três pontos, sem infrações, e a cada ponto dizia alguma coisa para o juiz principal. Tony Hastings tentou ver sua expressão. O homem voltou para o banco, gritando para alguém na arquibancada. Ficou

parado um momento com o bastão de beisebol na mão. Suas palavras romperam um silêncio repentino.

— Vai se foder, seu babaca.

Atrás do alambrado, Tony Hastings observou seu perfil na hora em que sentou no banco e tomou um demorado gole de água numa concha retirada de dentro de um balde. Tirou o boné e passou o braço por cima da cabeça. A testa alta, a fronte nua até a metade da cabeça.

— Parece com ele — disse Tony.

— Tem certeza?

— Queria dar uma olhada melhor.

— Espere um pouco.

O jogo terminou, a multidão foi diminuindo e se espalhou. Os torcedores se misturaram com os jogadores e começaram a dispersar. Tony Hastings seguiu Bobby Andes e entrou no grupo formado em torno dos jogadores do time Chevrolet. Bobby Andes estava com uma bola de beisebol na mão. Aproximou-se do arremessador do time Chevrolet.

— Sr. Kazninski, o senhor podia autografar esta bola para meu filho?

Kazninski, alto, jovem, surpreso, riu e disse:

— Puxa, claro, com todo prazer.

Tony Hastings olhou para Ray, que estava ali perto. Estava sozinho, parado, olhava de modo vago para a estrada, a luva pendurada ao lado do corpo, o boné na mão. Estava mascando alguma coisa, seu pomo de adão subia e descia. Tinha o ar de quem não sabia o que fazer. Ficou ali parado por muito tempo, Tony olhando para ele. Virou-se e Tony viu seu rosto bem de frente, seus olhos se cruzaram por um instante, um choque para Tony, mas Ray não se lembrou de nada. Ele olhou para o grupo formado em torno de Kazninski, cuspiu no chão e deu meia-volta. Andou devagar na direção da estrada, sozinho.

— E aí?

— É ele — disse Tony Hastings.

Dominada pela emoção de Tony ver Ray de perto, Susan, na quebra de capítulo, quase se esqueceu de sua cautela anterior, na hora em que Tony e Francesca discutiam a questão da pena de morte. Sobre a questão da vingança, a resposta da própria Susan é muito simples. Vou matar qualquer um que fizer mal a meus filhos. E podem me mandar para a prisão. Ir atrás de Ray é exatamente aquilo que ela quer, algo que a deixa empolgada. Susan espera que não esteja sendo manipulada na direção de alguma ideologia que ela não aprova.

Animais noturnos 18

Observaram Ray Marcus entrar em seu carro parado depois da terceira base, um Pontiac verde e empoeirado, de 15 anos.

— Vamos ver para onde ele vai — disse Bobby Andes.

Tinham vindo no carro de Tony Hastings, estacionado ali perto.

— Eu vou dirigir — disse Andes.

Havia um congestionamento no local onde eles dobraram para tomar a rua principal. O carro de Ray parou adiante. Seguiram-no até Hackspout, deixando dois carros entre o carro de Ray e o deles. Esperaram Ray estacionar numa loja de bebidas e sair de lá com uma caixa de seis cervejas, e ficaram olhando, sem se moverem, enquanto o carro dele percorria dois quarteirões, para em seguida dobrar à direita.

— Está indo para casa — disse Bobby Andes. — Vamos.

Chegaram ao local onde ele havia parado o carro diante de um hidrante numa rua estreita de mão única, com carros estacionados ao longo de toda a sua extensão. O número 19 estava andando na calçada da esquerda com a caixa de seis cervejas e a luva de beisebol. Havia uma fila de casas de dois andares brancas ao longo da rua. Andes deixou o carro passar ao lado dele, por trás dos carros estacionados. Pôs a cabeça para fora da janela:

— Ei, Ray.

Ray olhou para ele.

— Aonde está indo?

Parou, não disse nada.

— O que está fazendo?

Ficou parado, olhando atento, por trás da fila de carros estacionados.

— Venha cá, quero falar com você.

— Sobre o quê?

— Quero fazer umas perguntas.

— Vá se foder — virou-se e foi em frente.

— Ei, olhe para mim. Não me obrigue a ir aí e pegar você.

O homem parou de novo.

— Quem você pensa que é?

Bobby Andes ergueu na janela um envelope de plástico, com um papel dentro. Sua outra mão estava enfiada no paletó.

De longe, Ray estreitou os olhos na direção do documento que Bobby Andes mostrava. Olhou para um lado da rua e para o outro. Mudou o pé de apoio.

— O que é isso aí?

— Venha ver.

Ele veio devagar, entre os carros, até a janela de Bobby, curvou-se, deu uma olhada. Deu outra olhada em Bobby Andes de óculos escuros, viu o rosto implacável abaixo do chapéu. Tony Hastings observou Ray de perto, mais de perto do que em qualquer outro momento.

— Do que se trata?

— Umhas perguntas. Nada de mais. Entre aí atrás.

— Por quê? Não fiz nada.

— Por acaso falei que você fez alguma coisa?

— Pergunte aqui mesmo — disse Ray.

— Dentro do carro. Está certo?

— Está bem, está bem! — Ele deu de ombros, como se estivesse fazendo um favor a Bobby Andes, e abriu a porta de trás do carro de Tony. Bobby Andes saiu do carro e entrou no banco de trás, ao lado dele.

— Você dirige — disse para Tony.

Do banco de trás, Andes disse para Tony aonde ele queria ir. Foram até o fim da rua.

— Onde você mora, Ray? — perguntou.

— Bem ali — disse Ray, olhando para uma casinha branca de duas portas e com duas caixas de correio na varanda. Espichou o pescoço comprido para olhar, enquanto passavam. De repente, Tony teve pena dele.

— Algumas perguntas para nos ajudar — disse Andes. — Vire à direita, Tony.

Passaram por dois ou três quarteirões em Hacksport e saíram na estrada principal do vale, onde uma placa apontava para Topping 25 km, Bear Valley 40 km e Grant Center 65 km.

— Mora sozinho, Ray?

— O que você tem a ver com isso?

— Não interessa.

— Moro com uma pessoa.

— Sei que mora com uma pessoa. Mora com uma mulher.

— Então por que está perguntando?

— É casado?

— Que saco.

Bobby Andes riu. Na direção, Tony não conseguia ver o rosto de Ray. Estava ciente do grande uniforme branco de beisebol no banco de trás. Tudo o que podia ver no espelho retrovisor era o boné de beisebol. Sentia uma responsabilidade horrível: o homem que é o jogador reserva do time de beisebol capturado e torturado por minha causa.

— A razão de eu querer falar com você é porque prendemos um amigo seu em Grant Center, e talvez você possa nos ajudar no caso dele.

Nenhuma palavra de Ray.

— O nome dele é Lou Bates, está na prisão, talvez você conheça. Na verdade, são dois amigos, só que um morreu. Steve Adams, você o conhece.

— Nunca ouvi falar de nenhum dos dois.

— Que engraçado — disse Bobby Andes. — Você tem certeza de que nunca ouviu falar de Lou Bates?

— Não conheço ninguém com esse nome.

— Talvez você o conheça por um nome diferente. Pense bem. Pelo menos você ouviu falar do motivo por que ele está na prisão.

— Não, qual é o motivo?

— Ouviu falar da tentativa de assalto ao supermercado no centro comercial de Bear Valley? Deve ter ouvido falar, aquele em que um cara foi morto.

— Por que está me perguntando? Nunca ouvi falar dessa história.

— É como estou dizendo, isso é esquisito. Tem uma porção de gente que diz que você e aqueles dois caras eram muito amigos.

— Quem foi que falou isso?

— Umás pessoas. Conhece um lugar em Topping chamado Herman's?

Pausa prolongada, antes de Ray falar:

— Sei.

— Conhece, não é? Muito bem. Você andou muito por lá?

— Não muito. Um pouco.

— Ficava lá com outros caras?

— Isso não quer dizer que sei quem eles são.

— Não? Esse pessoal do Herman's diz que você ficava lá com os tais de Lou Bates e Turk Adams. Sabe alguma coisa sobre isso?

Mais uma longa pausa de Ray.

— Eram esses os nomes deles?

— Quer que eu acredite que você não sabe quem eram eles?

Nenhuma resposta de Ray. Silêncio no carro, vento soprando, a longa estrada reta cortando os campos verdes e viçosos na planície do vale entre as serras. Rumando para Topping, depois para Bear Valley, com Ray. Tony Hastings não deve esquecer seu ódio, o homem estava na sua cabeça fazia quase um ano.

Ray disse:

— O que você quer de mim?

— Por ora, só algumas perguntas.

— Não fiz nada.

— Nem eu estou dizendo que fez. — Mais um silêncio carregado. Tony mal conseguiu ouvir a pergunta: — O que você fez que fica dizendo que não fez?

— O que é isso? Está tentando me pegar numa armadilha, é?

Bobby Andes riu de novo.

— Que tipo de armadilha eu poderia preparar para você, Ray? Como posso pegar você numa armadilha, se não fez nada?

— Papo furado.

— O quê?

— Você está fazendo umas perguntas bestas. O que quer saber, afinal? Vamos lá, fale de uma vez.

— Eu só quero que me diga o que você sabe sobre aquela tentativa de assalto

ao supermercado em que seus amigos estão envolvidos. Se ouviu falar de alguma coisa, entende? Ou se sabe mesmo de alguma coisa. Só que você está dizendo que não eram seus amigos, mas quem sabe você não os conhecia por outros nomes? E então, o que me diz, Ray?

Escutando com atenção, Tony Hastings esperava com ansiedade que surgisse uma brecha nas perguntas de Andes, no entanto, sentia-se incomodado com o que estava se passando. Consciente do uniforme de beisebol e do homem que jogava no lado direito do campo e sacudia os quadris para a plateia, enquanto Tony tentava se lembrar de um homem na mata.

— Não sei de nada sobre essa história. Eles não me consultaram.

— Você conhecia os dois?

— Se são os caras do Herman's, devo conhecer. Por alto.

— Por um nome diferente.

— Não me lembro do nome deles.

— Muito bem, agora já temos certeza de que você é um mentiroso...

— Não sou mentiroso nada. Por que está me chamando de mentiroso, porra?

— Esqueça. Notei certa relutância de sua parte para dizer a verdade. Não há motivo para você não conhecer Lou e Turk. Muita gente conhece os dois e nenhuma dessas pessoas estava na tentativa de assalto com eles. Só *um* dos amigos deles estava.

Nenhum som de Ray.

— Você por acaso tem ideia de quem era?

— Não era eu.

— Não ouviu nenhum boato nem nada?

Nenhuma resposta.

— Pois é, mas *eu* ouvi um boato — disse Bobby Andes.

— Ah, é?

— Tem um pessoal por aí dizendo que você era o terceiro assaltante.

— Pensei que você tinha dito que não era eu.

A pena que Tony estava sentindo de Ray era algo que o deixava chocado. Tentou lembrar-se. Por exemplo: Ei, chefe, sua esposa quer falar com você.

— Nunca falei isso, falei? Nunca disse que foi você, e nunca falei que não foi.

— Ei — disse Ray. — Você está me interrogando?

— Puxa, estou sim, é o que a gente está fazendo, não é?

— Você não me disse quais são meus direitos.

— Você sabe quais são seus direitos, Ray.

— Mas você tem de dizer para mim, é o certo.

— Eu disse quais são seus direitos, não foi, Tony?

Ele disse? Aqui há uma dúvida: será que Andes espera que Tony concorde com ele?

— Porra, isso não é legal.

— Você já ouviu seus direitos antes, Ray, já sabe tudo isso de cor. Alguém aí quer que eu repita tudo?

— Não é legal. Eu tinha de ter um advogado.

— Perguntas informais, Ray, você está me dando uma ajuda. Ainda não acusei você de nada. Se quer um advogado, vamos ter de levar você para Grant

Center e fichar você por alguma coisa.

— Mas parece que vocês estão indo para Grant Center de todo jeito.

— Neste momento a gente está só dando umas voltas. Para que você quer um advogado se não fez nada?

— E não fiz nada mesmo.

— Vou arranjar um advogado para você quando a gente chegar a Grant Center.

— Você disse que não íamos para Grant Center.

— Mudei de ideia. Já que você cismou com essa história de respeitar seus direitos.

Pena de um homem que bateu em seu carro e o obrigou a sair da estrada, obrigou Laura e Helen a entrarem num trailer à força, bateu com um martelo na cabeça de sua esposa, mas que agora é só um pobre coitado, um idiota numa posição inferior, num jogo de gato e rato. Tony Hastings tentou reconstituir a baixaza dele, encontrar o demônio no homem.

— Ah, deixa disso, cara, você não precisa me levar para Grant Center. Estou respondendo a suas perguntas numa boa, não estou?

— Bem, eu não sei. Parece que a respeito do assalto ao supermercado eu não sei mais agora do que já sabia antes.

— É mesmo um mistério, não é?

— Bem, francamente, Ray, não acho que tenha mistério algum nessa história. Não, senhor, na verdade estou com os fatos bem desenhados na cabeça. Vou dizer para você uma coisa. Tem um outro assunto sobre o qual eu queria fazer umas perguntas para você. Reconhece este carro?

— Que carro?

— Este aqui. Onde nós estamos.

Tony Hastings sentiu um calafrio nas costelas. Sua terrível responsabilidade por ter trazido o homem até ali, o homem que agora ele teria de encarar. Ou isso ou alguma alegria felina por ter chegado mais perto do que de fato interessava. As duas coisas, provavelmente.

— Este carro? O que há para eu reconhecer neste carro?

— Não tem nada de familiar para você? Não faz você lembrar nada? Não desperta a sua memória?

— Nadinha, cara. Por que deveria? O carro pode até estar me levando para algum lugar, mas não tenho a mínima ideia de para onde está indo.

Ainda faz piada. Canalha, disse Tony. Nada de compaixão.

— Não se lembra de ter dirigido este carro?

— O que tem? Já foi meu? Nunca tive um carro como este.

Estava bem claro que ele não se lembrava.

— E quanto ao motorista?

— Como é?

— O cara que está na direção, meu amigo Tony, aqui. Não se lembra dele?

— Não consigo ver. Peça para ele se virar.

— Pare o carro, Tony.

Tony Hastings diminuiu a velocidade e parou no acostamento de cascalho ao lado de uma reta comprida. Sentiu as batidas pesadas de seu coração, com um

temor sôfrego e surpreendente, além de outras coisas. E também um teste a que ele ia se submeter, e que tinha esquecido que ia ser tão assustador.

— Vire-se e deixe que ele veja você.

Um caminhão passou, fazendo o carro sacudir com o deslocamento de ar. Tony virou-se. O homem com seu uniforme branco de jogador de beisebol, com CHEVROLET estampado na frente, o rosto embaixo da pala do boné. Os olhos o fitavam, a boca pequena com dentes grandes demais. Aquilo de que Tony Hastings se lembrava, mas não exatamente como agora.

— Quem é este cara? — perguntou Ray.

— Não se lembra dele?

— Já disse, não me lembro.

Estava mascando alguma coisa, um ligeiro movimento da mandíbula, enquanto fitava Tony, desconfiado, sem admitir. Tony viu tudo, os olhos protuberantes, os pontos vermelhos nos cantos, as pequenas veias vermelhas na parte branca dos olhos, bem como o nariz, as narinas, os cabelos nas narinas, os dois dentes da frente curvados, um meio saltado para a frente, lascado — olhando para ele, à espera dele.

— Você se lembra dele, Tony?

— Sim.

— Refresque a memória do Ray.

— Eu me lembro de você — disse Tony.

— Conte para ele onde foi.

— Verão passado, na rodovia interestadual, perto da saída para Bear Valley.

Os olhos de Ray cravados nele, fitando, esperando.

— Conte para o Ray o que você lembra que ele fez.

Olhando nos olhos de Ray, Tony não sabia se conseguiria falar aquilo. Tentou.

— Você matou minha esposa e minha filha. — Estava consciente do tremor em sua voz, como se fosse uma mentira.

Viu o leve movimento de arregalar os olhos do homem, o movimento de mascar cessou em silêncio, nenhuma outra mudança.

— Você está doido, cara. Nunca matei ninguém.

— Conte a história toda para ele.

— Você e seus comparsas na rodovia interestadual. Vocês nos obrigaram a sair da estrada e parar. — A aspereza audível em sua voz, o tremor por ter sido forçado a falar.

— Diga para ele quem eram os comparsas.

— Lou e Turk

— Se lembra disso, Ray? Não se lembra de ficar zanzando pela rodovia interestadual de noite, arrumando confusão com os outros carros?

A voz de Ray muito mansa.

— Você está doido, cara.

— Vocês nos obrigaram a parar e nosso pneu furou. Lou e Turk trocaram o pneu. Depois você e Turk entraram no meu carro com minha esposa e minha filha e me forçaram a entrar no outro carro, com Lou.

— E depois, Tony?

— Lou me levou para o meio da mata e me pôs para fora do carro. Tive de

voltar a pé — disse, pensando no prazer que o homem tem em me humilhar, e será que ele não está desfrutando pela segunda vez o mesmo prazer, por trás dessa máscara cerrada e cuidadosa, enquanto me ouve confessar tudo agora?

A voz mais forte agora, afirmando as coisas, transformando a humilhação em vingança.

— Depois vocês voltaram para a mata no meu carro. Você me chamou e tentou me enganar, tentou me atrair para uma cilada. Depois seguiram em frente, na direção do lugar onde Lou tinha me deixado. Quando voltaram de lá, depois, tentaram me matar usando meu carro.

— Por que você voltou para lá, Ray?

— Você está maluco, cara.

— Conte para ele o que foi que achamos lá, Tony.

— Conte você.

— Será que preciso contar? Você sabe, não sabe, Ray?

— Você está doido, cara. Não tenho a menor ideia do que vocês estão falando.

— Os corpos da minha esposa e da minha filha, que você levou de volta para lá e jogou no mato.

A imagem dos dois manequins seguida pela imagem dos dois casulos embrulhados, trazendo de volta a repentina memória de uma mágoa antiga, que toldou os olhos de Tony Hastings com uma umidade que o homem podia ver. Ele percebeu, aquilo deve ter tocado sua lascívia através da máscara, e, por um momento, Tony viu um sorriso, não muito, mas o bastante, o mesmo sorriso que tinha visto no verão anterior, sádico e desdenhoso, na ocasião — apenas o bastante para acender a quase esquecida raiva de Tony e varrer a piedade de sua mente. A máscara tinha voltado de novo, mas era tarde demais para Ray.

— Foi você — disse Tony. — Conheço você.

— O que você diz, Ray?

— Você está doido, cara.

— Muito bem, vamos lá para Grant Center. Acho que vou fichar você.

— Está cometendo um erro, cara.

— Acho que não, Ray.

Enquanto dirigia o carro para Grant Center, Tony Hastings não olhou para trás. Mordeu o lábio, um hábito do tempo de criança para manter coesa a organização de seus nervos. Estava cheio de uma alegria raivosa e dirigia depressa.

Susan Morrow continua a ler, sem pausa agora, empolgada com a captura de Ray, ansiosa para saber o que vai acontecer. Sentindo-se bem, ela gostaria de desfrutar o prazer de uma boa raiva fictícia.

Animais noturnos 19

Pensando em Ray. O homem ameaçador trancado numa cela do outro lado da rua, Tony Hastings ficou sem dormir no motel frio, cheio de palavras por trás do sorrisinho sórdido de Ray. Arrancando as palavras: eu me lembro de você. Você é o cara que nos deixou levar sua mulherada embora. Se não pode tomar conta delas, azar o seu.

Tony Hastings voltou à delegacia de polícia pela manhã, tomou o café da manhã na lanchonete com Bobby Andes. Os olhos de Andes estavam raiados de sangue, os vincos profundos no rosto repuxavam a pele em torno dos dentes, fúria e frustração tinham deixado marcas fundas em torno dos olhos e do nariz. Levava a bandeja como se fosse um velho, mancando de uma perna, o que Tony não tinha visto antes. Sua pele parecia sem brilho nenhum.

— Que merda — disse ele.

— O quê?

— Eu disse que merda.

— Foi o que eu pensei que você tinha dito.

Andes se debruçou sobre seus ovos mexidos, empurrando com a mão para dentro da boca os pedacinhos que espirravam para fora. Quando tomou a terceira xícara de café, recostou-se no espaldar da cadeira de plástico.

— Pois bem — disse ele. — Estou a fim de levar seu amigo Ray para dar uma voltinha para sacudir suas recordações. Quero que você venha também.

— Para onde?

— Os pontos turísticos de Bear Valley.

Ele sentiu um certo medo:

— Precisa mesmo de mim?

— Preciso.

— Para quê?

— Pode fazer bem a ele.

Tony Hastings supôs que Bobby Andes tinha também algum outro intuito, mas não conseguia imaginar qual podia ser.

O guarda, de pistola, apito e chaves na mão, abriu as portas de aço externas e a porta da cela e de lá trouxe Ray Marcus, de uniforme militar verde, sem chapéu, o uniforme de beisebol tinha sumido. Estava com a careca na parte da frente da cabeça bem visível, a careca de que Tony Hastings se lembrava.

— Você de novo — disse ele.

— Vamos levar você para dar uma voltinha.

Foram para o grande carro tricolor da polícia, com luzes vermelhas no teto e um escudo pintado na lateral. O policial de quem Tony se lembrava como George ocupou o banco do motorista, com Tony a seu lado, enquanto Bobby e Ray sentaram atrás.

— Aonde estamos indo?

— Vamos ver umas paisagens.

Ray olhou para Tony.

— Por que ele vai com a gente?

— Ele tem certo interesse no caso.

— Não quero ir com ele. Não pode levar esse cara.

— Qual é o problema, Ray? Posso levar quem eu quiser.

— Não pode levar esse cara. Ele tem ideias preconcebidas. É mentiroso.

— Lamento, Ray. Não há nada que você possa fazer a respeito.

— Desse jeito você vai perder sua causa.

— Melhor para você, não é, Ray?

George na direção, eles tomaram a estrada principal do vale e retornaram pelo mesmo caminho que tinham feito no dia anterior. Andes disse:

— Por falar em direitos, Ray, quero que você saiba que estou de posse de uma fita que está gravando a gente neste carro. Está gravando o que estou falando para você neste instante.

— Ótimo.

— Vamos voltar a alguns lugares que talvez você recorde. Pode ajudar se falar sobre os lugares. Se você não lembrar, o Tony lembra.

No banco da frente, Tony se virou de lado e olhou para Ray e Bobby no banco de trás. Ray estava estalando a língua como um professor de crianças e balançava a cabeça para indicar como aquilo tudo era imoral.

— Se você acha que posso dizer algo a respeito de quem matou a esposa e o irmão desse cara, está perdendo seu tempo.

— Irmão, Ray?

— Irmão ou seja lá quem for.

— Filha, Ray, filha. Como pode confundir uma filha com um irmão?

— E como vou saber quem foi que morreu?

— Isso não é tão esperto quanto você acha que é, Ray. Na verdade, é uma tremenda besteira e chego a ter vergonha por você. Puxa, é quase uma confissão.

Ray se contém, os olhos espiam em redor.

— O que quer dizer com isso? Quase uma confissão?

— É uma burrice, Ray. É burrice fingir que é mais bobo do que já é.

Ray desvia os olhos para a janela, de cara feia.

— Você sabe muito bem que eram a mulher e a filha. Você nem precisava estar lá para saber disso.

Olhando para a janela.

— Não prestei atenção. Não sou de dar muita atenção ao que sai nos jornais.

— Nem precisa dos jornais para isso, Ray. Tony falou com você ontem.

— Também não prestei muita atenção na hora.

— E, na hora em que conversamos ontem à noite, eu devo ter falado da filha

umas vinte vezes.

— Está legal, está legal, filha. Você acha que sou idiota?

— Acalme-se, Ray. Não estamos querendo pegar você.

— Até parece que não estão.

— Vai ficar mais fácil para nós dois se você nos contar a verdade.

— Mas estou contando a verdade.

— Para nós dois, Ray. Isso inclui você. Você coopera, a gente consegue condições melhores para você.

— Melhores do que o quê?

— Melhores do que as que você vai ter se não ajudar.

— Já expliquei para você por que razão não pode ter sido eu. O que mais você quer?

— Continua a insistir nessa história?

— Caramba, como é que posso não insistir se é a verdade?

— Explique para o Tony. Você espera mesmo que ele acredite nisso?

— Estou cagando para o que ele acredita ou não.

— Mas eu não estou cagando, Ray. Ele acredita que você matou a esposa e a filha dele. Diga para ele o que você alega que estava fazendo naquela noite.

— Diga você.

— Esqueci. Já esqueci o que você contou.

— Seu sacana.

— Me conte de novo, Ray. Estou gravando agora. Talvez assim fique mais fácil de eu lembrar.

— Já contei para você. Está gravado na outra fita. Fiquei com Leila. A noite inteira, sabe do que estou falando. Fiquei vendo televisão. O time dos Braves contra o time dos Dodgers, o placar foi seis a quatro. Pode conferir, cacete. Tomei umas cervejinhas e depois fui para a cama. Pergunte para a Leila. Você já perguntou para a Leila?

— Não se preocupe com isso.

— É melhor você perguntar para ela. É trabalho seu perguntar para ela. Não é justo comigo você não perguntar para ela.

— Pois é, Ray.

Fizeram uma curva à direita, uma estrada negra que entrava na mata e começava a subir pela montanha, virando para um lado e para o outro. Tony lembrou-se da estrada, das curvas, sua respiração ficou mais rápida.

— Tenho uma pergunta sobre seu álibi, Ray. Que noite você disse que foi isso?

— Dezenove de julho. Já contei para você. Pode olhar na tabela das partidas de beisebol, se não está acreditando em mim.

— Tem certeza de que não foi no dia 20 ou 21?

— Eu sei muito bem quando foi.

— Deixe que eu faça uma pergunta para você. Minha pergunta é: onde você estava na noite do dia 26? Ano passado, 26 de julho.

Ray ficou confuso.

— O que você está perguntando? Não foi nessa noite.

— Não foi. Eu só queria saber se você se lembra do lugar onde estava nessa noite.

— Cacete, isso foi há um ano, cara.

— Bem, como é que você se lembra da noite do dia 19 se não se lembra da noite do dia 26?

Incômodo. Olhos turvos, assustado. Ele pensou alguma coisa.

— Talvez tenha sido o aniversário de minha mãe.

— Era o dia do aniversário de sua mãe, Ray? A gente pode conferir isso também, sabe?

Hesitação.

— Eu disse que *talvez* fosse, quer dizer que podia ter sido. Podia muito bem ter sido esse o dia. Mas não foi. — Parou para pensar de novo. — Saiu no jornal. Por isso eu lembrei.

— Você vai ter de explicar melhor isso para mim.

— Olhe, a gente viu a reportagem no jornal no dia seguinte. Leila e eu, nós vimos como mataram a família desse cara e a gente até falou: que coisa interessante, e o que a gente estava fazendo na hora em que aconteceu, estávamos vendo o jogo de beisebol e depois fomos para a cama. — De repente Ray olhou para Tony. — Lamento que você tenha perdido sua família, cara, é uma pena mesmo. Só que eu não tenho nada a ver com a história. Pode acreditar.

— O jornal do dia seguinte, Ray?

Ele parou para pensar.

— Na manhã de dois dias depois.

Passaram pela igreja branca e um instante depois fizeram depressa a curva onde o trailer continuava parado no meio das árvores, acima da vala. A visão causou um choque em seu peito, e ocorreu a Tony olhar para Ray, que viu aquilo de relance, como quem finge que não percebe nada, e, em seguida, seu rosto se fechou. Pensando com a cabeça de Ray, que estava pensando: vocês são muito espertos, mas não têm a menor ideia de onde aconteceu. Tony olhou para Bobby Andes, cujos olhos fitavam os olhos de seu prisioneiro.

Chegaram ao ponto onde a outra estrada descia o morro, o caminho por onde ele havia descido naquela noite, e logo depois viraram para cima e tomaram o caminho que entrava na mata. Primeiro a estrada parecia mais larga e depois mais estreita e mais precária do que Tony lembrava, com capim alto no meio e arbustos verdes que invadiam a pista a ponto de roçarem no carro, e também curvas fechadas que contornavam rochas, árvores e ravinas. Passara-se quase um ano desde que aquele lugar se havia fixado na mente de Tony e era difícil acreditar que ele só tinha estado ali duas vezes. Desde então, as folhas haviam caído na estradinha, os ramos tinham ficado desfolhados, as neves pesadas da montanha tinham coberto a trilha e uma nova vegetação havia surgido em toda parte, as moitas e os arbustos e todos os ramos mais altos. Todo aquele verde era novo, uma vegetação diferente daquela em que ele andara aos tropeções e que depois havia recapitulado, e fazia Tony lembrar-se da verde agonia sangrenta de sua mágoa, esquecida, deixada para trás naquele intervalo de tempo, a vergonha que desde então transformava tudo num baile de máscaras de desleixo ou numa longa e tola hibernação na casa trancada do seu ser.

Ele ouviu a simulada burrice da voz no banco traseiro:

— Que lugar é este?

Recordou o tom tirânico da mesma voz na mata: ei, chefe, sua esposa quer falar com você. Fitou de novo o rosto que olhava para fora, pela janela, para as árvores, olhava fixamente tentando obrigar aqueles olhos a fitá-lo, forçar aqueles olhos, olhem para mim. Ele se deu conta de que Bobby Andes não estava olhando para Ray, mas para ele, com um ligeiro sorriso, a mera sugestão de um sorriso.

Foi Tony e não Andes quem falou:

— Você conhece este lugar.

Agora Ray olhava para ele, um olhar bem prolongado, antes de falar:

— Com toda a honestidade do mundo, não conheço, não.

No entanto, não falou de modo tolo. A voz era inequivocamente irônica, e o olhar não era tolo nem confuso. Tony Hastings estava olhando para seu inimigo, como se tempo nenhum tivesse passado, e ele não precisava entrar no pensamento de Ray, porque as palavras eram claras em si mesmas: o que é isso, cara, você acha que me pegou, é? Se liga, meu chapa, porque você e seus canas estão só cavando uma cova para vocês mesmos se enterrarem, porque não vão conseguir provar nenhuma acusação contra mim. Tudo o que vocês têm é a sua palavra, que num julgamento não vai poder se sustentar se não tiver mais nada para apoiar a acusação.

Chegaram ao fim. Um capim novo cobria toda a área onde tinham ficado os carros da polícia. Tony viu nos arbustos a perda profunda daquilo que ele não via.

— Quer sair, Tony? — perguntou Andes.

Tudo bem, sim. Ele foi até os arbustos, onde lembrou que as havia visto. Quando se aproximou, de repente se deu conta do perigo de encontrar algo que pertencera a elas, algo que a polícia deixara para trás e que ficara ali durante todo o inverno. A possibilidade o deixou assustado, achou que era melhor parar, mas não conseguiu. Ficou junto aos arbustos e se deu conta de que não sabia exatamente onde estava. Bobby Andes o conduziu pelo cotovelo. Seus olhos brilhavam.

Tony Hastings foi até a janela e olhou para baixo, na direção de Ray, dentro do carro.

— Eu quero saber — disse ele. — Elas já estavam mortas no carro quando você as trouxe para cá, ou você as matou aqui mesmo?

— Não matei ninguém, cara. — A voz era mansa e sarcástica.

— Não tem nada para nos dizer, não é, Ray? — perguntou Andes.

— Estou dizendo para você que está só perdendo seu tempo comigo.

Tony Hastings não pensava assim. Estava cada vez mais consciente do poder que havia adquirido para fazer o que bem entendesse. Deixaram o local para trás e se afastaram no carro. Quando chegaram à estrada, Tony apontou para a vala e disse:

— Foi aqui que você tentou me atropelar.

Agora Ray estava sorrindo o tempo todo, o bastante para Tony Hastings ver, mas não para Bobby Andes perceber. Quem mandou você não ter o bom senso de ficar fora da estrada? Afinal de contas, o que vocês estão fazendo aqui por essas bandas? Pensei que estivessem indo para sua casa de veraneio no Maine.

Dobraram na estrada que subia na montanha e desceram pelo outro lado da

serra e, na curva, George estacionou sobre o cascalho à margem da estrada perto do trailer.

— E agora? — perguntou Ray.

— Se importa de dar uma olhada lá dentro? — perguntou Bobby Andes.

— Para quê?

— Vamos só dar uma olhadinha.

Foram todos, Tony mais atrás, um choque inesperado. O guarda George segurava Ray pelo braço, Bobby Andes pegou uma chave e destrancou a porta. Tony apavorado, prestes a ver aquele lugar tantas vezes reconstruído em sua imaginação, mas despreparado, será que devia entrar também? Bobby Andes acendeu a luz num interruptor dentro do trailer, a luz arrastou Tony para dentro. As paredes, que ele tinha imaginado cobertas por um pano estampado, como a cortina na janela, estavam cinzentas e nuas. Havia um fogãozinho junto à porta e uma cama com colunas de metal, onde as impressões digitais devem ter ficado, e uma lixeira cheia de jornais.

— Você as estuprou na cama, suponho — disse Andes.

— Nunca estuprei ninguém.

— Deixe disso, Ray, já temos sua ficha.

— Caramba, as acusações foram retiradas. Nunca estuprei ninguém.

Tony ficou parado na frente de Ray ao lado da cama. Ficou espantado ao ver como era pequena, como um catre com colunas. E Ray estava um pouco mais baixo do que ele.

— Ray, eu queria saber uma coisa — disse ele. — O que você fez exatamente com elas. — Ficou surpreso com a pressão de suas palavras, que o impeliavam como um vapor.

— Você vai ter de perguntar para outra pessoa, cara.

— Quero saber o que foi que elas disseram. Quero saber o que Laura falou e o que Helen falou. Só você pode me contar isso.

Fitando o rosto de Ray de perto, os olhos injetados, os dentes grandes demais, o sorriso irônico. Puxa, cara, isso é uma coisa particular, entre mim e elas. Você estava rodando por aí nas montanhas. Quem mandou não ter juízo e ficar andando pela mata? Não é da sua conta, cara.

— Quero saber como foi que você matou as duas. Quero saber se elas sabiam o que estava acontecendo com elas. Quero saber, porra.

Não, não quer, não, cara, um sujeito que nem você, criado com uma aversão à violência e à brutalidade, pode acabar ficando com o estômago embrulhado.

— O que elas sofreram, Ray? Quero saber se elas foram machucadas. Quero saber o que sentiram.

Você não quer saber nada disso, você sabe muito bem que não quer.

— Responda, seu sacana.

— Chefe, você está doido — disse Ray Marcus. A mesma voz que disse “chefe”. Porra, cara, você não tem motivo nenhum para reclamar. Achei que você já tinha tirado elas da cabeça.

Os olhos continuaram falando. Avisei a você que ela queria falar com você, não avisei? Quem mandou não vir quando a gente chamou? Quem mandou não saber cuidar delas direito? Porra, achei até que estava fazendo um favor a você.

O rosto estava na frente de Tony, o queixo pequeno e duro como uma bola de beisebol com uma covinha no meio, os dentes disformes, o olhar de esguelha. Aquilo, e pense rápido, se é que ele podia, sim, ele podia, de surpresa, antes que pudessem impedi-lo, com toda a sua força, e *aquilo*. Bobby Andes agarrou Tony pelos braços e o puxou para trás.

— Calma, calma.

George tinha a arma na mão, depois se agachou onde Ray estava esparramado no chão, junto ao fogão. Havia sangue no rosto de Ray, sua boca estava toda machucada. Um segundo. Então Ray se levantou do chão e George segurou seus braços, torceu-os pelas costas, forçou-o a dobrar-se para a frente, e Bobby Andes interveio. Algemas, depressa. Ray com a mão na boca, sangue para todo lado.

Ele estava berrando para Tony:

— Oê ai er oeadado, ara.

— O que ele está dizendo?

— Está dizendo que você vai ser processado. Não se preocupe. Ele não vai poder processar ninguém por um bom tempo.

— Dofos oês ão er oeados.

— Ponha a cabeça no lugar, Ray. Olhe só o que você arranjou por tentar fugir.

— Vuir? Orra, ara.

Ray algemado ao George. Andes lhe deu um tapinha no ombro.

— Não tem problema, Ray, vamos arranjar um dentista para cuidar de você. Pegou o dente dele, George? — Deu um lenço para Ray.

Voltaram para o carro.

— Agora eu dirijo — disse Andes. George e Ray, algemados um ao outro, entraram no banco de trás. Tony foi na frente, como antes. Bobby Andes olhou para ele, os olhos radiantes.

— Excelente — disse ele. — Não sabia que você era capaz disso.

Tony Hastings, que nem se lembrava de ter dado um soco em alguém antes, sentia-se esplêndido. Atrevido e eufórico, com a cólera justiceira saciada.

* * *

Susan Morrow acerta com o punho a cara de Ray Marcus e o derruba no chão junto ao fogão. Ótimo.

Ela baixa o manuscrito. Está na hora de parar para a noite, embora pareça homicida abandonar a história agora. Mais uma interrupção dolorosa, semelhante ao divórcio, exigida pela discrepância entre as leis da leitura e as leis da vida. Não se pode ficar lendo a noite inteira, não quando a pessoa tem responsabilidades, como é o caso de Susan. E, se é preciso parar antes do fim, pode muito bem ser aqui.

Em certo ponto da leitura, Dorothy e seu amigo Arthur chegaram tarde de seu encontro, bem-comportados, respeitando o toque de recolher que Susan havia

determinado. Desde aquela hora, ficaram vendo televisão. No segundo andar, um som wagneriano continua por trás de uma porta fechada, Tristão equiparando morte e amor.

Ela vai ao banheiro, entusiasmada com a sensação de esmurrar Ray, qualquer que fosse o motivo, que pode não ser idêntico ao de Tony. O que ela de fato queria dizer, pouco antes, com o prazer de uma boa raiva? De quem exatamente ela tem raiva? De ninguém? Susan, que ama todo mundo, cujo coração se derrama para todos.

Então ela recorda: vamos nos mudar para Washington. Vamos mesmo? A pergunta ficou encoberta, enquistada como um inseto dentro de um casulo, envolta na seda de sua leitura. Vai voltar à tona em breve e então ela terá de pensar no assunto.

Será que devia dizer para Dorothy e Arthur pararem com aquilo? Ela reprime um impulso teatral para repreendê-los por desperdiçar sua juventude na frente de um televisor. Televisão, ir para Washington, esmurrar Ray, tudo se mistura em sua mente, parece que é o televisor que ela quer esmurrar. Então imagina um visitante alienígena que pergunta qual a diferença entre Dorothy boquiaberta diante da televisão e a própria Susan boquiaberta diante de um livro. Martha e Jeffrey, seus bichinhos de estimação, que acham estranho vê-la ali parada, petrificada. Susan gostaria de não ter de ficar provando o tempo todo que é sua capacidade de ler que a torna civilizada.

SEGUNDO INTERLÚDIO

Agora, acorde. Luz, quadrado vazio, janela, a porta da frente bloqueia a mente em fuga. Um intervalo sem mente, antes de outra mente, brilhante e superficial, a saúda com dados temporais: Bom dia, Susan, é tal dia da semana, tal hora, vista-se e recapitule seus compromissos para o dia.

Essa mente é repleta de ordem e de sistema. No entanto, por um tempo, um mundo que se distancia ainda a fascina, como as marcas de geadas no vidro da janela, onde tudo está interligado, Edward, Tony, as diversas mentes de Susan, uma coisa leva a outra e volta ao que era antes, a mesma e intercambiável. À medida que o ofuscamento esmorece, as diferenças reaparecem, e mais uma vez Susan é a leitora, Edward é o escritor. Porém ela conserva uma imagem curiosa de Susan como escritora, como se não existisse diferença alguma.

É interessante o suficiente para detê-la na cozinha após o café da manhã, parada com um prato em cada mão, tentando conceber de forma racional o que aquilo significa. Ela observa a si mesma. Vê as palavras. Fala consigo mesma o tempo todo. Será que isso faz dela uma escritora?

Ela reflete. Se escrever é a adaptação do pensamento em linguagem, todo mundo escreve. Distingue. As palavras que ela prepara para falar, isso é discurso, não escrita. Palavras que não são destinadas ao discurso, isso é delírio. Se Susan é escritora, é para outras palavras que não as do discurso ou as do delírio, palavras como estas agora: seu hábito de generalização. Seu jeito de compor regras e descrições de coisas. Faz isso o tempo todo, encaixota seus pensamentos em palavras, armazenadas para uso posterior. Faz outra generalização; está poupando palavras para uso posterior, o uso que faz a escrita.

As aspirações de escrita de Susan sempre foram modestas: cartas, um diário intermitente, memórias dos pais. Uma carta eventual para o editor falando dos direitos da mulher. Isso porque não tinha dúvidas de que não alimentava mais ambições, como no passado almejava ser compositora, esquiadora, juíza do Supremo Tribunal. Susan desistiu de tudo isso sem nenhum remorso, como se o que ela estava deixando para trás não fosse o ato de escrever, mas outra coisa, menos importante.

Ela precisa distinguir entre a escritora que ela se recusou a ser e a escritora que sempre foi. Sem dúvida, aquilo que rejeitou não foi o ato de escrever, mas o passo seguinte, a disseminação: as adaptações e a publicidade necessárias para induzir os outros a ler — um processo vasto que se resume em uma palavra: publicação. Enquanto trabalha nas coisas de casa naquele dia claro, mas que já vai escurecendo, com ameaças de neve, Susan pensa que aquilo é muito ruim, porque ao desistir da publicação ela desistiu da chance de ser parte de uma conversa por meio da escrita, de ler as consequências de suas palavras em outras palavras mundo afora. E era muito ruim do ângulo da vaidade, pensando em Edward (que foi quem começou tudo aquilo), pois Susan sabia que sua própria mente era tão boa quanto a dele, e que se ela tivesse dedicado anos ao adestramento de uma habilidade, poderia ter escrito um romance tão bom quanto o dele.

Então por que ela não escreveu? Outras coisas tinham mais premência. O quê? Marido, filhos, dar aulas de inglês para o primeiro ano da faculdade? Susan precisa de outro motivo. Algo no processo de publicação que sutilmente lhe causava repulsa. Ela via aquilo nos velhos tempos, quando Edward lutava para escrever. E sentia quando ela mesma tentava escrever. Desonestidade, uma sutil falsificação, fazia pressão sobre ela, ao que parecia, ao escrever para que outra pessoa lesse. Uma incômoda sensação de mentira. Aquilo contaminava na época e ainda contamina mesmo os seus mais ínfimos esforços, suas cartas, seus cartões de Natal, que mentem, não importa o que ela diga ou não diga.

A presença da outra pessoa — essa é a causa. A outra pessoa, o leitor, contamina aquilo que ela escreve. Esse preconceito do leitor, seu gosto, sua mera alteridade, controlando aquilo que ela diz, como um produtor de cinema em Hollywood ou um pesquisador de mercado. Contudo, mesmo a escrita inédita em sua alma contém um desajuste entre ela mesma e a frase que ela pode dizer na escrita. A frase simplifica. Se não simplifica, é uma confusão e ela afunda no vício adicional da obscuridade. Ela cria uma frase clara por meio de podas, exageros, distorções, e isolando e fechando bem aquilo que falta, como se fosse tinta. Isso lhe dá tamanha ilusão de clareza ou de profundidade que ela irá preferir aquilo à verdade e logo esquecerá que aquilo não é verdade.

A desonestidade intrínseca de escrever corrompe também a memória. Susan escreve suas memórias em forma narrativa. Mas uma narrativa não cintila em lampejos como a memória: constrói-se ao longo do tempo, com celas para armazenar os lampejos que ocorrem. A narrativa transforma a memória em texto, aliviando a mente da necessidade de escavar e caçar. O Edward de quem ela se lembra é um texto desse tipo, bem como o Arnold do início e o casamento de Susan, estabelecidos mediante muitas redações, muito tempo antes. Obrigada agora a reler aqueles textos antigos, ela não consegue deixar de reescrever. Agora está reescrevendo, com o máximo de empenho, dando o melhor de si para trazer de volta uma ilusão de memória viva, porque a narrativa ortodoxa está completamente morta.

Susan deveria saber desde o início, quando concordou em ler o livro de Edward, que ele produziria um efeito desse tipo. Deveria ter previsto que aquilo o traria de volta vivo, como se não tivessem, de maneira nenhuma, se passado vinte anos. E junto com ele traria de volta o divórcio, o Arnold do início e outras questões em que ela preferia não pensar. Mas poderia ter previsto tamanha empolgação, combinada com apreensão? Susan não compreendia a apreensão. É algo desproporcional à causa. Ela se pergunta se a história em si mesma, o caso de Tony, a afeta de algum modo oculto, à parte o renascimento de Edward. Há uma ameaça em alguma parte, mas ela não sabe o que é nem de onde vem. Ela tenta descobri-la pesquisando em sua memória, enquanto faz os trabalhos domésticos.

A situação era a seguinte: enquanto Susan esteve casada com Edward, que estava ficando louco tentando escrever, Arnold estava casado com Selena, que estava ficando louca com uma faca de trinchar. O problema para Susan reescrever as memórias é como passar desse esquema de casamentos para o casamento atual.

Seis apartamentos, dois por andar, em frente à escada. Susan e Edward moravam no 2B. Arnold e Selena, no 3A. Havia um gramado nos fundos, atrás de uma cerca, com uma árvore e duas mesas de piquenique. Houve um piquenique, hambúrgueres, milho cozido numa panela em cima da grelha a carvão. Susan e Edward nunca tinham visto Arnold e Selena. Arnold era um impaciente jovem médico residente no hospital, que tinha um horário de trabalho terrível, mas naquele dia estava livre. Selena era a mulher mais linda que Arnold tinha visto. Tinha cabelo preto, lustroso, olhos azuis da cor do mar, cílios postiços, pele branca como a neve, seu sorriso era radioso e ao mesmo tempo vibrante, a voz era suave e gentil, e ela mostrava interesse pelos cavalheiros, pelas senhoras e pelas crianças, como uma princesa. Ela estava tensa como uma corrente elétrica. Arnold, por outro lado, era grande, parecia um urso, e tinha um ar preocupado, vivia rondando Selena, trazia-lhe hambúrgueres, Coca-Cola, marshmallow. Mostrou-se respeitoso e perplexo quando Edward começou a se vangloriar por ter largado a faculdade de direito para virar escritor e olhava para Susan de um modo vago e agradável. Tinha cabelo curto, crespo e cinzento, vestia camiseta, tinha pelos acinzentados nos braços grossos e sobrelhas acinzentadas. Trabalhava no setor de emergência do hospital e estava chocado com suas experiências, que descrevia numa voz chocada, ao passo que Selena abordava as crianças como se fosse a linda bruxa má, e Edward a olhava vidrado.

Depois disso, eles se encontraram muitas vezes na escada, Arnold e Susan-Edward, mas nunca Selena. Susan nunca via Selena, embora às vezes ouvisse uma voz soprano de ópera no andar de cima.

Selena foi hospitalizada em outubro, no meio do mês, Edward estava passando uma temporada sozinho na mata, com sua máquina de escrever. Aquilo era conveniente: uma esposa e um marido vão embora, deixando o outro par livre para que os dois descubram um ao outro. Porém, um não havia entrado na

mente do outro, e o problema imediato de Arnold era tirar a faca da mão de Selena. Domingo à tarde. Susan totalmente sozinha assistia a um jogo de futebol americano, o que era algo embaraçoso de admitir, pois nunca via partidas de futebol americano na tevê, mas sentia-se distraída demais para ler, e além do mais estava passando roupa e calhou de ver um *touchdown* bem na hora em que ligou a televisão. Então ela estava vendo a partida de futebol americano com lembranças não de Edward, mas de Jake, que todo sábado a levava para ver jogos de futebol americano e esgueirava sua mão gelada para dentro do casaco de Susan, nas arquibancadas. Estava recordando exatamente isso quando ouviu uma rápida batida na porta, nervosa o bastante para alertá-la, e conduziu-a rumo ao futuro. Era Arnold, grande e assustado feito uma criança, perguntando se ela podia ir ao andar de cima para ajudá-lo com Selena, que estava tendo um ataque. Como não sabia que Selena sofria de ataques, Susan compreendeu a emergência e subiu correndo com ele, e só mais tarde se lembrou de como a vida com Edward também havia começado com uma emergência.

Trancada no banheiro com a faca de trinchar. Tome cuidado com o que ela pode fazer com a faca, disse Arnold. O que levou Susan a logo agarrar uma arma, que afinal veio a ser uma simples vassoura. A memória que se fixou de sua primeira entrada no apartamento de Arnold mostra a si mesma levando uma vassoura nas mãos, preparada para tomar a faca das mãos de uma louca, que por acaso era a mulher mais bela que Arnold tinha visto na vida — embora Susan só tenha sabido daquilo mais tarde, época em que ele lhe diria aquilo mais vezes do que era necessário.

Quando os dois entraram no apartamento, com o sol frio se derramando pelas janelas imponentes e pelas portas abertas, Arnold chamou: Selena, Susan está aqui, pode vir aqui falar com ela?

Que Susan? A voz abafada era um berro metálico por trás da porta do banheiro, no vestibulo. Nada de soprano de ópera naquele dia. Será que não posso nem ir ao banheiro? De *qual* Susan está falando, a vizinha? Você foi chamá-la, seu rato?

Vamos, Selena.

Deixe-me terminar.

Arnold para Susan, à parte: já liguei para o hospital. Estão mandando alguém. A porta se abriu e Selena saiu. Jeans e camiseta branca suja, cabelo desganhado, beleza exaurida. Alheia à faca na mão, enquanto Susan empunhava a vassoura.

Oi, Susan, como vai?

Arnold: O que é isso na sua mão, Selena?

(Que merda.) Arnold, você devia ter vergonha de expor sua esposa a uma humilhação dessas, trazendo uma estranha para dentro de sua casa para presenciar nossos problemas. (Desculpe, Susan.) Eu não faria uma coisa dessas com você. Eu não traria um homem para olhar e rir de você.

Ninguém está rindo, disse Arnold.

Não na minha cara. Susan, me desculpe. Desculpe-me pelo Arnold. Eu estava apenas trabalhando na cozinha e não vejo por que não usar a faca, é só uma faca de trinchar. Você não usa facas na cozinha, Susan Sheffield?

Por favor, Selena, disse Arnold.

Aquilo de que Susan mais se lembra ao longo dos anos é da voz de Selena quando chegaram os homens da ambulância, duros e nada operísticos: Então é isso que você estava armando, não é? Eu devia ter adivinhado.

* * *

O grande e preocupado Arnold, morando sozinho enquanto a esposa estava hospitalizada, com seu horário de trabalho terrível, Susan tinha pena dele. Descia a escada às 22h30 para ir ao trabalho no setor de emergência: ela abriu a porta e pôs a cabeça para fora a fim de perguntar como Selena estava passando e se ela podia ajudar. Ninguém naquela hora poderia supor que ali estava um futuro casal.

O que fazer? Na fila do caixa do mercado, logo atrás dela, Arnold explicou, estava levando algumas coisas para ele mesmo cozinhar. Selena? Talvez venha para casa semana que vem. Susan viu a fisionomia de urso, simples e amigável, no rosto de Arnold, e traduziu-a em uma expressão assombrada, escurecida por seu insondável futuro com Selena, que empunhava a faca de trinchar num regime de ataques periódicos, com os anos em que Arnold teria sempre de chamar os homens da ambulância, ela iria se afastar por um tempo e depois voltar para casa, ao encontro dos resquícios da mulher mais linda que ele tinha visto na vida, até que o apego dela pela faca de trinchar voltasse a crescer. Repleta de compaixão, assim Susan se distraía de um marido que escrevia e que se mantinha distante com igual periodicidade, em busca de grandes obras, sob o encantamento do anjo das matas.

Aquele pobre homem que cozinhas sozinho a própria comida antes de sair para viver aqueles pesadelos no setor de emergência: bem, Susan se mostrou gentil o bastante para convidá-lo para jantar em sua casa. E vocês perguntam: será que Susan, ali na frente do velho caixa do mercado impassível, tinha consciência de alguma inconveniência, a esposa de um homem perdido no meio da mata cozinhar para o marido de uma mulher perdida na psiquiatria? Era um desses pontos nodais numa história, os quais, por causa de suas consequências, pessoas como Susan se voltam para observar.

Será que é errado, quando o marido está longe, fazer uma boa ação para o vizinho temporariamente sem esposa, que de outro modo cozinhas ele mesmo a própria comida ou daria um pulo numa lanchonete Gordon para beliscar qualquer coisa? A questão tem dois lados. Um lado é o que seus vizinhos acham. Susan sentia-se livre para ignorá-los, distantes em suas vidas particulares, até os nomes deles Susan tinha quase esquecido, desde o piquenique do verão. O outro lado é aquilo que você pensa, com duas opções. Uma, não pensar nada. Fora da inocência perfeita, mudanças irão ocorrer, mudanças que ninguém precisa prever. Sem dúvida, Susan fez um esforço para alcançar aquela ausência de pensamento. A outra opção era ir em frente e pensar. Mas isso subentende que existe algo para pensar. Seu raciocínio era que só haveria um problema se ela e

Arnold achassem que havia um problema. Obviamente eles não achavam que havia um problema, pois se tratava apenas de um favor corriqueiro entre vizinhos: bom vizinho, escoteira, amigo prestativo. Um rosbife simples, batatas coradas, pãezinhos dourados, ervilhas congeladas. Cara a cara na pequena sala de jantar que ela dividia com Edward. Conversam sobre Selena e sobre Edward. A vida no setor de emergência do hospital. O horário de trabalho de Arnold, ficar acordado a noite inteira e o dia seguinte, com horas de matar qualquer um. Os dois mal se conheciam. Ela tentava imaginar como ele seria na realidade e de que modo se envolvera com uma mulher como Selena. Se Arnold se envolveu porque era a mulher mais linda do mundo, o que isso indicava a respeito dele? Ela estava pensando que Arnold era um tolo bastante simples, se bem que um tolo simpático. Susan incentivou a tristeza vazada em vinho que gotejava de Arnold enquanto travavam uma conversa repleta de mãe, pai, irmãos, irmãs, e antigas esperanças de um tempo anterior à época em que ele se deu conta do problema que Selena havia criado. Conformar-se com o fato de não estar apto a fornecer netos a seus pais — esse tipo de tristeza. E conformar-se com hospitalizações periódicas, coisas assim. E com certo medo, uma vez que continuarão a aparecer objetos equivalentes à faca de trinchar. Tudo isso ele tinha de suportar, enquanto Susan o incentivava a falar.

Nenhum pensamento de você e eu. Edward ia voltar dali a duas semanas: ele estava criando seu futuro como escritor. Arnold ouvia sem prestar muita atenção. Os problemas de Edward eram coisas distantes para ele.

Contudo, não foi um jantar comum, nem de longe, é preciso admitir. As velas foram um detalhe que ela não tinha planejado. Colocou as flores (hibiscos) da cozinha no centro da mesa e tirou do armário os talheres de sua avó e a louça fina, enquanto tentava pensar: é só um vizinho bondoso que passa por um mau momento e precisa comer direito antes de ir para o trabalho. Então, cinco minutos antes de ele chegar, com a carne já preparada com esmero, ela ficou assombrada com a falta de encanto da sala, sob a iluminação normal, se deu conta da necessidade de certa cintilação na penumbra a fim de esconder a simplicidade das coisas. Não era apenas simples aquele cômodo em nada diferente do que era em suas refeições com Edward, agora ele continha uma ausência ostensiva que lhe conferia um aspecto barbaramente desnudo, e a única imagem que ela foi capaz de conceber a fim de suprir aquilo que faltava foi a de velas acesas. O castiçal era um presente de casamento usado apenas uma vez, e Susan tirou a poeira do castiçal e encaixou um par de velas retiradas da gaveta.

Todavia, mesmo à luz de velas, Susan Sheffield e Arnold Morrow conservaram seus disfarces; ela, a esposa de alguém e ele, o marido de alguém. No entanto, Susan sentiu aquele tinido agudo em seu cabelo ou em seu pescoço ou em seu plexo solar, tornando o momento algo extraordinário. Eletricidade, como Selena na hora do piquenique, Selena com a voz ronronante de gato, cujo assunto parecia plenamente conversível em energia, segundo a fórmula einsteiniana: $e = mc^2$. Selena, a elétrica, transformada em Susan, a elétrica, como se Arnold fosse um transformador, pensando em como é fácil ser livre, que coisas deliciosas podiam ser feitas na maravilhosa ausência de Edward, se a

pessoa fosse do tipo que faz aquele tipo de coisa. Susan não era daquele tipo. Susan era Susan, da Edgar Lane, professora de inglês do primeiro ano de faculdade, mulher bem organizada, coerente, gramática, unificada, com margens definidas de todos os lados, sempre pronta a revisar a si mesma e se aprimorar. Aquela Susan tinha pensamentos deliciosos e audazes, repletos de montanhas, florestas e regatos correntes, com peixes em pleno voo e com pássaros dentro do mar, pensamentos concêntricos e fálicos, com pênis caçando nas névoas e com explorações de cavernas nas nuvens hermafroditas, mas eram só pensamentos, não executados, não proferidos, o lado subjacente e ausente de Susan, a Boa.

Não aconteceu nada que uma testemunha que ouvisse ou um gravador de fita ligado embaixo da mesa pudesse registrar e transmitir a Edward ou a Selena. A despeito disso, quando Arnold saiu para seu encontro noturno com sangue e ossos, ataques de coração, mutilações e decapitações, Susan tinha tão alto que mal conseguia suportar. Temos de fazer isso de novo, disse para si mesma, sabendo uma coisa que agora ela queria, embora não se permitisse pensar a respeito. Quando Arnold parou junto à porta, agradecido e com jeito de urso, ela perguntou: pode voltar depois de amanhã à noite?

Susan foi para a cama tentando recordar o que era amar Edward. O jantar seguinte que ela serviu para Arnold foi francamente austero e funcional, com a luz elétrica despojada acesa acima da mesa, mas depois não ofereceu nenhuma resistência ao que Arnold quis fazer na cama de casal que pertencia a Susan e Edward, enquanto Selena respirava ofegante, tentando dormir, imobilizada em seu quarto de hospital, e enquanto Edward ficava cada vez mais deprimido em seu chalé na mata, na tentativa de encontrar a si mesmo. Mais tarde, quando Arnold voltou para uma noite de crise, Susan tentou tardiamente se angustiar.

Susan e Arnold, mais tarde tão respeitáveis, cometeram adultério nos intervalos entre os horários de aula dela e as obrigações dele no setor de emergência. Primeiro na cama de Edward, o escuro quarto dos fundos com vista para um beco, cheio de livros e revistas, com um cesto de roupas sujas, um caixote de cor laranja, uma televisão pequena. Depois no quarto de Selena, a janela alta com a cortina batida pelo vento, com vista para os telhados, o armário aberto com vestidos muito finos e um perfume duradouro.

Quando aquela jovem Susan Morrow na cama de Edward viu o pênis assustador de Arnold Morrow surgir de repente com dilatada determinação, ouviu um gongo soar dentro de sua cabeça. Ouviu outro gongo pouco depois, quando resolveu deixar que ele entrasse. Um gongo, disse sua cabeça, adeus Edward. Lá se vai. Chocada com o tipo de pessoa que ela era. Nunca lhe havia passado pela cabeça que seu casamento estivesse em risco.

Ela não tinha intenção de pôr fim ao casamento. Estava terminado e não estava. Edward ia voltar e nunca iria saber, e Arnold voltaria para Selena, e a partir de então Susan era uma esposa infiel. Contra a eletricidade da alegria do novo, ela atacava a injúria que estava cometendo. Edward ressentido, as esperanças de ambos traídas — se ele soubesse. Agora Susan era uma mulher marcada pela desonra, portadora de um segredo. Perguntou para Arnold quem havia imaginado aquilo.

Quem vai contar, perguntou ele, você? Arnold tinha uma filosofia segundo a qual o sexo, amplamente superestimado por pessoas que associam a isso o seu ego, nada tinha a ver com suas responsabilidades com Selena (a quem ele jamais abandonaria), nem com as responsabilidades dela com relação a Edward. Arnold ficava especialmente abalado por causa de ciúme, a mais tola de todas as emoções, nada mais do que propriedade e poder, que acreditam ser amor. Essa é minha filosofia, disse ele enquanto os dois estavam deitados sobre o lençol, conversando naquele ardor cheio de suor.

Susan lembrou-se de ter usado o mesmo argumento (sexo é natural) para provocar Edward. Aquilo foi diferente. Antes de mais nada, levou ao casamento. Porém, já naquele pequenino gosto de crime ou de natureza (qualquer que fosse), ela havia vislumbrado uma vida melhor. Mesmo antes de Arnold ter mostrado a ela sua coisa alarmante, Susan pensou: se eu fosse casada com ele. Por duas semanas, durante o acidental caso isento da interferência do ego, ela comparou a superioridade de Arnold com o pobre e velho Edward.

De músculos volumosos, rosto cheio, cabelo claro, corpulento, ao contrário do alongado Edward, ele era mais fácil e mais natural. Tinha um jeito calmo, temperamento sereno (até então). Não era pretensioso, era inteligente sem ser intelectual, sem dúvida iria ser brilhante em sua área profissional e cativamente burro em tudo mais. Susan recebeu com simpatia sua falta de intelectualidade, sua deferência à cultura dela. (Mais tarde, quando surgiu a questão do casamento, foi fácil dissuadi-lo de sua filosofia, que Arnold abandonou sem discussão, uma alegre concessão à inteligência de Susan. Era o

que ela pensava, pelo menos.)

Susan sentia-se enganada. Com inveja de Selena, que não valorizava aquilo que possuía e que só era acessível a Susan a título de empréstimo. Quando ia trabalhar — dar aulas, corrigir trabalhos, fazer compras no mercado —, ela estava tão carregada de eletricidade transferida de Selena que temia o maçante regresso de Edward como uma Cinderela que se tivesse transformado numa marmota. O glamour do sexo mágico de Arnold, não que ele fosse um amante tão formidável, apenas os auspícios, ou a situação ou o que quer que fosse — bem, é difícil para a Susan contemporânea lembrar por que Arnold parecia tão encantador.

Sentindo-se mal por causa de Edward, Susan tentava lembrar por que ela o amava. Isso é ainda mais difícil para a Susan contemporânea, porque depois que casou com Arnold era importante tornar a memória de Edward a mais desagradável possível. Ele se lembra de ter tentado reconstruí-lo como se faria com um castelo em ruínas, empilhando blocos de tempo e de lugar celebrados pelo amor ou por outra coisa — um castelo que logo haveria de ser posto em ruínas pela segunda vez, e agora em definitivo. Ela se recorda do remorso, como se estivesse reconstruindo não apenas Edward, mas a Edgar Lane, ou sua infância, ou sua mãe, ou algo desse tipo.

O que deu errado? Susan não podia se divorciar de Edward e casar com Arnold simplesmente para validar uma aventura sexual. Susan tinha suas mágoas. Não tinha contado com a possibilidade de ele se tornar escritor de fato, largando tudo, de modo que ela achava que teria de sustentá-lo com seu trabalho de professora. Susan não contava que Edward iria ficar fora de casa durante um mês a fim de encontrar a si mesmo. Tinha um monte de razões para estar de saco cheio, no caso de alguém querer saber seus motivos.

Por outro lado, a Susan contemporânea recorda como, a fim de preservar o *status quo*, descobriu e afagou um sentimento frágil como uma vida, ou talvez como um bichinho de pelúcia: o afeto de Edward. Como aquilo que ela afagava quando se sentia carente, em dias mais recentes: o afeto de Arnold. E, como o afeto de Arnold se parece muito com o de Edward, os dois bichos talvez sejam um só e devam ser chamados de o afeto de Susan.

* * *

Arnold e Susan planejaram fazer uma orgia antes do regresso de Edward, mas foi cancelada por causa de uma mudança no horário de trabalho de Arnold. Ela passou o fim de tarde limpando o apartamento. Devia retornar para um estado mental à maneira de Edward, e era melhor se manter ocupada. Também estava à beira do pânico, porque eles não fizeram nenhum plano para se encontrar de novo, e ela não sabia como haveria de ser seu futuro. Tinham se esquecido de conversar sobre o assunto.

Então Edward voltou para casa. Telefonou de uma parada na estrada, fora da

cidade, e chegou na hora do jantar. Feliz por estar de volta, pobre Edward, encantadora Susan. Tomaram um drinque e comeram juntos, enquanto ela se perguntava se o marido teria percepção extrassensorial suficiente para detectar a profunda mudança ocorrida em seu casamento. A esposa infiel. Ele não tinha. Estava deprimido, já estava deprimido antes mesmo de partir, e agora continuava deprimido. A floresta não lhe prestou socorro. O coração de Susan ficou pesado. Ele falava tanto que era difícil sentir compaixão, embora ela tentasse mais do que nunca. Edward não tinha conseguido terminar nada. Havia jogado fora todo o trabalho que fizera no chalé. O quê? Não exatamente, estava com as páginas dentro da mala, mas tinha tirado tudo aquilo de sua cabeça.

A noite inteira, enquanto escutava os lamentos dele, Susan se perguntava o que ia acontecer se ele soubesse. Mas Edward estava preocupado demais para notar. Foram para a cama. Susan ficou alarmada com sua nova preferência pelo jeito de Arnold, mais gentil e mais lento do que a sofreguidão penosa de Edward, enquanto ela tentava continuar a preferir Edward e a fazer reviver o amor, porque o que mais ela poderia fazer, afinal?

Agora Susan nunca via Arnold, nem mesmo na escada. Nem sequer trocavam mensagens. Uma semana mais tarde, ela soube que Selena tinha voltado para casa. Escondendo seu nervosismo, Susan contou para Edward a respeito da faca de trincar de Selena. Precisava contar, temendo que se tornasse um fato público. Edward se mostrou ligeiramente interessado.

Ela concluiu que a falta de comunicação com Arnold significava que o caso dos dois estava terminado. Sentiu-se confusamente irritada com aquilo, mas usou sua raiva em favor de Edward. Dedicou-se ao problema dele. Edward se mostrou grato por isso. A questão não consistia no fato de ele não ser um escritor, disse ele, o problema era que ele estava querendo ir depressa demais. Ele precisava atravessar um período juvenil. Susan tentava dar conselhos sem ferir os sentimentos dele. Os sentimentos de Edward se feriam facilmente. Estava muito emotivo e dependente. Escavava suas coisas antigas e perguntava o que havia de errado com seu estilo. Com seu assunto. Seja franca, dizia ele, e Susan tentava ser franca, tentava explicar o que a deixava irritada. Aquilo foi um erro. Não precisa ser tão franca assim, disse ele.

No fundo (a Susan contemporânea enxerga isso) ela queria que Edward desistisse de ser escritor e se dedicasse a algo mais real. Não que escrever não fosse real, mas ela achava que Edward estava sob o domínio de um sonho romântico no qual não se encaixava. No fundo ele era tão burguês quanto qualquer um. Tinha a mente lógica e organizada, Susan o imaginava muito bem-sucedido na gerência de algum negócio, ao passo que escrever parecia uma infecção no ego de Edward, uma infecção que ele tinha pegado em algum lugar e que tolhia seu crescimento. Susan tentava não ter aqueles pensamentos, que a deixavam com a sensação de ser hipócrita, ao mesmo tempo que dava a Edward o incentivo que ele tanto desejava. Certa vez, quando Edward pediu que Susan fosse brutalmente franca, ela tentou lhe explicar aquilo. Levantou a questão de que ele talvez não tivesse o talento necessário para fazer o que desejava. Você *tem mesmo* de ser escritor?, perguntou Susan. Foi um erro. Ele reagiu como se ela tivesse sugerido um suicídio. Por que não pede logo para eu furar meus olhos?,

disse ele. Escrever era como ver, disse ele, não escrever era a cegueira. Ela nunca mais cometeu aquele erro.

* * *

Um bilhete de Arnold para o escritório dela: “Só para lhe dizer. Selena sabe. Não tem problema, está tudo sob controle.”

Selena sabe. Isso levanta algumas questões. Arnold contou ou ela adivinhou? Houve uma briga? Será que aquilo não ia pôr na cabeça de Selena algumas ideias novas a respeito da faca de trinchar? Como entender o fato de que o bilhete era a única notícia que Susan tinha recebido de Arnold desde o regresso de Edward?

A novidade aumentava a probabilidade de que Edward acabasse descobrindo tudo. Ela e Arnold podiam guardar segredo, mas Selena não tinha motivo para fazer isso. Enquanto Edward ficava sentado à mesa, como se estivesse desmoralizado, obcecado pelo próprio fracasso, Susan se perguntava o que Selena faria quando tivesse um ataque nervoso. Nem era preciso que contasse nada a Edward para que a notícia se espalhasse, como uma praga nas trilhas de hera, alcançando até pessoas reclusas, imersas num estado de depressão.

A fim de evitar o choque de uma descoberta repentina de Edward, com sua mágoa e com sua perda de fé, além do constrangimento e da humilhação da própria Susan, era melhor que ela confessasse antecipadamente para poder pelo menos apresentar a confissão em seus próprios termos. Uma confissão voluntária representaria, para Edward, a garantia de que o caso estava terminado. Um breve lapso em sua ausência, a ênfase na solidão, vou contar voluntariamente a você de maneira que você possa confiar e acreditar em mim. Não vai acontecer de novo.

O tempo passou. É mais fácil planejar tais palavras do que dizê-las. Sem receber nenhum sinal de Arnold, Susan se perguntava se aquilo não teria terminado. Encontravam Selena na escada. Susan e Edward entrando, Selena saindo. Selena olhava com ferocidade para ela, olhava de um modo diferente para Edward, um ar pensativo. Aquilo deixava Susan ofegante. O que está havendo?, perguntava Edward. As pesadas sacolas do mercado que os dois estavam carregando.

Como contar para ele? Como dar aquela notícia? Do que Susan tinha medo? De ferir seus sentimentos? Agravar sua depressão? Levá-lo ao suicídio? Ora, vamos, Susan, não seja tão estritamente virtuosa. Medo de perdê-lo? De se ver desmoralizada, é mais provável. O status de Susan na casa. A nova luz sob a qual ele a veria. Sem falar do puro alvoroço, a anarquia que a emoção bruta iria suscitar.

Pelo menos você devia conhecer sua posição de antemão. Susan tinha a intenção de ser fiel a Edward. Amá-lo, confortá-lo, ser humilde. A abordagem direta, aproveitando seu momento mais vulnerável: na cama ao lado dele, sem roupa, enroscando o cabelo em volta do nariz, ele aliviado por se achar distraído de sua obsessão. Edward, meu amor, tenho uma confissão a fazer. Não tão direta

assim. Seja calma: Edward, querido, imagine que você tivesse uma esposa que. Não, assim não.

Indireto, sufocá-lo com tanto amor que, antes mesmo de as palavras serem ditas, ele já saiba que Susan não poderia de forma alguma dizer nada de ruim. Vir por trás dele na hora do almoço, pôr seu rosto junto ao dele e dizer: Edward, meu anjo, como eu amo você.

A melhor maneira seria como que por um acidente, quando os dois estivessem no meio de alguma outra coisa. Dia após dia, ela observa Edward e, enquanto ele fala, mastiga, segura a cabeça com a mão, resmungo, arrotos, ela se dá conta de que ele *ainda* não sabe. A grande mudança ainda está para vir, as consequências ainda vão se revelar.

A melhor maneira de confessar é já estar irritada com alguma coisa, e assim você pode contar com o ímpeto de seu rancor para não se intimidar com a mágoa dele. E foi assim que finalmente aconteceu: no meio de uma discussão sobre escrever — que afinal era o único assunto sobre o qual conversavam naquela época. Ela disse: meu Deus, eu preferia que você tivesse ficado na faculdade de direito. A réplica de Edward: quando você fala desse jeito é como se você fosse infiel comigo.

Ela retrucou de pronto: pois você não tem a menor ideia de como isso seria.

Edward, cheio de ênfase: não poderia ser pior.

Não poderia? E aí ela contou. Não de modo rancoroso, pois, assim que percebeu a oportunidade, seu estado de ânimo mudou para o humilde e triste. De todo jeito, ela acabou contando e terminou dizendo: mas está tudo acabado, não tem nenhum futuro, eu não estava apaixonada.

Edward, a criança. Seus olhos fixos, que ela nunca vira tão arregalados. Suas perguntas submissas: quem? Onde? Você quer se divorciar? Valeu a pena?

Ele resmungou, se esticou, ficou andando pela sala, experimentando suas reações. E o que eu vou fazer?, disse ele. Como devo me comportar?

É do que Susan se lembra. Ele não ficou revoltado. Continuou pedindo a ela para confirmar que não queria se divorciar. Edward não se atrevia a perguntar se ela o amava, e assim ela falou que o amava, sem que ele perguntasse.

A Susan contemporânea acha que sua confissão o deixou mais animado. Um alívio para sua depressão. Na vez seguinte em que foram para a cama, Edward pareceu gostar de pensar no amante anônimo que estava no ar. Ele se mostrou hábil o bastante para não pedir que ela fizesse qualquer comparação. Susan achou que havia derrubado algum muro cuja presença ela não havia notado até que caísse. Agora nos conhecemos melhor, pensou ela. Não tão românticos, mais fracos do que pensávamos, o que talvez seja até bom saber. O casamento dela ficaria mais forte, pensou Susan, e acreditou que estava contente com aquilo.

Existe um hiato na saga da memória oficial de Susan; quase um ano entre o regresso de Edward do chalé na mata e seu casamento com Arnold. Quando ela recorda, depara com um tempo vazio. Não pode ter sido completamente privado de acontecimentos. Deve ter havido viagens diárias de carro para a faculdade, com paisagens de neve e ruas encharcadas. E também compras no mercado, faxinas, e a comida que ela fazia para Edward. E também mau humor e brigas, cinemas, um ou dois amigos. Susan se lembra do apartamento: paredes escuras, cozinha pequena, quarto com livros no chão e uma vista para o beco.

A razão para o bloqueio é que o período terminaria numa transformação revolucionária. Arnold iria substituir Edward com novas leis, valores, ícones, tudo. O novo regime reescreve a história para projetar a si mesmo, sepultando o tempo de Edward como se fosse a Idade das Trevas. Isso faz o regresso de Edward lembrar à Susan contemporânea aquilo que está oculto e a desafia a reescrever a antiga saga por meio de uma arqueologia imaginativa.

Recapitulando a saga, Susan gostaria de saber se é a luz de tempos posteriores que faz aquele intervalo parecer tão sombrio, ou se ele de fato foi assim. Até que ponto foi sombria a Idade das Trevas? Ela fazia seu trabalho e se perguntava. A saga registra uma mudança em Edward. Nervoso e cáustico, irritadiço, com um aumento do nível de ironia. Piadas inconvenientes e estranhas. Ao ler o jornal, espinafrava os políticos, os autores de cartas, os editorialistas, os distribuidores de conselhos. Criticava e ridicularizava os colegas de Susan, sem identificá-la claramente com eles.

Segundo a saga, ele parou de falar em escrever. Surpreendente, embora Susan não se lembre de ter ficado surpresa. Não havia mais queixas e pedidos de opinião. Reservado, nem mesmo admitia que o que estava fazendo trancado em seu escritório era escrever.

O que a saga ignora, mas Susan agora recorda, é o silêncio de Edward a respeito do caso de Susan. Ele nunca a condenou por aquilo, não abertamente. Nunca pediu que ela desse uma explicação, após suas primeiras e hesitantes perguntas. Evitava pedir amor. Cauteloso, como se tivesse medo dela.

Susan não tinha nenhum problema em lembrar a conversa de Arnold, um dos pontos centrais da sagrada escritura da saga, embora seja difícil lembrar onde e quando eles puderam conversar, pois após o regresso de Edward o caso entre eles supostamente havia cessado. Susan achava que tinha terminado. Mas Arnold insistiu em conversar e ela descobriu um meio, enquanto escutava o sussurro premente da voz de Arnold no gabinete que dividia com os outros professores de redação: Querida Susan, tão boa, inteligente, sensata, a única que conseguia fazer Arnold sentir-se um ser humano outra vez. Histórias sobre Selena que eram de deixar os cabelos em pé, raiva e ciúme, a faca de trinchar, pílulas, alicates. Roupas jogadas pela janela, o chapéu de aba larga de Selena voando no ar para o outro lado da rua, feito um frisbee. Selena, que certa noite saiu de casa nua e foi trazida de volta pela polícia.

Na narrativa, Arnold pedia consolo e ajuda para Susan. Ele estava farto.

Querida saber o que devia fazer, quais eram suas obrigações. O que Susan disse? Só aquilo que devia, é claro. Devolva as perguntas para ele. Com os dois lados de cada questão. O lado dele é a liberação de qualquer obrigação quando o amor está morto e não existem filhos, e quando a mulher com quem ele casou já não existe mais. O absurdo que reside no sacrifício de suas oportunidades de alcançar a felicidade pessoal em benefício de uma mulher louca, incapaz de dar valor a seu sacrifício. O lado de Selena é a crueldade do abandono numa ocasião em que ela está doente, confinada, impotente e só. Selena põe toda a confiança nas palavras do juramento feito pelos noivos e que falam em doença e saúde. Mas, meu Deus, diria Arnold, afinal ela vai passar o resto da vida num manicômio. E, se não for assim, serão tempos difíceis, com brigas e mais brigas.

Chamada para ser a mediadora, Susan tentava se manter fora da questão. Depende de você, dizia ela, como a heroína de um romance de Henry James. Às vezes ele explodia. Não tinha sido feito para o celibato, não era da sua natureza. Selena havia se dado conta daquilo? *Eles* tinham se dado conta daquilo? Quem são eles?, perguntou Susan. Vocês, respondeu Arnold. Ele comparava o caso de Susan ao seu: você teve um casamento feliz com seu marido conveniente, teve amor e sexo, a sua mente sadia, a mente sadia dele, e uma conversa sadia cheia de amor amor amor, e nada mais para se preocupar. Susan recusou-se a negar aquilo.

Um segredo leva a outro. Como não podiam encontrar-se onde moravam, usavam o telefone do gabinete dela para os recados, confiando em um amigo de Arnold que tinha um quarto, ou então se encontravam perigosamente em recantos isolados do parque ou em gabinetes vazios depois das aulas, e Edward não via nada de mais no fato de ela chegar mais tarde em casa. A velha saga recria o dilema de Susan, por não saber em que tipo de narrativa ela se encontra. Uma esposa retoma seu caso com seu amante casado. Embora o marido saiba do caso anterior, ignora o que ocorre no momento. E embora o amante queira ficar livre de sua esposa internada, não tomou nenhuma providência para isso, nem chegou a uma conclusão sobre quais são suas obrigações. Susan, portanto, se tornou de novo uma esposa infiel. Qual é o futuro se você é uma esposa infiel? É uma transição para uma nova vida ou um passo rumo ao desmantelamento de Edward? Ou se trata de uma concessão permanente à fraqueza, uma infidelidade depois da outra? A questão é difícil porque ela é uma pessoa leal e correta. Se vai continuar como esposa de Edward, ainda que infiel, devia defender o castelo de Edward, proteger seus símbolos. Se for mesmo uma transição, ela devia desmantelar o castelo sem demora, contar a verdade para Edward e cortar os vínculos. Amor, amor. Arnold falava de amor. Mas parecia feliz com as coisas do jeito como estavam, e Susan não sabia o que fazer. Sem dúvida ela estava cheia de sentimentos fortes, embora a narrativa recorde apenas o dilema.

Segundo a crônica, a retomada de seu caso levou-a a se divorciar de Edward, bem como a se casar com Arnold. Mas agora, quando Susan observa os fatos, vê a si mesma incapaz de tomar uma decisão, nunca toma uma decisão antes que os outros tenham tomado a decisão deles. Não consegue lembrar quantas discussões ela e Edward tiveram, quantas guinadas e vagas decisões foram rapidamente canceladas, antes de a situação se resolver. Lembra o silêncio de Edward, que ela

achava ser por causa de seu fracasso como escritor, e Susan tinha receio de que ele andasse pensando em se matar. Quando chegava a casa de volta de sua aventura, repleta de uma culpa estranha, sentia vergonha de sua alegria, enquanto Edward continuava tão infeliz. Houve uma noite em que Edward pensou que ela estava corrigindo trabalhos dos alunos na biblioteca. E uma noite em que ela ouviu Edward suspirando e se lamentando, como se quisesse que ela notasse. De manhã, os dois acordaram, foram ao banheiro um de cada vez, tomaram o café da manhã, comeram juntos sem se falar. Ficaram calados diante do café, Edward fitava através do pátio cercado, na direção dos fundos da livraria, na chuva. As primeiras palavras que ele disse foram repentinas: finalmente entendi qual é o problema. Eu espero demais de você.

Susan falou algo conciliador, mas ele já estava tomando outra direção. Não fale nada, disse ele. Vou lhe dar um conselho. Você devia pedir o divórcio, e quanto antes melhor. Ninguém tem o direito de esperar de você aquilo que eu espero.

A conversa que se seguiu foi repleta de confusão. Tomaram decisões e mudaram de ideia várias vezes durante as semanas seguintes, que foram cheias de retórica e de paradoxos. Ninguém sabia qual era a posição do outro. As coisas foram andando. Aos poucos, porém, à medida que eles voltavam várias vezes à questão, o assunto se tornou mais simples. A causa oficial era a incapacidade de Susan valorizar a escrita de Edward, que ele insistia em afirmar que era séria, séria de verdade. Você não tem apreço por mim, dizia ele. Você não me vê. Mas como Susan, em seu íntimo, sempre havia considerado que a dedicação de Edward à escrita era provisória, não levou a sério aquelas queixas. Supôs que o motivo verdadeiro era seu caso com Arnold, indicado pela relutância de Edward em mencioná-lo, como se o ciúme fosse um sentimento inferior a ele.

Então eles se divorciaram, Edward-Susan, Arnold-Selena, para se casarem de novo Arnold-Susan e, mais tarde, Edward-Stephanie, enquanto Selena ficou no hospício. Oficialmente o divórcio foi amigável. Mostraram-se cordiais e não houve disputas em torno da propriedade dos bens, mas havia uma nuvem de mau humor. Era difícil falar, sobretudo depois que ela saiu de casa. Quando os dois se encontraram na justiça para o divórcio, embora não tenha havido nenhuma discussão, Susan teve a sensação de que tinha havido muita discussão.

No lugar disso, um novo ídílio romântico, o segundo na saga de Susan, e o último. Novas corporificações das formas antigas reduziram a trivialidade. As dunas de Indiana. O zoológico de Brookfield. O Museu da Ciência e da Indústria. A liberdade de poderem ser vistos em público. Presentes, joias, roupas. Era um alívio não julgar o trabalho dele e não aguardar com ansiedade que alcançasse a prosperidade. O único inconveniente era a filosofia do sexo de Arnold e, mais uma vez, possivelmente, uma reflexão insuficiente a respeito do que ele esperava de uma esposa. Susan pediu que Arnold reformulasse sua filosofia do sexo. Não tem problema, disse ele, e substituiu-a por uma doutrina de fidelidade e lealdade. Quanto às expectativas conjugais dele, Susan deduziu quais eram por meio de tentativa e erro.

Embora fosse uma época de alegria, Susan chorava muito. A narrativa sempre tem dificuldade de recuperar sentimentos, porque eles não produzem

efeitos exteriores, mas chorar é um evento que a narrativa pode descrever. Ela chorava pela Susan honesta que precisava reconstruir. Chorava pela mãe e pelo pai, por Edward aos 15 anos, pelas horas na canoa a remo, pelo mito dos namoradinhos de infância e pela vida de luta de um artista. Chorou quando sua mãe foi a Chicago para persuadi-la a dar a Edward uma segunda chance e disse que ele continuaria a ser sempre seu filho adotivo.

Susan chorou com medo de que Arnold não fosse se divorciar de Selena e chorou por Selena quando ele provou que ela estava enganada. Chorou pelo choro de Selena, e pelo médico que disse que Selena nunca sairia do hospício e pelo advogado que obrigou Arnold a sustentar Selena pelo resto da vida.

Susan não costumava chorar muito, mas aquela era uma época emotiva. A antiga Susan chorosa ainda era uma criança. A Susan que amadurecia e que casara com Arnold era mais sábia, mas não muito, pois entrara em seu segundo casamento contando corrigir os erros do primeiro. A Susan contemporânea admite que a correção aconteceu, não porque Arnold fosse melhor do que Edward, mas devido à força do tempo. Aconteceu. Arnold era diferente, mas em grande parte era igual e Susan jamais saberia se a mesma correção não teria ocorrido se tivesse ficado com Edward — da mesma forma que ela supunha ter ocorrido uma correção equivalente no casamento de Edward com a fiel Stephanie.

Mas isso não faz diferença. O que a amadurecida Susan sabe é o seguinte: a despeito de como tenha começado, por mais duvidoso que tenha sido e por mais escuras que fossem as nuvens, quaisquer que tenham sido os engodos e as traições, de boa ou de má-fé, o que eles criaram era um mundo. Aquele mundo é dela e precisa ser protegido. No entanto, às vezes ela consegue lembrar que imaginava um mundo diferente. Começou o curso de pós-graduação pensando em terminar o doutorado. Podia ter sido professora titular, podia ter lecionado para alunos de pós-graduação, ter escrito livros, podia ter sido diretora de um departamento, ter viajado para dar palestras. Em vez disso leciona quando há uma vaga para ela, em regime de meio expediente, como professora auxiliar, não pelo dinheiro, não pela carreira, mas pelo exercício. Ela podia ter sido, mas fica incomodada quando gente como Lou Anne no Departamento de Inglês fala de seus sacrifícios, sente pena dela e põe a culpa em Arnold, visto como um tirano ou um escravizador. Pois apesar de Susan nunca ter sabido com segurança se havia ocorrido por opção ou espontaneamente (aconteceu de forma tão gradual), foi nisto que ela se transformou: a mãe de família. A família é Dorothy, Henry, Rosie, e também Arnold e ela mesma, e ela é a mãe. É a única coisa na vida que ela sabe que é importante, não existe a menor dúvida sobre isso. Goste ou não, é quem eu sou, diz ela. Susan sabe disso. Arnold sabe disso. É o que eles sabem, juntos.

Aquilo ficou bem estabelecido entre eles, três anos antes, junto com o acordo em torno de Marilyn Linwood. O acordo implícito entre eles, nunca formulado claramente em palavras, estabelecido pelos fatos à medida que ocorreram: que Arnold permanecia, que ele continuava a desempenhar o papel de pai e marido, que depois de muita coisa ter sido dita nada mais foi dito, tudo isso servia de prova do fato, a saber, de que as Linwood vinham e iam embora. A longo prazo,

elas não significavam absolutamente nada.

Susan permanece com ele, isso é o que importa. Nunca pensou no assunto nesses termos. Sempre pensou em si mesma como alguém que cuida de seus interesses de forma saudavelmente egoísta, mas é verdade, não é? Ela continua com ele e sempre esteve com ele. Não porque ele seja Arnold, mas porque certo dia, no passado, ela tomou a decisão de ser sua esposa. E então o mundo em volta deles se tornou cristalino. Susan continua com ele durante o caso com Linwood da mesma forma automática como permaneceu do lado dele durante o processo na justiça movido contra ele por Macomber, sob a acusação de negligência médica, assim como continuará a seu lado se ele for trabalhar em Washington (vender a casa, tirar os filhos da escola, separá-los dos amigos, tudo) em benefício do progresso na carreira de Arnold. Ela fará isso, é claro que sim.

A questão não é só que eles, com seus filhos, casa, carro, cachorro, gato, seus cheques especiais, seus papéis timbrados, haviam criado uma instituição como um banco, a questão é que o mundo é frio, solitário e perigoso, e eles precisam uns dos outros para se abrigar. Aquele livro que ela está lendo sabe disso. Tony, em seus apuros, deveria dar valor à forma como Susan se apega à sua vida. Ele deveria. No entanto, aquilo a deixa confusa, pois ela desconfia do livro de Edward. Não sabe por quê. O livro instiga uma apreensão dentro dela, um receio cujo objeto ela ignora, mas que parece diferente do temor presente no relato em si, alguma coisa que está presente nela mesma. Susan pensa, se Edward tem a intenção de, por meio de Tony ou por algum outro meio, abalar a confiança que ela tem na vida, bem... ela vai resistir e pronto. Simplesmente ela vai resistir. Existem coisas na vida que a mera leitura de um livro não é capaz de mudar.

A T E R C E I R A S E S S Ã O D E L E I T U R A

Susan Morrow volta ao livro depois de um dia de trabalho pesado. Faxina, aspirador, papéis de presente, aparelhos e brinquedos no segundo andar. Uma hora pagando as contas e outra no telefone falando com Maureen sobre tudo, menos sobre aquilo que está em sua cabeça.

Dorothy e Henry estão patinando com os Fowler. A neve está caindo, as estradas podem estar perigosas para voltar. Rosie vê televisão no quarto, abai-xe o volume, querida. Jeffrey está no sofá: para fora, seu vira-lata, pare com isso, vamos. Uma saudade de comer pizza arde nos cantos da boca de Susan.

Susan Morrow abre a caixa, despeja o manuscrito de cabeça para baixo sobre a mesinha de centro, em busca do marcador de páginas vermelho. Coloca as páginas já lidas dentro da caixa de novo, com a parte da frente virada para baixo, e as que não foram lidas numa pilha sobre a mesinha de centro. A pilha nova é menor do que a pilha já lida. Susan prevê o momento em que não haverá mais espaço suficiente para o que deve acontecer. Ela antecipa a frustração do final, à sua espera, já datilografado naquela pilha.

Senta-se, põe as páginas no colo e tenta lembrar. Tony Hastings perdeu a família para bandidos no meio da noite. Olhando para a última página da noite anterior, Susan depara com Tony esmurrando os dentes de Ray Marcus dentro do trailer. Recorda a ira justiceira que ela sentiu. Antes daquilo, Tony e Bobby Andes tinham levado Ray, que vestia um uniforme de beisebol, para dar uma volta de carro e ainda antes disso Tony tinha identificado Lou Bates, depois de não ter conseguido identificar Turk.

O fato de tudo aquilo ter sido escrito por Edward deixa Susan com vergonha. Pega as páginas, prepara-se para continuar.

Animais noturnos 20

Ray Marcus e Lou Bates terão de responder a um processo em Grant Center assim que reunirmos as informações para apresentar a acusação. Você precisará voltar para isso. O Sr. Gorman, o promotor do distrito, vai cuidar do caso. Isso vai demorar mais uns dois meses pelo menos.

Firme na audiência com o juiz, e, ao responder às perguntas do Sr. Gorman, olhando nos olhos de Ray, que por sua vez também olhava em seus olhos. Rosto machucado. Chefe, você vai ser processado por isso. Não, não vai ser não. Firme com advogados e júris, a bandeira americana no canto, e a imprensa.

Ele ouviu a si mesmo cantar no vento que soprava através das janelas abertas, enquanto dirigia para casa. Em liberdade. Junho na rodovia, os campos jovens e radiantes, a terra fértil arada, cavalos e vacas andando com esforço no meio das raízes daquilo que vamos comer, com um incisivo cheiro de esterco.

Cantar cantar cantar, Cristóvão Colombo. Eu fiz aquilo. Os nós dos dedos ainda estão doendo, ele não havia percebido na hora. Havia um corte fundo no

ponto onde a pele devia ter batido e rompido na ponta afiada de um dente. Tony desfrutava a dor pelo valor daquela lembrança.

Ir para casa, para uma festa, dirigir mais depressa do que nunca sob o vasto céu da tarde de junho, com seu calor gostoso que trazia vento e nuvens de temperatura agradável, ultrapassando caminhões, Cadillacs e Volkswagens. Sem retirar absolutamente nada de seu amor, estava na hora de Tony Hastings retomar sua vida, ele cantava. Havia determinado com precisão o que estava atrapalhando sua vida. Tocou aquilo que era intocável, derrubou-o com um murro. Libertou o que não podia ser libertado, espatifou a garrafa para soltar o barco ao mar, o excelente Tony. O rápido Tony, hábil nas manobras em alta velocidade, nenhum guarda iria pegá-lo agora. Chegou a casa com muito tempo de sobra. Nu debaixo do chuveiro, reparando em si mesmo, enchendo-se de esperança. Duas festas, na verdade, a festa do pessoal da faculdade na casa dos Furman e a festa dos alunos de pós-graduação, com um bilhete pessoal de Louise Germane: “Espero que possa vir.” As festas estavam em conflito.

Colocou um curativo na última mordida de Ray. Vestido para a festa na casa dos Furman, lamentou que tivesse de escolher. A escolha diminuiu sua esperança inflada, fosse qual fosse, que ele desconhecia. Um desejo de dizer algo importante para alguém. O quê, para quem? Tentou adaptar sua expectativa à festa na casa dos Furman. Francesca Hooton? Tony lançou um olhar rápido para a casa à sua volta, antes de sair, alisou a colcha que cobria a cama, pôs outra toalha limpa no banheiro, depois repreendeu a si mesmo e se chamou de tolo.

Os Malk, os Arthur, os Washington, os Garfield. Francesca Hooton estava parada na porta da varanda, uma taça na mão, com o marido. Tony havia esquecido que Francesca tinha um marido. Todos os convidados estavam de pé, com taças na mão, na varanda dos fundos, protegida por uma tela, e ao ar livre, no gramado e no jardim, sob o crepúsculo das 21 horas do mês de junho. Um anoitecer exótico, a luz que não quer morrer, luzes ainda brilhando nas janelas da casa, vaga-lumes, esse tipo de coisa. Tudo fazia Tony lembrar-se de Laura. As luzes e os vaga-lumes faziam Tony lembrar-se dela. Parado, de pé, com um drinque na mão.

Gostaria de ter ido à outra festa. Tentou lembrar qual era a coisa tão importante que desejava falar para Francesca, antes de descobrir que ela tinha um marido. Só conseguia pensar na novidade de que tinham prendido Ray e que ele pessoalmente o havia esmurrado. Parecia algo de grande importância, importância que logo se esvaziou, como um balão de ar cujo bico é desamarrado, assim que ele saiu da varanda protegida por uma tela e viu aqueles bons amigos que ele conhecia tão bem, e se deu conta do que seria conversar com eles.

No jardim, Eleanor Arthur falou a respeito de alguma coisa e, enquanto falava, ia se esgueirando lentamente para a outra ponta pela beira do barranco escuro. Tony sentiu-se obrigado a segui-la. Ela falava sobre lecionar matemática como se fosse algo oposto a lecionar inglês, que era o trabalho dela. Tentou apresentar uma argumentação sobre o assunto. Tony não sentia a menor vontade de se opor a ela, nem naquele nem em nenhum assunto, mas ela ficou aborrecida ao ver que ele não queria discutir. Então tentou formular uma

argumentação para explicar por que Tony não queria tomar uma posição. Como ele também não respondeu a isso, ela tentou argumentar, embora cheia de compaixão, que ele ainda estava abalado pela perda da esposa e da filha, e como ele tampouco se opôs a ela nesse ponto, embora tivesse dito a si mesmo o dia inteiro que aquilo não era mais verdade, ela falou sobre grupos de igreja, sobre a sociedade da Natureza e amigos solidários que estavam apenas esperando que ele pedisse sua ajuda. Com as mãos cruzadas nas costas e a cabeça abaixada com ar pensativo, como uma vaca, ou um boi, Tony tentava retomar seu caminho de volta para a porta, mas continuava plantado no mesmo lugar, como uma estaca à qual estivesse acorrentado, até ter a ideia de ir pegar outro drinque para ela. Voltou com Francesca e então deu alguma coisa nele e Tony contou às duas a respeito de Ray.

— Perdi o controle e lhe dei um murro que o jogou no chão.

Eleanor Arthur ficou encantada:

— No assassino? Puxa, parabéns, aposto que isso fez o homem pensar melhor naquilo que ele praticou.

Não é provável, pensou Tony Hastings. Olhou para Francesca, em busca de uma mensagem no meio da barafunda dos outros. Os olhos dela continuavam brilhantes, mas ele não conseguia adivinhar o que seus olhos estavam dizendo. Sentiu-se um burro, sua experiência chocante lhe pareceu reles ostentação de coragem num bate-papo de festa. Sentiu-se envergonhado, enquanto Francesca olhava para ele com olhos de Laura.

Tony Hastings decidiu ir à festa dos estudantes. Esperou a hora do bufê para não parecer mal-educado, depois deu boa-noite para Francesca Hooton, para Gerald e Eleanor Arthur, para Bill e Roxanne Furman e saiu para a agradável noite de junho alguns minutos antes da meia-noite e seguiu depressa para seu carro sob a fresca folhagem de um bordo, perguntando-se se ainda daria tempo.

Era em um apartamento do terceiro andar de um prédio antigo, numa rua estreita; ele precisou estacionar a três quarteirões de distância. Podia ouvir a música enquanto se aproximava do prédio. Subitamente apreensivo outra vez, mais uma tolice, que interesse ele poderia ter naqueles jovens com sua música alta, o que haveria ali para ele preferir? A resposta era Louise Germane. Sobre quem ele nada sabia. Será que Louise Germane tinha namorado? Amante? Nada. Apenas as coisas lisonjeiras que ela costumava dizer para ele e o bilhete pessoal que havia acrescentado ao convite mimeografado da festa.

Tony subiu a escada estreita e entrou numa selva de barulho. A porta de cima estava aberta, a sala lotada e ruidosa. Seu colega Gabe Dalton estava encostado no umbral da porta, com seu cachimbo, a barba, um copinho de plástico com cerveja na mão, fazendo uma preleção para um grupo de três pessoas, ávido e respeitoso. Dentro, participantes de seu seminário:

— Oi, Sr. Hastings. Tem cerveja na cozinha.

Estava contente de ver Gabe Dalton, que assim o deixava menos deslocado. Estava falando com grande convicção, reforçada por largos meneios do cachimbo e pela barba volumosa, sobre vários assuntos. Impressionando a garotada. Tocou no braço de Tony, não para interromper seu monólogo, mas com muitos significados tácitos, como por exemplo: que bom ver você aqui em nossa

caverna, meu chapa. Tony Hastings olhou em redor, decepcionado. Entrou na cozinha e encontrou Louise Germane.

Ela estava encostada na geladeira, conversando com Oscar Gametti e Myra Slue. Viu-o e acenou. Como ela estava colorida, alta, camiseta azul e vermelha, lenço azul prendendo o cabelo cor de trigo.

— Pegue uma cerveja.

O barril de cerveja no canto, ela abriu a torneira e encheu um copo para ele. A cozinha estava mais silenciosa do que o resto da festa. Ela ficou feliz por ele ter vindo, com se acreditasse que viria mesmo. Oscar Gametti lhe fez uma pergunta e Tony começou a falar. Os estudantes ficaram parados em volta com ar atencioso e, assim como no caso de Gabe Dalton, Tony falou com uma desenvoltura crescente, do alto de sua posição de pessoa mais velha e de maior conhecimento, acerca da política do país, da matemática e do Departamento de Matemática. Pensou em como os estudantes se mostravam respeitosos e o fitavam com admiração.

Notou as pequenas protuberâncias que os seios de Louise Germane formavam dentro de sua camiseta. Tony gostaria de falar com ela de um jeito diferente, dizer alguma coisa diferente. Ela escutava com interesse, avidez, pensou Tony, seus olhos pareciam brilhar para ele. Tony gostaria de poder afastá-la dos demais. Tentava imaginar um meio. Pensou em como ela teria vindo até a festa, como pretendia ir embora, se ele poderia, por exemplo, levá-la até em casa. Se poderia se oferecer para fazer aquilo de um jeito natural, sem chocá-la nem atrair a atenção dos outros.

Tony começou a contar a história, tudo, a partir da noite na rodovia interestadual. Supôs que todos já conhecessem a história, mas ele mesmo nunca a havia contado para os estudantes. Ouviu a própria voz fazendo aquilo, e mal conseguia acreditar, sentiu vergonha de contar aquilo, mas não conseguiu evitar. Contava da maneira mais simples possível, com acanhamento, mas não deixou de fora nenhum fato importante. Contou como algo de que todos já deviam saber, como uma aula sobre o mundo. A fisionomia dos alunos se tornou séria, eles balançaram a cabeça e se mostraram consternados. Tony observou os olhos grandes e apavorados de Louise Germane, com uma expressão de quem quisesse beijá-lo.

Depois da narrativa, Myra Slue disse:

— Está na hora de eu ir para casa.

Tony disse:

— Acho que eu também. Daqui a pouco. — Depois, não muito alto: — Alguém quer carona?

Myra Slue não ouviu, os outros estavam virados e conversavam para o outro lado. Tony fitou Louise Germane diretamente. Repetiu, para ser ouvido:

— Posso dar carona para você?

Os olhos e o rosto de simpatia que queriam beijar disfarçavam sua surpresa agradável.

— Puxa, obrigada — disse ela, hesitante, e acrescentou. — Eu vim com Nora Jensen.

Ele permitiu que sua frustração se mostrasse. Ela disse:

— Vou perguntar a ela. — E depois, como se tivesse pensado melhor: — Encontro você lá embaixo.

Como um stratagema, uma manobra para disfarçar. O coração de Tony pulou. Quando ela se afastou em busca de Nora, Tony percebeu o pequeno sorriso contido de Louise Germane. A dignidade de Tony vacilou um pouco.

Deu boa-noite a Gabe Dalton quando já estava segurando a porta e desceu sozinho para o térreo, onde esperou Louise Germane, imaginando se ela iria de fato encontrá-lo, enquanto seu coração pulava dilaceradamente.

O espaço no texto não é um capítulo, mas Susan Morrow faz uma pausa, bloqueada por algo. Prevendo a cena de sexo que está para vir. Não sabe se deseja ler aquilo, contanto que consiga manter Edward fora de seu pensamento. O nervoso Edward, cuja imaginação sexual na vida real não era nada de mais. Susan está irritada com ele. Seu retrato esnobe da festa dos professores da faculdade. Ela mesma bem que gosta de festas da faculdade, acha que os professores universitários são mais inteligentes e cultos do que a maioria das pessoas. Também está irritada com Tony, chocada quando ele conta sua tragédia para os estudantes, incomodada com sua preferência masculina pela jovem Louise Germane em detrimento de Eleanor. Com uma indagação acerca da ética de transar com uma aluna da faculdade, se pergunta se Tony ou Edward não pensaram nisso.

O que a aflige, o que obstrui sua leitura? Rosie está pendurada no telefone, conversando com Carol. E se Arnold tentar ligar de Nova York? Deixe para lá, deixe que Rosie converse à vontade. Susan torce para que o marido não telefone. O pensamento a surpreende, por que deveria desejar aquilo? Susan receia seu telefonema sem nenhum motivo razoável para isso e de súbito se dá conta de que receia também o regresso de Arnold, amanhã — amanhã? —, desejando que pudesse ter mais um dia para poder se preparar. Imagina o marido trazendo para ela algum presente horroroso. Um presente que não é um presente. O que seria? Ela não sabe, é um pensamento informe em sua cabeça, amorfo e opaco, como carvão.

Susan detecta lá fora uma alteração no barulho da cidade, causada pela neve que caía. Ouve a neve que cobre o carro, que ela terá de esfregar e limpar no dia seguinte, e na calçada que ela terá de limpar com a pá — ou ela ou Henry. Susan é surpreendida pela estranheza do que está fazendo, lendo uma história inventada. Colocando-se num estado especial, como num transe, enquanto outra pessoa (Edward) finge que certas fantasias são coisas reais. Uma questão para outra hora: o que eu estou fazendo de fato? Estou aprendendo alguma coisa? O mundo está melhor, Edward, por causa desta cooperação entre mim e você?

O mundo de Tony parece o de Susan, a não ser pela violência em seu centro, o que o torna completamente diferente. Susan se pergunta: o que ganho com o fato de ser levada a testemunhar tamanha falta de sorte? Será que esse romance amplifica a diferença entre a vida de Tony e a minha? Ou nos une? Será que isso me ameaça ou me tranquiliza?

Tais perguntas atravessam sua mente, sem resposta, numa pausa de sua leitura.

[Animais noturnos 20 (continuação)]

Ele ficou esperando ao pé da escada, onde alunos estavam fumando. Louise

Germane demorava, não vinha. Ele imaginou Nora Jensen dizendo: vamos, eu levo você para casa, e se perguntou se Louise poderia responder: mas eu *quero* que o Sr. Hastings me leve.

Enquanto isso, outros desceram. Gabriel Dalton, ainda conversando com dois caras que o acompanhavam. A própria Nora Jensen, com Myra Slue, mas não com Louise. Tony se perguntou se Louise não teria escapulado pela saída de emergência, pela escada dos fundos. Começou a ficar desesperado, até que viu uma pessoa de pernas finas descendo, falando com alguém que a seguia, o jeans e os sapatos com cadarços, a camiseta vermelha e azul, sim, Louise Germane. Ela olhou para ele com ansiedade, Tony pensou que ela fosse segurar sua mão.

— Problemas — disse ela.

Tony caminhou com ela até o carro. Os outros estudantes olhavam para eles, tiravam suas conclusões. Ela andava depressa, a passos largos.

— Que problemas?

— Nada importante — disse ela. — Muito obrigada.

— Não tem de quê.

Tony percebeu a expressão satisfeita no rosto dela. Deixou-a entrar no carro e ela se inclinou para destrancar a porta do lado de Tony. Louise sentou-se com as mãos cruzadas sobre o colo e suspirou, um suspiro jocoso, pensou Tony.

— Qual é o problema?

— Jack Billings também queria me levar para casa. Tive de dizer para ele que estava indo com você.

Tony Hastings ficou alarmado:

— Você preferia ir com ele?

— Agora é tarde.

— Eu não queria afastar você de seus amigos.

— Não se preocupe. — Tony pensou: será que Jack Billings é namorado dela?

— Gostaria de ir com você. — Acrescentou rápido: — Se não se importa.

Ele pensou: esta é Louise Germane, uma estranha, e eu a estou levando de carro para casa. Tentou pensar o que havia de proibido naquilo. Ela estava sentada a seu lado, como se fosse uma pessoa da família. Será que ela pensa que é Laura? Não existe lei contra eu lhe dar uma carona, lhe fazer um favor, uma delicadeza. Mas será que *ela* acha que estou só lhe dando uma carona? Os estudantes que nos observaram ir embora juntos vão pensar que somos amantes. No entanto, não somos amantes. A menos que a própria Louise Germane pense que somos.

Tony se perguntou o que era tão fundamental que queria tanto dizer para ela. Será que eu sei o que estou fazendo? E se ela me convidar para entrar em sua casa? A proibição de novo? Tony pensou: será que dou a impressão de que estou tentando *seduzir* Louise Germane? Será que ela acha isso? Se fosse assim, ela deveria parecer mais desconfiada, dar desculpas, esquivar-se. Então talvez ela espere mesmo isso dele. Será possível que ela esteja querendo seduzi-lo?

— Aqui estamos — disse ela. A pergunta angustiada, a saber: qual era a pergunta? Era um prédio branco e comprido, que se estendia muito para os fundos, com seis caixas de correio na entrada. — Você gostaria de entrar?

Tony hesitou, à cata de um motivo para não entrar.

— Não está muito tarde?

O rosto dela na sombra:

— Para mim, seria um prazer.

— Vou ter de achar um local para estacionar.

Provavelmente ela não tinha intenção de seduzi-lo, queria apenas lhe servir um café, e nesse caso não tinha por que se preocupar com a proibição. Estacionaram a meio quarteirão rua acima e desceram juntos a ladeira até o apartamento dela. A calçada esburacada, os ombros batiam um no outro. As janelas no prédio dela estavam escuras, a luz do corredor estava acesa. Louise verificou a caixa de correio: Germane. Tony a seguiu ao segundo andar, ficou a seu lado diante da porta de pinho esfolada enquanto ela procurava a chave dentro da bolsa, e o coração de Tony batia enlouquecido e dilacerado.

Não era o adultério, pois Laura estava morta. Não era o luto, pois tinham se passado 11 meses, e a vida exigia cruelmente ser vivida. Não era a criança que Louise era, pois se tratava de uma mulher madura, de sua geração, que aos 28 ou 30 anos já tivera mais amantes do que ele aos 45. Não era a seqüela, pois a ferida que uma mulher solteira e sem amor não podia curar agora já estava curada. Não era a aluna de pós-graduação, pois ela havia terminado seus cursos e ele tinha jurado naquela mesma noite não ter nunca mais nenhuma autoridade formal sobre ela.

Entraram. A sala era frugal, um sofá, uma mesa. Ela acendeu uma luz perto do sofá e pôs para tocar um disco de um pianista de jazz. Tinha um pôster de Montmartre. Tony sentou-se no sofá com a estrutura interna quebrada, de modo que seu traseiro quase bateu no chão.

— Vinho?

Louise sentou a seu lado no sofá. Os joelhos apontados para cima, como picos. O que quer que ele quisesse lhe dizer, agora era a hora de dizer. Provavelmente tinha alguma coisa a ver com os fatos ocorridos em Grant Center, mas Tony já tinha contado sua história na festa, e, no entanto, algo continuava sem ser dito. Como se a história tivesse um comentário secreto anexo, reservado só para Louise. Tão secreto que nem ele possuía a senha. A não ser aquilo, tudo o que Tony conseguia pensar para dizer era que ele tinha sido transformado de uma coisa em outra. A notícia era tremenda, mas vaga.

Se Tony conseguisse transmitir a ela a força emocional, o significado prismático, que se concentrava no gesto de dar um soco em Ray.

— Dei um murro bem forte nele — disse Tony.

— Você não sabe o que significa ter você aqui na minha casa, Sr. Hastings.

Olhos na luz suave, o rosto que quer beijar. Aluna apaixonada pelo professor, mas é claro, não há a menor dúvida, ela não é mais *sua* aluna.

Louise tirou o lenço azul da cabeça e, com um meneio do pescoço, soltou os cabelos, indômitos, a toda volta.

— Pensei muitas vezes em convidar você para vir aqui. Quero dizer, desde que ficou viúvo.

Ele disse:

— Você é uma boa amiga.

- Quero ser sua amiga. Não quero ser só uma aluna. Isso incomoda você?
— Nem um pouco. Não penso em você como aluna, penso em você como...
— Preencha a lacuna, pensou Tony, não posso fazer isso sozinho.
— Como o quê, Tony?
— Como amiga. — O que você já disse. (Ela o chamou de Tony.)
— Pensei que ia dizer como mulher.
— Eu ia dizer.

Louise olhava para ele com ar solene, enquanto falava devagar. Tony teve a sensação de que estava representando uma cena, e ela também, apesar da tensão. Ela parou de olhar para ele, em seguida olhou de novo para ele e disse:

- Isso significa que você quer ir para a cama comigo?
Prenda bem o fôlego, cara, foi mais rápido do que você esperava.
— É isso que eu quero dizer?
— Não é? — Os olhos dela estavam muito abertos.
— Talvez seja.
— Talvez?
— Bem, sim. É o que eu quero.
— Você quer que eu faça isso?
— Sim.

Agora, um silêncio:

- Eu também.

E ela disse:

- Há um problema.
— Você não tem nenhum...
— Não é isso. Não tenho certeza de que Jack Billings não vai aparecer daqui a pouco. Não tenho certeza de que ele tenha se despedido de mim esta noite.
— E ele vai querer ir para a cama com você?
Ela fez que sim com a cabeça.
— Vocês são amantes?
— Ele acha que somos. — Louise abriu as mãos vazias. — Desculpe, eu achei que nunca teria a menor chance com você.
Então aquela era a proibição.
— Eu não devia interferir.
— Eu quero que você interfira. — Ela refletiu: — Vamos arriscar. Se ele vier, não vou deixar que entre. Vou dizer que estou doente.
Ele teve uma ideia. Por que não?
— Você não gostaria de ir à minha casa?
— Puxa. Grande ideia.

Rápido, antes que Jack Billings apareça. Ela foi correndo para o quarto, voltou de lá com um vestido branco, olhou em volta afobada, tentando resolver o que levar, não conseguiu pensar em nada, a não ser uma escova de dentes.

- Depressa — disse Louise, como se Jack Billings já estivesse na porta.

Um carro passava lentamente na rua quando eles saíram do prédio.

- Meu Deus — exclamou Louise. — É ele. — O carro passou. — Por que ele não parou? — perguntou Louise.
Tony lembrou-se da floresta.

- Ele olhou bem para mim.
- Não quero criar problemas para você.
- Por favor, não se preocupe. Não é problema seu.

No carro, ela disse:

- Amanhã vou explicar para ele. Vou pensar em algo para dizer.

Tony pensou: será que tem alguma encrenca aqui? Será que eu quero ser responsável por um rompimento entre Louise Germane e seu amante? Sei qual é a postura pública que devo tomar?

Louise Germane entrou na casa de Tony já no meio da noite. Ele acendeu as luzes. Ela olhou em volta com ar feliz.

- Sempre tive vontade de vir aqui. Antes mesmo de sua esposa morrer.

Ela parou no meio da sala de estar de Laura, olhou para as pinturas de Laura, o piano, as estantes de livros, sofá, cadeira, mesinha de centro. Violando Laura por não ser ela. Louise não era esposa de Tony, nem sua filha, ele quase não a conhecia, no entanto queria tomar posse dela como se fosse uma pessoa íntima, alguém da família. O paradoxo o deixou aturdido.

Ela disse:

- Quero que me mostre tudo.
- Agora?

Ela riu, avançou para ele sem disfarces, e disse:

- Pode ser amanhã.

Depois o beijo em si, o primeiro, já profundo, aquela jovem que ele um dia julgara tímida, mas que sabia tudo a respeito daquele tipo de beijo, mais do que ele, provavelmente. Louise apertou o meio do corpo e o quadril contra ele, inclinou a cabeça para trás a fim de olhar para Tony e disse:

- Onde é que vamos para as celebrações?
- Lá em cima?
- No quarto principal? Ótimo, vamos.

Tony sentiu certa irritação. Foram para o segundo andar. Na porta, ele acendeu a luz e parou. O fantasma de Laura. Tony ficou surpreso, pois achou que havia abolido a proibição, porém lá estava ela, ainda não estava preparada para deixar o quarto. Tony olhou para dentro do quarto de Helen, também barrado, e depois para o frio e neutro quarto de hóspedes.

- Vamos para ali.

As celebrações. Ela cruzou os braços e puxou a camiseta pela cabeça, em seguida os dois se despiram, olhando um para o outro o tempo todo, o sorriso triunfante de Louise já não mais secreto. Ela era magra. Os quadris lançavam uma sombra nas coxas. Tocou no pênis de Tony, aquela moça que tinha sido sua aluna.

Risos abafados, murmúrios, fungadas, cócegas. O corpo de Louise era tão familiar como se ele o conhecesse desde sempre. Venha, tudo bem, eu queria mesmo isso. Nunca sonhei que estaria fazendo isso com você. Não para apressar as coisas, mas o tempo começou a inflar, encheu ao máximo, não podia mais ser adiado, e Tony se debruçou sobre Louise Germane, manobrando para encontrá-la, e então, pronto, lá estava ele. Pensou em como era bom estar de volta.

Em seu próprio quarto de hóspedes, embaixo de Louise, enquanto ela se

agarrava a ele, Tony se deu conta de que alguém olhava pela porta. Jack Billings, espoliado. A cerimônia estava passando para sua fase selvagem, o termômetro estava subindo. Não era Jack Billings, era alguém na outra cama, enquanto as cores mudavam, o pôr do sol rebrilhava na neve, o esquiador solitário dava partida para sua corrida morro abaixo sobre a neve cor de fogo e saltava mais abaixo rumo à derradeira sombra cinzenta. Na outra cama, alguém estava sendo estuprado por um homem de costas, a quem Bobby Andes golpeava nas costas com um porrete. Então Tony Hastings, na hora mesma em que extraía de Louise Germane o último ouro precioso, sentiu que se dividia, se erguia como um espírito de seu corpo contraído, para atacar o estuprador na outra cama, mas como era um espírito não conseguia tocar nele.

No quarto, o silêncio era tão grande quanto foi na hora do enterro. Louise afagava a nuca de Tony. As pessoas estavam em silêncio, talvez tivessem ido embora. Olhou para a outra cama e descobriu que não havia outra cama. Havia Louise Germane, meiga e vulnerável, sorrindo vagamente como uma criança que acaba de acordar, e Tony ficou aliviado pelo fato de ela continuar viva e sentir ternura por ele. Tony estava confuso com a violência daquilo que tinham acabado de viver e com o choque de ver que não havia nenhuma outra cama. Aquilo parecia significar que as duas camas eram uma só e nesse caso o homem que estuprava a mulher era ele próprio, algo que eles estavam tentando impedir, e o espírito do próprio Tony que tentava intervir não passava de um espírito.

Tony ficou frustrado, embora soubesse que o tempo com Louise Germane tinha sido bom em si mesmo, não era propriamente um tempo, pois ainda não havia terminado. Perguntou:

— Você vai passar a noite aqui?

— Pensei que isso já estava combinado.

No meio da noite, ele teve vontade de acordá-la e lhe dizer: ei, lembra quando ela o seduziu na plantação de cerejas nos fundos da casa no Maine? Quando Helen estava andando de bicicleta com uma amiga e ele e Laura saíram com dois cestos para colher mirtilos. Ela estava de short e com uma blusa fininha, fazia um dia ensolarado, sem vento nenhum, Tony ouviu o riso dela nas suas costas, virou-se, viu-a com a blusa aberta e as mãos enfiadas na cintura do short, empurrando-o para baixo.

— Ei, cara — disse ela. — Que tal? — E depois um rebuliço no meio do silêncio no campo espinhento. — Relaxe — disse ela em seu ouvido. — Ninguém vem aqui.

Depois a água, correr atrás dela descendo a ladeira de pedras, onde ela mergulhou na água nua, e ele veio logo atrás, o frio cortante, entrar e sair depressa, e:

— Meu Deus, a gente se esqueceu de trazer as toalhas — e subiram correndo de volta para casa com a pele pinicando loucamente.

Laura, a atleta, seu jeito de andar com os braços sacudindo. Patinando no inverno, às vezes ele ia com ela ao rink de patinação para ver suas piruetas e seus rodopios, e lá ela tentava ensinar Tony, embora seus tornozelos fossem fracos e ele não tivesse a menor aptidão. Uma vez Laura viajou com sua amiga Mira para patinar na região norte do estado e demorou a voltar. Tony ficou

acordado até as 5 horas da manhã e ela ainda não havia chegado e ele imaginou que o carro havia batido por causa do gelo na estrada. Não foi culpa de Laura, tinha um bom motivo para não telefonar, motivo agora já esquecido. Noites em branco sobre as quais iria falar para Louise Germane. Em geral a preocupação era com Helen, enquanto Laura e Tony fingiam estar dormindo, embora cada um soubesse que o outro estava acordado, até que Laura se erguia sentada na cama e dizia:

— Será que a menina ainda não voltou para casa?

Casamento e preocupação, Louise. Quando o médico descobriu o tecido anormal num exame de rotina, tiveram de esperar todas as fases, passo a passo, até que todas as possibilidades fossem eliminadas e eles pudessem comemorar com um jantar num restaurante chinês seu futuro outra vez livre e desimpedido afinal.

Pensando por Louise, se você casar, terá preocupações. Mas quando ela morreu, as preocupações cessaram. O que se pode considerar um alívio. Ele olhou para Louise Germane, um grande volume embaixo das roupas de cama, e pensou: vamos deixar para casar quando organizarmos tudo.

A página seguinte assinala o início da Parte Quatro. Como não há espaço para uma quinta parte, são quatro movimentos, uma sinfonia, e já terminamos três quartas partes. A forma do livro deveria estar clara, mas Susan ainda não consegue prever o que contém.

Havia uma plantação de mirtilos atrás da casa no Maine, onde Susan e Edward iam com seus cestos. Porém, não houve sexo. Não foi ela que abriu a blusa, baixou o short e disse: “Ei, cara. Que tal?” Será que Edward, ao escrever, gostaria que ela tivesse feito aquilo? Susan se sente incomodada com a sexualidade no romance de Edward. A ideia de que ter dado um murro em Ray liberou o pau de Tony. A visão do estupro e da luta enquanto fazia amor com Louise. Será que o sexo de Tony é repleto de estupro e morte porque ficou traumatizado com Ray, ou aquilo é o que Edward agora acredita ser o sexo? Quem dera Susan pudesse conversar com Stephanie e perguntar.

Susan diria para Edward que Arnold nega a violência em seu pênis. Ele nunca quis estuprar ninguém, não consegue conceber o sexo contra a vontade da mulher. Susan Morrow acredita no marido. E se pergunta: será verdade que os homens são de fato diferentes, como as tribos, os nobres e a plebe? O que há de violento em Arnold está reservado para outra arena: em passos rituais, mãos lavadas metidas em luvas de borracha, bandeja de instrumentos e bisturi, pressão calculada e corte delicado, concentração e controle.

Na versão de sexo deles, Susan vem para o quarto depois do banho de chuveiro, a porta fechada, a luz da cabeceira acesa, Arnold lendo na cama. Crianças indisciplinadas à solta pela casa, televisão ligada no primeiro andar, Nilsson imolando Brünnhilde através de uma porta fechada no segundo andar. A camisola curta de Susan, um perfume que adoça seu pescoço e suas orelhas. Ela fica parada bem perto do lugar onde o marido está lendo. Ele olha sério para os joelhos de Susan, baixa o livro. A mão dele, sensível, sobe deslizando pela parte de trás da coxa de Susan, até a curva inferior de suas nádegas, depois dá a volta e vem para a frente. Ela gosta de ver o pênis dilatado do marido, o grande cirurgião, seus olhos de criança diante de um jogo de beisebol, e ela adora a teimosa cabeça de Arnold junto de sua bochecha, sua projeção para dentro dela.

Enquanto está acontecendo, às vezes ela finge que estão fazendo amor pela primeira vez, como fizeram quando Selena estava no hospital, ou, reescrevendo a história, num tempo remoto, quando ainda eram adolescentes. Às vezes estão divorciados, mas ainda são amigos depois de um encontro casual num restaurante, ou estão numa praia à noite, ou vivem aventuras de solteiros que viajam pelo mundo num barco, com o piloto automático acionado, ou são um casal de astros de cinema que vão para a casa dele, sem descansar, após terem filmado uma cena de nudez, ou na cena de nudez propriamente dita, que acabou saindo de controle na frente da equipe de filmagem. Ou então são líderes políticos às escondidas, depois de cumprirem o protocolo de uma reunião de cúpula, Ronald Reagan e Margaret Thatcher. Ela não conta para Arnold, que supõe ser a excitação causada pela volumosa presença dele mesmo.

Tais pensamentos deixam Susan estranhamente tristonha, como se tudo aquilo estivesse terminado. Nem de longe, Susan se repreende, pare já com isso. Leia, leia. Ela gosta do livro nesta noite. O livro a alimenta bem. Susan se pergunta como alguém tão centrado em si mesmo como Edward conseguiu se diluir tão facilmente ao longo de uma história e levar Susan a sair de si mesma dessa forma. O livro faz Susan sentir-se melhor a respeito dele, pelo menos ela espera que sim.

Animais noturnos 21

Bobby Andes telefonou de novo. O telefone tirou Tony Hastings do chuveiro antes de seu segundo encontro com Louise Germane, obrigou-o a sentar-se ao lado do telefone, diante de sua escrivaninha, enrolado numa toalha e pingando. Viu um casal de short do outro lado da rua, lavando o carro vermelho e reluzente.

A voz ao telefone disse:

— Tenho novidades de que você talvez não goste.

Tony ficou à espera. Estático, as pequeninas palavras mortais, as más notícias. Vão deixar Ray Marcus sair da prisão. Quem? Ray Marcus, aquele Ray, Ray, vão soltar o Ray.

— Como assim, vão soltar Ray Marcus? — perguntou Tony.

Ouviu a voz explicando, Bobby Andes, a voz fina e nasalada, através do fio de telefone, dizendo que estavam retirando as acusações, encerrando o caso. Sua Excelência de Merda do promotor público Gorman, é ele, vai retirar as acusações, insuficiência de provas.

Tony estava enxugando a cabeça com a toalha, seu pênis ocioso exposto no colo, as pernas peludas e molhadas, e do outro lado da rua a garota de short e com pernas perfeitas debruçada sobre o capô do carro vermelho e reluzente, enxugando e dando brilho.

— Ele precisa de confirmação — disse a voz.

Quando a garota se esticou mais, a parte de trás de seu short ergueu-se acima da linha das nádegas.

— O que disse?

— Bem, pelo menos você teve a satisfação de dar um soco na cara dele.

Outras vezes na linha, uma mulher rindo.

— É politicagem, Tony, esse é o problema.

No silêncio, a garota virou a mangueira na direção do namorado, que jogou uma esponja contra ela. Louise Germane o esperava às 18 horas.

A voz de Bobby Andes se esticava através de quilômetros de regiões rurais, queria que Tony fizesse mais uma viagem a Grant Center.

Tony tentou resistir dizendo:

— São dez ou 12 horas de carro até aí — explicou. — Não posso ficar indo e voltando toda hora.

Ouviu Bobby Andes dizer:

— Quero que você venha para cá o mais rápido possível. Marcus vai tentar

sair do estado. Tem de se antecipar a ele, venha logo e passe a noite num motel.

O tom prepotente e militar, para não falar da intromissão em sua privacidade, em Louise Germane, no perplexo pênis banhado de Tony em repouso em seu colo.

— Tenho um encontro esta noite.

Ruído.

— O quê?

— Você está satisfeito em dar um soco no queixo de Ray Marcus? Acha que isso é uma punição adequada?

Assim Tony disse que iria, mas só no dia seguinte. Pensou: não existe motivo para ficar transtornado e eu ainda não estou transtornado. Mas vou ficar transtornado mais tarde. Vou ficar chocado e não serei capaz de tirar isso da cabeça.

Tony se perguntou se ia ficar irritado. Era uma afronta. Ele disse: era de imaginar que dessem pelo menos um peso igual às minhas palavras em relação às de Ray e deixassem um júri decidir. Tinham de levar em conta minha posição na vida, para não falar que fui eu a vítima, deviam me dar um crédito, já que ele tem tantos antecedentes.

Então Tony partiu na manhã seguinte assim que o sol nasceu, às 6 horas, e dirigiu com a lembrança de sua noite abreviada com Louise Germane, sua segunda noite, ocasião em que ele a levou de novo para sua casa, ela o ajudou a fazer as malas e em que ele tentava manter o pensamento nela, desfrutá-la e manter o medo sob controle. O despertador o acordou às 4h30, para o choque de ter dormido enquanto algo terrível estava acontecendo. Acordou Louise a seu lado, tomaram o café da manhã na cozinha e Tony a levou de volta para seu apartamento, deixando-a com olhos inchados na bonita luz do sol das 6 horas da manhã, ao som do canto dos passarinhos, horário em que Louise pretendia voltar para a cama e terminar de dormir.

Tony observou-a acenar com ar sonolento, depois seguiu pelas ruas vazias rumo à rodovia interestadual, a qual o levou para a plana zona rural, com uma neblina sobre os campos. Depois que Louise se foi, o temor contra o qual ele vinha lutando se apoderou dele, uma invasão. Algo terrível ia acontecer. Um desastre estava para vir. Ele se perguntou como poderia suportar o dia inteiro que tinha pela frente, sem nada para fazer senão dirigir e dirigir.

A viagem longa e cansativa começou a se desdobrar, o que já se tornara familiar, todos os detalhes na mesma ordem vagarosa, passo a passo, cada curva à frente se abrindo para mais uma paisagem, sem nenhuma surpresa, de uma fazenda para outra, de uma ponte para outra, matas e campos o dia inteiro. Com o uivo do vento, o latejar e a presença constante dos pneus que podiam explodir e do motor que podia queimar e da carroceria que podia se desmantelar. A impaciência ressurgia a cada nova placa indicativa de quilometragem e voltava a adormecer com as curvas suaves da estrada. A viagem punha Tony ao abrigo do tempo, hipnotizava-o contra seus próprios perigos e mantinha tudo mais à parte.

Tony tentava compreender do que tinha medo. Supunha que era de Ray. Ray livre, mau, à caça dele, implacável, para pôr um fim no que não tinha conseguido terminar naquele verão. Ei, chefe, sua esposa. E com uma motivação

a mais por causa dos dentes quebrados. Mais tarde, ainda de manhã, o medo tomou nova direção. Ray iria perseguir Louise Germane. É claro, é o que ele faz, me destrói por intermédio de minhas mulheres. Por isso mais necessária ainda a velocidade, para interceptá-lo antes que escape.

Ao passar por uma cidade, a necessidade de um café chamou sua atenção, e, quando ficou livre de novo, lá estava Bobby Andes, sua imagem projetada através da garota debruçada sobre o capô de seu carro, a parte de trás do short acima da linha das nádegas: “Será você está satisfeito com um soco no queixo de Ray Marcus?” Confie nele, Bobby Andes tem alguma carta escondida na manga. Pensou Tony: não é só Ray. Tinha medo de Bobby Andes. De quê? De sua severidade moral, de seu desprezo? Algo desagradável, que ainda não estava claro, que poderia lhe trazer problemas caso ele não passasse a tempo?

Depois do almoço, nenhuma explicação parecia adequada para seu desconforto. Sentiu-se em falta com alguma obrigação. Ele havia contraído uma dívida enorme, a data do vencimento havia passado e a execução judicial da dívida era iminente. Aquilo o obcecava: Eu devo algo a alguém. Não era uma questão financeira. Tinha a ver com Ray Marcus ou com Bobby Andes ou com Laura e Helen. Possivelmente com Louise Germane, embora fosse pouco provável, pois era recente demais. A sombra voltou. Era como um fantasma, sobrenatural. Algo terrível vai acontecer. Algo terrível aconteceu. Uma coisa, a outra, ou as duas.

Seria ainda pior se algo terrível estivesse acontecendo exatamente naquele momento. Acontecendo porque algo terrível não aconteceu. Sua Excelência de Merda o promotor público Gorman determinou que não havia fundamento na acusação. Porque aquilo que o Sr. Tony Hastings viu não era o bastante. Sua identificação de Ray, os três caras na mata, o crime, aquilo não foi considerado uma identificação, não houve Ray Marcus, não houve três caras na mata, não houve mata, não houve crime. Tony Hastings estava enganado. Aquilo lhe dava vontade de berrar. Se eles não acreditam em mim, quem sou eu? Se aquilo de que me lembro não tem serventia, o que estou lembrando? Aonde ela foi, minha vida, aquilo que tenho feito desde então?

No final da tarde, na interminável região rural da parte leste de Ohio, após mais um café, a mente de Tony clareou e o mundo lhe pareceu comum outra vez, embora não sem a sensação de que ele havia simplesmente trancafiado numa cela a pergunta intimidadora e que mais tarde voltaria a ouvir falar do assunto. Tony fez a si mesmo a pergunta racional: Qual é exatamente o propósito desta viagem? E ficou surpreso ao descobrir que não sabia. Ray Marcus tinha sido solto e Andes quer que eu vá. Para *ajudar*, disse ele, mas nenhuma palavra para explicar de que modo. É uma viagem comprida demais para um propósito tão indefinido.

Tony contou o número de longas viagens que fizera a pedido de Bobby Andes. Aquela seria a quarta visita a Grant Center em um ano. Tudo isso para perseguir três homens. Tony pensou: Puxa, eu devo estar maluco. Isso é uma loucura.

Era a falta de clareza do propósito daquela vez que comprovava o fato. Cada uma das viagens anteriores tinha um fim específico que fazia algum sentido.

Supôs que Bobby Andes tinha um plano, algum segredo, que não era seguro falar ao telefone. Puxa, disse ele, isso é loucura. E o louco não sou eu, mas Bobby Andes.

* * *

Encontraram-se não em Grant Center, mas em Topping, num restaurante com um balcão, e os dois sentaram numa mesinha junto à janela que dava para a frente de seus carros, estacionados lá fora. O jantar de Tony foi um rosbife duro e cinzento, debaixo de uma cobertura de molho. Encarou Bobby Andes, que se debruçou sobre sua comida, enrolou o espaguete no garfo, ergueu-o, mas não o colocou dentro da boca, pôs o prato de lado e o deixou intacto. Tony Hastings olhou para ele e disse: este homem está louco. E após um momento acrescentou: e eu também. Bobby Andes disse:

— Se não fosse pelo câncer.

— Que câncer?

Bobby Andes olhou fixamente:

— Falei para você, porra, tenho só seis meses de vida.

Tony Hastings o olhou fixamente também.

— Você me disse?

Será que ele tinha deixado passar uma mensagem tão importante como aquela?

Bobby Andes estava contando como era o advogado que ele havia arranjado, advogado indicado pela justiça, chamado Jenks, como o advogado e Gorman fizeram um acordo e soltaram Ray. Um acordo, politicagem, você fica com isso e me dá aquilo.

Tony perguntou:

— Quando você me falou a respeito de sua doença?

— A questão é Jenks e Gorman.

— Não entendi o que você está falando.

— Eles querem me tirar de cena.

— Por que fariam isso?

Bobby Andes não respondeu.

— Eles abandonariam um caso de homicídio para fazer isso?

Pois é, o caso, Bobby Andes explicou. Disseram que o caso não estava bem preparado, tinha sido um trabalho malfeito, precário, sem provas, as provas reunidas de forma imprópria, o caso não se sustentava perante um tribunal. Segundo Andes, Gorman estava castigando a ele, Andes, porque o filho da mãe está morrendo de medo de assumir um caso que pode perder. Andes perguntou se aquilo não deixava Tony louco de raiva.

— Mas eu vi os criminosos, Bobby.

— Sei, sei, sei.

— Vão soltar o Lou também?

— O Lou não. Eles têm as impressões digitais do Lou. Que ele seja julgado por todo o maldito caso Hastings. Tudo bem, se você se satisfaz em imputar a Lou os crimes inspirados por Ray.

— Não adianta nada se não pegarem também o Ray — disse Tony.

— É o que achei que você ia pensar — disse Andes. E contou que Ray saiu porque a única coisa que tinham contra ele era a palavra de Tony, e Jenks deixou Gorman morrendo de medo com a ideia de que aquilo não bastaria para vencer o caso. E porque aquele era um caso de *Andes* e Gorman achou que estava na hora de ele se aposentar e desfrutar seu merecido repouso na Flórida por causa do câncer.

— Você nunca me falou do seu câncer.

— O que andam comentando por aí é que sou incompetente. Algo que Gorman gostaria de comprovar.

— E se eu falar com ele?

Bobby riu, ha, ha, ha. O problema com você é aquele álibi irrefutável que o Ray arranjou. O álibi irrefutável. Ele estava com Leila Sei Lá das Quantas, ela confirma o álibi do Ray, a tia dela confirma o álibi, o que eles podem fazer?

— E há outro problema também.

— O quê?

— Veja bem. Segundo Gorman, sua identificação de Ray não é confiável. Acalme-se, não é nada pessoal, é coisa de advogados. É o álibi de Ray, além disso ela confirma o álibi. Além disso a coisa aconteceu no escuro, o que aumenta as chances de você se enganar. Além disso, você não conseguiu identificar Turk. Para o Gorman é uma coisa fantástica você não ter identificado o Turk.

— Ray estava mais nítido para mim do que Turk.

— Não precisa me dizer, eu acredito em você. A gente poderia ter feito um bom uso daquele seu amigo no caminhão.

— Quem?

— O surdo. Ele poderia ter identificado o Ray.

— Na certa ele nunca soube da história.

— Todo mundo na região soube do caso. O filho da mãe ficou assustado demais para se apresentar. Ficou cuidando da própria vida, o sacana.

— E o que a gente vai fazer?

Bem, segundo Bobby Andes, a maneira óbvia seria conseguir dobrar alguém. Contou como tentou fazer isso com Lou Bates, o que não permitiram que fizesse, pois tudo o que Gorman admitia eram perguntas educadas. Segundo Bobby Andes, Lou Bates era um idiota. Tinha um princípio de sobrevivência, só dizer seu nome e seu número e mais nada. Ele não conhece Ray, ponto final. Quando Bobby Andes lhe disse o que a turma no bar Herman's havia contado, Lou respondeu: "Se tomei cerveja com ele uma vez, nem por isso eu sabia quem ele era." Quando Bobby Andes sugeriu que não seria justo ele arcar com toda a culpa do estupro no lugar de todos os outros, Lou disse que não sabia do que Bobby estava falando. Quando Bobby perguntou quem era o terceiro cara que fugiu do supermercado em Bear Valley, ele disse que não sabia, tinha mais um sujeito? A maior cara de pau, com uma barba no meio.

Bobby Andes baixou o garfo e acendeu um cigarro. Estava desfrutando as próprias frustrações. Achou que podia pelo menos segurar Ray pela tentativa de assalto, mas agora o funcionário do mercado não conseguia identificá-lo. Citou as palavras de Gorman, que disse: a única coisa que você tem são os caras do Herman's que viram os outros bebendo cerveja e Hastings (quer dizer, você), que o reconheceu pelo número nas costas de seu uniforme depois que você lhe disse quem era ele. E não podem usar a ficha que Ray tem na polícia porque isso não se faz mesmo.

Bobby Andes fitou Tony por um bom tempo, o que deixou Tony nervoso.

— A questão é saber até que ponto você leva a sério a ideia de ver a justiça cumprida.

Disse que mandou George ficar de olho em Ray e assim ele não iria embora sem que Andes soubesse.

Tony disse:

— O que você quer dizer com isso, até que ponto levo a sério?

— Essa é uma boa pergunta.

Tony esperou. Bobby Andes afastou mais um pouco seu prato de espaguete intacto.

— Não consigo comer — disse ele. — Posso acabar vomitando.

— Está sentindo alguma coisa?

— Quanto tempo você tem? Pode ficar aqui até as 20 horas?

— Posso.

— Eu também. George vai ligar. Vai me procurar aqui às 20 horas.

— O que tem em mente?

Bobby deu de ombros.

— Não consegue comer? Como aguenta, se não consegue comer?

Ele deu de ombros de novo.

— Depende.

— Sou grato por fazer todo esse esforço.

— Às vezes consigo comer, outras vezes não consigo. Este lugar aqui fede.

— Você tem parentes próximos ou amigos?

Bobby Andes acendeu mais um cigarro e esmagou-o no cinzeiro sem fumar.

— Posso fazer uma pergunta pessoal? — disse ele. — Só entre nós, está bem? O que você quer que eu faça com Ray Marcus?

A pergunta espantou Tony, a forma estranha da frase.

— O que você pode fazer?

Bobby Andes pareceu refletir sobre aquilo.

— Qualquer coisa que você quiser — respondeu.

— Achei que você tinha dito que...

— Não tenho nada a perder.

Tony tentou compreender. Bobby Andes disse:

— Será que devo reformular a pergunta? Digamos desta forma: até que ponto você está disposto a ir para levar Ray Marcus a responder por seu crime?

Acendeu mais um cigarro.

Tony refletiu: o que você quer dizer? E ouviu Bobby Andes falar o seguinte:

— Está disposto a se afastar um pouco dos procedimentos protocolares?

Era como se perguntasse se aquele ligeiro tremor que tinha acabado de sentir era um terremoto.

— Eu?

— Ou eu.

Ele procurou um eufemismo mais claro:

— Você quer dizer, violar a lei?

Bobby Andes explicou: aquilo que talvez você tenha de fazer para ajudar a lei, no caso de formalidades técnicas de merda se tornarem um obstáculo.

Tony ficou apavorado. Não queria responder à pergunta genérica. Perguntou:

— Do que especificamente você está falando?

Andes estava impaciente.

— Estou querendo descobrir se você quer mesmo pegar esse cara.

Era claro que Tony queria. Andes ficou insatisfeito. Ele só queria saber se Tony não apreciava seus métodos. Tony se perguntou: o que há de errado com seus métodos?

Bobby Andes acalmou-se, respirou fundo, esperou.

— Alguns desses babacas da nova escola do direito não apreciam os meus métodos. Eles têm medo de que meus métodos acabem criando um escândalo se Ray Marcus for a julgamento e eles se queimem.

Tony sentiu o bafejo de um horror diferente.

— E isso pode acontecer?

— Não se a polícia se mantiver unida como devia fazer, os filhos da mãe. — Suspiro profundo, fim do mundo. — É por isso que eu tenho de saber.

Saber o quê?

— Se você também vai me deixar na mão. Se você tem uma aversão congênita a um trabalho policial forte e agressivo.

Tony não queria responder. Pensou: por que está me perguntando isso?

— Aquele cara estuprou e matou sua esposa e sua filha.

— Não precisa me dizer isso.

Bobby Andes não tinha certeza. Prosseguiu em seu raciocínio. A lei diz que ele deve ser punido, mas se a lei não pode fazer isso, você quer que ele ande por aí livremente? Será que a lei quer *mesmo* que ele fique livre?

— O que mais podemos fazer?

— Você pode dar uma *ajudinha* à lei. Como eu disse.

Tony desejava que ele parasse de inventar maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Não queria ir contra Bobby Andes. Disse:

— Fazer a lei com as próprias mãos?

— Agir em favor da lei.

— Para fazer o quê?

Andes não respondeu. Estava mexendo com a boca, mascando, sem olhar para Tony.

— Fazer o quê, Bobby?

Nenhuma resposta.

— Agir em favor da lei fazendo o quê?

Agora Andes olhou para ele, desviou os olhos, olhou de novo.

— O que você acha?

Duas possibilidades ocorreram a Tony. Uma o deixou aterrorizado. Falou da outra:

— Conseguir mais uma prova?

Andes deu um meio riso, não um riso de verdade.

— Acha que isso é possível?

— Como vou saber?

A mulher no balcão veio chamar.

— Seu nome é Andes?

Bobby Andes foi atender o telefone. Poucos minutos depois, voltou.

— Tudo bem — disse. — Ray Marcus está no Herman's. Minha intenção é ir lá e pegá-lo. A porra desse caso é seu, afinal. Agora tenho de saber. Você quer participar ou vai me deixar na mão?

— Participar de quê? Você não me disse, Bobby.

Bobby Andes falou devagar, com cuidado, com paciência.

— Quero que o filho da mãe responda perante a justiça. — Sua voz tinha um tom emocional, Tony percebeu. — Vou levá-lo para o meu chalé. Quero que você venha também.

— E o que devo fazer?

— Estar presente. Confiar em mim e estar presente.

— E depois? Quero dizer, qual é o seu plano?

Bobby Andes refletiu um pouco, como se estivesse resolvendo se deveria dizer algo específico.

— Já perguntei a você antes. O que quer que eu faça?

— Não sei. O que você quer fazer?

— Quero levar o sacana a responder perante a justiça.

— Tudo bem.

— Então você me diz. Você é o juiz.

— O que quer dizer?

— Qual deve ser a pena dele? Cinco anos com direito a liberdade condicional, hein?

Perguntando a si mesmo aquilo que estava sendo provocado a dizer, Tony não falou nada.

— Mais do que isso, não é? — Tony fitou de dentro de sua vertigem, enquanto sentia um enjoo ao tentar adivinhar. — Espero que você não seja um desses bananas contrários à pena de morte.

— Ah, não, isso não. — Tony teve um frio choque: permissão para matar Ray, era aquilo que Bobby Andes estava pedindo? Sua voz fraquejou quando perguntou de novo: — O que você vai fazer?

Bobby Andes dirigiu-lhe um olhar divertido e penetrante. Depois riu.

— Relaxe — disse ele. Começou a falar, se conteve, e depois de uma pausa falou mais serenamente. — Quero levá-lo com a gente para o chalé e deixá-lo lá por um tempo. Quero trabalhar nele. Endurecer um pouco o jogo, fazer Ray sofrer um pouco. Ver o que ele faz. Você gostaria disso?

Tony podia imaginar que teria prazer. Podia ver a possibilidade como uma pitada de poeira brilhante no meio da escuridão.

— O caso é seu, quero que você trate do assunto. Você pode ajudar.

Aliviado mais pelo tom calmo do que pelas palavras, Tony Hastings tinha suas perguntas, duas ou três bem definidas e outras menos precisas, mas viu a impaciência nos olhos de Bobby Andes, como o temor de morrer ou do fim do mundo.

— Se você conseguir fazer Ray confessar, isso vai ser bom — disse ele.
Bobby Andes riu.

Susan Morrow vê uma nova questão se formando a partir da batalha de eufemismos, a menos que se trate apenas de um recurso para desviar a atenção do leitor. Ela duvida disso, parece uma questão verdadeira: Bobby Andes toma a lei nas próprias mãos. Tony Hastings encontra John Wayne. Com pouco espaço à frente, no máximo cinco capítulos, mais provavelmente quatro, o risco de ficar decepcionada nunca foi maior do que agora.

Nesse meio-tempo, diálogo. Susan gosta de diálogo, gosta de como a impressão fixa palavras efêmeras na página como se fossem bichos achatados no asfalto da estrada, e assim a gente pode voltar atrás e averiguar as palavras em seus saltos de lógica, como na hora em que Bobby Andes fala de forma incongruente: este lugar aqui fede. Todavia, por trás de toda essa imaginada Pensilvânia e esse imaginado Ohio se ergue o ego de Edward, o Escritor. Tony Hastings, Ray Marcus, Bobby Andes, Louise Germane, as sombras de Laura e Helen, essas pessoas que, assim imagina Susan, têm alguma relação com ela mesma, são todas ícones do grande ego de Edward, projetado sobre uma tela. Há 25 anos, ela ejetou de sua vida o ego de Edward, canhestro e tosco. E como ele trabalha de forma sutil agora, absorvendo o ego dela mesma, convertendo o ego dela no ego dele.

Animais noturnos 22

Dois carros, Tony Hastings no seu carro, seguindo Bobby Andes pelas ruas silenciosas de Topping até o Herman's. Um grande estacionamento em torno do Herman's, que era um prédio achatado, de um só andar, com um letreiro vermelho na vitraça. O letreiro lançava uma luz mais forte que a do crepúsculo e acelerava a chegada da noite. Bobby foi até o carro de Tony.

— Espere aqui — disse ele.

De seu carro, Tony observava a porta do Herman's, enquanto a noite caía. Após um tempo, dois homens saíram. Reconheceu Bobby e entendeu que o outro era Ray. Conversaram sob o brilho do letreiro. Ray ficou de pé com as mãos na cintura, Andes olhava para ele com as costas meio viradas. Ray fez um gesto de aborrecimento, virou-se para a porta, mudou de ideia. Dois policiais apareceram na porta. Ray fez um gesto. Um dos policiais tocou no ombro de Ray. Ele recuou, depois se rendeu, um policial pôs algemas em seus pulsos e conduziu-o até o carro do tenente. Bobby Andes voltou até onde estava Tony.

— A gente está indo para o meu chalé. Fica em Bear Valley. Você se segue a gente.

A noite já ia alta enquanto eles dirigiam, uma caravana de três carros, a viatura da polícia na frente, rodando pela veloz estrada do vale. Um carro de passagem se intrometeu entre o carro de Tony e o de Bobby, depois ultrapassou o de Bobby, mas não se atreveu a ultrapassar o carro de polícia, e assim se formou

uma caravana de quatro carros durante os oito quilômetros seguintes.

Tony viu a seta luminosa dos carros à frente e acendeu a sua também, embora não houvesse ninguém atrás. Uma estrada vicinal à esquerda, a placa dizia WHITE CREEK. A estrada seguia estreita e reta entre dois campos, esburacada, tiveram de reduzir a velocidade. Tony podia avistar a serra que se erguia adiante, na extremidade do vale plano. Ao fim dos campos, a estrada fazia uma curva à esquerda. Havia um riacho estreito no lado direito, embaixo do barranco, com a mata mais além. Luz à frente, um chalé num bosque junto ao riacho. Os dois carros estacionaram embaixo das árvores e Tony parou ao lado deles. Todos desembarcaram e Tony os seguiu.

— Meu chalé — disse Bobby Andes.

Entraram passando pela porta de tela. Parecia haver uma multidão no cômodo pequeno e Tony levou um momento para se dar conta de quem estava ali. Havia uma mulher, mas os outros eram apenas as pessoas que tinham vindo do Herman's: os dois policiais, Bobby Andes, Ray Marcus. Bobby Andes estava com uma arma na mão e a visão da arma chocou Tony, como um pênis exposto. Bobby olhava fixamente para a mulher. Disse:

— Como chegou aqui?

Ela era maior do que ele. Vestia suéter e calça folgada e tinha o rosto cansado. Provavelmente tinha quarenta e poucos anos e podia ser professora.

— Lucy me trouxe.

— Merda.

Ray notou a presença de Tony.

— Ei, o que este cara está fazendo aqui?

O cômodo tinha uma mesa no meio, um catre, algumas cadeiras velhas. Havia uma saleta com um fogão e uma pia e também uma porta de tela que dava para os fundos e uma porta aberta para um quarto. As algemas de Ray brilhavam na luz da lâmpada que pendia da viga do teto. Ele sentou no catre.

Os dois policiais saíram. Tony ouviu o carro deles partindo. Bobby apresentou a mulher para Tony.

— Esta é Ingrid Hale — disse ele.

— Como vai, Ingrid? — disse Ray.

O olhar de Ingrid para Tony foi curioso.

— Então você é o Sr. Hastings — disse ela. — Você tem minha solidariedade.

— E eu também tenho? — perguntou Ray.

— Cale a boca — disse Bobby Andes. — Você devia ter me avisado — falou para Ingrid.

— Como eu ia saber? Mas afinal o que você está fazendo aqui? — Parecia constrangida por estar discutindo na frente de desconhecidos.

— Trabalho policial — respondeu Bobby. — Quero fazer a porra do meu trabalho, pelo amor de Deus.

— Aqui? Desde quando você trabalha aqui, Bobby?

Ele estava parado, de cara branca, como que assombrado por alguma mensagem interior.

— Meu Deus, estou enjoado — disse ele. Jogou a arma para Ingrid. — Tome aqui, segure isso.

— O quê? — Ela segurou a arma na mão como se estivesse pegando fogo — Não me dê isso — e a devolveu.

Ele a jogou para Tony.

— Use — disse ele. — Atire nele. Eu volto logo.

Tony olhou para a arma pesada em suas mãos e imaginou como funcionava. Bobby saiu para os fundos. Puderam ouvi-lo vomitar logo depois da porta de tela. Ray riu baixinho.

— Sabe como usar esse negócio? — perguntou ele.

Bobby Andes ficou do lado de fora por um tempo e vieram mais barulhos.

— Meu Deus — disse Ray.

Quando Bobby Andes voltou, Ray disse:

— Isto não é legal. Se fosse legal, você teria me levado para Grant Center e não me trazido para esta porra de lugar.

Bobby tomou a arma das mãos de Tony e a engatilhou.

— Isto é toda a lei de que a gente precisa — disse.

— Vocês vão pagar por isso.

Tony ouviu Ingrid Hale estalando a língua.

— Você mentiu para mim — disse Ray. — Não existe nenhuma prova nova. Por que não me leva para Grant Center se tem provas novas?

Bobby Andes estava examinando a arma.

— Prefiro aqui. É mais sossegado.

— Acho que você já usou esse mesmo truque. Se você acha que esse cara vai me dobrar, já deve ter percebido que isso não dá certo.

— Bobby — disse Ingrid.

— Tudo bem, você está aqui, você está aqui — disse para ela. — Não é o tipo de coisa que você devia ver, só que não vou mudar meus planos por sua causa. — Tony percebeu algo de arrogante em sua fala, como se dissesse: agora você vai ver o que é o trabalho policial de verdade.

— Talvez fosse melhor eu ir para a cama.

— Talvez fosse melhor você fazer isso mesmo. Ei, Ray — disse ele. — O que você estava fazendo em Cargill Mountain hoje à tarde?

— Eu sabia que você estava me seguindo.

— Você tem uma cabana lá em cima. Alguma garota da qual Leila não sabe? Nenhuma palavra de Ray.

— Não vai contar? Não importa. Na verdade, eu não ligo, Ray.

— Então por que está me perguntando?

— Para passar o tempo, Ray.

— Para quê? Está esperando alguma coisa?

— Tempo para você pensar um pouco. Você precisa de tempo para tomar decisões importantes. Quando a porra da sua vida está por um fio.

— Não tenho nada para pensar, cara. Minha cabeça está limpa.

— Então, escute o seguinte. O que você diria, Ray, se o seu comparsa Lou Bates incriminasse você nos homicídios dos Hastings?

Ray pensou um momento.

— Quem?

— Vamos lá, Ray, não tente isso. Seu único amigo neste mundo, você

conhece o Lou Bates.

— Eu tenho amigos, seu filho da mãe.

— Claro que tem, rapaz, tem uma porção de amigos. E se eles incriminassem você? E se o Lou Bates confessasse? Você, Turk Adams e ele, a história inteira.

Ray sentou-se, pensando.

— Ele está mentindo.

— Não acho. Por que iria mentir para incriminar a si mesmo?

Ray olhou a sala em volta.

— *Você* está mentindo — disse ele. — Se Lou tivesse feito isso, você teria me levado de volta para Grant Center.

— Vamos levar você para Grant Center logo, logo, não se preocupe. Quer uma cerveja?

— Está envenenada?

Bobby Andes riu. Acenou com a cabeça para Ingrid Hale.

— Traga uma cerveja para a gente, meu bem.

Ela foi até os fundos e trouxe uma caixa com seis latinhas. Serviu as cervejas para os três homens e pegou uma para si. Bobby Andes abriu a sua, mas não bebeu. Ray bebeu a sua levando as mãos algemadas até a boca. Bobby disse para Ingrid:

— Agora talvez você possa ajudar o Tony a vigiar nosso amigo aqui, enquanto dou um telefonema.

Ela ficou assustada. E Tony também.

— Que tipo de telefonema?

— Trabalho policial, certo? É o que tenho de fazer. Vocês vigiam o sujeito que eu volto daqui a alguns minutos.

— Vigiar? Bobby? Como?

— Tony vai tomar conta dele, não vai, Tony? Tome esta arma. Olhe, vou mostrar a você como funciona.

Foram para a saleta e ficaram de costas a fim de esconder de Ray, sentado no catre com um sorriso forçado, a demonstração do funcionamento da arma. Tony não queria admitir como estava assustado. Num tom de dar pena, Ingrid perguntou para Tony:

— Você é capaz de usar a arma?

— Posso tentar — disse ele.

— Vocês devem achar que sou um cara muito perigoso — disse Ray.

— Você não é perigoso, seu escrotinho — disse Bobby. — Você é um verme. Seu caso é para o controle de pragas. Um pouco de trabalho para o controle de pragas.

— Não nos deixe sozinhos, Bobby — disse Ingrid.

— Relaxe — disse Bobby. — São só cinco minutos. Quer que a gente amarre o sujeito? Você se sentiria melhor assim? — Olhou para Ray. — Muito bem, escrotinho, parece que é melhor a gente amarrar você em alguma coisa. — Olhou em volta. — A cabeceira do catre — disse ele. — Tome aqui, Tony, pegue a chave e abra uma das algemas, prenda na cabeceira do catre.

Bobby Andes deu a volta para o outro lado do catre, apontando a arma para Ray a fim de dar cobertura para Tony. Tony ficou nervoso por estar tão perto de

Ray, que sorria, o sorriso sórdido de que Tony se lembrava, e Tony pôde até sentir o cheiro de cebola em seu hálito. Confundiui-se ao abrir a algema da mão esquerda de Ray e suas mãos tremiam. Tony puxou a algema para baixo, até perto da cabeceira do catre, o que exigiu que Ray se curvasse para a frente. Tony tinha medo de que Ray o atacasse e teve de lembrar-se de que Bobby Andes lhe dava proteção com a arma apontada.

— Meu Deus, gente — berrou Ray. — Não podem me prender aqui desse jeito. — Estava dobrado ao meio.

— Sente no chão — disse Andes.

— Merda. — Deixou o corpo tombar, com as costas voltadas para o catre, e Tony trancou a algema no catre. — Como vou poder tomar minha cerveja?

— Use a mão livre.

Bobby recuou e fitou-o como se fosse uma pintura.

— Assim você se sente mais segura? — perguntou. Ingrid olhou para ele com ar de súplica. — Está bem — disse Bobby. — Vamos deixar você mais segura ainda. Tony, vá lá fora até o meu carro e traga as algemas de tornozelos.

Então prenderam as algemas de tornozelos e Ray ficou sentado no chão, com uma mão erguida e presa ao catre perto do ombro, os dois pés presos um ao outro, e a outra mão livre para segurar a latinha de cerveja, que ele continuava a beber.

— Isso é cruel — disse Ingrid.

— Pois é, isso é cruel — disse Ray.

— Você quer ser cruel ou correr risco? — disse Bobby. — Volto daqui a cinco minutos. Se você tiver de usar a arma, use.

Ele saiu e eles ouviram o barulho do carro fazer a manobra e seguir estrada abaixo.

De repente, houve um silêncio, como se Bobby tivesse levado o barulho consigo. A arma pesava sobre as pernas de Tony. Ele olhava para Ray agrilhoado e esticado no chão perto do catre. Mantinha a mão no cano da arma e a outra mão a postos, lembrando os movimentos necessários para destravar a arma e engatilhar. Pensou: meu Deus, estou aqui sentado com uma arma sobre as pernas. Mantenho um homem prisioneiro, meu próprio inimigo, que me torturou durante um ano. É bom que esteja algemado e preso, pois se não fosse assim eu teria de confiar apenas na ameaça representada por esta arma, algo que nunca usei.

Ray disse:

— O amigo de vocês está maluco.

— É um homem bom — disse Ingrid.

— Mas ele está maluco mesmo assim. E você também é maluco — disse para Tony.

Tony ouvia a noite através das persianas fechadas das janelas, os sapos ao longe, um tanque em algum lugar, e depois de um tempo ouviu a água no rio, perto da varanda. Ouviu o silêncio se alastrando até o trânsito nas estradas ao longe. Recordou-se da anarquia da selva e sentiu o peso de sua responsabilidade. Isto aqui, agora, é tudo por minha causa.

Bobby Andes tinha saído já fazia muito tempo. Tony perguntou para Ingrid:

— Onde fica esse telefone?

— Lá no posto de gasolina — respondeu ela.

Ingrid não entendia por que Bobby estava demorando tanto. Trouxe mais cervejas da geladeira e deu uma para Tony, que não quis, e outra para Ray, no chão. Ela fritou uns ovos e bacon.

— Legal, mamãe — disse Ray. — Está fazendo uma coisinha para a gente comer, não é?

Tinham medo de soltar a algema de Ray, que tornava difícil para ele comer. Só podia usar uma mão. Ele disse que Ingrid era mesmo uma boa mulher, mas que ele estava se sentindo que nem um bicho num zoológico.

Ela começou a bater o pé no chão.

— Bobby, Bobby — disse ela.

— Parece que ele se mandou e deixou vocês na mão — disse Ray. — Vocês e eu também, nós três, sozinhos e juntos aqui.

Estava escuro, a sala sombria, só com uma lâmpada de 60 watts pendendo das vigas. As paredes forradas com papelão, fotos de revistas pregadas na parede com tachinhas, animais selvagens, montanhas, uma folhinha com um calendário de três anos antes. Varas de pescar, uma pá, uma serra braçal, tudo amontoado num canto. Um cheiro de bolor, um vestígio do cheiro de pelo de animal mofado. Mesmo de noite, Tony tinha consciência da caverna que as árvores formavam em torno da casa, uma sensação de angústia úmida, de lembranças sinistras, do infortúnio de Bobby Andes.

Pouco depois, Ingrid perguntou a Tony sobre sua esposa e sua filha. Ray estava olhando, escutando tudo.

— Nós íamos para o Maine todo ano no verão — disse Tony.

— O casamento de vocês era bom?

— Nosso casamento era muito bom. Um casamento ideal.

— Sem nenhum problema?

— Não consigo me lembrar de nenhum problema.

Ela disse:

— Isso é muito raro.

Uma risada de Ray.

Ela disse que Bobby teve um casamento ruim. Ele tinha casos com outras mulheres, o que sua esposa não tolerava, e acabou se divorciando. A filha adolescente se suicidou, o filho foi embora da cidade e fazia seis anos que não aparecia. Aquele chalé era onde eles passavam o verão nos velhos tempos.

— Ele me disse que só teve um filho — disse Tony.

— É o que ele conta para todo mundo.

Quanto a Ingrid, ela era contra o casamento. Era recepcionista no consultório do Dr. Malcolm, e nas horas vagas escrevia um romance histórico. Fazia cinco anos que ia ao chalé de veraneio de Bobby Andes nos fins de semana. Falou da doença de Bobby, de sua falta de sorte. Ela estava pensando em sacrificar os próprios princípios e conceder a ele seis meses de felicidade, pois temia que Bobby estivesse se encaminhando para um colapso nervoso. Ele parecia muito transtornado e violento ultimamente. O problema principal era o Dr. Malcolm. Ingrid fitou Ray com um olhar penetrante.

— Não é nenhum segredo — disse ela. — Eles dois sabem um sobre o outro.
Ray deu uma risadinha.

Isso fez ela parecer promíscua. Porém, tudo em Ingrid estava sob controle e firme. De fato, disse Ingrid, ela não dava a mínima para o amor. Em seus dois relacionamentos, tudo era uma questão de conveniência e bondade para todos. Ela os mantinha calmos, Ingrid não era do tipo passional.

Disse para Tony:

— Não sou capaz de entender que tipo de pessoa é você. Alguém com um casamento perfeito, isso me deixa perplexa. — Olhou bem para Ray. — E quanto a você? Só Deus sabe o que é você.

— Sou só uma pessoa comum, madame — disse ele.

— Aposto que é.

Ingrid falou para Tony:

— Você sabe o que ele está planejando fazer esta noite?

Tony não sabia.

— Trabalho policial — disse ela. — Onde ele se meteu? Só Deus sabe a que horas a gente vai poder dormir.

— É isso mesmo, madame, puxa, como estou precisando dormir — disse Ray.

Ingrid ignorou-o. Para Tony:

— Talvez *você* possa ajudar o Bobby.

— Eu?

— Você é professor universitário, ele admira gente como você. Quem sabe pode conversar com ele, acalmá-lo.

Tony sentiu-se mal, porque pensava em Bobby como alguém que devia ajudá-la. Nunca tinha passado pela sua cabeça a situação inversa.

Ingrid notou a expressão de Tony e deu de ombros.

Ray, acorrentado ao catre, falou:

— Ei, madame, que tal me dar uma ajuda?

— Não quero saber de você — disse ela.

— É cruel. Você mesma disse. Estou com uma câimbra nas costas, não consigo me mexer, me sinto que nem um bicho no zoológico.

— Vai ter de esperar até Bobby voltar.

— Puxa, mas ele não vai voltar mais.

— O que você quer? Não vou soltar você de jeito nenhum.

— Puxa, não estou pedindo que me solte. Só que solte minhas pernas e me deixe ficar sentado na cadeira. Vocês estão com a arma. O que mais querem? Não vou a lugar algum.

Tony não queria olhar para Ingrid, pois sabia que ela estava olhando para ele. Sabia que Ingrid estava pensando que eles deviam soltar as algemas dos tornozelos de Ray. Provavelmente ele mesmo pensava aquilo, pois tinha vergonha de olhar para Ray, no chão. No entanto, aquilo o deixava incomodado.

— O que você acha? — perguntou Ingrid.

— Vamos esperar o Bobby — disse Tony.

Após um tempo, um carro se aproximou, a luz dos faróis através da janela. Lendo em sua cadeira, Ingrid sussurrou:

— Graças a Deus.

Porta de carro lá fora, passos no cascalho, depois a porta de tela se abriu e uma jovem de minissaia entrou. Parecia confusa. Ray ergueu os olhos:

— Ora, ora — disse ele.

— Meu Deus, é Susan — disse Ingrid.

A garota chamada Susan olhou para Ray no chão.

— O que está acontecendo? — perguntou.

— Onde está o Bobby? — perguntou Ingrid.

— Como é que vou saber? Não está aqui?

— O que você está fazendo aqui?

— Leslie me expulsou de casa outra vez.

Ingrid riu.

— Sei, e você pensou em vir dormir na floresta, não é?

A mulher chamada Susan olhava para as algemas nos tornozelos de Ray.

— Estão fazendo alguma brincadeira?

— Um pouco de trabalho policial. Estes são Tony Hastings e Ray Marcus.

Ray Marcus é um prisioneiro.

— Um prisioneiro *de verdade*?

— Oi, Susan — disse Ray. — Muito prazer.

— Tony está de visita à nossa cidade. Ray é acusado de assassinato.

— Não mais — disse Ray. — Retiraram as acusações.

Susan tinha muita maquiagem marcando as linhas do rosto. Os olhos estavam rodeados por uma cor escura. Olhou para Ray e recuou um pouco.

— Escute, Susan — disse Ray. — Diga a seus amigos aqui que agora eles já podem me tirar do chão.

— Do que ele está falando?

— Ele não gosta de ficar com as algemas nos tornozelos.

Susan soltou um suspiro. Tinha acabado de ver a arma sobre as pernas de Tony.

— Você é policial? — perguntou.

— Tony é a vítima do crime de que Ray é acusado.

— Pensei que você tinha dito que o crime era assassinato.

— Puxa vida, eles acham que vou pular em cima deles. Já têm a arma e a algema presa no meu pulso e ainda assim acham que vou pular em cima deles.

— Ah, merda — disse Ingrid. — Vamos deixar ele se levantar.

Tony Hastings ficou grato pelas palavras resolutas de Ingrid. Sabia que suas cautelas eram excessivas e que aquilo lhe dava uma sensação de covardia. A questão era apenas tomar cuidado. Agiram devagar, com Ingrid segurando a arma apontada para a cabeça de Ray, enquanto Tony abria a algema da cabeceira da cama, depois prendeu os dois pulsos um no outro e soltou as algemas dos tornozelos. Recuou e pegou a arma da mão de Ingrid, enquanto Ray se esforçava para levantar-se e sentar-se na cadeira.

Ray olhou para eles com rancor.

— Meu Deus — disse para Susan —, eles acham que venho de outro planeta.

— O que Bobby vai fazer com ele? — perguntou Susan.

— Trabalho policial — respondeu Ingrid. — Minha Nossa, por que ele está

demorando tanto?

— Onde ele está?

— Foi dar um telefonema. Mas já saiu faz uma hora.

— Ele está maluco — explicou Ray para Susan. — Ela estava contando aqui para o Tony, ele está maluco e ela não sabe o que fazer.

— Cale a boca. Você não sabe nada de nada.

— Você está com medo que ele perca o emprego.

— Cale a boca, você não sabe de nada.

— Não sou tão burro assim, madame.

— Você é um monstro. Você é um assassino. Você é um estuprador. Você é uma criatura *horrível*.

— Não banque a escrota, madame. Não fica bonito.

Susan mal tem tempo para um rápido pensamento sobre a aparição de seu próprio nome na página, ou para lembrar-se de que aquela Susan específica tinha recebido seu nome das mãos de Edward, que não precisava fazer isso. Só há tempo para saborear por um momento a melancolia da casinha de veraneio de Bobby e pensar na dor penetrante que existe em todos os locais de veraneio, chalés e sítios na mata ou na praia, a baía de Penobscot, ou o Cape de sua infância, e o Michigan de agora, e a questão não é só a tristeza das recordações quando a infância termina e o local não existe mais, nem é a tristeza genérica de fechar as janelas com tábuas pregadas nos caixilhos, mas a tristeza do auge da temporada, dos dias de paisagens radiantes de sol, bem como dos dias de neblina passados na rede, o silêncio de agosto, a migração das aves, o capim dourado, o adeus presente em todas as saudações. A triste futilidade de medir o tempo por verões, omitindo o inverno e o restante das coisas.

Faça valer o presente. Neve cobre as marcas dos pneus dos carros nas ruas. No gelo, arcos e desenhos de oitos, com gritos e música debaixo do teto alto. Henry desliza bem mais atrás, em tornozelos afivelados, olhando para o traseiro bonito de Elaine de Astolat em seu saíote curtinho, que desliza a 180 quilômetros por hora no centro, junto com os meninos maiores. Enquanto o novo ciclo se inicia.

Animais noturnos 23

Então lá estava Tony Hastings sentado com uma arma no chalé de Bobby Andes, vigiando Ray Marcus no catre com as mãos algemadas no colo. Lá estava Susan de minissaia vermelha, na cadeira de vime. Lá estava Ingrid Hale fazendo alguma coisa na saleta. Ray olhava para as pernas de Susan com um sorriso no rosto. Estavam à espera de Bobby Andes, querendo saber o que teria acontecido com ele. Tony estava pensando: o que mantém esse homem prisioneiro é a crença *dele* de que *eu* usarei esta arma para matá-lo, se tentar fugir daqui.

Susan explicou quem era, para Tony e para Ray.

— Sou prima de Bobby. Quando Leslie me expulsa de casa, venho para cá.

— Venha sempre que quiser — disse Ray.

Ela estava ciente do olhar de Ray em suas coxas e fitou-o sem medo.

— Ei, moço — disse ela. — Quem foi que você matou?

— Não matei ninguém.

Ela perguntou para Tony:

— Quem foi que ele matou?

— Minha esposa e minha filha.

Os olhos dela se arregalaram.

— Quando ele fez isso?

— Faz um ano.

Susan olhou de novo para o homem no catre, que na mesma hora ficou diferente, estranho, pertencente a outra espécie. Num sussurro, como se fingisse que ele não podia ouvir, embora estivesse bem claro que podia, Susan falou:

— Tem certeza?

— Claro que tenho certeza — disse Tony. — Eu o vi fazer isso.

Sentiu um choque na sala e Ray inclinou-se para a frente.

— Ei, você é um mentiroso, chefe, e sabe muito bem disso.

Então Tony contou sua história mais uma vez, consciente de que Ray ouvia de fato afinal, preso ao catre, fingindo não ouvir, mas Tony teve a sensação de que, de tanto contar e recontar, a história já não parecia mais muito verdadeira.

Susan sussurrou:

— Que horror, que horror foi para você. — Depois: — E agora já voltou ao normal?

Tony quase respondeu que sim, então viu a arma sobre as pernas, na cabana escura e estranha, com Ray do outro lado da sala, e disse:

— Não.

— Não?

Tony pensou: quero matar todo mundo nesta sala. Não, isso é bobagem. Mudou de ideia.

— Estou bem — disse ele.

Ela ficou satisfeita.

— E como você ganha a vida?

— Sou professor universitário de matemática.

Susan nada tinha a dizer sobre matemática. Ele perguntou:

— E você?

Tony tinha a impressão de que ela era uma mulher de baixa reputação, talvez uma prostituta, e imaginou como Susan iria se explicar.

— Sou cantora.

— É mesmo? Onde você canta?

— Neste momento não estou me apresentando. Mas trabalho no Green Arrow.

— O que é isso?

— É um bar — respondeu Ray.

— É uma boate — disse ela. Ray deu uma risadinha.

Susan bocejou.

— Desculpe — disse.

— Bobby, Bobby, já é muito tarde — disse Ingrid. Olhou para Susan. — É melhor você ir dormir.

— É melhor todos vocês irem dormir — disse Ray.

— Quer dormir no quarto? — perguntou Ingrid para Susan.

— Vocês vão me desculpar, mas não posso ficar mais tempo — disse Ray. — Minha florzinha está esperando por mim.

— Bobby não vai ficar zangado?

— Dane-se o Bobby — respondeu Ingrid.

— Isso vai mostrar para ele — disse Ray. — Apoiado.

— Não quero tomar a cama de vocês — disse Susan.

— Use o catre — disse Ray. — Durma aqui. A gente não liga. — Olhou para Tony e sorriu. — Não é mesmo, Tony?

Tony lembrou-se de que odiava Ray.

— Talvez o Tony também queira dormir — disse Ray. — Você e Tony não querem deitar-se no catre? Eu não ligo, e a Ingrid pode tomar conta de mim, não é, Ingrid?

— Não seja nojento — disse Susan.

— Vamos lá, menina, eu conheço as garotas do Green Arrow. Umas piranhazinhas lindas. Não são, Susan?

— Não ligue para ele — falou Ingrid. E perguntou para Tony: — Você sabe se o Bobby pretendia acomodar você aqui para passar a noite?

— Estou num motel — disse Tony.

— Posso dormir no chão, se for preciso — disse Susan.

— Você pode dormir no catre, como eu falei — disse Ray. — Com ele. Podem apagar a luz e meter bronca. Eu e a Ingrid não vamos nos importar.

— Cale essa boca — disse Susan. — Para seu governo, seu babaca, não tem nenhuma prostituta no Green Arrow, e eu sou a *única* garota que trabalha lá, portanto você nem sabe do que está falando. — Virou-se para Tony. — Desculpe minha linguagem. Mas um babaca é sempre um babaca.

Ray estava inquieto, se remexia em sua cadeira. Não parava de se mexer, como se quisesse se levantar, e toda vez que fazia isso Tony segurava a arma com mais força. Não parava de pensar naquele poder em que ele supostamente se apoiava e do qual dependia. Um ser humano com os meios capazes de manter outro ser humano subjugado: esta arma, aquele ser humano. Pensou: será que ainda me lembro de como se faz para usar esta arma? Se tiver de usar, será que consigo mirar bem para acertar em Ray antes que ele me ataque? Se ele se levantar e andar pela sala, será que sou capaz de ameaçar matá-lo? E será que posso de fato fazer isso? E se fizer, qual vai ser meu pretexto legal? A questão o deixou perplexo, não tinha pensado naquilo antes. Obedecer às ordens do tenente, mesmo se tais ordens fossem contrárias à lei? Um homicídio a fim de proteger um rapto? Pensou: puxa, eu não posso usar esta arma. Nem devia estar com ela na mão.

Pensou de novo: a única coisa que nos mantém a salvo é que esse homem não sabe o que estou pensando. Ainda acredita que eu possa usar a arma. Essa é a diferença que existe entre mim e ele. Assim que ele descobrir isso, estamos acabados.

A cabana sombria e atulhada, dava para sentir o cheiro de bolor na madeira. Abandonados por Bobby Andes numa situação extremamente difícil, que para Bobby Andes não tinha nada de difícil e constituía na verdade um plano muito perspicaz, que estava correndo bem, com Tony na condição de observador e de beneficiário. A diferença entre Bobby Andes e ele. Pensou: graças a Deus que Ingrid está aqui. Ela está vendo como é, vai me dar apoio. Quem dera Bobby Andes voltasse logo.

Pensou: talvez fosse melhor a gente prender de novo as algemas nos tornozelos dele. Talvez fosse melhor sugerir isso para Ingrid. Será que era seguro fazer essa sugestão diante de Ray?

Então foi um grande alívio quando logo depois ouviram o barulho de outro carro e de novo a luz de um farol atravessou a janela, e a porta do carro, e vozes, masculinas e duras, e passos no cascalho até a porta da frente do chalé. Um homem de barba preta entrou, atrás dele o tenente com sua arma. O homem barbado era Lou Bates, Tony disse para si mesmo, fazendo deduções, pois não o reconheceu de imediato. Caminhava meio curvado porque seus pulsos estavam algemados nas costas.

Lou Bates olhou para todo mundo, tentando entender a situação.

— Filho da mãe — disse Ray.

Bobby Andes acenou para Lou sentar-se ao lado de Ray, no catre. Olhou para Susan.

— O que é isso, uma festinha?

— Leslie me expulsou de casa de novo.

Bobby voltou-se para Ingrid.

— Foi você que a convidou?

— Onde você estava esse tempo todo, Bobby?

— Fiz uma pergunta: foi você que a convidou?

— Ela veio para cá pelo motivo por que sempre vem.

— Tem problema? — A voz de Susan soou aguda e pequena.

Tony ficou se perguntando quando Bobby iria notar que eles tinham soltado as algemas dos tornozelos de Ray.

— Tive de ir à cidade — disse Bobby. — Tive de buscar este cara.

— Por que não contou para a gente?

— Eu não sabia. Achei que o George estaria de serviço. Achei que o George iria trazê-lo. — Estava muito irritado porque as pessoas se mostravam tão burras.

— E este homem? — perguntou Ingrid. — Quem é ele?

— Você não vai querer saber.

— Por que nenhum daqueles outros que saíram mais cedo podia trazer este homem para cá?

— Eles não iam querer voltar para cá — respondeu Bobby. Falava com o desprezo de um homem que conversa com pessoas que não têm nada a ver com o assunto nem deveriam estar presentes. Estava de pé no meio da sala, olhando para as pessoas em redor, o rosto pálido e cheio de nojo. — Puxa, estou enjoado. — Sentou-se na cadeira de vime. O olhar no rosto de Ray era atento e curioso. Bobby não prestou atenção nem por um momento nas pernas de Ray. Acalmouse e olhou para Susan. Disse: — Desculpe por não ser hospitaleiro, mas estou cuidando de um trabalho policial. Não estava com intenção de receber visitas.

— Senhor policial... — disse Ray.

— Confio em que você vá manter segredo do que está vendo aqui. Talvez eu tenha de mandar vocês duas para o quarto mais tarde, se não se importam.

— Senhor policial, posso ir ao banheiro?

— Ah, merda.

— Pois é, merda. Isso mesmo, senhor policial, e bem depressa, aliás.

Bobby rosnou.

— Levante — disse ele. Levou Ray para os fundos. Ouviram seus passos pesados sobre as folhas lá fora, nos fundos.

Susan olhou com ar indagativo para Ingrid e Tony. Ingrid levantou as sobranceiras. Lou Bates olhava fixamente para o chão. Por fim, Susan virou-se para ele.

— Posso saber quem é você? — perguntou ela.

Lou não respondeu. Ela repetiu a pergunta e ele continuou sem responder. Tony disse:

— Este é Lou Bates. Foi o outro que matou minha esposa e minha filha.

Lou ergueu os olhos e fitou Tony com ar acabrunhado, depois olhou de novo para o chão. Susan disse:

— Ah. Acho que estou começando a entender.

Ingrid tinha um livro.

— É melhor você ler — recomendou a Susan.

Após um tempo, Ray e Bobby voltaram. Agora as algemas de Ray estavam abertas. Sentou-se ao lado de Lou e Bobby sentou-se na cadeira de vime. Ray olhou para Ingrid e disse com satisfação:

— O que você precisa, senhora, é pôr mais cal lá nos fundos. O cheiro não é nada agradável para mulheres e crianças.

— Cale a boca — disse Bobby. Virou-se para Susan e disse: — Então, posso confiar em você? — Estava terminando a conversa que havia começado antes de Ray querer ir ao banheiro e interrompê-lo.

— Quem, eu? Claro, pode deixar.

— Ei — disse Ray. — Nada disso aqui me parece legal. Todo esse papo de segredo, isso não parece nem um pouco legal, chefe.

— Ah — disse Bobby Andes. — Está preocupado com a legalidade, não é? — Tinha os lábios da mesma cor que as faces, respirava ofegante e sorria meio torto. — Já disse para você não ficar preocupado com isso. — Recostou-se na cadeira de vime e olhou para eles como se desfrutasse a cena.

Tony também olhava para eles, Ray e Lou, os mesmos Ray e Lou, prisioneiros aqui por sua causa, pagando pelo que tinham feito a ele, pois aquilo que havia acontecido na mata no verão anterior não tinha terminado naquela ocasião, ainda se desdobrava por caminhos que ele jamais imaginara.

— Muito bem, gente — disse Bobby Andes.

— Ei, Lou — disse Ray. — O que você contou para este cara?

— Não contei nada para ele.

— Pois ele me disse que você me incriminou no assassinato da esposa e da filha deste sujeito.

— Porra, cara, foi o mesmo que ele me disse sobre você.

Ingrid Hale estalou a língua. Virou-se de costas e leu seu livro com sofreguidão.

Ray riu, com ar maldoso.

— Você acha que ele tentou pregar uma peça na gente, é?

Lou olhou para Bobby, ofendido, indignado.

— Cara, você devia ser um representante da lei. Que palhaçada é essa?

Bobby Andes riu.

— Deixem de babaquice — retrucou. — Vocês não têm nada a dizer um para o outro?

— Para dizer? O quê? Você nos disse um monte de mentiras.

— Você devia se envergonhar, onde já se viu, um agente da lei — disse Lou. Parecia mesmo ofendido, decepcionado.

— Que isso sirva de lição para vocês.

— O quê?

— A lição é: todos nesta sala sabem o que vocês fizeram, então não faz a menor diferença quem foi que incriminou quem. Não dou a menor bola para o que vocês estão me dizendo.

Ninguém falou nada.

— Eu sei. É isso aí. Sacou?

Ray disse:

— Então o que a gente está fazendo aqui?

— É *isso* que vocês estão fazendo aqui.

— O quê?

— Porque eu sei o que vocês fizeram.

— Não estou entendendo.

— Vai entender. Não tenho nada a perder. Pensem nisso.

— Está ameaçando a gente?

Bobby Andes riu de novo. O riso era doentio, sufocado e desagradável.

— Estou morrendo de câncer, mas espero que vocês morram primeiro que eu.

— Não vai querer descontar na gente, não é?

— Vamos promover uma festinha.

Ray pareceu inquieto agora.

— Cara, é melhor tomar cuidado — disse ele.

— Vou dizer uma coisa para vocês, meus anjinhos. Você achou que estava livre, Ray, mas olhe só para você agora. Aí está você. Imagine só. Caramba, tenho até pena de você.

Nenhuma resposta.

Bobby Andes esticou-se, como se tivesse uma dor na barriga, uma câimbra no meio do corpo.

— Vocês vão ficar um bocado arrependidos por terem perturbado a vida de um homem que viajava com a filha e a esposa em seu carro. Vocês vão ter vontade de estar mortos. Vocês são uma espécie de lixo, sabiam, vocês fedem. Ratos, é isso aí, é o que vocês são. Não são bem ratos, nem isso, vocês são ratos mortos.

Ele estava se virando para um lado e para outro.

Tony Hastings sentia-se envergonhado, como se Bobby estivesse falando para ele, dizendo aquilo mesmo que Tony estava pensando. Mas Bobby estava doente.

— Qual é o problema, Bobby? — perguntou Ingrid.

Ele olhou para Ray Marcus e disse:

— Você já teve gastrite? Você já teve gastrite junto com câncer nos

intestinos?

Ingrid sussurrou:

— Bobby?

Bobby Andes para Ray Marcus:

— Não fique com esse sorrisinho para mim não, seu sacana filho da mãe.

Ingrid para Bobby:

— Talvez fosse melhor você deitar um pouco, não acha, Bobby?

Bobby Andes para Lou Bates:

— Você está morto, seu filho da mãe.

Ingrid tocou no ombro de Bobby.

— Você já levou um tiro na barriga?

Ele respirou fundo várias vezes. Ingrid trouxe um trapo molhado e colocou na testa de Bobby.

— Ah, merda — exclamou ele. Puxou o pano para o lado e virou-se para Tony.

— Estou pensando em matar os dois de uma vez agora — disse.

— Matar? — Um susto para Tony, e para os dois homens também, que ficaram tensos.

— Estou bastante resolvido a fazer isso. Fazer isso agora ou pegar os dois de surpresa mais tarde. Você conhece as exigências da lei. Eles acham que vão conseguir escapar com a ajuda de advogados, mas nesse ponto estão enganados, a sentença de morte já foi proferida, a questão é só decidir onde vão ser executados. — Olhou para Ray e Lou. — Vocês conhecem essa palavra, não é, rapazes? Executados. Significa ser carregado para o lixo, como na hora em que levam o corpo depois da execução na cadeira elétrica. Eu gostaria de dizer qual vai ser o seu método de execução, Ray, meu velho, porque é muito pior não saber, mas infelizmente não posso fazer isso. — Para Tony de novo, tentando explicar, enquanto os dois homens escutavam. — Veja, se eu deixar que eles vão embora, vai ser muito duro para esses pobres coitados, que não vão saber como vai acontecer. Agora a polícia está muito ocupada por aí, eles têm muito o que fazer. Ray podia ser morto por resistir à prisão, por exemplo. Ou podia invadir uma joalheria com um cara que ele achava que era seu parceiro. Podia chegar em casa tarde da noite e levar um tiro de um ladrão que estava na cozinha. Quem sabe? Não dá para saber em quem se pode confiar, não dá para saber de jeito nenhum.

— Tome cuidado, chefe, há testemunhas aqui nesta sala.

— Está se referindo às mulheres, cara? Elas sabem o que estão vendo, não é, meninas?

Tudo aquilo por causa de Tony, que se sentia irracionalmente envergonhado e se perguntava o que Bobby Andes esperava ganhar com aquele papo assustador. E se perguntava como Bobby sabia que aquilo não iria estragar toda a acusação contra Ray Marcus em qualquer tribunal.

Lou, com os pulsos algemados nas costas, remexia seus ombros para trás e para a frente.

— Está se sentindo desconfortável, filho? — disse Bobby.

Avançou, soltou as algemas, deu uma palmadinha em seu ombro, com ar

paternal. Agora os dois homens estavam com as mãos livres, enquanto Bobby sorria para eles através de sua enfermidade.

Recuou para sua cadeira. Com ar descontraído, para Tony:

— Andei fazendo uns estudos sobre tortura.

Tony ouviu Ingrid respirar.

— Aqueles caras são bons nesse ofício, ouvi dizer — falou Bobby. — Mas são amadores. Andei fazendo um estudo sobre tortura legal. O que os governos utilizam, algo muito mais eficiente do que a tortura particular, como o que caras feito esses aí praticam em mulheres e crianças.

— Você vai pagar por isso — disse Ray.

A possibilidade chocou Tony, a possibilidade de que Bobby havia de fato desistido de uma solução legal, de que ele realmente tinha a intenção de executar seus próprios métodos. O que fez Tony se perguntar o que fazer, se fosse aquele o caso. Se ele devia intervir — se é que ele intervieria alguma vez, em alguma coisa, em toda a sua vida. Para intervir, Tony teria de saber o que estava tentando deter. Conversa dura, trabalho policial agressivo? Ameaças, intimidação, táticas psicológicas. O que ele iria propor em troca?

— Na tortura de governo — disse Bobby —, supõe-se que haja um propósito. O propósito é obter uma confissão. É o que eles têm de dizer, o pretenso propósito. Vocês por acaso sabem o que significa *pretensio*? O propósito verdadeiro é outro. O propósito verdadeiro é fazer os caras terem vontade de morrer logo.

O problema de intervir era que Bobby estava levando adiante um plano, como quem galopa montado num cavalo, e agora nenhuma pergunta sobre legalidade ou caridade podia detê-lo.

— Ninguém está ligando para confissão nenhuma. O que importa mesmo na tortura é que ela permite que a pessoa alcance o grau máximo de consciência do desejo de morte natural e instintivo que existe em todo mundo. Que tal essa definição, Tony?

Então Tony disse:

— Bobby.

— O quê?

Tony não sabia. Se Bobby estava apenas falando, Tony iria sentir-se um imbecil.

— O que a gente deve fazer com eles, Tony?

— Não sei.

Bobby Andes ficou refletindo. Olhou para a arma, pesou-a na mão, levantou-a e apontou, para experimentar, na cabeça de Ray. Ray se encolheu, depois se sentou mais reto. Bobby Andes engatilhou a arma e desengatilhou, apontou de novo, baixou-a. Olhou por muito tempo para Ray e para Lou, para Lou e para Ray, e depois se levantou. Piscou os olhos para Ray e entregou a arma para Ingrid.

— Tome, se guere aqui.

Ela devolveu a arma e foi para a saleta onde ficava a cozinha. Bobby entregou a arma para Susan, que a segurou com a ponta dos dedos, com perplexidade. Bobby foi para os fundos, abriu a porta do closet e ficou de

cócoras, à procura de alguma coisa no chão.

Ray recostou-se sobre o catre, com as mãos cruzadas atrás da cabeça, enquanto Lou se mantinha sentado na beirada da cama, e Tony com sua arma, na cadeira de espaldar alto, vigiava. Ray deu uma risadinha.

— Está com medo, Lou? — perguntou. Fez cócegas nas costelas de Lou.

— Pare com essa merda — disse Lou.

— Ele não é bom sujeito, esse amigo de vocês. Vai se meter numa tremenda encrenca quando crescer — disse Ray.

Observou as costas de Bobby enquanto ele colocava a velha caixa de equipamento de pesca sobre a mesa na saleta.

Na outra cadeira de vime, a garota chamada Susan, que não tinha sobrenome e manuseava a arma de Bobby como se fosse um bolo de bosta, tentava evitar que o metal frio tocasse suas coxas brancas e nuas. Dentro da saleta, Ingrid se movimentava fazendo barulho.

— Eu não sabia que ia ter de vigiar um prisioneiro — disse Susan.

Olharam enquanto Bobby tirava alguma coisa de dentro da caixa de equipamentos de pesca e levantava na mão, examinava. Ficou de pé e pegou uma foice enferrujada no closet, apalpou o fio da lâmina, devolveu a foice a seu lugar e trouxe para a mesa algo que parecia uma bateria de automóvel. Sentado com as costas meio viradas, levantou um comprido pedaço de fio de arame. Cortou algo com a faca, depois levantou o arame para fazer um laço, em seguida se debruçou e raspou algo metálico com um canivete. Tinha anzóis de pesca e pedaços de arame espalhados à sua volta, e Tony não conseguia enxergar o que ele estava fazendo.

Ingrid espirrava água dentro da pia. Eles ouviam os pratos de metal baterem uns nos outros. Susan soltou um grito curto. A arma havia deslizado para suas coxas.

— Não sei se eu ia conseguir usar esse troço, se tivesse de usar — disse.

Ray se sentou.

— É uma arma muito perigosa — disse ele. — Você tem de tomar cuidado na hora de manejar um negócio desses.

Ray estava pensando alguma coisa, Tony pôde perceber. Ele olhava para Lou e tentava se comunicar, mas Lou, sentado e cabisbaixo, não percebia nada. Bobby lançou um olhar em redor, depois voltou ao seu trabalho. Curvado sobre a mesa, ele fez um ruído rangente.

— Posso ir à privada? — perguntou Ray.

— Você acabou de ir.

Ray se levantou.

— Cuidado — disse Tony.

— Está tudo bem, vou só esticar as pernas.

Andou para olhar as fotos de revistas pregadas na parede.

— Sente — disse Tony.

— Ah, meu Deus, preciso de um exercício.

— Sente aí.

— Sim, chefe. — Sentou-se.

Sentado à mesa, na saleta, Bobby virou-se e olhou para eles. Tinha uma faca

e um par de arames na mão. Virou-se de novo para seu trabalho.

— É melhor fazer o que o homem está dizendo — falou Bobby, de costas.

Ray disse:

— Alguma vez você já atirou com um troço desses?

Tony não queria responder.

— Aposto que nunca deu um tiro.

Falava em voz baixa, mas não tão baixa que Bobby não pudesse ouvir.

— Ei, Tony. Se der um tiro em mim, que desculpa vai usar?

— Isso é problema meu, não seu.

— A lei não é assim, não se pode raptar uma pessoa. Se você atirar em mim, não vai ser uma ação policial, mas assassinato.

Tony teve um calafrio, exatamente aquilo que ele torcia para não acontecer com Ray. O qual iria tomar a arma de sua mão. Ele gostaria que Bobby terminasse logo o que estava fazendo.

— Onde você dá aulas, professor? — perguntou Ray. Levantou-se de novo. — Vamos lá, Lou.

— O quê? — perguntou Lou.

Lá estava Ray, dando a volta para o lado, junto à parede, rumo à porta.

— Vamos embora, mexa-se!

Lou olhou para Ray, com a cara espantada.

— Sente — disse Tony. — Bobby!

— Vamos lá, seu idiota, está na hora de se mexer — disse Ray.

Tony ergueu-se com um pulo. Tentou engatilhar a arma e bloquear o caminho de Ray para a porta. Na saleta, Tony viu Bobby Andes levantar-se na sombra.

— Atire nele, Tony — disse Bobby Andes.

— Vamos logo, vamos.

— Está doido, cara? Ele está com uma arma, não está vendo?

— Anda, cara, vamos.

De pé diante da porta, Tony levantou a arma e apontou.

— Pare. *Alto!* — disse ele, enquanto Ray avançava em sua direção, e Tony se esquivou para o lado porque temia que Ray agarrasse sua arma e a tirasse de suas mãos.

Quando Lou viu isso, levantou-se também com um pulo e Susan deu um grito.

A porta deteve Ray, que se atrapalhou um pouco, mas acabou saindo. Agora Bobby se mexeu, Tony o viu correr para a frente, agarrar a mão de Susan, ouviu Bobby dizer:

— Me dê isso aqui.

Viu a porta interna bater na cara de Lou, viu os pés de Ray correndo para fora da varanda fechada por uma tela, viu Lou empurrar a porta e correr, e viu Bobby aproximar-se depressa de Tony, empurrá-lo para o lado e gritar:

— Agora eu peguei vocês, seus sacanas.

E aí uma grande explosão do lado de fora, logo depois da porta, transformou em caos todas as percepções de Tony.

Uma bomba, pensou ele, acreditando que o teto de papelão ia desabar. Viu uma fumaça azul-clara, sentiu o cheiro de pólvora, viu a arma erguida na mão

de Bobby Andes, enquanto ele pulava os degraus da escadinha e corria atrás de Lou. Aquilo era Susan que gritava. Tony a viu, ela havia pegado uma faca de trinchar, enquanto Ingrid levantava a bacia cheia de água com sabão, pronta para jogá-la.

Lá fora, outra explosão, depois mais uma. Ele correu até a varanda, viu o homem parado na trilha, com as mãos esticadas para a frente e apontando uma arma, olhou para a frente e viu um homem correndo pela beira do rio. Mais um tiro, enquanto o homem continuava a avançar e sumia na trilha ao longo do rio, atrás das árvores. Então Tony viu o outro homem que jazia no capim perto do rio.

Susan estava na varanda, a seu lado, ofegante, enquanto Ingrid enxugava as mãos numa toalha. Lá estava Bobby Andes na trilha, pequeno e gordo, enfiando a camisa para dentro da calça. Olhava para baixo, na direção do rio e da mata, onde o homem tinha escapado.

— Pegue as chaves — disse ele. — A gente tem de pegar esse cara.

— Espere, Bobby — disse Ingrid.

A chave do carro de Tony estava em seu bolso. O homem sobre o capim era Lou. Estava gemendo, tentava se levantar, com as mãos apoiadas no chão, mas não conseguiu. Olhava para eles e dizia:

— Alguém me ajude, por favor.

Ingrid entrou na casa e voltou com uma toalha. Bobby Andes continuava olhando fixamente para o rio, mais abaixo, e pensava.

— Estou ferido, cara — disse Lou.

— Não adianta — disse Bobby. — A gente vai pegar o cara depois. — Olhou para Tony. — Meu Deus, por que você não atirou nele?

Uma resposta lhe veio à cabeça rapidamente, “Esse é o seu trabalho”, mas não foi capaz de dizer aquilo e não conseguiu pensar em mais nada para responder. Com a toalha nas mãos, Ingrid andou pelo capim até onde Lou estava deitado.

— Fique longe dele — disse Bobby.

— Está ferido. Temos de cuidar dele.

— Volte aqui agora.

— Pare com isso, Bobby, e vá se vestir. Temos de levá-lo para o hospital.

— Fique quieta.

— Ele pode morrer enquanto a gente espera.

Paralisado, pensando em alguma coisa. De repente, Bobby Andes se movimentou.

— Para trás — disse ele.

Caminhou até onde estava Lou e deu um tiro em sua cabeça.

Uma das mulheres exclamou:

— Mãe de Deus!

Reformular isso. Lá estava Lou estendido na terra, soluçando por causa da dor, olhando com ar de súplica para Bobby Andes, que andava a passos largos em sua direção como um soldado. Lá estava a arma do carrasco apontada para ele, o rosto chocado e a mão do homem que escondia a cabeça atrás dos braços e tentava rolar para o lado. Em seguida a explosão e o corpo, como um feijão saltador, tombando para trás com um estrebuchar das pernas, e depois a

imobilidade.

Susan gritou como uma criança.

Lá estava Bobby, cutucando Lou, que certamente estava morto, debruçou-se sobre ele para examinar, depois olhou de novo para os outros, na varanda, ou para algo acima da cabeça deles. Ergueu a arma, apontou para eles e atirou de novo. O grito desvairado de completo terror era de Susan, que correu para dentro da casa.

— Cale essa boca — disse Bobby. — Não estou atirando em vocês.

Ele segurava a barriga enquanto claudicava de volta para perto deles, curvado para a frente, a arma pendurada na mão.

— Entrem — disse ele. — Vocês parecem um bando de idiotas.

Onde quer que estivesse mirando aquele último tiro, o que ele acabou de fato acertando foi a mola da porta, que estava solta, pendurada e vibrando perto de um pedaço rompido de tela.

Animais noturnos 24

Ficaram parados no chalé de Bobby Andes enquanto o eco de catástrofe morria na mata: a garota de minissaia chamada Susan, Ingrid com um pano de prato na mão, Tony Hastings com sua arma que não foi utilizada, todos em choque perto da mesa. Bobby Andes, cheio de trabalho policial, ajeitava as calças e segurava a arma, que acabara de usar. Lou Bates lá fora, sobre o capim, com um buraco de bala no cérebro.

— Merda — disse Bobby. — O que aconteceu, Tony, a arma não disparou?

A raiva que Tony queria sentir foi arrefecida pela vergonha de não saber o que ele tinha de fazer, portanto não respondeu nada.

Bobby olhou para Susan.

— Desculpe por ter assustado você. Vi um morcego.

— Um morcego, Bobby? Você estava atirando bem na nossa direção.

O rosto de Andes se alterou. Colocou a arma sobre a mesa e saiu pela porta dos fundos. Puderam ouvi-lo tossindo que nem uma foca. Voltou.

— Que porra de hora para ficar enjoado.

Sentou-se à mesa e respirou ofegante.

— Tenho de me mexer — disse ele.

— Bobby — disse Ingrid. — O homem que você matou está lá fora.

— Me dê um tempo.

Ela olhou para Tony e para Susan, todos se entreolharam.

— Bobby? O que vamos fazer?

— Está tudo bem — disse ele. — Está tudo sob controle.

— O que a gente vai fazer? Você matou aquele homem.

— Claro. Ele tentou fugir.

— Você o matou a sangue-frio.

— Ele estava tentando fugir. — Olhou para ela. — Qual é o problema? — disse ele.

— Você deu um segundo tiro nele. Deu um tiro na cabeça.

O quarto estava em completa imobilidade, todos olhavam para Bobby Andes, o som de sapos que coaxavam mais uma vez ressoava no rio. Ele passou as mãos pela cabeça, abriu a boca para falar, mudou de ideia.

— Por que fez isso?

— Porque não acertei o primeiro tiro. Meu Deus. — Apalçou o bolso e pegou a chave do carro. — Tenho de ir.

— Ir aonde, Bobby?

— Dar um telefonema. — Ingrid tocou no ombro de Bobby Andes, ele empurrou sua mão para trás. — Não toque em mim, estou bem.

— Não pode mandar o Tony?

Aquilo deixou Tony assustado, mas Bobby fez uma cara que parecia dizer que ela estava louca.

— Tony não pode fazer isso — respondeu Bobby.

— Não pode fazer o quê? Ele pode mandar uma mensagem para a delegacia.

O que mais você quer?

— Quero pegar aquele sacana quando ele chegar à estrada.

— Ah, não, Bobby.

— Ah, sim, Ingrid. Tenho de pegar aquele sacana.

— E nos deixar aqui sozinhas?

Ele se levantou, apurou-se, andou na direção da porta. Ela gritou:

— Bobby!

— Relaxe — disse ele. — Tony tem uma arma. Se é que ele se lembra de como se faz para usá-la.

— E tem aquele homem estirado lá fora.

— Deixe que fique lá estirado. Não toquem nele. Fiquem dentro de casa e torçam para que nenhum pescador madrugador apareça e o encontre estirado lá.

Bobby Andes saiu. Eles ouviram o carro partir. Ingrid disse:

— Que vá para o inferno.

Susan perguntou:

— Foi *legal* isso que ele fez?

— Atirar nele?

— Um policial tem *permissão* de fazer isso?

— Ele estava tentando fugir. Se bem que... — Ingrid acrescentou: — Aquele segundo tiro na cabeça. Não havia necessidade disso.

— Ele vai ter problemas por causa disso?

— Também.

— Como assim?

— Ele não tinha respaldo legal para prender o outro homem aqui.

— Você está falando do Ray?

— Aquilo foi contrário às regras — disse Ingrid.

— E ele vai ter problemas por causa disso?

— Não quero pensar no assunto.

— Quem sabe se a gente não contar nada?

— Eles vão acabar sabendo — disse Ingrid. — Os ferimentos no corpo vão revelar. A questão é: será que os companheiros dele vão cooperar?

O choque de Tony estava se tornando um azedume.

— O que ele estava tentando fazer? — perguntou Susan. — Quero dizer, quando descobrirem, isso não vai arruinar a vida dele?

Ingrid deu uma meia risada.

— Quando quem descobrir? — perguntou. — Eu acho que ele não se importa com isso. Acho que ele resolveu que, se o promotor público não quer prender o sujeito, ele ia cuidar do assunto por conta própria. — Ingrid tentava adivinhar o pensamento de Bobby Andes. — O que eu não compreendo é como ele pôde ser tão descuidado.

— Mas ele foi descuidado? — perguntou Susan.

— Ficou ocupado com alguma coisa na mesa, de costas. Esperando que Tony os detivesse. Não é uma coisa que ele costuma fazer. — Olhou para Tony. — Acho que *você* deve estar feliz porque aquele homem está morto.

Tony não conseguia pensar naquilo, distraído pela questão do que Bobby esperava que acontecesse na hora em que Ray se levantou e correu para fugir. A morte de Lou Bates parecia sem importância, como se ele tivesse deixado de ser Lou Bates. Não havia naquilo nenhuma satisfação para Tony, assim como não tivera satisfação alguma com a morte de Turk. O tempo havia redefinido o crime, e o único criminoso que importava de fato era Ray. Era só Ray e apenas Ray, e mais uma vez Tony tivera medo e deixara Ray fugir.

— Tem certeza de que ele está morto? — perguntou Susan.

— Levou um tiro em cheio na cabeça — disse Ingrid.

— Mesmo assim, pode não estar morto. Talvez fosse melhor a gente verificar.

— Está morto. Não tem dúvida.

— Acho que alguém devia ir dar uma olhada, por via das dúvidas.

— Eu é que não vou.

Nem eu, o pensamento de Tony repetiu, quando Ingrid se virou para ele. Estavam parados na porta, enquanto a jovem prima do policial, que ele e Ray julgavam ser uma prostituta, mas que na verdade parecia ser uma mera criança de minissaia, saiu com a lanterna e aproximou-se com cautela da forma escura perto do rio e os dois observaram enquanto ela se agachava corajosamente e examinava o corpo, seus joelhos pálidos na escuridão. Viram o ponto de luz da lanterna enquanto Susan iluminava o corpo do homem e viram suas mãos tocarem no rosto do homem. Quando voltou, o rosto de Susan estava branco.

— Está de olhos abertos — disse ela.

— É o que acontece quando morrem — disse Ingrid. — Ficam de olhos abertos, mas não podem ver.

As coisas estragam. Comida azeda, leite talha, carne apodrece. Na luz mortífera do chalé, há uma sensação de acidente e de ruptura. A morte de Lou Bates não foi uma morte correta. Tony se perguntava se ele a teria causado quando não impediu que Ray e Lou fugissem, usando para isso sua arma. Mas a única maneira de detê-los seria atirar contra eles, o que teria feito de Tony o assassino no lugar de Bobby, e isso teria sido ainda pior. Portanto, não foi culpa sua. A razão de sua raiva muda de repente irrompeu à luz: Bobby talvez quisesse que ele fosse o algoz de Ray e Lou. A questão era intolerável. O que quer que tenha dado errado, insistiu Tony, ele era apenas uma testemunha, não um agente.

Susan bocejou de novo. Tony lembrou-se de como ele caminhara na mata e na beira da estrada sem dormir uma noite inteira até encontrar um agricultor que acabara de acordar no raiar do dia.

— Você não quer ir para o quarto e se deitar? — perguntou Ingrid.

— Não consigo dormir com ele estirado lá fora — disse Susan.

— Nem eu — disse Ingrid. — Bobby vai estar de volta daqui a pouco.

— Será? Pensei que ele ia tentar pegar o outro cara.

— Se fizer isso, eu mato o Bobby.

Mas Bobby Andes voltou logo. Eles ouviram o barulho do carro na entrada, a luz dos faróis atravessou a janela de novo, a porta do carro. Viram Bobby Andes andar a passos largos até o chalé, entrar depressa no quarto, transfigurado.

— Foi rápido — disse Ingrid. — Eles estão vindo?

— Tenho de ir à cidade — disse ele.

— Não, Bobby. De novo não.

Observaram a mudança nele, o rosto feito couro, agora nenhum traço de enfermidade líquida e debilitante, só do tipo mais duro e permanente.

— Wickham tem o telefone. Preciso falar pessoalmente com Ambler.

Nenhum pânico, porém pressa. Tudo sob controle, mas era preciso esforço a fim de não perder o rumo. Nenhuma catástrofe, se pudermos manter a cabeça no lugar.

— Antes de eu ir — disse ele. Olhou em volta para os três, como que à espera de sua atenção, embora já tivesse a atenção de todos. — Vocês precisam saber o que aconteceu esta noite.

— O que aconteceu?

— O que aconteceu aqui. O que vocês viram.

— Eu vi o que aconteceu — disse Ingrid.

— Viu mesmo? — Olhou bem para ela.

— Ah — disse ela. Um silêncio, constrangido. — Quer que a gente minta? — perguntou Ingrid Hale. — Por favor, Bobby, não nos obrigue a mentir.

— Você não quer mentir? Quer contar toda a verdade, nada além da verdade, em nome de Deus, tudo o que aconteceu aqui esta noite? É isso que você quer?

Ingrid pareceu infeliz. Tony estava cheio de palpitações. Ingrid disse:

— Ah, Bobby, querido.

Bobby querido tinha olhos injetados de sangue e curvados para baixo, a boca aberta como a de um peixe fora da água. Tinha sido sempre assim, só que Tony não havia percebido antes.

— Não estou ligando a mínima para isso — disse ele. — Achei que você *gostaria* de ter uma história para contar. Mas se não quiser, que se dane.

Ela afundou na sua cadeira.

— Tudo bem. Então qual é a história que a gente deve contar? Vai explicar para nós?

— Foi *Ray Marcus* quem atirou em Lou Bates. Atirou nele duas vezes. Uma vez no corpo, outra vez na cabeça.

— Meu Deus — disse Ingrid.

— Atirou nele porque Lou Bates aceitou prestar testemunho no tribunal.

Silêncio enquanto eles pensavam melhor no assunto. Ingrid lançou para Tony um olhar desesperado, socorro, socorro, embora ele se esquivasse de seu olhar.

— Isso não faz sentido — disse ela.

— Faz toda a porra do sentido de que a gente precisa.

Tony estava tentando visualizar Ray Marcus atirando em Lou Bates.

— Quer saber como foi que ele fez isso? — perguntou Bobby. — É claro que quer saber, não quer? Não dá para acreditar que Ray simplesmente apareceu de uma hora para outra com uma arma na mão, já que ele estava preso aqui, certo? Você quer saber?

— É melhor você nos dizer, então — respondeu Ingrid.

— Vou explicar para vocês. Ele não estava preso aqui. Quero dizer, ele esteve aqui, mas foi embora. Foi embora depois de termos uma conversa e eu o deixei na estrada quando estava indo buscar o Bates. Só que Ray não foi para casa. Ou então, foi para casa e trouxe uma arma, ou conseguiu uma arma em algum lugar

e voltou para cá pedindo carona, e foi aí que fez isso. Emboscada. Ficou perto do chalé, escondido, atirou no Bates na hora em que eu o conduzia para dentro da casa, me pegou de surpresa, banguê, banguê.

— Você já tinha tudo isso preparado — disse Ingrid.

— É o suficiente.

— É ridículo.

— Não é não.

— Não vai conseguir se safar assim, vai?

— Como assim, me safar? Eu tenho o Ambler. Tenho o George. Tudo de que precisamos é a concordância de vocês e de que não contem nada além do necessário.

— Perjúrio?

— Meu Deus, minha filha. Pense nisso como algo potencial na situação. Teria acontecido de todo jeito, era só uma questão de tempo.

— Ora, deixe disso, Bobby.

— O que você quer dizer? Estou oferecendo a você dias sem escândalo pelo resto de minha vida, o que quer que isso possa significar. Se acha que é perjúrio, me denuncie, não me importo nem um pouco.

Ela olhou para Tony e para Susan.

— Vocês conseguem levar isso até o fim?

— Eu? — perguntou Susan. — O que tenho de fazer?

— Você tem de dizer que o tal de Ray Marcus não estava aqui — disse Ingrid.

— Ele saiu antes de você chegar — disse Bobby.

Susan entendeu.

— Ah. Aí depois ele chegou e deu os tiros no outro cara, o barbado?

— Isso mesmo. Se perguntarem a você, foi isso que você viu. Mas espere aí. Você não o viu de fato. Também não viu o cara barbado. Tudo o que ouviu foram tiros na hora em que eu trazia o cara barbado, depois que saí com ele do carro.

— É isso que tenho de dizer, não é?

— É isso que você tem de dizer.

Bobby pareceu aliviado e satisfeito consigo mesmo. Tony, pensando que se fizesse alguma objeção contra aquilo iria destruir Bobby Andes, espremia os miolos em busca das perguntas que poderiam lhe fazer no banco das testemunhas.

Ingrid disse:

— Ele vai negar isso.

— A negação dele não vale porra nenhuma. Ele já negou ter matado a esposa e a filha de Tony.

— Ele vai procurar a polícia e vai contar tudo.

— Não é tão burro assim.

— Ele vai procurar a polícia e vai contar o que viu. Vai contar tudo, Bobby.

Como você o raptou, algemou, e como você matou Lou.

— Não, ele não vai fazer isso.

— Como pode saber? Se fosse eu, faria isso.

— Ele não vai fazer isso porque sabe que iriam prendê-lo por matar Lou. Sabe disso porque me conhece, conhece meus amigos e conhece vocês, as três

testemunhas. É por isso que ele não vai procurar a polícia. Mas, se for, ele vai descobrir uma coisa. Vai descobrir que ninguém acredita nele.

— Isso é tão cínico, Bobby.

— O que é cínico? Não discuta comigo. Se isso é cínico, me dê uma alternativa. Me diga algo não cínico para fazermos. — Ele estava melodramático, operístico.

Quanto a Tony, cheio de pesar, culpado e responsável por tudo, andava às cegas, procurando em sua mente os espaços vagos da história que teria de contar, em busca das perguntas que fariam.

— Bobby — disse ele. — Se Ray Marcus matou Lou Bates, quando ele foi embora daqui? — E mais: — Para onde ele foi? — E mais ainda: — Como ele conseguiu essa arma? Como ele voltou para cá?

— Deixe que eu me preocupo com isso — disse Bobby. — Ele saiu daqui na hora em que eu saí. Eu o levei para a cidade, isso mesmo, porque eu não queria tratar de negócios em presença da Ingrid, foi assim que aconteceu. Deus sabe o que ele fez depois. Arranjou uma arma. Voltou para cá pedindo carona pela estrada. Não se preocupe com isso.

Bobby olhava para eles como um chefe de escoteiros adoentado. E agora, vocês entenderam? Posso deixar por conta de vocês? Está tudo bem explicado?

— Vamos recapitular — disse ele. — Devo fazer isso? Sim. Então eu trouxe o Ray. Quando vi Ingrid aqui, eu o levei embora. Vocês esperaram. Susan chegou. Vocês ficaram imaginando onde eu tinha me metido. Depois de um tempo, cheguei. Quando estava andando na direção da casa com o Lou, banguê! Dois banguês. Vocês correram para fora e viram o cara caído no chão, o outro correndo para longe. Simples, não é?

Tony pensou como era revoltante que Ray Marcus estivesse do lado certo da lei, contra ele.

— Não se preocupe com Ray — disse Bobby. — Ele está sujeito a ser morto por resistir à prisão. Certo? — Para Ingrid: — Assustei você?

Ela não respondeu.

— Tenho um trabalho a fazer e preciso encontrar os meios de fazer meu trabalho.

Ninguém falou nada.

— Merda. Vocês são tão honestos... Você também, Tony? Sua esposa e sua filha foram assassinadas e você fica se preocupando com frescuras?

— Bobby — disse Ingrid. — É assim que você sempre trabalha? Parecia que nunca o tinha visto antes.

— Está criticando a maneira como faço meu trabalho?

Fitaram um ao outro. Após um momento, ele se rendeu.

— Não, eu não costumo agir desse jeito. — Parecia falar de maneira razoável, agora. — Não, eu nunca fiz isso antes. — Com arrependimento.

— Você é um sacana teimoso, Bobby — disse Ingrid. — Por que não pode simplesmente dizer que perdeu o controle com um prisioneiro? E que depois perdeu a cabeça e atirou nele? Vão matar você por causa disso?

Bobby refletiu um pouco.

— Não é tão simples — respondeu enfim. — Eu não perco o controle com

prisioneiros. Prefiro a minha versão.

Tony estava pensando nos policiais hostis que iriam interrogá-lo.

— Vou explicar a situação para o Ambler — disse Andes. — Ele vai cuidar do problema. É provável que no final vocês nem tenham de falar nada.

Esfregou a arma com um lenço e foi até a porta.

— Volto logo.

Os outros olharam para ele da varanda. Bobby passou pelo corpo de Lou, no lugar onde estava estirado, uma sombra que parecia as raízes de uma árvore, e avançou até a beira do rio, onde afundou a arma na água. Quando voltou, disse:

— Se estão preocupados porque isso não é a verdade, encarem minha história como a verdade intrínseca. O que aconteceu é aquilo que teria acontecido. — E depois: — Tony, preciso de sua ajuda para pegar o Marcus.

Aquilo assustou Tony e mais uma vez Ingrid protestou:

— Como vai poder pegá-lo? Ele está na mata.

— Se estiver na mata, vamos seguir seu rastro com cachorros. Se sair da mata, vai tentar pegar carona. E aí vamos apanhá-lo antes que consiga uma carona.

— Ele pode estar em qualquer lugar.

— Não, não pode não. Só há duas estradas que ele pode alcançar antes de amanhecer. A gente precisa chegar depressa. — Olhou para Tony, e Tony estava cheio de horror. — Você vai no seu carro e eu no meu.

— Caçar o Ray?

— Relaxe. — Não foi uma risada. — Quero que vá para a casa de George Remington. Acorde o George e diga que a gente precisa dos cães dele.

— Faça isso você mesmo — disse Ingrid.

— Puxa vida, mulher. Tenho de falar com Ambler enquanto ele ainda está de serviço.

— Por que o Ambler?

O olhar de Bobby Andes tinha um toque de segredo.

— Prefiro dar parte do caso para Ambler do que para Miles.

Bobby Andes foi até a mesa com um pedaço de papel. Desenhou um mapa.

— Tome aqui, Tony. Bata na porta até acordar o sujeito. Entregue para ele este bilhete e diga que a gente precisa dos cães. Diga que um homem fugiu e que um homem foi morto, mas não conte mais nada, deixe que eu conto o resto mais tarde. E depois volte logo para cá.

Ingrid disse:

— E vai deixar a mim e a Susan sozinhas aqui, com aquele sujeito lá estirado no capim?

— Não tenho opção.

Ela não disse nada, mas Bobby ouviu mesmo assim.

— Foda-se — disse ele. — Vamos lá, Tony.

Obediente, Tony levantou-se, sentindo-se horrível, e na porta Bobby virou-se e fez um comunicado:

— Na próxima vez em que você me vir, vou estar com os caras. Vou contar para eles como Ray matou Lou. Se você não gostar disso, pode contar qualquer merda que quiser, porque eu não estou nem aí.

E viu que Tony tentava lhe devolver a arma sem uso.

— Fique com ela, para o caso de encontrar o Marcus.

— Pode acontecer?

Ele precisou dizer para si mesmo que, estando no carro, não tinha nada a temer.

— Se você o vir, ponha Ray dentro do carro. Passe uma das mãos pela janela da frente do carro e a outra pela janela de trás e algeme.

Usando a arma, que ele não tinha sido capaz de usar antes.

— E para onde eu o levo?

— Traga para cá. Deixe que fique no carro até que a gente chegue.

— E se ele tentar fugir?

— Atire nele.

Tony olhou para Bobby.

— Em legítima defesa — disse Bobby. — Atire nele em legítima defesa. — Virou-se para Ingrid como se ela tivesse falado alguma coisa. — É só uma sugestão. Ele pode fazer o que quiser. Se tiver de atirar, que faça isso em defesa própria, é só isso que estou dizendo. — Deu uma palmadinha no braço de Tony. — Se o pior acontecer, fique onde está. Nós vamos encontrar você.

Tony Hastings e Bobby Andes saíram para seus carros. Antes de partirem, Bobby tentou uma cena de despedida com Ingrid. Ela deu as costas e depois se rendeu. Tony entrou em seu carro. Bobby se aproximou e debruçou-se em sua janela.

— Que achou? — disse ele. — Pegamos o sacana barbado. Com isso já são dois. O dentuço a gente vai pegar agora, está vendo?

O encurralado Tony viu sua última e fugaz chance tomar forma em palavras, um protesto: não me obrigue a contar essa mentira. Mas estava com muito medo de que a brutalidade do escárnio de Bobby Andes tomasse uma forma direta e o que disse em resposta foi:

— Você está encrencado?

— Não sei. Não estou nem aí.

Sentou-se dentro de seu carro, imóvel contra uma resistência esmagadora. Observou Andes entrar no outro carro e ligar o motor, os faróis, depois uma pausa, um grito:

— O que está esperando?

— Vou depois de você — disse Tony.

Como se não confiasse nele, Bobby Andes esperou que Tony ligasse o motor, em seguida pôs o carro em movimento. Mas ainda sem confiar de todo, parou na curva e esperou que Tony se movesse. Quando Tony deu ré, a luz dos faróis correram pelo capim e exibiram o corpo que jazia perto do rio — parecia pequeno, a camisa xadrez cinzenta, a barba preta e o pescoço branco virados para cima. Ele se perguntava por que não sentia satisfação alguma naquela morte e o que havia estragado sua raiva e sua sede de justiça contra o assassino. A claridade da noite o deixou espantado. Nunca antes havia deixado para trás um homem morto no chão.

Susan Morrow está terminando o livro rapidamente. Faltam dois ou três capítulos no máximo. A arma dispara feito uma bomba na página e tudo rodopia por um funil rumo a algum desfecho desastroso.

Violência a deixa eletrizada, como os metais numa sinfonia. Susan, que já passou dos quarenta há muito tempo, nunca viu um assassinato. Ano passado, num McDonald's, viu um policial com uma arma na mão render um homem que comia um sanduíche. Aquele era o tamanho da violência em sua vida. Violência acontece no mundo, nos parques, nos guetos, na Irlanda, no Líbano, mas não na vida dela — ainda não.

Bata na madeira, bata três vezes. A cautelosa Susan vive à beira do desastre porque tudo o que ela sabe já aconteceu, ao passo que o futuro é cego. Num livro, não existe futuro. Em seu lugar, há violência, que põe a emoção no lugar do medo, como a emoção que se sente numa montanha-russa. Nunca esqueça o que é possível, diz o livro, se com você, Susan felizarda, com um lar seguro e uma família segura (tão diferente do que se vê no mundo), vier a acontecer o mesmo que aconteceu com Tony e encontrar algum criminoso no meio da noite. Se você tivesse a arma, saberia usá-la melhor do que Tony?

Edward está vindo, e Arnold também. Quanto mais o livro encolhe, mais próximos os dois estão, como tigres. O personagem que leva seu nome é uma tola. Susan Tola, isso fere seus sentimentos. Susan não tem sentimentos de sobra para serem magoados neste instante, e continua a leitura.

Animais noturnos 25

Tony Hastings viu Ray Marcus na estrada da montanha, no caminho para a casa de George. Sua silhueta tomou forma contra o fundo escuro sob a luz dos faróis de Tony, numa curva, um homem andando no acostamento, camisa cinza, jeans, fivela de metal refletindo a luz, virou-se para olhar, e Tony não se deu conta de quem era até o homem ficar de novo no escuro, atrás do carro, embora a possibilidade de vê-lo na estrada andasse na cabeça de Tony desde o início. Vê-lo, pensou Tony, não quer dizer que seja Ray, podia ser uma projeção do pensamento, e depois, após o jato de luz ter deixado para trás a fronte calva, o queixo estreito e o rosto, já era tarde demais para parar o carro. O instinto de Tony foi o de esconder o próprio rosto, o que o obrigou a buscar para si a garantia explícita em palavras de que nada havia para temer, pois Tony estava dentro do carro e estava escuro demais para que Ray pudesse identificá-lo. Tony continuou dirigindo o carro e só então lembrou que devia capturar Ray com a arma que tinha consigo.

Ao fazer a curva seguinte, Tony se perguntou se não devia parar o carro e voltar e então se deu conta de que, se fizesse aquilo, o homem iria correr para

dentro do mato. Portanto, a razão verdadeira de ele não haver parado não era o medo de Ray, mas o fato de que o local não era propício. Não poderia ter parado na curva lá trás, pisado fundo no freio e voltado de ré sem chamar a atenção de Ray e assim permitir que ele fugisse. Talvez Tony pudesse dar meia-volta mais adiante na estrada e pegá-lo vindo do sentido contrário.

A estrada começava a descer e, na hora em que estava achando que as curvas pareciam familiares, percebeu algo branco no mato, depois da curva seguinte, e reconheceu no escuro, apagado, o trailer, o horrendo trailer com o leito de morte. Tony não tinha se dado conta de que o mapa de Bobby, o qual ele havia memorizado, o levaria para aquela estrada. Tony ficou chocado, depois sentiu um calafrio e uma vontade de parar, um espírito maligno, lembrou-se de sua missão e de Ray Marcus, que se aproximava a pé vindo pelo outro lado do morro.

Agora Tony dirigia mais devagar, ainda pensava na razão por que não havia parado para recapturar Ray. Não gostava de pensar no que Bobby Andes ia dizer, covardia, preguiça. Tony se perguntou se seria possível capturá-lo de dentro do carro em qualquer ponto daquela estrada. As curvas, a mata, a noite. Por outro lado, sabia o que esperava, tinha a arma, estava pronto. Ele era Bobby pensando: desculpas de mais. Tony decidiu fazer aquilo, sim, corrigir sua covardia, o que ele devia fazer. A questão era: quando? Agora ou na hora certa. Do contrário, ele vai sumir se você não fizer isso agora. Por outro lado, não há nenhum lugar para Ray ir nessa estrada, e vai demorar muito tempo até chegar a alguma outra estrada. A questão era se devia interromper a missão de ir à casa de George para pegar Ray, ou ir primeiro à casa de George. Não queria ter de pegar Ray sozinho, sem ajuda, mas a razão não precisava ser aquela. Iria primeiro à casa de George porque de que forma poderia explicar a presença de um prisioneiro, enquanto falava com George?

Então surgiu uma razão melhor. Ele não era um delegado, não era seu trabalho capturar foragidos. Mais do que isso. Os próprios policiais tinham soltado Ray Marcus, portanto aquilo nada tinha a ver com trabalho policial. Nem Tony havia assassinado Lou Bates, foi Bobby Andes que fez aquilo. Tony Hastings não era Bobby Andes. Repita isso. Não era culpa dele o fato de Bobby Andes ter sequestrado Ray Marcus. Não era culpa dele o fato de Bobby Andes ter atirado em Lou Bates. Até aquele momento, Tony era um espectador, uma testemunha, mas não estava envolvido. Torcia para não estar envolvido. Mas, se tentasse deter Ray Marcus por conta própria, aquilo o transformaria em cúmplice, um coautor.

Pegue Ray sozinho, disse ele. Não me envolva em suas táticas sujas. Um acesso de raiva, uma certa alegria, as palavras vindo à tona. Não me arraste em sua raiva terminal. Não esmague sua fatalidade em cima da minha cabeça. Era incrível ver quanta coisa Bobby Andes tinha como absolutamente certa e segura. Supunha que todo mundo estabelecia o mesmo vínculo entre dor, perda e vingança. Supunha que ninguém se importava com a maneira como o homem morresse, contanto que morresse. Supunha que ninguém se importava com a cumplicidade num assassinato, para vingar outro assassinato. Supunha que todo mundo estava tão desesperado quanto ele. Tony pensou: é a minha tragédia, quem você pensa que é?

Eles diriam: vamos enforçar seus assassinos, mas temos de enforçar você também. Detetives iriam vasculhar sua história à cata de contradições. Advogados no tribunal iriam interrogá-lo exaustivamente. Juízes iriam perguntar por que ele se deixou envolver. Promotores insatisfeitos com a primeira desculpa procurariam indícios de uma cumplicidade ativa. Observadores, estranhos e antigos amigos procurariam ainda pelo pior, que não tinha sido revelado. Na solidão do carro, ele falou: meu Deus, Bobby, dane-se você. Por um momento, Bobby Andes lhe pareceu tão desagradável quanto Ray Marcus. Só por um momento, pois o pensamento o deixou chocado, uma vez que ignorava o grande mal que tinha sido feito e quem estava tentando perseguir aquele mal e dar cabo dele. Nunca se permita esquecer a diferença entre Ray Marcus e Bobby Andes. O que recuperou em sua mente a dívida que tinha com Bobby Andes, que pelo bem de Tony agora punha em risco a própria reputação e a própria carreira. Aquilo não fez Tony gostar de Bobby, mas o deixou com vergonha. Não podia trair Bobby Andes agora.

A casa escura que havia acabado de passar no lado esquerdo devia ser a de George. Deu marcha a ré e entrou com o carro na garagem, uma casa branca sem luzes. Os cães latindo nos fundos deviam ser os cães que ele tinha vindo buscar. Lembrou-se de outras casas cujos moradores dormiam, um ano antes, quando ele havia passado, andando, com medo de parar, com medo de ser um estranho na porta de uma residência rural no meio da noite. Pensou que, se conseguisse ultrapassar o perigo de bater à porta, George o reconheceria. Se o ameaçassem, gritaria: foi o Bobby Andes que me mandou.

Repetir a mensagem: ele quer seus cães lá no chalé dele. Agora, de noite mesmo, um homem fugiu. O próprio homem — Tony só então se deu conta daquilo —, o homem não está mais na mata, o homem está na estrada, a uns dois quilômetros daqui, mais ou menos, e está vindo nesta direção. Então para que você precisa de cachorros?

O absurdo da mensagem, Tony Hastings se perguntou o que fazer então. Com o carro parado ali na entrada da casa de George Remington, numa repentina perplexidade: o que dizer se o George acordar? Ou o que fazer, se não acordar? Voltar para Bobby Andes e dizer: não acordei George porque vi Ray Marcus na estrada, não há necessidade nenhuma de cães? Também não trouxe Ray Marcus comigo no carro, mas posso dizer a você onde ele estava.

Lembrou que George era um dos policiais que ajudaram Bobby a levar Ray para lá. Talvez não tivesse importância contar para ele. O homem que você ajudou a levar para lá acabou fugindo. Bobby queria seus cães, mas como o homem está logo ali adiante na estrada agora, você mesmo pode capturá-lo de novo.

Uma luz se acendeu no andar de cima. Apareceu uma cabeça, uma silhueta, sombra, cabelo, sem rosto. Uma voz feminina:

— Quem está aí?

Tony respondeu de dentro do carro:

— Vim falar com o George.

— O que quer com ele?

— Um recado do tenente Andes.

Um breve silêncio. Ele pensou: vou pedir para George descer, não é bom gritar assim. Bobby me mandou aqui, o homem fugiu, não vou dizer nada sobre os tiros contra Lou. A mulher na janela falou:

— Ele não está em casa. Está de serviço esta noite.

— Está bem. Obrigado.

Graças a Deus, pensou. Então se deu conta do que tinha pela frente agora e da burrice de seu alívio. Sem George. Deu partida no carro, mas hesitou em voltar para a estrada, porque não conseguia pensar no que iria fazer em seguida. Duas coisas, as únicas possibilidades. Ou retornava para o chalé de Bobby Andes (passar por Ray Marcus na estrada e ignorá-lo) e depois esperava que Bobby voltasse com seus homens para levar o Lou, para então lhe contar: eu vi Ray Marcus na estrada faz uma hora, mas não o prentí, agora já deve ter ido embora, mas era lá que ele estava. Ou então dirigia de volta em busca de Ray a fim de parar, apontar a arma e se mostrar ameaçador e convincente o bastante para persuadi-lo a entrar no carro, passar as mãos de Ray pelas duas janelas abertas e algemá-las, e assim poderia declarar para Bobby, quando ele voltasse com seus homens: peguei Ray para você.

Tony voltou devagar com o carro. A arma estava a postos no banco a seu lado. Procurou com os olhos o ponto mais distante que a luz de seus faróis alcançava na estrada, em busca do primeiro sinal de um homem caminhando. Não sabia o que ia fazer quando o visse, aquilo estava no futuro, não revelado, tão desconhecido como se fosse uma escolha de outra pessoa, ou como se ele mesmo fosse outra pessoa, um estranho.

A imagem prévia de Ray na estrada tinha sido o fugaz lampejo de uma foto projetada numa tela, um clarão de luz sem cores. Parado, olhando sem medo para o carro que passava, sem pedir carona, mas também sem se dar conta de que podia estar sendo perseguido, pois se quisesse teria se escondido no mato bem antes de ser alcançado pela luz que se aproximava pela estrada. Tony lembrou-se de si mesmo observando os faróis do carro, como eles tinham dado meia-volta na estrada, como tinham lançado o carro direto contra ele, como Tony tivera de pular dentro da vala na beira da estrada. Lá estavam eles de novo, um ano depois, e agora Ray era a caça, Tony era o caçador, e até o carro era o mesmo.

Tony passou pela igreja branca e entendeu que o trailer logo iria surgir e se deu conta de que aquela era a primeira vez, desde a noite original, que ele andava sozinho naquelas estradas. Imaginou a liberdade de revisitar sozinho, e com a segurança daquela distância, os locais que haviam aterrorizado sua mente de maneira tão profunda. Tony ainda não estava livre, porém continuava na missão que Bobby Andes lhe dera, embora já não soubesse muito bem o que era aquela missão, e Ray Marcus se aproximava pela estrada. Tony se perguntou por que ainda não havia cruzado com ele, pois àquela altura já devia ter passado por Ray.

Viui a curva onde o trailer iria aparecer, algo que pela primeira vez não o pegaria de surpresa. Então lá estava o trailer, Tony olhou com atenção, e então, após verificar para ter certeza de que Ray Marcus não estava chegando pela curva, parou o carro. Viui a janela escura que antes estivera acesa, com a cortina

estampada. Lembrou-se de quando estivera lá dentro em companhia de Bobby e George, onde ele mesmo tinha dado um murro em Ray, como era pequeno ali, as colunas da caminhã feitas de metal, o fogão, a lixeira com jornais. Tony se perguntou se poderia olhar seu interior outra vez, agora. Mas talvez não estivesse vazio, podia ter alguém morando lá, podia ter alguém lá dentro. Mas não tinha ninguém, porque não havia nenhum carro estacionado. Então lhe ocorreu a ideia: Ray Marcus estava lá dentro.

A possibilidade de que Ray Marcus estivesse dentro do trailer era apenas uma possibilidade, ou, melhor dizendo, não era uma impossibilidade. Resumindo, não era impossível que Ray Marcus estivesse ali. Pois se Ray tivesse continuado a caminhar do ponto da estrada onde os dois se cruzaram, já deveriam ter se cruzado de novo agora, e muito antes de Tony ter chegado ali. Ray podia ter pegado uma carona, mas não estava pedindo carona quando Tony passou por ele. Era quase certo que Ray Marcus estava no trailer. Devia ter chegado poucos minutos depois de Tony ter visto seu vulto na estrada e se esgueirou para dentro do trailer a fim de descansar. Aquilo explicaria por que Tony ainda não o havia encontrado na estrada.

Se estava lá, na certa estaria observando pela janela e olhando para o carro. Tony pegou a arma no banco. Acionou a trava de segurança de modo que a arma não disparasse enquanto ele saía do carro. Pegou a lanterna no porta-luvas. As chances de Ray estar no trailer eram tênues, Tony queria apenas dar uma olhada lá dentro porque estava sozinho, porque nunca tinha olhado o trailer sozinho. Ou melhor, queria conferir para ter certeza de que Ray não estava lá dentro. Se estivesse, Tony tinha a arma.

Com a arma e a lanterna, saiu do carro, fazendo o mínimo de barulho possível. Deu a volta pela frente do carro, andando devagar, seguiu pela valeta e até a parte dianteira do trailer. Pedrinhas rangiam sob seus pés, ele parou, à espera do silêncio. Ouviu o rugido distante da humanidade se mostrando civilizada, mas perto não ouviu nada, só a imobilidade alerta da mata no meio da noite. Se Ray estava observando, Tony tinha a arma. Não havia a menor possibilidade de Ray ter conseguido uma arma. Se Ray tinha parado ali para descansar, na certa havia pegado no sono. Tony disse: se Ray está aqui, vou capturá-lo. O motivo por que estou fazendo isso é ajudar Bobby Andes. Pensando melhor, Bobby Andes é que está me ajudando. Algum outro motivo. Tony procurou por ela, a dívida que ele tinha de pagar. Disse a si mesmo: não faz a menor diferença se Ray não matou Lou Bates, ou se sua prisão nesta noite não é legal, porque foi ele que matou Laura e Helen, e isso eu sei.

Tony andou sorrateiramente sobre as folhas na frente do trailer até a porta. Pensou: provavelmente a porta está trancada. Nesse caso, não devo levar isso adiante. Tenho de deduzir que o trailer está vazio e voltar para o chalé de Bobby. Se eu não encontrar Ray na estrada, o que agora parece provável, posso comunicar como ele me enganou e que não havia nada que eu pudesse fazer. A menos que, se a porta estiver trancada, eu dê uma espiada lá dentro com a lanterna, através da janela.

A porta não estava trancada, o trinco cedeu. Um instante de sobressalto, tarde demais, quando ele sentiu que suas impressões digitais iam ficar gravadas no

trinco, algo que um ano antes teria estragado tudo, antes de eles terem identificado as impressões digitais de Turk e Lou na cena do crime. Tony tirou a lanterna do cinto com a mão esquerda, a arma ainda na mão direita. Pensou: e se Ray estiver atrás da porta, à espera para pular em cima de mim? Engatilhou a arma de novo, ergueu-a, abriu a porta com um leve empurrão do lado do corpo. Acendeu a lanterna, fez o feixe de luz da lanterna percorrer o cômodo, que estava vazio. Viu o interruptor de luz ao lado da porta, acendeu a luz e viu Ray Marcus dormindo na cama.

O qual rolou de repente, cobriu os olhos, virou-se, piscou os olhos para Tony e sentou.

— Meu Deus — resmungou. Tombou para trás apoiado no cotovelo.

— Você? — disse ele. — Cadê seu parceiro?

— Que parceiro?

— Ganges, sei lá.

— Andes. Não está aqui.

— Seus amigos da polícia, onde eles estão?

— Estão por aí.

— Estão com você? — Sentou-se e puxou a cortina na janela, tentou olhar para fora.

— Vim sozinho — disse Tony.

— Sozinho? Com a porra da arma? Que diabo está fazendo aqui?

— Vim procurar você.

— Eu? Ah, meu Deus, e para quê?

— Você sabe.

— Ah, que merda. — Passou as mãos pela cabeça careca e molhada. — Eu estava dormindo, cara. — Tony esperou. — O que aconteceu com o Lou?

— Foi morto.

— O quê? Aquele filho da mãe matou o Lou?

— Está morto.

Uma estranha vergonha o impediu de confirmar que tinha sido Bobby que o havia matado, uma vergonha que Tony não tinha nenhuma obrigação de sentir.

— Vai dar a maior encrenca para o seu amigo, sabia?

— Ele não é meu amigo — disse Tony, e se perguntou por que disse aquilo.

— Não é? Mas que interessante.

— Vamos — disse Tony.

— Vamos para onde?

— Vou levar você.

— Para onde?

— De volta para o chalé.

— Não vai me levar de volta para lugar nenhum, chefe.

— Você vem comigo. Agora, vamos lá.

Brandiu a arma.

Ray riu.

— Você acha que isso vai me obrigar a ir?

Tony engatilhou a arma. Ray levantou-se e andou em sua direção. Por um momento Tony achou que ele estava obedecendo, em seguida entendeu de outro

modo.

— Para trás — avisou.

— Relaxe — disse Ray. — Não vou machucar você. — Voltou-se para a porta. — Estou só indo embora. Até logo, meu chapa.

— Pare aí — disse Tony. Pensou, desesperado, não pode acontecer de novo. Pensou, com determinação, agora estou diferente. Apontou a arma para a porta, na frente de Ray. Houve uma explosão, um clarão e uma força violenta que empurrou sua mão para cima. Viu Ray parar, puxar a mão para trás como se tivesse sofrido uma queimadura. Viu o alumínio torcido no alizar da porta, no ponto onde a bala deve ter acertado.

Viu Ray olhando para ele com surpresa.

— Puxa — disse ele. — Você errou.

Tony Hastings sentiu um calafrio.

— Eu não queria acertar em você — disse. — Estava dando um aviso.

— Um aviso. Tudo bem. Posso sentar na cama, chefe?

— Vamos lá para fora. Vá para o meu carro.

Ray virou-se e voltou para a cama, onde sentou.

— Falei para sair.

— O que vai me obrigar?

— Acabei de mostrar para você.

— Se atirar em mim, do que vai adiantar? Vai ter de me carregar.

— Não tenho medo de atirar em você — disse Tony.

— Sei.

Ele não se mexeu. Tony esperou e ele não se mexeu. Tony disse:

— Vamos, agora.

E Ray abriu muito os olhos, deu de ombros, espalmou as mãos viradas para cima. Tony engatilhou a arma, e ele estalou a língua: tsc, tsc.

— Não tenho medo de atirar em você — repetiu Tony, percebendo a tensão na própria voz, e Ray não se mexeu. Tony pensou melhor. Puxou a pequena cadeira de espaldar reto, virou-a para trás, sentou-se de pernas abertas, apoiando o peito no espaldar da cadeira, e disse: — Bem, se você prefere esperar aqui, eles vão chegar daqui a pouco.

Achava que aquilo era mesmo a verdade, eles viriam à procura de seu carro quando Tony demorasse a voltar e acabariam o encontrando ali.

Em seguida se perguntou se aquela concessão não teria sido um erro.

Ray disse:

— Você quer que eu espere por eles?

— Não precisaria esperar se fosse comigo no carro.

— Acho que não quero fazer isso não, parece que não. Escute, chefe. Sabe, acho que agora eu vou embora. Foi legal conversar com você.

Levantou-se e seguiu na direção da porta outra vez. Tony falou:

— Já avisei a você. Cuidado. — Sua voz estava à beira de virar um grito. — Não quero atirar, mas se tentar sair, juro que mato você.

A voz estranha deteve Ray, que levantou as mãos, tudo bem, tudo bem, e voltou para a cama. Tony pensou: se não posso obrigar você a ir, posso forçá-lo a ficar, e mais uma forte sensação de poder.

Ficaram parados olhando um para o outro. Ray disse:

— Escute, chefe, por que um cara tão legal como você anda em companhias tão ruins? Aquele tal de Ganges Andes, ele é um safado sanguinário. Ele mata pessoas. Se eu voltar para ele, vai me matar como fez com o Lou. Você não faria uma coisa dessas comigo, não é?

Tony pensou: ele tem razão a respeito de Bobby Andes. Falou:

— *Você* é que mata pessoas.

— Ah, que papo furado.

— Não me venha você com papo furado — disse Tony. — É por isso que estou aqui. É por isso que você está aqui.

O aborrecimento no rosto de Ray, como se aquilo fosse algo inconveniente, algo sobre o que ele preferia não falar. Tony gostou de ver aquela expressão.

Disse:

— Não adianta negar. Eu *me lembro* de você.

— Tem um cigarro?

— Não fumo.

— Não, claro que não.

Olhando para ele, fitando seus olhos, após um momento Ray disse:

— Elas é que provocaram tudo.

— O quê? Quem?

— A porra da sua esposa. E aquela garota.

O pulo no coração de Tony, depois de todos aqueles meses, um ano inteiro, notícias afinal.

— Então você admite. Já não era sem tempo.

— Você me entendeu mal — disse Ray. — Aquilo foi um acidente.

— O que foi um acidente?

— Sua esposa, sabe? Eu me lembro da porra da sua esposa.

— Minha esposa e minha filha, que você matou.

— Acalme-se, cara. Foi um acidente, como eu disse.

Esper. Contenha sua alegria, preserve sua energia.

— E então? Que tipo de acidente?

— Escute, chefe, sei que eram sua esposa e sua filha e lamento a perda que você sofreu, mas isso não é desculpa para a maneira como elas trataram a gente.

— E como *elas* trataram vocês?

— Foram elas que pediram — disse Ray.

Muito bem. Isso é bom. Isso exige uma raiva alegre e íntegra. Mas contenha essa raiva, vapor concentrado para impelir os pistons, não deixe escapar a pressão. Contenha a voz, mantenha a voz baixa, calma.

— Exatamente o que você está querendo dizer com foram elas que pediram?

— Quer mesmo saber? Não, chefe, você não quer saber.

— Diga só por que você acha que elas é que pediram.

— Elas chamaram a gente de uns nomes muito feios.

— Elas tinham razão.

— Elas estavam cheias de desconfianças e de pensamentos ruins. Chefe, elas estavam contra nós desde o início. Não nos deram a menor chance. Acharam que a gente era um bando de escrotos, assassinos, estupradores, desde o

momento em que puseram os olhos na gente. Você viu a sua filha na hora em que trocamos o pneu. Elas se comportaram como se a gente fosse a escória da humanidade. Quando a gente entrou no carro, elas acharam que era o fim do mundo, como se a gente fosse cortar a garganta delas e foder com seus cadáveres. Vou lhe dizer uma coisa, chefe, tenho um certo orgulho da maneira como as pessoas falam comigo, e tem certas coisas que eu não tolero.

Devagar e calmo. Tony disse:

— As suspeitas delas eram justificadas.

— Foram elas que provocaram isso contra si mesmas.

— Vocês são assassinos e estupradores. Você as assassinou e estuprou.

— Escute uma coisa, chefe. Quando alguém me acusa de uma coisa, isso é um insulto, isso me dá certo direito. Quando Leila me acusa de trepar com Janice, puxa vida, eu vou lá e trepo mesmo com a Janice. Se a porra da sua filha acha que sou um estuprador, caramba, aí ela acaba sendo estuprada.

— Elas tinham razões para temer vocês. Tudo aquilo que temiam se tornou verdade.

— Só porque foram elas que pediram.

— Elas tinham razão em achar que você era a escória da humanidade, porque você é a escória da humanidade.

— Você é um otário, cara.

— Você não tem direito a nada. Faz um ano que estou esperando por isso.

— Ah, é?

Tony Hastings sabia que o prazer de ter a arma na mão e o direito de insultar que a arma lhe conferia eram um poder traiçoeiro e perigoso, pois cada insulto adicional tinha de ser respaldado por sua disposição de usar aquela arma. Tony estava orgulhoso de si mesmo por correr aquele risco, pela coragem que estava adquirindo, minuto a minuto.

Disse:

— Vou lhe dizer uma coisa. Ninguém pode sair livre depois de fazer o que você fez comigo.

— Ah, não?

— Você veio atrás de mim, esse foi um erro que você nunca mais vai esquecer.

— Você está me assustando.

— Você arruinou minha vida. É melhor ficar assustado.

— Ora, puxa vida, se eu soubesse que estava arruinando sua vida...

— Quero fazer você sofrer. Quero fazer você lembrar que a razão de seu sofrimento é aquilo que fez.

Tony pensou: estou parecendo o Bobby Andes. Ray não parece impressionado.

— Como sugere fazer isso?

Tony pensou no assunto, um lapso em sua energia, ele não sabia como responder. O poder era apenas momentâneo, os dois ali juntos, ele com a arma. Pensou em como ampliar a ameaça, proteger seu prazer.

— Vou levar você de volta para o Andes.

— Isso não vai dar certo — disse Ray. — Eles já decidiram que não há base

para uma acusação.

Como fazer para parecer assustador e terrível.

— Andes tem outros planos para você.

— Daqui para a frente é o Andes que está no fogo.

Provavelmente era verdade. Era verdade também se dar conta de que aquele orgasmo de poder se baseava numa suposição que ele não tinha feito, a saber, que ele ia matar Ray Marcus. Mas havia também a ideia extasiante de que ele agora tinha sido liberado para fazer aquilo, embora não soubesse de onde vinha aquela ideia. Aquela sensação de que ele tinha o direito, de que o direito lhe fora concedido. Ou até um dever, que coroava o direito e transformava aquilo numa orgia. Tony recapitulou o que havia ocorrido, tentando descobrir: de onde provinha aquela liberação que era capaz de transformar o assassinato de Ray Marcus num direito ou num dever?

Lembrou que Bobby Andes tinha dito: mate Ray em legítima defesa. Ele duvidava que fosse mesmo aquilo.

Pensou: Tony Hastings, professor universitário de matemática. Não era o pensamento correto para momentos como aquele.

Pensou: será que o Tony Hastings, o professor universitário de matemática, está disposto a aceitar a publicidade solidária, porém escandalosa, e uma possível detenção por um crime passionai que todo mundo seria capaz de compreender?

Ray observava Tony com atenção e disse:

— Então por que não me mata logo de uma vez, pura e simplesmente?

— Vou matar você se tiver de fazer isso. Acha que não vou fazer isso?

— Vamos lá, cara, você não sabe de nada. É divertido matar gente. Você bem que devia experimentar fazer isso algum dia.

— Divertido? Sim, devia ser, para você.

— Divertido, isso mesmo.

— Achou divertido matar minha esposa e minha filha?

— Bem, achei. Achei sim. Foi divertido, sim.

Divertido? Tony ouviu a palavra. Controlou-se e exprimiu seu choque.

— Como pode dizer na minha cara que foi divertido matar minha esposa e minha filha?

— É um gosto que a gente adquire — disse Ray. — É uma coisa que a gente tem de aprender, como caçar. A gente tem de superar o obstáculo. A gente tem de matar alguém para poder saber como é.

Tony estava experimentando uma sensação semelhante a um ofuscamento.

Ray continuou falando.

— Meus parceiros Lou e Turk, eles não sacaram isso. Ficaram se cagando de medo quando sua mulher e sua filha morreram. Se cagando de medo. Acharam que iam ser acusados de assassinato. Algumas pessoas demoram mais tempo do que outras para sacar as coisas.

— Você não merece viver — disse Tony.

— Você devia experimentar, Tony. Mate alguém, garanto que vai querer fazer isso de novo. Você não é diferente de ninguém.

— Foi por isso que você matou? — perguntou Tony. — Porque era divertido?

— Claro. Foi por isso mesmo.

E naquele momento Tony sentiu uma explosão do que ele achava que era nojo, mas na verdade era alegria. A luz era ofuscante e iluminava com nitidez a diferença entre ele e Ray, e era muito simples. O fato era que Ray estava errado, Tony não correspondia à ideia que Ray fazia de todo mundo, pertencia a uma espécie diferente, a qual um selvagem como Ray ignorava completamente. Não que Tony fosse inibido ou apático em relação às alegrias de matar, mas ele sabia demais, tinha imaginação de mais para ser capaz de ter tal prazer. Não que ele não houvesse ainda amadurecido o bastante para apreciar aquelas alegrias, mas havia amadurecido o bastante para se colocar além delas, como uma parte natural do processo de amadurecimento. A possível diversão de matar tinha sido domesticada e educada até sair dele por força de um processo de civilização sobre o qual Ray não tinha a mínima compreensão, e Tony sentia-se cheio de furor e de um desprezo vingativo contra aquela falta de compreensão. Isso deu a ele um sentimento claro e luminoso, ali onde antes estava nebuloso e incerto. Tony sentiu-se confiante. Sentiu-se justo, ciente de que podia confiar em seus instintos e sentimentos. Sentiu-se revigorado e, naquele estado de ânimo estimulante, tomou uma decisão.

Disse:

— Muito bem, Ray, chega de papo. Está na hora de ir.

— Já falei que não vou a lugar nenhum.

Ficaram parados durante um minuto. Tony engatilhou a arma de novo.

— Então por que não vai embora simplesmente?

— E você vai deixar?

— Achei que não tinha importância para você o fato de eu deixar ou não.

— Isso depende de você poder atirar com essa arma ou não.

— Posso atirar, sim.

Ray olhou bem e Tony viu que ele havia perdido sua confiança, tinha percebido a mudança ocorrida em Tony.

— Então talvez seja melhor eu não ir embora.

— Nesse caso, talvez seja melhor sair e entrar naquele carro.

— Não vou fazer isso.

— Então prefere simplesmente ficar esperando até que eles venham pegar você?

— Então talvez eu vá embora, agora que falou no assunto.

— Não vou deixar você ir embora.

— Então é melhor eu ficar.

— Vamos, vá embora, eu desafio você.

— Não, acho que não vou, não.

— Acho que você devia pelo menos tentar.

— Acho que talvez seja mais seguro ficar aqui mesmo.

— Não acho que seja tão seguro assim.

— Não acha? Talvez tenha razão.

Levantou-se.

— Bem, acho que estou indo.

Deu um passo à frente, enquanto observava a mão de Tony com a arma, parou, deu um passo atrás.

— É melhor não fazer isso.

— É o que estou pensando.

— Você não sabe o que fazer, não é?

— Sei o que estou fazendo.

— Não atirei em você daquela vez. Foi o Bobby Andes. Então o que faz você achar que vou atirar em você agora?

— Só por via das dúvidas.

— Você acha que mudei, não é? Acha que agora eu vou atirar, não é?

— É uma arma perigosa. A gente precisa tomar cuidado com uma arma perigosa feito essa.

— O mais seguro para você é ir para o carro comigo.

— Não vejo nenhuma necessidade de fazer isso.

— Você está com medo de mim. Está mesmo muito assustado.

— Não fique tão convencido assim, cara.

— Então por que não vai embora?

— Acho que vou mesmo.

— O que impede você de ir embora?

Ray encarou Tony. Começou a sorrir, o sorriso insolente da descoberta, que Tony conhecia muito bem.

— Pois é, acho que nada me impede.

E deu mais um passo à frente.

Na direção da porta, sem nada no caminho. Tony sentiu seus pulmões gelarem, ficou paralisado e toda a sua coragem desapareceu, fracasso e humilhação para o resto da vida. Enquanto isso, a arma disparou. Ele ouviu o grito:

— Ai! Seu filho da puta — após a explosão, que fez a arma em sua mão dar um coice para cima, contra sua testa, ao mesmo tempo que a cadeira oscilava e Tony tombava para trás. Lá estava Ray berrando feito louco contra ele, segurando alguma coisa, e Tony só teve tempo de engatilhar a arma de novo, antes de o sol explodir.

O sol explode, e o livro também. Susan Morrow para pela última vez a fim de avaliar, a leitura quase terminada, só faltava um capítulo. Dorothy e Henry estão no segundo andar da casa, tinham voltado da patinação na hora em que Tony deixou suas impressões digitais no trinco da porta. Susan ouviu os dois pisando forte na varanda, se despedindo dos colegas sobre a neve, depois no vestibulo, respirando forte e rindo. Agora estão conversando no segundo andar, Rosie também, provavelmente repetindo as mesmas coisas de sempre.

De novo Susan descobre em sua mente a varanda cercada por uma tela, a varanda da casa no Maine, a trilha e a escadinha de pedra perto do abrigo onde ficava a canoa, o pequeno cais com um resplendor de espelho à tarde, visto entre as árvores. Morrendo, como sua mãe e seu pai. Como Bobby Andes. Como seu ciúme. Como a escrita de Edward. Como este livro.

Edward está chegando, Arnold também. Susan, sem nenhum motivo, está apavorada.

Animais noturnos 26

O trailer estava aberto para a mata, suas paredes tinham sumido, seu telhado apoiado em estaca a fim de servir de abrigo. Ele estava embaixo de uma mesa de piquenique e Ray tinha fugido pelo leito do riacho, e outros estavam à procura dele, porque sabiam que Tony não podia fazer aquilo. As pessoas que tinham feito estardalhaço em volta de Tony haviam sumido, o banco de piquenique estava sobre seu peito, ele não conseguia empurrá-lo dali, Tony pensou que, se descansasse um pouco, ficaria bem.

O céu acima das árvores era uma abóbada de escuridão que ia esmorecendo num verde tênue e mortiço. Mais acima havia outra abóbada, que ele não conseguia enxergar, um mundo dentro de um mundo. Era a parte interior de uma pálpebra do tamanho do mundo, mas Tony não tinha força para abri-la. Isto é um sonho, disse ele.

No entanto, não havia céu, pálpebra, e não era sonho nenhum. Era a escuridão total, e as mesas de piquenique e as árvores eram invenções do pensamento. Tony sabia que às vezes, num sonho, a gente se pergunta se é real, mas na vida em vigília não havia nunca a menor dúvida. Ele sabia disso agora. Estava acordado, com alguma coisa cobrindo seus olhos, como uma atadura. Ele não podia ver, mas não era um sonho.

Lembrou-se do trailer, de Ray vindo para cima dele, do sol explodindo. Tony estava deitado no chão, a parte de trás da cabeça encostada na parede, o braço direito dobrado em cima de um objeto volumoso. Algo havia caído sobre suas pernas. Outra coisa empurrava sua cabeça.

Ele não conseguia sentir o que estava sobre seus olhos. Levantou a mão do chão, um movimento que ele podia fazer, moveu a mão na direção dos olhos,

depois parou, assustado. Não havia atadura. Não queria tocar em seus olhos, com medo do que podia encontrar ali. Queria saber: estou no escuro ou a escuridão está dentro de mim? Se Ray tivesse apagado a luz, ficaria tão escuro assim? Ele resolveu fazer uma experiência, olhe para a janela, para a porta, mas não sabia como olhar, algo estava faltando na parte da frente de seu rosto, um espaço vazio, fios cortados. Ouviu a notícia sussurrada de trás: estou cego, aquilo que nos tempos da juventude teria sido a pior notícia possível.

Moveu a perna direita, estava bem, a perna esquerda também. O objeto caído sobre as pernas era a cadeira, e ele se lembrou de ter tombado para trás. Levantou o joelho e empurrou a cadeira para o lado. Tentou imaginar o que Ray teria feito com seus olhos, se ele o havia cegado com um soco na cabeça ou se havia atacado seus olhos diretamente, com os dedos, uma faca ou um garfo, girado e golpeado aquilo com uma dor que Tony ainda não havia começado a sentir. Tony se perguntou se Ray não teria agarrado a arma e atirado contra ele para matar. Tony se perguntou quanto tempo teria passado, qual a distância que Ray teria percorrido àquela altura. Deve ter levado meu carro, disse Tony. Se é que foi embora. Se é que não está sentado bem na minha frente, olhando para mim, esperando que eu acorde para me torturar.

Sentiu-se pesado e inerte demais para assustar-se com aquele pensamento. Mesmo a cegueira não o assustava ainda, embora soubesse que ia chegar a hora em que aquilo iria rasgá-lo como um ancinho. Sentiu-se frio, trêmulo. Suas entranhas subiram, se reviraram, ele virou a cabeça para vomitar, mas não veio nada.

Tony Hastings sabia que a hora tinha passado, mas não tinha memória de nada, exceto do esmagamento no local onde ficavam seus olhos. Sentiu então as cavidades oculares queimando, buracos abertos na frente do rosto, com anzóis dentro. A dor era um barulho muito alto, ele não conseguia pensar, raciocinar, calcular, as únicas palavras eram Pare Com Isso Agora. Ainda incapaz de se mexer por causa de alguma coisa em sua cabeça, Tony bateu com as pernas e o quadril contra o chão. Meteu a mão no bolso para pegar o lenço, pequeno demais, arrancou sua gravata, enrolou-a, colocou-a cuidadosamente sobre o rosto, mas não foi o bastante. Tirou a camisa de dentro da calça, tentou rasgá-la, não conseguiu, lembrou-se vagamente de panos de prato em cima da pia e, após um demorado esforço de concentração, obrigou-se a mover-se apesar da ameaça de uma dor de cabeça semelhante a Zeus baixando dos céus. No entanto, nenhuma dor de cabeça podia ser tão ruim como aquilo, e ele descobriu que não conseguia levantar. Cambaleou, encostou-se na parede, esbarrou em algum objeto volumoso a seus pés, achou a pia, bateu, a beirada macia de um pano de prato, depois outro, agarrou os dois, embolou-os, tocou-os de leve nos buracos em seu rosto, depois apertou com firmeza e de leve, a fim de protegê-los do ar ácido.

A dor era profunda e permanente, mas já não era uma labareda. Encontrou a cadeira com os pés, ergueu-a e sentou-se, mantendo os panos de prato sobre os olhos para protegê-los. Sem saber se tinha olhos ou apenas cavidades vazias, sem ousar apalpar para descobrir, sem saber se Ray tinha arrancado seus olhos ou apenas dado uma pancada forte nos olhos com o punho, ou se não tinha nem sido

Ray, mas a arma que havia disparado muito perto de sua cara. Um dia alguém iria examiná-lo e explicar. Sobre as bochechas, algo escorria em filetes e havia cascas ressecadas.

Pensou: tenho certeza de que é nos dois olhos? Afastou o pano de um lado, depois do outro. O ar parecia cal viva. A segunda edição das notícias veio de forma estridente: estou cego. Não morto, mas cego. Seu pior medo de infância. Pelo resto da vida, um cego, tateante. Verde, amarelo, árvores, montanhas, oceano, azul, vermelho, magenta, matizes, nuances de violeta.

Previendo o futuro, a pergunta: vou conseguir suportar? E pensa: será que vou conseguir aprender o braile? As pessoas iam ler para ele? Um cão-guia. Uma bengalina branca.

Na cadeira, sentiu-se trágico. Escolhido para a catástrofe. As coisas ruins que podem acontecer e que não vão acontecer com a gente. A terceira edição das notícias — Estou cego — era o auge melancólico de um longo processo de declínio, seu destino confirmado. Pensou aflitivamente: a vida e a carreira de Tony Hastings, a matemática, Louise Germane. Louise Germane e o cego. Em vez disso, sujeito azarado.

Ouviu um carro na curva, como um velho mito de perigo. Ele precisava era de ajuda. Deviam estar à sua procura. Se dessem por sua falta, se notassem que estava demorando a voltar, não podiam levar muito tempo para aparecer. Tentou lembrar qual era aquela coisa feia que escurecia as lembranças recentes de seus amigos.

Então se deu conta de que, se Ray Marcus tinha levado seu carro, ninguém pensaria em procurá-lo ali. Ele teria de se salvar sozinho.

Teria de tatear às cegas em busca do caminho para sair do trailer e chegar à estrada. Teria de ficar parado na beira da estrada, com os panos sujos de sangue sobre os olhos, e torcer para que um motorista visse sua aflição e parasse. Diria: me ajude, me leve para a delegacia em Grant Center. Havia uma razão para não ir à delegacia de Grant Center. Bobby Andes, ele estava à beira de lembrar-se de alguma coisa. Tateou o chão em volta e achou a gravata, que amarrou em volta da cabeça a fim de prender os panos de prato em seus olhos. Perguntou-se: é noite ou dia? Escutou com atenção e ouviu o canto distante e frio de um pássaro, duas notas bem nítidas, e de novo o bramido distante e reforçado da humanidade se mostrando civilizada, portanto devia ser dia.

Cada movimento o deixava exausto, como se tivesse levado chutes na barriga. Faça um esforço. Em que direção fica a porta? Virou-se e seu pé bateu em algo que estava sobre o chão, algo grande. Como um saco de terra, e lembrou-se de ter sentido algo assim, junto a si, quando estava deitado no chão. Apalpou, tocou numa roupa grossa que continha algo duro, um braço, um ombro, uma pessoa.

— Ah — disse Tony. — Você.

Então devia ser Ray, e assim ele não tinha fugido. Do ombro, procurou a cabeça e logo afastou a mão. Pele fria. Levantou o braço e soltou. Ouviu a queda, o baque.

Então matei você, sussurrou Tony Hastings.

Sua cegueira havia sido o preço de alguma coisa.

A fim de se certificar de que estava morto, Tony lutou contra a repulsa e se obrigou a tocar de novo na cabeça, tateou os olhos, a fronte calva. O tato o deixou chocado e permitiu que a mão ficasse um momento pousada sobre a sobranalha, o pelo das sobranelhas, o formato da testa, liberdade que jamais poderia ter tomado antes. O demônio tinha um crânio semelhante ao de Tony. O demônio tinha entranhas e órgãos internos, mapeados numa geografia infinitamente repetida, como a dele mesmo, como a de todos nós, o que facilitava o trabalho dos médicos, que encontravam as mesmas coisas toda vez que procuravam.

Tony se perguntou como havia matado Ray e se Ray, enquanto morria, tivera tempo de refletir e compreender por que morria. Mas, a julgar pela conversa que haviam tido pouco antes, Tony se deu conta de que não havia meio de Ray compreender, não havia meio de apreender o que havia cometido, nem de ver aquilo que Tony via, nem o crime, nem o castigo. O único entendimento seria aquilo que Tony podia imaginar para ele, a figura na imaginação de Tony, sofrendo na imaginação de Tony. No final, aquilo poderia ser uma satisfação tremenda, completa, mais tarde, quando Tony voltasse a ser ele mesmo, embora no presente não sentisse nada e o único Ray que existia fosse um corpo morto.

Tony tentou reviver seu ódio a fim de desfrutar aquela morte, imaginando que Ray havia morrido devagar. Sangrando até morrer, não tanto de dor, mas de fraqueza, desamparo, ciente de que estava morrendo. Mas seu ódio e sua vingança pareciam muito remotos, sentimentos mortos e destituídos de qualquer interesse agora. Lembrou-se da jactância de Ray ao falar do prazer de matar e de sua imaginada superioridade, e se perguntou se Ray o teria cegado como um preço a cobrar por aquela superioridade. Cegou Tony porque queria que ele também ficasse consciente de uma coisa. Os refinamentos da vingança.

Tateou em volta, em busca da arma. A mão descobriu um local frio no chão, pegajoso, ressecado, o sangue coagulado de Ray Marcus. Ele recuou, bateu com a cabeça na mesa. Tentou levantar-se, pôs a mão na mesa em busca de apoio, achou a arma ali. Pense nisso, Tony. Significa que Ray Marcus achou a arma antes de morrer. Depois viu a si mesmo sangrar até morrer.

Tony não queria ficar ali dentro junto com o cadáver. Pôs a arma no bolso, obrigou-se a se levantar e tentou achar o caminho, contornando o obstáculo, tateando com os pés. A viscosidade do chão parecia estar em toda parte. Tropeçou na cama num lugar onde ela não deveria estar. Achou a parede, o fogão no lugar errado, reorganizou as coisas em sua cabeça, encontrou a porta. Cuidadosamente, saiu, mas apesar de todo o cuidado não havia um chão. Ele caiu, bateu com força em raízes de árvore, pois havia esquecido que na porta do trailer não havia uma escada.

Com a cabeça doendo por causa da queda, e a dor retornando, Tony esperou um pouco para se recuperar. Sua barriga doía no local onde devia ter levado um chute. O ar se movia com brandura, estava quente, podia sentir o sol na pele. Ia tentar achar o carro. Pensou que se descesse o morro acabaria chegando à vala abaixo da curva da estrada e poderia subir até o acostamento. Ficaria parado na beira da estrada e, quando ouvisse um carro, acenaria com a mão. A terra se esfarelava sob seus pés, ele escorregou e tombou outra vez. Preso pelos galhos,

agarrou-se neles, desceu sem controle entre raízes de árvores, pedras cobertas de musgo e ramos emaranhados. Continuou a descer, por mais tempo do que deveria. Estava sobre uma rocha nua e escorregou, perdeu o pé de apoio e foi tombar dentro da água. Um riacho frio corria em torno de suas canelas.

Estava tão cansado que ficou sentado dentro da água. As roupas encharcadas e geladas faziam seu corpo doer na cintura, ele não podia ficar ali. Depois de esperar um momento para recuperar o fôlego, decidiu refazer seus passos. Tentou subir, mas a rocha nua não lhe permitia firmeza, ele seguiu claudicante riacho acima e depois conseguiu agarrar-se a ramagens leves, içou o corpo e assim saiu do riacho. Chegou ao que parecia um local coberto de capim. Podia sentir o sol, que não conseguia ver. Não tinha ideia de onde estava o trailer nem a estrada. Sua força se esgotara, ele decidiu descansar até que o barulho de um carro lhe desse uma pista.

Após alguns minutos, passou um carro. Estava mais perto do que ele esperava, logo à esquerda e abaixo, na direção de onde ele tinha vindo. Pensou: vou ficar sentado ao sol e esperar aqui. Está perto o suficiente para que, quando vierem, se não estiverem me vendo, eu possa gritar e chamar. Aqui em cima, ei. Tony não sabia se era o choque de ter ficado cego ou o chute que devia ter levado na barriga, mas sentia-se fraco, parecia ver pontos diante dos olhos, se tivesse olhos.

Pensou: agora estamos quites. Você tomou minha esposa e minha filha e me cegou, e eu matei você. Dava três a um, mas ele podia aceitar aquilo como um preço adicional que teve de pagar por suas pretensões. Seu ego e sua vaidade, o conforto que desfrutava devido a seu nome e sua posição, algo que tinha certo preço, e bem alto, é evidente. Naquele momento, não significavam nada, de fato, porém mais tarde sem dívida voltariam a ter valor.

Da mesma forma, previu os planos que mais tarde faria para um futuro reformulado pela cegueira, como se não tivesse tido um futuro durante o sombrio ano anterior. Haveria um intervalo de preparação e de aprendizado. Ganharia um tempo de folga da universidade a fim de aprender como mudar seus hábitos de vida. Novas maneiras, como estudar, como preparar as aulas, como lecionar. Onde morar. O que fazer com as roupas, comida, higiene, todos os detalhes, que ele podia ver à frente, como um emaranhado de árvores na encosta de uma montanha, que ia se tornando mais nítida à medida que ele se aproximava. Podia ver a si mesmo no campus, nas ruas de seu bairro, com seus óculos escuros, sua bengala, talvez seu cão, e todos saberiam de sua história: Tony Hastings cegado pelo homem que matou sua família. Os óculos escuros, ocultando os olhos que não existiam, iriam difundir aquela lenda.

Tony não tinha medo da polícia. Para eles também, pensou Tony, a cegueira iria eximi-lo de culpa. Não que pudesse alegar legítima defesa, como disse Bobby Andes; como poderia alegar legítima defesa quando era ele que tinha a arma? Pensou em dizer para eles exatamente aquilo que havia acontecido. Daria a Tony uma sensação boa contar tudo. Achei Ray Marcus dentro do trailer, dormindo. Conversamos. Sobre o que conversaram? E se perguntassem o que você estava fazendo com uma arma? E se dissessem que ele estava tentando provocar Ray Marcus para que o atacasse?

Isso fez Tony lembrar-se de Bobby Andes. Será que Tony ainda estaria obrigado a dizer que Ray Marcus matou Lou Bates? A possibilidade o deixou enjoado, mas pensou que sua cegueira o eximia de ter de pensar no assunto, e não pensou mais naquilo.

O dia se arrastava, Tony sentia o sol brilhando sobre a cabeça, a temperatura subia, o dia ficava quente. Os passarinhos da manhã agora estavam calados, a mata parada ao meio-dia. Pensou: posso esperar.

Ali sentado sob a abóbada cega, Tony Hastings sentia a luz através da pele. Reconstruiu sem olhos o lugar onde estava: uma clareira com capim amarelo queimado pelo sol declinava à sua frente até uma faixa de árvores baixas, depois das quais estavam o trailer e a curva da estrada, com seu carro estacionado no acostamento. Fez crescer árvores grandes nas outras direções, com um carvalho perto e uma ladeira ascendente coberta pela mata mais adiante. Tão claro como se estivesse vendo, conhecimento absoluto, ele não sabia de onde vinha aquilo.

Portanto era mera bravata. Faça um teste. Pegou a arma. O carvalho estava à sua esquerda, ele ia dar um tiro no tronco. Exercício de tiro ao alvo para um cego, aquilo o fez rir. Engatilhou a arma, apontou. Fogo. Aquela explosão medonha e ruidosa empurrou sua mão para trás com um tranco outra vez. O silêncio da mata violentada retornou depois dos ecos, o interminável meio-dia se prolongava.

Então a rotação da Terra trouxe a luz do sol para a frente de seu rosto vendado. Devia ser de tarde. Tony estava obcecado pela ideia de que seu corpo era idêntico, em todos os atributos formais, ao corpo de Ray Marcus. Mas, quando ele tentou esticar-se, o corpo resistiu, como se estivesse amarrado ao solo. E suas únicas feridas já eram velhas e familiares, dores constantes e suportáveis, e ele já era um cego durante a maior parte de sua vida. Nunca fizera uma refeição. Nunca tivera de urinar. Descobriu que suas calças estavam molhadas e geladas, como se tivesse urinado sem perceber. Outro efeito do choque, disse consigo. O motivo por que não voltara para a estrada era que a ladeira que sua imaginação visualizava era íngreme demais. Ia esperar até que a polícia viesse e o ajudasse a descer. Eles viriam quando Bobby Andes comunicas-se que Tony não tinha regressado. Se ninguém mais pensasse em procurar naquela estrada, George Remington veria o carro parado quando voltasse para casa. Não havia motivo para ficar alarmado com a demora do dia que se arrastava. Não vai durar para sempre.

Talvez ele estivesse dormindo. Ouviu vozes, passos no cascalho. Palavras, não altas, ele não conseguia distinguir. Então:

- O que isto está fazendo aqui?
- Tem certeza de que é isso mesmo?
- Para onde ele foi?

Ouviu uma voz masculina mais alta e rouca, meio cantada, números, um estalido — o rádio da polícia. Tinham vindo, afinal. Levantou a cabeça, ficou parado, escutou.

O rádio da polícia falava com voz aguda a intervalos, estalidos. As vozes vivas cessaram.

De repente, uma voz:

— Ei, Mickey, *meu Deus*.

Pés correndo, cascalho solto.

— Caramba!

Tinham encontrado Ray Marcus.

Tony não conseguia ouvir o que estavam falando.

— Olhe, rastros de sangue.

— Vamos ver para onde vão.

— Fique aqui.

Ouviu o barulho de ramos pisados na mata mais abaixo. O cego Tony Hastings feito uma pedra, estirado na terra, sem saber se era visível ou não, manteve a arma a seu lado e engatilhou-a por precaução. A polícia é sua amiga, disse ele.

Alguém gritou.

— O rastro desce, não dá para ver aonde vai.

O outro:

— Deixe para lá. Vamos esperar pelos outros.

— Avise, está legal? Conte para o Andes.

E Tony ainda não sabia o que Andes havia contado para eles sobre quem tinha matado Lou Bates.

Uma voz disse:

— Provavelmente está sangrando na mata até morrer.

Tony Hastings estava deitado de lado, a cabeça apoiada num cotovelo, tentando escutar, sem saber se poderiam vê-lo se olhassem naquela direção. O rádio da polícia continuava a cuspir. Tony não conseguia distinguir o que estavam falando, mas calculou que os homens estavam comunicando sua descoberta. Então o rádio falou bem nitidamente:

— Andes está aqui.

— Marcus, e não Hastings?

— Tem certeza disso, cacete?

Tony pensou: vão trazer cães para seguir meu rastro de sangue. Como um fugitivo. Vão apontar armas para mim e, se eu não obedecer com calma, vão me matar. Eu matei Ray Marcus, que estava desarmado.

Lembra-se das lanternas que se aproximaram na mata e lembra que ele se escondeu na sombra de uma árvore para não ser visto, e se lembra da voz que tentava encontrá-lo e que chamava assim: chefe. Não quero que me vejam, se eu não posso vê-los, disse Tony.

Você vai ter de se apresentar em alguma hora, disseram eles. Vou esperar Bobby Andes, disse Tony.

Tony ouviu-os caminhando mais abaixo, mas não ouviu suas vozes. Depois nada. Quase silêncio, um tempo longo. Sabia que estavam lá por causa do rádio que continuava ligado e, embora tivessem diminuído o volume, ele podia ouvi-lo muito baixinho. No carro ou no trailer com o cadáver, se estivesse no lugar deles, Tony preferiria esperar ao ar livre. Talvez estivessem ao ar livre, sentados no acostamento, fumando. Tony ouviu o canto de passarinhos de novo, as duas notas bem nítidas, pardal, tordo. Sentiu o recuo do sol da tarde, uma brisa mais fria. Um pica-pau telegrafava numa árvore. O som remoto e incessante de trânsito, a

rodovia interestadual, em alguma parte, levando famílias, mercadorias e bandidos através daquela região rural, vindos de todas as outras regiões rurais.

A tira de couro que prendia sua barriga às árvores estava se tornando incomodamente apertada. Era bobagem ficar escondido ali como um fugitivo. Tony Hastings sabia disso. Não tinha intenção de se tornar um fugitivo. Se tinha alguma culpa, havia se conformado com ela. Não havia esquecido seus planos e a conversa que tivera consigo mesmo algumas horas antes. Está na hora, disse ele. Acorde, você não pode ficar aqui a vida toda.

No entanto, esperou. Preferiu deixar que os outros chegassem, se Bobby Andes estivesse entre eles. Seria bom se Bobby Andes conseguisse encontrá-lo primeiro e lhe desse as informações mais recentes sobre a morte de Lou Bates, antes que outra pessoa perguntasse. Agora faltava pouco. Os carros chegaram, ele ouviu os passos, os rádios, vozes, exclamações. Ouviu Bobby Andes:

— Onde que a porra do sujeito se enfiou?

* * *

Aqui está o que aconteceu. Ele quis levantar-se e chamar: ei, tenente, Bobby Andes, olhe aqui em cima. Quando se virou, rolou sobre a arma, que havia engatilhado mais cedo. Procurou tateando com as mãos, achou, colocou-a na mão esquerda para poder se apoiar no chão e levantar-se com a mão direita. Tinha acabado de pôr um pé embaixo do corpo e começara a se levantar, quando a arma disparou. O impacto deu uma chicotada em suas entranhas, o som que ele odiava veio depois. *Droga!*, exclamou. Por que fiz isso? Por um momento, achou que tinha dado um tiro em si mesmo.

Que coice. Ele havia esquecido como podia ser forte o coice da arma quando disparava, que o fez cair estirado no chão. Se uma bala tivesse atravessado sua barriga, ele já estaria morto. Estava deitado de costas, de cara para cima, para aquilo que devia ser o céu. O choque fez se apertar mais ainda a corda em volta de sua cintura, pior do que antes. Tentou soltá-la. Tentou mexer-se, mas a corda estava apertando, mantinha-o seguro ao chão. Se era uma bala, havia errado as partes vitais, não parecia que estava morrendo, mas o fato é que estava pressionando dentro dele, o empurrava contra o chão. Meu Deus, exclamou. Deve ter sido isso. Pensou: por que foi que fiz uma besteira dessas? Devo estar sangrando sem parar. A corda estava amarrada e apertada em sua cintura, prendia os cavalos bravos no curral para que não se dispersassem, mas estavam corcoveando muito. Camundongos do campo fugiam correndo por baixo da última tábuca da cerca.

Se aquela era de fato a grande notícia que havia para ele, Tony se perguntava por que razão não parecia algo mais importante. Pensou: será que uma bala pode dar a sensação de ser uma corda? Uma bala dá a sensação que dá, e pronto. Ele gemeu, aceitando. Então, disse ele, aqui vai mais uma vida para Tony Hastings. Vai ser uma vida inteira de agonia e morte. Vai estender-se do passado para o

futuro dominado por um fato, uma bala que atravessou a barriga. Embora a gente se habitue a tudo, ele não se interessa por mais nada.

Mais tarde, Tony ainda tinha a consciência de que muito tempo antes ouvira uma voz que dizia:

— Meu Deus, o que foi isso?

Era de se esperar que a polícia em pouco tempo cercasse as cabeças de gado que os ladrões deixaram escapar, não é? No entanto, eles não chegavam. Já fazia muito tempo e eles não vinham.

Se não viessem: um remanescente do cérebro sugeria que ele devia pensar em morrer, que ele devia dar àquilo toda a sua atenção. Tony Hastings morrendo, pense bem nisso. Ele deveria estar mais surpreso. Vagamente, recordava coisas que tinha querido pensar quando morresse, mas não conseguia lembrar o que eram. Pelo menos devia ter uma ideia do motivo por que estava morrendo. O tipo de pergunta que outras pessoas fariam: como poderia ter sido evitado, o que ele deveria ter feito e deixou de fazer? Vai ver ele confundiu a mão direita com a esquerda. Quem sabe queria se levantar apoiado na mão direita contra o chão e acabou se apoiando com a esquerda, que segurava a arma junto à barriga. A pressão do dedo no gatilho, na confusão de tatear em volta em busca do apoio firme da terra perto da barriga mole. Um engano neurológico, causado pelo choque de estar cego, embora já devesse ter se acostumado àquilo, pois já estava cego fazia algum tempo.

Ocorreu a Tony que, se a polícia chegasse ali a tempo, poderia salvá-lo. Se ouviram o tiro, galgaram a encosta no meio dos arbustos e podiam chamar uma ambulância pelo rádio. Não parecia provável. Tony não ouvia nenhum sinal da presença deles.

Ocorreu a Tony que eles iriam encontrar seu cadáver e achar que havia cometido suicídio. Parecia uma conclusão lógica, não iam ficar surpresos. Tony se perguntava que motivos iriam atribuir a ele. Na certa (diriam) Tony se suicidara porque não conseguira tolerar ter ficado cego, além de tudo o mais que já havia perdido. (Eles não podiam saber que ele havia se conformado com aquilo.) Ou talvez Tony estivesse tão obcecado pelo crime cometido contra ele e com a necessidade de vingança que, quando Ray morreu, Tony não viu mais necessidade de continuar vivo. (Eles não sabiam a respeito de Louise Germane, que estava à sua espera — caso ela o aceitasse cego.) Ou então (subestimando seu ceticismo e sua covardia, atributos da maior importância) tinha sido o idealismo de Tony: sua incapacidade de suportar o autoconhecimento que Bobby Andes e Ray lhe haviam imposto, pois descobrira não ter superioridade moral em relação a seus inimigos, exceto aquilo que advinha do fato de terem sido eles que começaram tudo. O mais provável (sem saber com que alegria Tony se conformara com a espera) era que simplesmente atribuíssem o suicídio à impaciência com a dor e com a agonia: tendo se dado conta de que não só estava cego mas que também levava um tiro de Ray, estava sangrando sem parar e ia morrer por causa disso, Tony não conseguiu suportar mais tempo. Era demais para ele e acabou perdendo a cabeça. Era improvável que os policiais deduzissem que sua morte tinha sido acidental.

Na verdade Tony não queria morrer e queria que eles chegassem logo.

Enquanto isso, a corda em sua cintura explorava seu corpo, mapeava seu território. Inclusive os órgãos em sua cintura, embora ele não soubesse exatamente qual era qual nem onde ficava cada um deles, o fígado, o rim, o baço, o apêndice, o pâncreas, a vesícula biliar, e quilômetros de intestinos, grosso e delgado. Tentou pensar o que mais havia e lamentou não ter se familiarizado melhor com aqueles órgãos enquanto estava vivo.

A única coisa que ele sabia com segurança era isto: estava livre para prosseguir sua viagem para o Maine. Depois de passado todo aquele tempo, mais de um ano. A polícia lhe disse aquilo quando afinal chegaram, parados na porta, lhe dando os parabéns enquanto se sentava no banco do motorista e prendia o cinto de segurança. O cinto de segurança do carro apertava muito sua cintura. Eles apertaram sua mão. Desejaram-lhe boa sorte. Indicaram-lhe o caminho e a estimativa do tempo de viagem.

E assim ele se fora e agora dirigia seu carro em velocidade, com um pouco do caubói e do jogador de beisebol ainda dentro de si, quase cantava de alegria, e em muito pouco tempo ele estava lá. Viu a casa de veraneio no fim da estrada, embaixo da ladeira. Era uma casa à moda antiga, de dois andares, com frontões nas janelas e uma varanda. Todas as janelas e a varanda eram protegidas por telas. Seguiu com o carro pela entrada, sobre a grama, e viu-as na água à espera dele. Caminhou pela grama rumo à beira da água.

— Vamos, entre — disse Laura. — Estamos à sua espera.

— Por que demorou tanto? — perguntou Helen.

Ele perguntou:

— Está fria?

— Bastante — disse Laura —, mas você aguenta.

— Depois de algum tempo, melhora — disse Helen.

Estavam com a água no pescoço, portanto ele só podia ver suas cabeças. A água cintilava azulada e branca, como um leite doce na luz da tarde, e as nebulosas ilhas de pinheiros mais ao fundo, na baía, rebrilhavam com uma alegria de verão.

Pôs os pés na água, um gelo em torno das canelas. Laura e Helen riram.

— Você ficou muito tempo sem vir — disse Laura. — Está meio fora de forma.

Tony olhou para trás, para a ladeira, na direção da casa que se erguia sobre a grama, espaçosa, alta e linda. A porta telada da varanda protegida por uma tela estava escancarada, e duas das janelas protegidas com tela no segundo andar estavam abertas, ele não sabia por quê. Pensou em como seria bom voltar para casa depois de nadar, subir pela grama, entrar na casa e sentar nos grandes cômodos vazios com cheiro de pinheiro e desfrutar o calor depois da friagem. Então poderiam conversar, tudo aquilo de que ele se lembrava e que desejava contar para elas. Queria falar a respeito dos braços dela, que balançavam enquanto ela vinha andando a caminho de casa. Queria perguntar se alguma vez eles tinham brigado. Tony não conseguia lembrar e desejava que não, que nunca tivessem brigado. Queria saber se alguma vez tivera sentido ciúme dela, achava que provavelmente não, e se ela havia sentido ciúme dele, e desejava que não, pois ele achava de fato que nunca tinha dado motivo para isso. Queria contar

para ela que se lembrava da plantação de cerejas e de algo ainda depois disso, mas ele tinha esquecido.

Mas ainda não, primeiro havia isto. Só as cabeças delas estavam acima da superfície da água, riam e o incentivavam, enquanto ele se movia com todo cuidado na água extremamente gelada, passo a passo, na direção delas. Era difícil se mexer, enquanto as duas aguardavam com tanta generosidade e tanta satisfação em vê-lo que ele mal conseguia suportar sua felicidade. Com toda a sua força, ele abria caminho, enquanto o gelo continuava a aumentar. Subia das canelas para os joelhos, dos joelhos para a virilha e da virilha para os quadris. O gelo o cingiu em redor da barriga. Galgou até o peito, cobriu seu coração, agarrou-o pelo pescoço. Então continuou a subir, ainda enregelante, alcançou sua boca, encheu seu nariz e fechou seus olhos em fogo.

O livro termina. Susan o viu encolher diante de seus olhos, afundar ao longo do capítulo final, página, parágrafo, palavra. Nada permanece e o livro morre. Agora ela está livre para reler ou rever alguns trechos, mas o livro está morto e nunca mais será o mesmo. Em seu lugar, zunindo no espaço vazio que ele deixou, uma rajada de vento semelhante à libertação. Vida real, de volta para dominá-la.

Susan precisa de algum silêncio antes de voltar para si mesma. Imobilidade absoluta, nenhum pensamento, nenhuma interpretação nem crítica, apenas um silêncio em homenagem à vida de leitura que terminou. Mais tarde, ela vai pensar no assunto. Vai reunir os pedaços, analisar sua leitura e resolver o que dizer para Edward. Ainda não.

Há um choque de terror na volta à vida real, oculta pela leitura, à espera para atacá-la, como um predador de tocaia nas árvores. Ela se esquivava — ainda não está na hora disso também. Os filhos no segundo andar, que voltaram para casa no meio do último capítulo: agora é a vez deles. Susan ouve seus risos e gritos estridentes. Põe a tampa na caixa, a caixa na estante, dá uma olhada nos cômodos, nas portas da frente e dos fundos, apaga as luzes, começa a subir.

Estão os três no chão do quarto de Rosie, Rosie está de pijama. O rosto de Henry e de Dorothy estão extraordinariamente vermelhos.

— Oi, mãe — diz Dorothy. — Adivinha.

— Henry está apaixonado — diz Rosie.

Ele está sorrindo, o triunfo sobrepuja o constrangimento.

— Que fantástico — diz ela. — É por quem?

— Elaine Fowler — responde Dorothy.

— E isso por acaso é alguma novidade? Ora, já faz um ano que Henry anda apaixonado por Elaine Fowler.

Rosie parece ficar decepcionada. Henry resmunga.

— Isso é diferente.

Dorothy diz:

— Agora entrou numa fase nova.

— Uma fase nova. Que maravilha.

— O que você fez hoje de noite, mãe? — pergunta Dorothy.

Susan Morrow fica espantada.

— Eu? Ué, não fiz nada. Terminei de ler meu livro.

— E que tal? É bom?

Ela não estava pronta para aquela pergunta. Mas está de volta ao mundo real, onde é hora de discernir as coisas e de ser responsável.

— Claro — diz ela. — É muito bom.

* * *

Mais tarde, a mente relaxa e o livro se liquefaz. É impossível dizer quando. Talvez

tenha acontecido quando ela estava na cama, a casa escura. É mais provável que tenha sido mais cedo, de maneira subliminar, quando ela fechou a casa ou enquanto falava com os filhos. É impossível apontar com precisão o momento de seu pensamento, ou desdobrá-lo numa sequência.

Ainda consciente de que alguma realidade assustadora foi implantada em sua mente, ela adia mais ainda, a fim de se demorar mais no livro. Recorda sua pontada de dor por Tony nas últimas frases, como a punhalada de uma dor pessoal. A nitidez se esvai quando ela pensa no assunto, como acontece nesses casos. A cena na água no final lhe traz algo à memória. Mas será que ela compreende por que Tony tem de morrer? Recapitula, vê a trilha que conduz à morte, sua forma em meio à mata. Tony estava a caminho do Maine, chega lá no final. Ela gosta do final mais do que imaginava, mas não tem a menor ideia de sua pertinência, nem sabe se aquilo resolve as questões levantadas. Isso requer uma concentração de pensamento para a qual ela não está preparada, se é que algum dia estará, pois agora ela nem mesmo tem certeza de que aquilo importa. Se perguntar para Edward, ele vai achar que ela é uma tola.

O esquecimento sucede o percurso de sua leitura, como os passarinhos que comem as migalhas de pão de João e Maria. O percurso desde o início é toldado por um mato rasteiro. Ele sepultou os corpos da esposa e da filha de Tony Hastings e também vai sepultar Tony. Ela tenta lembrar-se das coisas. Helen sentada na pedra à beira da estrada, 15 metros adiante, pobre menina. Helen como Dorothy, como Henry também. Ray, o escorregadio, de onde ele saiu? Recorda Tony infeliz olhando do alto da ladeira para a casa de Husserl: o que levou você a dar esse nome ao vizinho? Tony, homem de atitudes, ela sente vergonha da própria superioridade quando o vê saltar de uma posição para outra, procurando vestir um corpo em chamas, quando precisava da água gelada. Susan como Tony.

Ela conhece aquela estrada na montanha como se tivesse estado lá. Vê a estrada com a mesma nitidez cega com que Tony viu a árvore em que deu um tiro. A clareira, os manequins, o trailer junto à curva na estrada. E Tony tropeçando no corpo volumoso de Ray. Mas, em torno de pontos como aqueles, o ácido queima, as páginas se enrugam.

Fica no ar uma sensação de pontas soltas, mas ela acha difícil lembrar. Susan se pergunta o que aconteceu fora da história. Volta ao chalé: o que foi que Bobby Andes contou afinal a seus homens? Eles acreditaram? Isso importa? Louise Germane, deixada para trás e esquecida: para Susan, melhor assim.

A casa no Maine com a varanda e a porta teladas parece a casa dela, que Edward visitou aos 15 anos e de novo quando estavam casados. Todas aquelas telas. Susan vê Tony olhando para aquilo em sua cegueira escura e arquetípica, e ela sente a seu redor a presença de significados que não consegue enxergar. Imagina se são reais ou apenas fruto de sua imaginação, e quanto tempo ela vai demorar a descobrir, se é que algum dia irá descobrir.

Quer falar, não quer falar. O que pode dizer? Tem vergonha de dizer para Edward que se sente cega. Se leitores podem apenas aplaudir e os autores agradecer. Ela é capaz de fazer isso. Pode aplaudir, pode dizer com franqueza

para Edward que gostou de seu livro, e isso é um alívio. Adiar a crítica. Ela se divertiu e lamenta que tenha terminado. Isso vai deixá-lo satisfeito. Você recomendaria o livro para seus amigos? Depende do amigo. Recomendaria o livro para o Arnold? Claro que sim. É perfeito para ele.

O temor secreto de que ela continua a se esquivar em algum ponto de sua mente: aquilo é um problema particular seu. Não tem nada a ver com o livro.

Arnold está chegando, e depois será o Edward. Susan Morrow está tensa o bastante para ficar sem fôlego. Sente o desprezo de um pelo outro como se fosse por ela mesma. Arnold acha que Edward é um fracassado, sempre achou. Na última vez em que se encontraram, anos antes, por acaso, numa peça de teatro em Chicago, Arnold pagou um drinque para Edward. Deu uma palmadinha nas suas costas, falou sobre valores culturais e achou-o decadente. Edward ignorou as objeções de Arnold a respeito da obscuridade na arte, evitou o contemporâneo, mudou de assunto para o beisebol, e julgou-o simples.

Ela faz seu trabalho cotidiano, filhos ao dentista, mercado, com planos de encontrar Arnold no aeroporto O'Hare no final da tarde. Com receio daquilo que Arnold talvez trouxesse para ela, os terrores possíveis, ela desvia o pensamento para Edward, que virá amanhã. A crítica que espera dela, as perguntas que espera que ela faça, e que Susan adiou.

Ela prefere deixar o livro onde estava na noite passada, para agir em segredo nos porões de sua mente, mas para Edward ela vai formar uma opinião, aquilo de que gostou e aquilo de que não gostou. Adjetivos. Perguntas que vão organizar sua leitura em busca de respostas hesitantes. Para a pergunta de Edward — o que está faltando no livro? —, ela tem uma resposta maliciosa.

Encontra Arnold no aeroporto O'Hare no final da tarde, tenta sentir-se feliz em vê-lo. Beija, segura seu braço, Arnold, o urso, que sempre parece desorientado em lugares públicos, com a barba um pouco grisalha, as sobrelhas grossas, preocupado com a bagagem, distraído por pensamentos. Preocupado. Com o quê, Susan não sabe. Ele não diz. Ela espera o presente que não deseja e reprime as perguntas prementes que a estão deixando louca.

Susan dirige o carro que leva o marido de volta para casa na movimentada via expressa. Como se nada tivesse acontecido, Arnold fala de reuniões, pessoas que encontrou, palestras que ouviu. Descreve a entrevista com o pessoal do Instituto Cedar Hall. Chickwash, que honra para ele, quem dera sua mãe ainda estivesse viva. Arnold espera que o convite chegue dali a uma semana. Susan recorda sua promessa de discutir o assunto com ela antes de tomar qualquer decisão, mas ele parece achar que já tiveram essa discussão. Se Susan lembrar a ele o que combinaram, Arnold vai dizer que achava que já estava tudo resolvido. Ela receia outras notícias que aquela lembrança possa trazer à tona também.

Em troca, Susan menciona a iminente visita de Edward. Descreve o livro de Edward enquanto dirige o carro, mas não sabe dizer se Arnold está prestando atenção. Ela fala enquanto o vento brame em redor das janelas do carro, sem que ele diga nada. Susan fala de seu plano de convidar Edward para jantar. Amanhã à noite. Como Arnold também não presta atenção àquilo, Susan repete. Ah, me desculpe, diz ele. Você vai ter de se arranjar sem mim, preciso trabalhar amanhã de noite.

Naquela noite, Susan Morrow faz sexo. Com seu Arnold, à maneira deles, com sua história de 25 anos. Ela não esperava aquilo, a fadiga dele, a irritabilidade dela, não sabe o que a está distraindo. Um sentimento de mágoa, de pena de si mesma, todos os sacrifícios que ela fez. O descaso dele pelas aventuras dela, como a última, aquele livro de Edward, tão importante para ela quanto são para Arnold suas aventuras em Nova York: a completa indiferença de Arnold. Então Susan não está esperando aquilo e já está no limiar do sono quando ele coloca sua pata de urso sobre ela, na sua maneira íntima e secreta, o que a faz acordar com violência.

Acordar para um mundo antigo, de corpos à noite, em que figuram seus mamilos, seu pescoço, seus quadris e seu abdômen, junto com as costelas suadas do marido, as pernas peludas, axilas e barba. E também suas respectivas línguas, e por fim o vulnerável, gordo e impetuoso pau dele, nas escuras sensibilidades molhadas abaixo do arco pélvico de Susan. Ela esquece suas mágoas com um soluço de alívio, aprovando sua estratégia de ser fiel e leal, quer em Chicago, quer em Washington, enquanto tudo o mais desaparece, inclusive Edward e Marilyn Linwood. Ou não desaparece. Susan está pensando neles enquanto Arnold rola para o lado, e se pergunta se os dois iriam gostar um do outro. Mais tarde, ele (quem? Arnold, é claro) põe a cabeça no ombro de Susan e resmunga: me desculpe, ah, me desculpe. Tudo bem, tudo bem, diz ela, como uma mãe, dá palmadinhas atrás da cabeça do marido, sem se atrever a imaginar de que ele está pedindo desculpa.

No dia seguinte, ela fica à espera de Edward. O cartão dele dizia que ia estar no hotel Marriott, mas não havia nenhum plano específico para um encontro. Susan espera que ele telefone para então convidá-lo para jantar. Excitada e nervosa, durante a manhã inteira e parte da tarde ela aguarda. Enquanto isso, a luz do dia consome o brilho da noite de Arnold. Como é costume acontecer. Ela está incomodada com seu pouco-caso em relação a Edward. O dogma oficial de 25 anos, que Edward não tem nenhuma importância. Ela gostaria que Arnold lesse o livro dele. Deseja isso como se ela mesma tivesse escrito o livro. A ideia se expande: levar Arnold a ser capturado pelo livro, enviá-lo com Tony pela mata, deixá-lo sofrer o choque da perda e o desconforto da descoberta, escravizado pela imaginação de Edward durante três dias, ou o tempo que for necessário.

Mas Arnold diria: esse seu Tony Hastings do livro do Edward, francamente, esse Tony Hastings é um fracote. Assim é a linguagem de Arnold, é assim que ele se expressa. Vai dizer: me comove tudo aquilo por que ele passou, mas afinal qual é o problema com esse sujeito, que não consegue proteger sua família nem controlar Ray, mesmo quando tem a arma na mão? É bem esse o tipo de herói que o seu Edward é capaz de criar.

Aquilo a deixa irritada, embora seja ela mesma que está inventando aquelas palavras e colocando-as na boca de Arnold. Desconfiando dos motivos dele ao mesmo tempo que os inventa, dizendo: *você* jamais deixaria os bandidos do Ray me agredirem, não é, Arnold? Nada parecido com isso poderia acontecer com você, porque você não ia deixar, é nisso que você quer que eu acredite, meu

herói? Ela vê como o escárnio da virilidade de Tony tem o propósito de certificar e ampliar a virilidade dele mesmo, embora a recordação de Susan da virilidade de Arnold na noite anterior esteja murcha, perdida na memória de ter afagado sua cabeça e dito: tudo bem, tudo bem.

O pensamento de Susan está cheio de rancor. Tenta se emendar com a ajuda da imparcialidade. Na imparcialidade, ela também fica incomodada com a falta de fibra de Tony, o que explica que ela possa inventar a objeção de Arnold. Não faça isso, Tony, seu tolo, diria ela. Mas nunca pensou em se queixar com Edward, porque sabia qual seria sua resposta: é o que se espera dele. Se Susan compreende aquilo, Arnold também pode compreender. Arnold devia compreender o dilema de Tony com a arma. Ter a arma nas mãos e ser incapaz de usá-la: para Susan, aquilo é a vida real, ao contrário dos filmes, onde a mera exibição de uma arma nas mãos de alguém lhe confere poderes divinos. Susan, no chalé, na mesma situação, seria tão incapaz de usar a arma quanto foi Tony. Deveria elogiar Edward por aquilo, mas hesita, receia que o pensamento contenha mais do que ela sabe: será que naquele lampejo de Tony, o Fracote, existe um reflexo difuso dela mesma?

Bem, Arnold negaria aquilo. Com ar condescendente, talvez, ele a tranquilizaria: Tony e você, Susan? Não há similaridade entre os dois. Eu conheço minha Susan. Se Ray e seus comparsas atacassem seus filhos, você iria brigar de uma forma que o educado Tony jamais sonhou. Você ia pular em cima do sujeito e agarrá-lo pela garganta, morder, chutar, ia furar os olhos dele. Nem em sonho você deixaria um vagabundo machucar seus filhos como faz o Tony, e você sabe muito bem disso.

Certo, Susan sabe. Ela conhece a sua Susan.

E ela espera. Não vê a hora de poder acomodar Edward à sua mesa, servir-lhe o jantar, ao lado de seus filhos e sem Arnold. Falar sobre o livro dele. E também, sem pedir desculpas, dizer uma ou duas coisas conciliadoras, como falar que as velhas brigas ficaram para trás. Que sua mente agora está livre, amistosa afinal, e como se sente feliz por revê-lo na condição de seu mais velho amigo, com quem ela pode falar sobre coisas que seu marido não pode saber. Não entenda mal. Não está se referindo a infidelidade. Não está pensando em uma compensação por Linwood, a quem seu marido deseja em segredo. É só a liberdade de falar num lugar onde ela pode dizer o que tem na cabeça, sem segredos.

Tudo isso por causa da leitura do livro de Edward, porém menos pelo livro em si do que pelo regresso de seu autor. Confessar a Edward aquilo que ela não pode confessar a Arnold. O novo Edward, que cresceu e adquiriu sabedoria para escrever seu livro. Edward compreenderia por que aquilo que Arnold crê ser a maior virtude de Susan não é para ela virtude alguma. Edward saberia o que é não poder usar uma arma.

Acerta altura da tarde, que já estava bem avançada, ela pensa: talvez ele não telefone. Abalada, Susan telefona para o hotel. Passam de 15h30, se ela quer que Edward venha jantar, é melhor entrarem logo em contato. Deixa um recado na recepção do hotel, telefonar para Susan. Pergunta ao recepcionista quando ele chegou. Ontem à tarde, madame, responde o funcionário. Ontem? Então ele está aqui desde *ontem*?

Pensa em ir de carro até o centro (deixar os filhos comendo pizza sozinhos), ir ao hotel Marriott para pegá-lo quando chegar. Ansiosa demais. É melhor preparar o jantar conforme havia planejado, com o bastante para Edward, quando ele telefonar. Põe a culpa em si mesma, sua burra. Mais tarde, durante uma pausa nos preparativos, com nada a fazer senão esperar que o fogão termine seu trabalho, Susan tem vinte minutos para ficar sentada junto à mesa da cozinha e pensar. Está na hora de mudar de rota, inverter, passar da culpa para a raiva. Chiar junto com o fogão. Por que *você* tem de ficar com a culpa, Susan? Ele é livre para telefonar. Não telefonar é pouco-caso. Mais que isso, é um insulto: a pedido de Edward, ela passou três noites lendo seu romance com toda a boa-fé, e ele nem se dá o trabalho de telefonar.

Tal pensamento é uma fornalha, transforma tudo, inclusive o próprio romance. Ela pergunta brutal: por que mandou o livro se não tem intenção de conversar sobre ele? O fato de que ele podia ter enviado o livro sem tal intenção não havia passado pela cabeça de Susan.

Ela come com os filhos, tenta participar da conversa deles como se não tivesse mais nada na cabeça. Na hora em que já terminaram, fica óbvio: não foi por descaço dela que não conseguiu se encontrar com Edward. Ao deixá-la sentir seu pouco-caso, Edward transmitiu a Susan uma imagem nova e chocante dele mesmo.

Escavando as coisas esquecidas, Susan recorda como ele se ressentia

amargamente da incapacidade dela para apreciar a dignidade de sua escrita. Como uma cegueira, dizia ele: a sua atitude me cega. Obviamente ele continua aborrecido com ela. Não perdoou, 25 anos depois, uma agressão equivalente a deixá-lo cego, e o romance é sua vingança.

O romance como vingança é um despropósito, mas a ideia não quer ir embora. Em que sentido o livro é uma vingança, de que forma seu castigo deve operar? Tente imaginar. Uma alegoria? Ela nega as acusações. Ela não o cegou, não o feriu, não destruiu sua vida, não lhe causou o menor dano — como o próprio romance comprova. Diante da pia da cozinha, com a louça, Susan também fica ressentida, o ressentimento morde seus lábios, exigindo atitude e ruptura, cobrando o maior esforço da parte dela para se controlar.

Sua raiva depende da forma como ela a expressa, se alimenta da linguagem por meio da qual ela define a afronta de Edward, como por exemplo: o romance dele como ódio. A gentileza dele como uma cilada. O direito de Susan ler censurado. Aquilo que a deixa com raiva lhe escapa, o que demonstra que se trata de outra coisa e não daquilo que estava pensando. Resume-se ao seguinte: a tensão, a pura tensão. A tensão de manter a imparcialidade durante a humilhação de estar enganada. A tensão de ignorar amor e ódio de modo a ficar lendo impassivelmente durante três sessões. A tensão de penetrar na imaginação dele, de ser Tony, apenas para ser expulsa de lá a pontapé, por causa de sua impertinência. A tensão de ignorar a tensão e depois ser desdenhada.

Aborrecida. É claro, podem não ter dado seu recado para Edward no hotel. Às 21h30 ela telefona de novo para o hotel. Edward ainda não voltou. Susan deixa mais um recado. Depois das 23 horas, ela ouve o carro fazer a curva e entrar na garagem, Arnold de volta para casa, já tarde. A ideia daquilo que ele traz é horrível demais para pensar e Susan corre para o andar de cima, prepara-se depressa enquanto ele come sua tigela de cereais na cozinha, para estar na cama e adormecida antes que o marido suba e assim não tenha de conversar com ele. Essa necessidade a faz ficar com raiva. Na hora em que vai para a cama (dando por encerrada para sempre a possibilidade de encontrar-se com Edward), ocorre uma conflagração de vergonha que domina toda a sua mente. Uma vasta imagem do mundo em movimento, placas tectônicas se deslocam, algo se alastra como a solidão.

Susan parece uma idiota, que bobinha. Fica na cama, acordada e de olhos abertos, nenhum alçapão para baixo hoje — está muito bem trancado —, o chão firme e árido, pensamentos em disparada. Repreende a si mesma pelo que imaginou algumas horas antes. Susan vê a si mesma, a presunçosa e crédula Susan, a esquiadora de rosto saudável de Arnold, sentimental como um cãozinho de estimação, deixando recados para Edward como uma amante abandonada, como uma fã, suplicando pelo direito de conversar, e sobre o quê? O livro dele, ou seria para queixar-se de Arnold? Como ela podia ser tão tola? Como poderia queixar-se de Arnold com um estranho, como é o caso de Edward após todos aqueles anos, se ela mal se atrevia a queixar-se a si mesma? Por onde poderia começar? O que diria para ele? Que importância daria Edward para aquilo? O que existe ali para compreender?

Ela ouve Arnold entrar no quarto no escuro. Arrasta os pés, batidas,

resmungos, funga o nariz. A cama arqueia sob o corpo dele. Ela sente seu cheiro. Arnold se sacode, ronca, vira de lado com um movimento brusco, esbarra em Susan quando vira de novo, não faz concessões. Ela fica quieta, se recusa a acordar, contém a respiração para dizer ao marido: se ela não está dormindo, tampouco está ali, não está em parte alguma.

Ele esteve com Marilyn Linwood. Susan conclui que aquilo é verdade, pensa deliberadamente no assunto, permite que sua mente habite ali, volta a imaginação para aquilo, visualiza todos os locais, Nova York, Chicago, o apartamento dela, o sofá dos pacientes no consultório dele, Washington, Chickwash. Faz isso como uma violação frontal da disciplina mental que ela adotou três anos antes e que iria permitir que aceitasse a situação atual. Chega. Se não consegue suportar a imaginação, Susan não tem direito à situação atual.

A pergunta sem dúvida aterradora voltou à sua mente, e Susan mais uma vez não consegue encará-la. Ela se pergunta por que está se debatendo e suando tanto, como se tivesse a consciência pesada, o que se passa em sua mente? Não consegue pensar naquilo. Pensa naqueles dois bufando juntos. Falando sobre ela. Protegendo-a, pobre Susan. Deixem que Susan se proteja sozinha. Ela pensa no plano de pensão de Arnold e nas anuidades, que comçarão a ser pagas dali a 15 anos mais ou menos e para o qual ela ainda é a única beneficiária, e depois dela, os filhos. Ela planeja continuar como a única beneficiária, ela *pretende* isso. Vai fazer questão disso.

Vira-se no escuro para ficar de frente para Arnold, abre os olhos, mira a grande sombra escura e vazia onde ele está, pensa em seus olhos como uma arma mortal, uma flecha, um dardo. Arnold, o bígamo. Vai mudar a família para Washington ou virá para casa no fim de semana, ou pior ainda. Será que devo aceitar isso? Susan pergunta para Susan. Você não tem escolha, dizem eles. Você já deixou para trás o tempo da revolta ou da contestação. A carreira de seu marido, dizem eles.

E se ela se recusar? E se ela disser não vou fazer isso? Não vou me mudar para Washington nem vou ser deixada de lado. Eu me recuso a deixar que você fuja de nós. Faça valer meus direitos de esposa. Faça valer meus direitos de forma egoísta, Susan, a filha da mãe.

Ela vê Marilyn Linwood dando conselhos a Arnold sobre o que fazer, da mesma forma como, 25 anos antes, Susan deu conselhos a ele a respeito de Selena. Usando a autoridade moral que tinha sobre o marido, a dependência natural dele em relação a ela. Susan vê como é pequena a autoridade dela agora. O que aconteceu, para onde foi sua autoridade? Que revoltante se ela tiver perdido sua autoridade para Linwood. Susan vê a si mesma num vasto panorama ao longo de anos, abrindo mão de tudo, em troca do projeto de agradar ao marido, como se aquilo fosse seu trabalho. Suas amigas feministas ficariam espantadas de ver como ela havia desertado de sua ideologia, defensora dos direitos de todas as mulheres, menos dos dela mesma. Que autoridade ela poderia exercer, caso se atrevesse? Ela paga as contas da casa, será que Linwood vai se incumbir disso também? De forma dócil, ela aguarda a mensagem de Linwood, o presente de Arnold, adiado enquanto ela se mantém quieta e não faz nenhum movimento errado. Censurada, chantageada, contida e enjaulada pelo

perigo de dizer uma palavra errada, uma pequena queixa que dará a Linwood o direito de assumir sua posição.

Então ela experimenta uma palavra estranha em seus lábios silenciosos, a palavra *ódio*. Teme usá-la, com receio de que a palavra a comprometa com uma vida revolucionária drástica. Será que ela é forte o bastante para aquilo? Entre seus juramentos na época em que se separou de Edward, estava o juramento de nunca mais se separar. Um juramento tolo. Mas não é um simples juramento que a detém agora. É a instituição, são os departamentos e as instalações físicas, uma instituição não menos real do que Chickwash: Mamãe, Papai e Filhos Ltda. Se Susan puser fogo na empresa, para onde ela irá? Como vai escapar da acusação de incêndio criminoso nessa altura da vida?

Arnold adormeceu, afinal. Profundo, ausente, tolo. No entanto, ela tem medo de pensar em ódio, limita-se a pensar que ele é um tolo. O pensamento permite que Susan relaxe, encubra uma parte de sua raiva, sintam-se ela mesma um pouco sonolenta. Como sou corrupta, pensa Susan. Esse pensamento também a deixa chocada, ela não tem intenção de pensar aquilo. Como é surpreendente pensar que aquilo que Arnold sempre cobrou dela deva ser considerado corrupto. No entanto, ela devia saber daquilo antes, levando em conta a maneira automática como o pensamento traz à memória um catálogo inteiro de casos. A discussão de Susan com a Sra. Givens, um símbolo da memória, um emblema, um ícone do desconforto: a Sra. Givens, durante o café, atrevendo-se a contar para Susan o boato que corria sobre Macomber, que não tinha sido culpa da enfermeira, mas do médico, rápido demais, presunçoso, convencido et cetera. E Susan repreendendo a Sra. Givens de maneira reflexiva, pondo a culpa no hospital, condenando o advogado, dando toda fé à versão de Arnold acerca daquilo que aconteceu. Como era surpreendente que a integridade de Susan pudesse ser posta em risco por causa da nobre virtude da lealdade, ou do que quer que fosse aquilo que Susan tinha.

A porta do sono se abre, enquanto ela começa a se esgueirar para dentro, se dá conta vagamente de que Tony está nas proximidades. Seu mau gênio serenou. Mais uma vez ela esqueceu a pergunta que a aterrorizava. Dorme hesitante e depois profundamente, e, de manhã, sua raiva é um espaço vazio, um molde, como as cavidades deixadas pelos corpos nas cinzas de Pompeia. Não imagina mais que Edward a esnobou de propósito e fica surpresa ao pensar como ficou irada com Arnold. Sob a fria luz do dia, é fácil persuadir-se de que, caso mantenha seu rumo, o marido vai ficar com ela, e é fácil deixar de lado sua dor como um mero lampejo de egoísmo. Fácil, fácil demais. Ela sabe que é fácil demais, sabe que há algo que não deve ser deixado de lado naquilo que ela viu, mas isso vai ficar para outra ocasião, para uma reflexão serena e para um pensamento aprofundado, o que pode esperar. Quanto a Edward, ela devia ter mandado seu recado mais cedo. Susan nunca soube qual o propósito de sua visita nem sua agenda de compromissos. Às 9 horas, Susan dá mais um telefonema para o hotel. O funcionário da recepção diz que Edward Sheffield foi embora do hotel às 7 da manhã. Talvez Susan tenha ficado decepcionada, talvez tenha ficado aliviada. Ela se recusa a lamentar aquilo. Vai concluir que ele não telefonou porque voltou para o hotel muito tarde na noite anterior e não quis incomodar sua

família num horário pouco civilizado.

Todavia Susan tem a impressão de que aconteceu algo capaz de mudar tudo, caso ela não tome cuidado. Por meio de Tony, por meio de Edward, ela teve uma visão de relance. Não importa, não agora. Pelo bem da civilização, ela vai escrever uma carta para Edward. Vai reunir suas observações críticas, arrumá-las em frases claras e enxutas e enviar para ele. Passa o dia escrevendo. A escritaninha fica junto à janela, perto do comedouro de passarinhos, devastado por um bando de pardais. A neve no gramado, tão limpa e tão branca ontem, começou a derreter, e trechos de terra pisada de cor marrom transparecem através dos buracos. A calçada até a garagem está lamacenta. As calçadas rebrilham com a umidade. Susan mal se dá conta dessas coisas, tão ocupada está sua mente com a tarefa de abrir caminho até Edward.

Diz tudo o que planejava dizer. Louva as boas qualidades do livro e critica as falhas. Diz como o livro a fez pensar na precariedade de sua vida bem protegida. Confessa sua afinidade com Tony, escreve como se isso fosse um problema resolvido. Exalta-se: enquanto a civilização, inconsciente da existência dele, ruge ao longe, Tony morre, escondendo-se da polícia, que deveria ser sua amiga, como fez antes com seus inimigos. Morre acreditando alegremente numa história que não é verdadeira. Aquilo lhe traz consolo, mas a história não é verdadeira, enquanto a morte e a raiva maligna crescem a seu redor.

Edward pergunta: então me explique, o que está faltando em meu livro? Ela responde: você não sabe, Edward? Não consegue enxergar? O pensamento desvia Susan para coisas irrelevantes. O que está faltando na vida *dela*? Susan se pergunta se algum dia verá Arnold de novo da maneira antiga, mesmo que não haja ódio. Ela sente a força do hábito puxando-a para trás, como aconteceu durante tantos e tantos anos. Olhando para fora, para o gramado marrom e sujo de inverno que emerge, acreditando que continua a pensar na carta de críticas e elogios magnânimos que vai escrever, ou então que continua a pensar em como se tornar mais forte com Arnold, com mais respeito próprio, Susan Morrow começa a sonhar. A canoa a remo na enseada, ela segura os remos, Edward recostado na proa, a mão relaxada na água. A casa com telas está atrás dele, acima de sua cabeça. Às costas de Susan e a sua volta estão as ilhas de pinheiros e chalés. Ele diz:

— A maré está nos levando para longe.

Susan vê aquilo. Vê a praia atrás dele se movendo para o lado esquerdo.

Ele diz

— Se a gente for muito além, vai ser difícil voltar.

Ela sabe disso. Sabe a que distância eles têm de se afastar e como vai ser difícil remar de volta.

— Se cairmos na água, você acha que a gente vai se afogar? — pergunta ele.

A pergunta a surpreende, a praia não parece tão distante assim. Mas a água no Maine é fria e eles não são bons nadadores.

— Não sei se eu conseguiria alcançar a praia — diz ela.

— Sei que eu não conseguiria. Você nada melhor do que eu.

— Você tem de aprender a relaxar, baixe um pouco a cabeça. Estar tenso faz você ficar com a cabeça alta demais e isso deixa você esgotado.

- Se eu cair na água, você conseguiria me salvar? — pergunta ele.
- Não sou tão boa nadadora assim.
- Íamos ter de chamar os outros.
- Mas o que eles poderiam fazer? Nós estamos com a canoa.
- Vão ficar parados na praia e ver a gente se afogar.
- Que horror. Imagine só, parados na praia vendo a gente se afogar.

Com ar sonhador, Susan fechou sua crítica num envelope. Em seguida, recordando que ele não havia telefonado para marcar uma visita e todas as coisas que ela não pudera perguntar, como a razão de ele ter enviado o manuscrito para ela e o que o fez escrever um livro como aquele, e qual foi o verdadeiro motivo do divórcio deles dois, Susan arranca a carta de dentro do envelope e a rasga em pedacinhos. Em seu lugar, escreve às pressas, e sem parar para pensar, o seguinte bilhete, que depois leva para o correio, também sem parar para pensar:

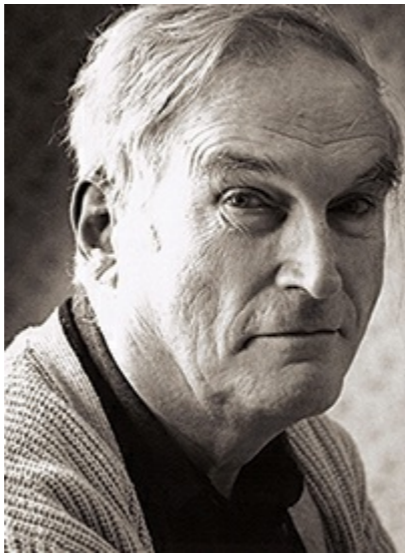
Caro Edward,

Terminei finalmente seu romance. Desculpe por ter demorado tanto tempo. Me mande um recado se quiser minha opinião.

Com amor, Susan

Ela queria castigar Arnold também, mas a única coisa que conseguia pensar era fazer o marido ler o livro. Arnold faria aquilo, se Susan insistisse, mas ela duvidava que ele fosse enxergar qualquer coisa.

SOBRE O AUTOR

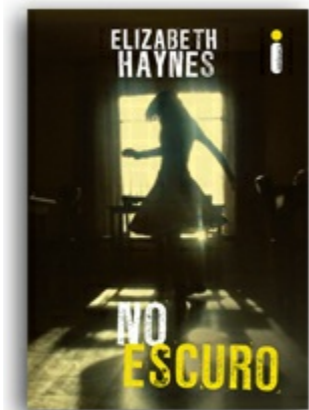


AUSTIN WRIGHT nasceu em Yonkers, Nova York, em 1922. Graduado em geologia por Harvard, é mestre e Ph.D. em literatura pela Universidade de Chicago. Foi professor de língua e literatura inglesa durante 23 anos na Universidade de Cincinnati, até se aposentar em 1993. Escreveu obras de não ficção e outros seis romances além de *Tony e Susan*. Viveu com a esposa e as três filhas em Cincinnati e morreu em 2003, aos 80 anos.

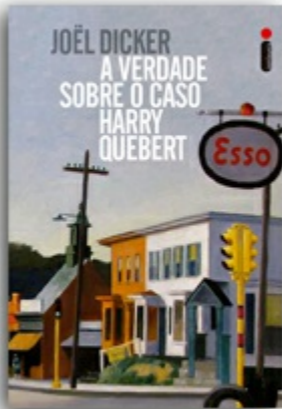
TÍTULOS RELACIONADOS



Dupla falta



No escuro



A verdade sobre o caso Harry Quebert